

MARIA HELE
NA SAMPAIO
SERENO CON
TRIBUTO PA
RA A ANÁLISE
SINTÁCTICO-
SEMÂNTICA E
TEXTUAL DE
ALGUNS VER
BOS DE AFEC
TO PORTO 1996

M A R I A H E L E
N A S A M P A I O
S E R E N O C O N
T R I B U T O P A
R A A A N Á L I S E
S I N T Á C T I C O -
S E M Â N T I C A E
T E X T U A L D E
A L G U N S V E R
B O S D E A F E C
T O P O R T O 1 9 9 6

043M
S49c
2x.1

UNIVERSIDADE DO PORTO
Faculdade de Letras
BIBLIOTECA
N.º 49060
Ex. 1
Data 21 / 02 / 19 97

Maria Helena Sampaio Sereno

Contributo para a Análise Sintáctico-semântica e Textual de Alguns Verbos de Afecto

Tese de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Dezembro 1996

ÍNDICE

Introdução	1
0. Definição de afecto	5
0.1. Nos dicionários de língua portuguesa	5
0.2. Nos dicionários de psicologia	6
0.3. Da teoria psicanalítica	7
0.4. Da psicologia cognitiva	9
Anexo	14
1. Transitividade	18
1.1. Teoria da dependência de Tesnière	20
1.2. Semântica generativa	22
1.3. Teoria funcionalista	26
1.3.1. Conceito gradual	30
1.4. Estrutura frásica	35
1.4.1. Tipos de proposição como CD	35
2. Do campo semântico à cena	40
2.1. Teoria dos campos semânticos	40
2.2. Teorização de Charles Fillmore	42

2.2.1. Semântica léxica	42
2.2.2. Semântica cognitiva	43
2.2.2.1. Noção de «frame» e «cena»	44
2.2.2.2. Explicação do texto	45
3. Inventário de verbos psicológicos de afecto	49
3.1. Dados da bibliografia linguística especializada	50
3.2. Ocorrências no «corpus» seleccionado	54
4. Estruturas frásicas	58
4.1. Do verbo <i>amar</i>	58
4.2. Do verbo <i>gostar de</i>	62
4.3. Conclusões	66
5. Análise comparativa dos textos	69
5.1. Leitura do Texto A	69
5.1.1. Cena da polémica literária (portuguesa)	70
5.1.2. «Frame» de palavras cognatas (e cenas associadas)	72
5.1.3. Cena interaccional pública versus cena interaccional privada	74
5.1.4. Cena do amor (português)	76
5.1.5. Cena global	77
5.2. Leitura do Texto B	78

5.2.1. Cena do amor (materno)	78
5.2.2. Cena do amor versus cena da paixão	81
5.2.3. Cena do amor	85
5.2.4. Cena global	86
5. 3. Conclusões da análise do «corpus» A	87
Esquema 1	90
5.3.1. Confronto com o «corpus» B	91
Conclusão	95
Referências bibliográficas	98
Anexos	103
1. «Corpus» A - Transcrição	103
1.1. Texto A	104
1.2. Texto B	108
1.3. Cópia	113
1.3.1. Texto A	113
1.3.2. Texto B	115
2. «Corpus» B - Cópia	116
3. Dicionário	262

A todas as pessoas que, de muitas maneiras, me levaram a escrever esta tese, até porque

«A utopia do amor, a característica que o faz escapar a todas as dissertações, seria que, em última instância, não é possível falar dele senão segundo uma estrita determinação alocutória; (...) Ninguém tem necessidade de falar do amor senão é para alguém.»¹

¹ BARTHES, Roland, *Fragmentos de um Discurso Amoroso*, Lisboa, Eds. 70, 1977, p. 99

INTRODUÇÃO

Na continuidade da reflexão iniciada nos seminários do Mestrado de Linguística Portuguesa Descritiva, em que se confrontámos o **modelo de descrição da língua enquanto sistema** (decorrente de Saussure e configurado na linguística estrutural) - que subjaz à gramática de valências - e o **paradigma descritivo do uso do sistema** que institui como noção básica a competência de comunicação (englobando os contributos teóricos da pragmática) - presente nas teorias da enunciação e linguística do texto, como na análise do discurso -, esta dissertação pretende descrever o funcionamento sintáctico, semântico e textual de um grupo de verbos do Português.

Assim, constituem o **quadro teórico** da abordagem de um campo semântico de verbos psicológicos:

- a gramática de valências, que estabelece os constituintes sintáctico-semânticos da frase;
- a semântica cognitiva, não só por delinear os «frames» e as «cenas»¹ (prototípicas), mas também por permitir analisar textos.

No vasto âmbito dos **verbos psicológicos** - todos os que denotam um sentimento cujo «causador» é o sujeito, sendo o complemento directo a sede de um processo psicológico², juntamente com aqueles que apresentam uma estrutura

¹ Os primeiros correspondem a qualquer sistema de escolhas linguísticas (quer colecções de palavras, quer regras e categorias gramaticais); as últimas consistindo em qualquer tipo de segmento coerente (maior ou menor) de crenças, acções, experiências ou imaginários humanos (FILLMORE, Charles J., «Scenes-and-frame semantics» in ZAMPOLLI, Antonio (ed.), *Linguistic Structures Processing*, Amsterdam, North-Holland Company, 1977, pp. 55 - 81)

² Segundo Elisa Oliveira, «tous les verbes qui dénotent un sentiment dont le déclencheur est le sujet (No), le complément objet (N1) étant le siège d'un processus psychologique»

inversa¹ -, constituem **objecto** deste estudo os verbos associados ao campo semântico do afecto positivo² (por exemplo, *gostar* e não *detestar*), portanto um subgrupo dos classificados por Cano Aguilar como verbos de vontade, emoção ou sentimento³.

Constituindo finalidade última deste trabalho o tratamento dicionarístico destes lexemas⁴, são **objectivos** da presente abordagem:

- o esboço da cena referida;
- a identificação da configuração sémica dos verbos que integram o «frame» associado ;
- a caracterização da estrutura sintáctico-semântica das frases de que são núcleo;
- a apresentação de hipóteses sobre o valor da sua ocorrência nos textos.

Para concretizar tal propósito, a **metodologia** adoptada parte da realização de uma pesquisa sobre sintaxe, semântica e pragmática dos verbos psicológicos e de uma inventariação de verbos para construção a cena e do «case frame» considerados (efectuada a partir dos estudos especializados citados e delimitada pela constituição

(OLIVEIRA, Maria Elisa de Macedo, *Syntaxe des Verbes Psychologiques du Portugais*, Lisboa, I.N.I.C., 1984, p.13)

¹ Considerados por Nicolas Ruwet, que inicia o Capítulo 5 «A propos d'une classe de verbes psychologiques» por confrontar exemplos de «mépriser» e «dégouter», «qui sont tous deux des verbes transitifs directs, ont des restrictions de sélection sur le sujet et l'objet à peu près exactement inverses.», referindo em nota a necessária simplificação operada (RUWET, Nicolas, *Théorie Syntaxique et Syntaxe du Français*, Paris, Éditions du Seuil, 1972, pp. 181-251).

² Como categoria geral da qual a emoção é parte e que refere uma valorização positiva ou negativa (para CLORE, Gerald L. e ORTONY, Andrew, «The Semantics of Affective Lexicon» in HAMILTON, Vernon, BOWER, Gordon H. e FRIDJA, Nico H. (eds.), *Cognitive Perspectives on Emotion and Motivation*, Netherlands, Kluwer Academic Publishers, 1988, p. 373). Todavia, dado que o sentimento linguístico geral relaciona o afecto apenas com a afectividade positiva (Ver ponto 0. desta dissertação), passamos a utilizar unicamente o termo afecto.

³ Num capítulo intitulado «Verbos de voluntad, emoción o sentimiento» in AGUILAR, Rafael Cano, *Estructuras Sintácticas Transitivas en el Español Actual*, Madrid, Editorial Gredos, 1981, pp. 196 - 206

⁴ Constante do último anexo a esta dissertação.

de um «corpus»). Após esta fase prévia, procedemos à caracterização sintáctico-semântica dos verbos ocorrentes nos textos do «corpus», à análise textual comparativa de dois textos de que são o tema principal e à elaboração do tratamento lexicográfico dos dois verbos cuja utilização é mais frequente - *gostar* e *amar*.

O «corpus» a que se aludiu agrega duas crónicas de Miguel Esteves Cardoso - vindas a lume em 19/ 6/ 1986 e 3/ 2/ 1995, a primeira no semanário *Expresso* e a segunda no *Independente*, sob os títulos «Amor» e «Amar» (que passamos a designar por Texto A e Texto B do «corpus» A), inseridas nas rúbricas «A Causa das Coisas» e «Verbos Irregulares», respectivamente, e «cartoons» de Miguel - publicados de 18/ 6/ 1992 a Março de 1995, na revista semanal do *Público*, preenchendo a secção «Histórias de Amor» (a partir daqui, «corpus» B)¹. A selecção destes textos advém da especificidade do tema abordado e do seu meio de divulgação, o jornal, que contém usos da língua actuais e acessíveis a um elevado número de falantes.

Decorrente dos objectivos e da metodologia delineados, a **estrutura do trabalho** (depois de um esclarecimento introdutório da noção de afecto²) contempla uma exposição teórica sobre a estrutura sintáctico- semântica da frase transitiva, detendo-se no esclarecimento da articulação entre *cena* e «case frame», e , como aplicação prática, a elaboração de um inventário de verbos de afecto, o levantamento das

¹ Em anexo, reproduzimos os textos (o primeiro, também publicado em livro - CARDOSO, Miguel Esteves, *A Causa das Coisas*, 14ª ed., Lisboa, Assírio e Alvim, 1995, pp.19 - 20, de que retirámos a cópia apresentada) e a sua transcrição, além dos «cartoons» numerados de 1 a 145 (destes, exceptua-se o publicado em 18/ 12/94, que não encontramos no jornal *Público*, nem na Biblioteca Pública Municipal do Porto).

² Numa breve abordagem que, dada a complexidade do seu objecto e a natureza deste estudo, é necessariamente elementar, apenas tentando reunir dados recentes da psicologia interessada na problemática da semiose.

estruturas frásicas actualizadas no «corpus» e a análise comparativa das crónicas citadas.

Como conclusão, salientamos que esta dissertação é apenas um contributo para o estudo dos verbos psicológicos de afecto e justificamos a selecção do domínio positivo da cena, por, apesar de relativa a um número limitado de lexemas, conter especificidades linguísticas significativas e referir um processo psicológico complexo, essencial na existência do ser humano.

O seu interesse é assinalado na nota que transcrevemos:

« l'état amoureux est celui dans lequel se trouve perpétuellement plongé Chérubin. Si, comme on le verra plus loin, le propre d'un sentiment est d'avoir nécessairement un objet, le cas de Chérubin, pressé du besoin de parler d'amour non seulement à toute femme, mais au vent et aux arbres, et faute de mieux à lui-même, est typique de la métamorphose du sentiment en état, car évidemment tout objet équivaut ici à aucun objet. Il semble que cette métamorphose ne touche, de tous les sentiments, que celui qui s'exprime par le verbe *aimer* qui, pour cette raison et d'autres encore, devrait faire à lui seul l'objet d'une étude.»¹

¹ VAN DE VELDE, Danièle, «Les verbes dits «psychologiques» revus à la lumière des noms correspondants» in *Revue de Linguistique Romane*, Tome 59, n°. 233 - 234 (Jan.-Junho, 1995), Strasbourg, Société de Linguistique Romane, 1995, p. 79 (nota 26)

0. DEFINIÇÃO DE AFECTO

Reconhecendo, por um lado, a ligação entre as representações do mundo e as estruturas linguísticas e, por outro, o carácter particular dos verbos em estudo - a sua classificação como «psicológicos» -, confrontamos as **definições de afecto** presentes nos dicionários de língua portuguesa, nos dicionários de psicologia e nos estudos psicológicos especializados.

0.1. Nos dicionários de língua portuguesa

Consultando os **dicionários de Português** mais recentes, deparamos com explicações como: «amor» e «coração», no *Dicionário do Português Básico*¹ (publicado em 1991 pela Editora ASA); «sentimento de inclinação para alguém; afeição; amizade; amor; carinho;», no *Dicionário da Língua Portuguesa*² (ou da Porto Editora, o mais divulgado); «1. Afeição, simpatia, amizade, amor: (...) 2. Sentimento, paixão. 3. Objecto de afeição: (...) 4. PSICOL. O elemento básico da afectividade (2.)», no *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*³.

É visível um tratamento demasiado abrangente (que recobre fenómenos tão díspares como a *simpatia* e o *amor*), realizado por acumulação de lexemas sinónimos e, em termos explicativos, muito deficiente.

¹ VILELA, Mário, *Dicionário do Português Básico*, 3ª ed., Porto, Eds. ASA, 1991

² COSTA, J. Almeida e MELO, A. Sampaio e, *Dicionário da Língua Portuguesa*, 7ª ed., Porto, Porto Editora, 1994

³ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*, 2ª ed., Editora Nova Fronteira, 1989

0.2. Nos dicionários de psicologia

O carácter genérico desse tratamento não difere muito do que se verifica nos **dicionários especializados**, obrigando igualmente à leitura da definição de «afectividade», que reflecte maior rigor¹.

No *Dictionary of Psychology* (publicado em 1968), o **afecto** («affect; affection», no original) consiste em «1. a broad class of mental process, including feeling, emotion, moods, and temperament. Historically, affection was distinguished from cognition and volition. 2. pleasantness and unpleasantness», sendo a afectividade definida como «1. emotionality; tendency toward emotional reactions. 2. generalized emotional reaction not readily identifiable with a particular stimulus situation.»², e, no *Vocabulaire de la Psychologie* (de 1973), «1. Tout état affectif: sentiment, émotion. On peut considérer les affects comme ordonnés entre deux pôles: plaisir - déplaisir, ou agréable - désagréable. Entre ces deux pôles, l'affect neutre correspondrait à un «choc -surprise», il régirait une réaction d'attente et d'exploration (entre l'appétition et l'aversion), suscitant l'intérêt.»³

Não incluindo o item «afectividade» e descrevendo como afectivo («affectif») o «Individu caractérisé par la prédominance de la sensibilité sur l'intelligence et

¹ No dicionário da Porto Editora, encontramos como definição de afectividade «qualidade de afectivo; conjunto de fenómenos afectivos; capacidade individual para experimentar sentimentos e emoções» (COSTA, J. Almeida e MELO, A. Sampaio e, *Op. Cit.*, 1994) ; no *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, «1. Qualidade ou carácter de afetivo. 2. Psicol. Conjunto de fenómenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, da satisfação e insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza.» (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, *Op. Cit.*, 1989).

² CHAPLIN, J.P., *Dictionary of Psychology*, New York, Dell Publishing Co, 1968

³ PIÉRON, Henri, *Vocabulaire de la Psychologie*, Paris, Presses Universitaires de France, 1973

l'activité.»¹, a última obra citada contém mais duas acepções, a segunda situada nos estudos de um autor (André Thomas) e a terceira, numa **teoria**: «3. En Psychanalyse, l'affect est indépendant de la representation; il correspond à la traduction subjective de la quantité d'énergie pulsionnelle.»²

Do que se conclui que o tratamento dos dicionários especializados padece das mesmas falhas dos de língua, agravada por alguma desactualização teórica, visível na separação absoluta de emoção, cognição e volição.

0.3. Da teoria psicanalítica

Com efeito, operando uma síntese das explicações constantes destes dicionários, há que, destacar o contributo da **psicanálise** na conceptualização do afecto (noção contemporânea do seu nascimento, segundo alguns autores³).

Para Sigmund Freud, a **pulsão** é um processo dinâmico consistindo numa pressão que, tendo como fonte uma excitação corporal, dirige o organismo para, através de um objecto, obter a supressão da tensão (o fim). Quando a sua satisfação, capaz de produzir prazer só por si, arrisca também produzir desprazer, tendo em conta outras exigências, o sujeito procura manter no inconsciente as representações que lhe estão

¹ PIÉRON, Henri, *Op. Cit.*, 1973 O dicionário da Porto Editora parece traduzir esta definição, ao tratar «afectivo» não só como adjectivo, mas também como substantivo: «Indivíduo caracterizado pela predominância da sensibilidade sobre a inteligência e a vontade.»

² O autor conclui com «Il peut se transformer par *conversion* (*hystérie de conversion*), par *déplacement* (*obsession*) et par *transformation* (*névrose d'angoisse*). Il sera la reproduction d'événements anciens d'importance vitale» (PIÉRON, Henri, *Op. Cit.*, 1973).

³ Por exemplo, BLOCH, Henriette, CHEMAMA, Roland et alii (orgs.), *Grand Dictionnaire de la Psychologie*, Paris, Larousse, 1991

ligadas (imagens, pensamentos e recordações), numa operação designada por **recalcamento**.

Assim, na análise de uma pulsão recalcada, o autor distingue a representação propriamente dita da quantidade de energia psíquica que a acompanha, designada por **quantidade de afecto** (independente da representação e passível de transformações).

Donde, o estudo do recalcamento¹, noção central da teoria, obriga à abordagem do afecto, não só por este constituir par simétrico da representação, mas sobretudo pela sua **importância** naquele mecanismo que «n'a pas d'autre motif et d'autre fin que l'évitement du déplaisir:»²

Esta abordagem mostra a dupla perspetivação do conceito sistematizada por Sigmund Freud:

- que descreve a repercussão emocional de uma experiência geralmente forte - **dimensão subjectiva**-, expressão qualitativa da quantidade e da variação da energia pulsional;
- defendendo uma teoria quantitativa dos investimentos que afirma a autonomia do afecto relativamente à representação - **dimensão económica**-, o «quantum de afecto» (que, nessa autonomia, encontra expressão adequada à sua quantidade nos processos que percebemos como afectos).

¹ Até 1900, o autor emprega o termo com a mesma frequência que «defesa», contudo, a partir dessa data, passa a ser menos utilizado, embora mantendo a mesma significação, de qualquer forma consistindo sempre numa espécie de protótipo dos vários mecanismos de defesa.

² FREUD, Sigmund, «The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud», éd. par James Strachey, Londres, Hogarth Press, 1953- 66, pp. 115, cit. in LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.-B.(dir.), *Vocabulaire de la Psychanalyse*, Daniel Lagache, Paris, P.U.F., 1973, p. 410

Por isso, estudiosos da obra de Freud, como Laplanche e Pontalis¹, sublinham que, apesar de analisar a pulsão segundo o modelo da sexualidade, o autor ultrapassa os teóricos do instinto que a cada actividade fazem corresponder uma força biológica determinante. Notam ainda que a **evolução da teoria freudiana** incluindo, num momento inicial, a distinção das pulsões sexuais das do «eu» ou de autoconservação, opõe, num último momento, as de morte (agressão ou destruição) às de vida ou Eros (que englobam os dois primeiros tipos referidos). Assim enquadra as manifestações pulsionais num dualismo consagrado na tradição mítica, primeiramente, Fome versus Amor e, a seguir, Discórdia versus Amor.

0.4. Da psicologia cognitiva

Mesmo nos **estudos especializados mais recentes**, nomeadamente os numerosos «léxicos do afecto» - construídos a partir dos anos sessenta por Plutchik(1962), Davitz (1969), Bush (1973), Averill (1975) e Ortony, Clore & Foss (1987)² - apesar da sua sofisticação, sobretudo de um ponto de vista quantitativo³, os psicólogos trabalham sem uma definição universalmente aceite e sem distinguir emoção de afecto, à

¹ Apud LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.-B., (dir.) *Op. Cit.*, 1973

² Consistindo em compilações de palavras com conotações afectivas a que, em alguns estudos, é atribuída uma graduação numa escala (por exemplo, segundo dimensões como a Activação ou a Avaliação). A aplicação desses valores ao material verbal produzido por um indivíduo constitui um instrumento para medir a emoção comunicada. (Cits. in CLORE, Gerald L. e ORTONY, Andrew, «The semantics of the affective lexicon» in HAMILTON, Vernon, BOWER, Gordon H. e FRIDJA, Nico H. (eds.), *Cognitive Perspectives on Emotion and Motivation*, Netherlands, Kluwer Academic Publishers, 1988, p. 373)

³ Vantagens e limitações desses trabalhos são discutidas por Chynthia Whissel que aplica tabelas do dicionário do afecto de Plutchik a um texto bíblico (WHISSEL, Chynthia M. «The dictionary of affect in language» in PLUTCHIK, Robert e KELLERMAN, Henry, (ed), *Emotion - Theory, Research and Experience*, vol. IV - The Measurement of Emotions, U.S.A., Academic Press, Inc., 1989.).

excepção de Averill e dos últimos referidos, em «The semantics of the affective lexicon»¹.

Neste artigo, os autores propõem-se distinguir emoção e não emoção, através do estudo detalhado de uma **compilação de seiscentas palavras** do Inglês, revendo os seus trabalhos com Foss, ambos de 1987 (o primeiro, de natureza analítica, desenvolve uma taxionomia² e o segundo testa empiricamente esse esquema num estudo escalar³).

É significativo que as primeiras frases do texto tentem **definir emoção**: «Emotions are psychological states, but not all psychological states are emotional;», «Emotions are sometimes expressed facially, but not all facial expressions indicate emotions;» e «Emotions also involved feeling, but not all feelings indicate emotions;»⁴

Seguidamente, Ortony e Clore distinguem **afecto e emoção**, utilizando só o primeiro vocábulo para referir qualquer coisa qualificada valorativamente como positiva ou negativa, e estabelecem que a primeira noção designa uma categoria muito geral da qual o segundo conceito é uma parte relativamente pequena, porque «Emotions are particular kinds of affective conditions; so that all emotions are affective conditions, but not all affective conditions are emotions»⁵

¹ CLORE, Gerald L. e ORTONY, Andrew, *Op. Cit.*, 1988, pp. 367 - 397

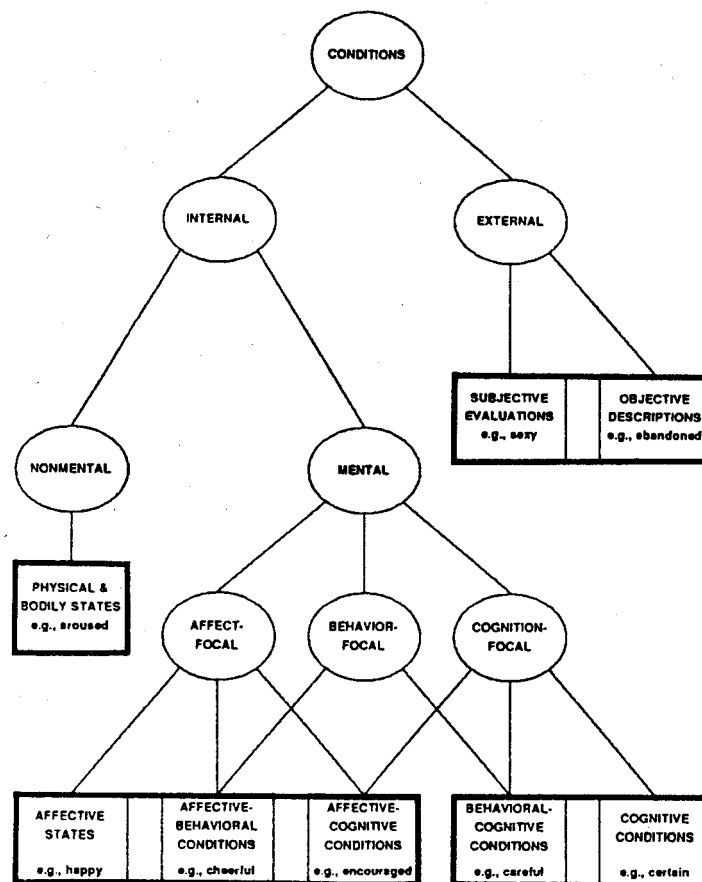
² ORTONY, CLORE & FOSS, 1987 cit. in CLORE & ORTONY, *Op. Cit.*, 1988, p.375

³ CLORE, ORTONY & FOSS, 1987 cit. in CLORE & ORTONY, *Op. Cit.*, 1988, p.375

⁴ Ainda na introdução, estes estudiosos, embora negando a isomorfia entre a estrutura da linguagem e a do domínio substantivo referido, propugnam o estudo das palavras das línguas naturais como um meio útil e essencial ao desenvolvimento de uma teoria da emoção, uma vez que «Natural language offers a large vocabulary of emotion terms, and, other than the experiences themselves, these terms offer the most satisfactory access we have to the variety of emotions that exist. Natural language terms allow us to make many more distinctions between different emotions and different intensities of the same emotion that can be captured in facial expressions, physiological indicators, or any combination of these.» (CLORE & ORTONY, *Op. Cit.*, 1988, p. 371).

⁵ CLORE & ORTONY, *Op. Cit.*, 1988, p. 373

A taxionomia, que reproduzimos¹, opõe **Condições Externas** - por sua vez subdivididas em Descrições Objectivas e Avaliações Subjectivas - e **Condições Internas** - subcategorizadas em Condições Não Mentais e Mentais (as últimas diferenciando-se pelo predomínio do Afecto, Comportamento ou Cognição).



Os termos relativos aos processos físicos configuram as **Condições Não Mentais**, sendo as **Condições Mentais** referentes aos processos respectivos. Estas últimas

¹ CLORE & ORTONY, *Op. Cit.*, 1988, p. 376 Dentro das primeiras, as Descrições Objectivas correspondem às palavras que denotam aspectos factuais do comportamento do ser humano, tal como a sua situação no mundo ou as acções dos outros para com ele (diferindo da emoção por não variarem em grau), enquanto as Avaliações Subjectivas dizem respeito àquelas que comunicam a opinião de outra pessoa relativamente a um indivíduo (mais do que este sobre si mesmo).

introduzem maior complexidade no esquema, quebrando a estrutura binária, ao adoptar a clássica categorização tripartida - afecto, cognição e volição¹ - e combinando categorias, com um foco referencial dominante.

Consequentemente, as palavras que integram esta classe distinguem-se em função do foco predominante, sendo o maior grupo o dos **Estados Afectivos**, que inclui os termos emocionais tradicionais, como «happy», «angry» e «in love», a maior parte especificando intensidades desses sentimentos. Quanto às **Condições Cognitivas**, os autores reúnem vocábulos que referem o conhecimento, pensamento e crença, de que são fornecidos os exemplos «convinced», «interested» e «surprised»².

Para além da categorização das palavras, a concepção deste modelo conduz a conclusões úteis para caracterizar a **emoção**: em primeiro lugar, a referência a condições internas, mentais (não externas ou físicas); em segundo, o facto de consistir num bom exemplo de estado, como condição interna de curta duração (oposta às disposições, traços de personalidade, atitudes de longa duração); em último, ter como foco referencial predominante o afecto (em vez do comportamento, cognição ou combinação de ambos).

¹ Os autores esclarecem sobre a última que «The conation category, traditionally interpreted as «will», was interpreted for our purposes simply as «behaviour.» (CLORE & ORTONY, *Op. Cit.*, 1988, p. 377)

² Delineadas estas categorias puras, são apresentadas as Condições Afectivo-comportamentais, que reúnem vocábulos com um foco comportamental e afectivo igualmente forte, as Afectivo-cognitivas, que referem maneiras de pensar e conceber o «eu» e os outros emocionalmente matizadas ou pensamentos emocionalmente afectados, e, finalmente, as Comportamento-cognitivas, que se reportam ao modo de pensar, de agir ou tendência de actuação perante uma situação.

Após a descrição de todo o esquema, os autores afirmam: não encontrar palavras que obriguem à constituição de um foco triplo; ter incluído o desejo como quarto foco motivacional (que, depois, anularam por ser pouco rentável); verificar-se frequentemente a ambiguidade de referente - físico ou psicológico - de vocábulos como «touched» e «uncomfortable» (CLORE & ORTONY, *Op. Cit.*, 1988, p. 378-9).

Privilegiamos este estudo de Clore & Ortony, por definir emoção e afecto, desenhar uma taxionomia que relaciona estas últimas noções e apresentar uma lista categorizada de um «léxico do afecto»¹ (para o Inglês) que classifica as palavras cuja tradução consiste nos lexemas objecto do nosso trabalho.

Ainda neste estudo, Clore y Ortony afirmam que, mesmo noutra cultura, se mantém a caracterização do léxico da emoção que propõem, assim como a variabilidade de significado de cada vocábulo e o desacordo (e a consequente negociação) entre os participantes sobre a sua aplicação a uma situação particular. Referem ainda que «the locus of cultural (and indeed individual) differences lies not in the kind of distinctions we have characterized as underlying the structure of words in the affective lexicon, but rather in the kinds of perceptions of the world that contribute to emotional differentiation.»²

Uma consideração desta natureza evidencia a necessidade de se enquadrar a abordagem exposta numa perspectivação de índole intercultural, assim ultrapassando os limites da definição e da taxionomia³.

¹ Que transcrevemos em anexo no final deste capítulo (CLORE & ORTONY, *Op. Cit.*, 1988, pp. 395-397 - Appendix). A observação dessa distribuição do léxico, dá conta que o grupo de verbos em análise neste trabalho, embora recubra traços do domínio mental e até externo, se encontra tipicamente representado pelos estados afectivos - «adore», «attracted», «in-love», «love», «pleased» - e pelas suas condições típicas - «affection», «like», «fond».

² CLORE & ORTONY, *Op. Cit.*, 1988, p. 387

³ De facto, estudos como o de Catherine Lutz (LUTZ, Catherine «Ethnographic perspectives on the emotion lexicon» in HAMILTON, Vernon, BOWER, Gordon H. e FRIDJA, Nico H. (ed.), *Cognitive Perspectives on Emotion and Motivation*, Netherlands, Kluwer Academic Publishers, 1988, pp. 399 - 419) problematizam o próprio conceito de emoção, sugerindo a influência dos modelos culturais na sua definição. Contemplando igualmente a ligação entre o conhecimento cultural e a sua configuração na linguagem, esta autora postula o estudo do papel do léxico da emoção, por uma complexidade decorrente de constituir a própria experiência emotiva (servindo a expressão da sua consciência) e de ser utilizado para apresentar o «eu» numa perspectiva favorável ou conduzir os outros à acção (reflectindo um carácter avaliativo, tanto em termos sociais como morais).

ANEXO

APPENDIX

External Conditions

Subjective Evaluations:

attractive awful bad contemptible despicable disagreeable dreadful dreary dull fine
glorious good hateful hopeless horrible inadequate inferior lousy lovable marvelous
odd pathetic peculiar phony pitiful pleasant ridiculous rotten self-destructive sexy
strange strong (psychologically) superior terrible terrific trustworthy unattractive
unlovable unpleasant untrustworthy useless weak (psychologically) weird wonderful

Objective Descriptions

abandoned abused alone beaten beloved bereft cheated competent defeated degraded
dependent (physically) deprived disgraced dominated guiltless guilty helpless ignored
impotent ineffective insulted isolated lucky mistreated neglected oppressed persecuted
powerful quiet safe slighted successful thwarted uncared-for unfaithful unimportant
uninterested unprotected untroubled unworried welcome vulnerable

Internal Conditions - Nonmental

Physical and Bodily States

aroused breathless comfortable (physically) dazed dizzy droopy drowsy exhausted
faint fatigued feverish hungry ill itchy jittery nauseous numb pain refreshed relaxed
(physically) rested revive sick (physically) sleepy sluggish thirsty tingly tired
uncomfortable (physically) weary well

Internal Conditions - Mental

Affect Non-focal

Cognitive Conditions

Frames of Mind: aware conceited conscientious cynical earnest hung-up indifferent
patient prejudiced rigid self-centered serious sincere tolerant trust vain

States: accept alert amazed astonished baffled bewildered bored certain complacent
confident confused convinced curious determined disillusioned doubtful expectant
fascinated flabbergasted hazy hopeful impressed incredulous inspired interested lost
(befuddled) mixed-up overconfident perplexed resigned self-confident skeptical
startled stunned (psychologically) sure surprised suspicious uncertain

Cognitive-Behavioral Conditions

Frames of Mind: adventurous aggressive aloof antagonistic argumentative arrogant
bold brave careful careless cautious charitable competitive cooperative courageous
crazy critical cruel daring defensive defiant dependent (psychologically) energetic

faithful foolish friendly funny generous gentle greedy hesitant inhibited lazy lively
meek mischievous modest nonchalant obstinate petty playful protective purposeful
rebellious reckless restless sarcastic selfish sensitive (considerate) silly stubborn
stupid submissive uncooperative unfriendly vigorous violent virtuous willful

Affect Focal

Affective States

State-like conditions: affection aversion carefree despise detest dislike fond
lighthearted like on-edge soothed vengeful

States: adore afraid aggravated agitated agony angry anguished annoyed anxious
apprehensive ashamed at-ease attracted awestruck bitter blue brokenhearted calm
charmed cheered cheerless comfortable (psychologically) contented crushed deflated
dejected delighted depressed despondent disappointed discontented disgusted
displeased dissatisfied distressed downhearted dread ecstatic elated embarrassed
enjoyment envoius euphoric exasperated excited (psychologically) fear fed-up
frightened frustrated furious glad gratified grief grief-stricken guilt happy hate heart-
stricken heartbroken heartsick heartsore heavy-hearted high homesick horrified hurt
(psychologically) ill-at-ease in-love incensed intimidated irate irked irritated jealous
joyful joyless livid loathe lonely lonesome longing love lovesick low mad melancholy
miserable mortified moved nervous outraged overjoyed overwhelmed pained panic
peevd petrified pining pissed-off pleased pleasure proud rage regret relaxed
(psychologically) relieved remorse resentful sad satisfied scared self-pity serene

shaken shame shook-up sick-at-heart sickened sore sorrow sorry suffering tense
terrified threatened thrilled uneasy unhappy upset uptight woe-stricken yearning

Affective - Cognitive Conditions

Frames of Mind: devoted fulfilled intimate sensitive (easily hurt) unfulfilled
warmhearted

State-like Conditions: appreciation approve-of disapprove-of forgive hostile insecure
malicious nostalgic reassured repentant respect reverence secure sentimental spiteful

States: admiration aggrieved alarmed amused apathetic at-peace awe burdened
compassionate concerned consoled contempt contrite desire despair desperate
discouraged disenchanted disheartened dismayed disturbed eager empathy encouraged
enthusiastic grateful heartened hope hopelessness humble humiliated impatient
indignant infatuated lust offended optimistic peaceful pessimistic pity self-conscious
self-satisfied shocked smug suspense sympathetic thankful troubled want wonder
worried

Affective - Behavioral Conditions

Frames of Mind: affectionate apologetic benevolent bitchy cowardly crabby grouchy
irritable kind loving placid scornful shy solemn tender timid warm

States: cheerful emotional gaiety gleeful gloomy glum joyous jubilant merry mournful
passionate triumphant¹

¹ ORTONY, Andrew e CLORE, Gerald L., «The semantics of the affective lexicon» in HAMILTON, Vernon, BOWER, Gordon H. e FRIDJA, Nico H. (ed.), *Cognitive Perspectives on Emotion and Motivation*, Nato ASI Series, vol. 44, Netherlands, Kluwer Academic Publishers, 1988, pp. 395 - 397

1. TRANSITIVIDADE

Numa abordagem preliminar da **transitividade**, impõe-se lembrar a etimologia latina: o adjectivo verbal «transiens» (oposto, segundo a lógica aristotélica, a «immanens»), participio presente de «transire», verbo que significa *passar, mudar-se, atravessar e transmitir*¹.

Por isso, a gramática latina classificava como **transitivas** as orações suceptíveis de «passar» de activas a passivas, e **intransitivas** aquelas que não podiam sofrer tal transformação. Todavia, a noção fixada pela tradição gramatical baseada na escolástica estabelece que é **transitiva** a oração que possui objecto directo, sobre o qual o verbo «passa» a sua acção, sendo aquela em que não «transmite» qualquer acção, **intransitiva**.

Assim, além da **definição sintáctica**, que, ao aplicar-se às orações em que se verifica a sequência verbo - objecto e aos verbos que se constroem com objecto directo, abarca factos linguísticos sintagmáticos e paradigmáticos, a tradição gramatical propõe uma **interpretação semântica**, quando categoriza como transitivos os verbos cuja acção denotada «passa» a um objecto, logo, os que contêm, no seu significado, o traço [+ activo].

Para sintetizar as críticas da linguística actual a esta interpretação, Rafael Cano Aguilar (em *Estructuras Sintácticas Transitivas en el Español Actual*) reproduz a seguinte observação de Robins

¹ Traduzindo GAFFIOT, Félix, *Dictionnaire Illustré Latin-Français*, Paris, Hachette, 1934

«The weakness of semantic definitions is well illustrated here: *hit*, in *I hit you* is syntactically a transitive verb, and is often chosen as an example because the action referred to may plausibly be said to 'pass across' via my fist from me to you; but *hear* in *I hear you* is involved in exactly the same syntactic relations with the two pronouns, and is regarded as a transitive verb, though in this case, the 'action', if any action is in fact referred to, is the other way round; and who does what, and to whom in the situation referred to by the syntactically similar verb in *I love you?*»¹,

explicitando o problema suscitado pela consideração de verbos que não exprimem acção.

Efectivamente, existem verbos cuja sintaxe permite a classificação de transitivos, como o verbo de percepção *ver* ou o psicológico *temer*, em que o sujeito gramatical designa o ser ou objecto afectado, referindo o complemento directo a causa, facto que põe em causa o paradigma da explicação semântica que define a sequência agente (correspondente ao sujeito gramatical), acção (denotada pelo verbo) e paciente ou meta (que consiste no objecto gramatical).

É, por isso, imperativo aprofundar essa reflexão sobre a transitividade verbal, revendo a sua conceptualização enquanto componente gramatical responsável pela estruturação da frase baseada na determinação sintáctico-semântica do verbo, oposta à perspetivação actual que também alberga a consideração de aspectos pragmáticos.

¹ ROBINS, R. H., *General Linguistics. An Introductory Survey*, 2ª ed., London, Longman Group Ltd, 1971, pp. 250 - 251 O sublinhado é nosso.

Para isso, revemos de forma sintética e comparativa as conclusões sobre o tema produzidas pela linguística estrutural (detendo-nos em Lucien Tesnière), a semântica generativa (de Charles Fillmore em «The case for case»¹) e a teoria funcionalista (de Halliday e subjacente à proposta de Hopper & Thompson, adoptada por Mário Vilela²).

1.1. Teoria da dependência de Tesnière

A **linguística estrutural** (pós-saussuriana) postula a não existência de categorias fixas da verbos transitivos ou intransitivos e a realização da transitividade na frase, como perspectiva Cano Aguilar, ao escrever

«, la mayoría de los verbos no exige necesariamente un sustantivo como objeto. Es decir, **no existen categorías paradigmáticas de verbos** (transitivos o intransitivos) definidas a partir de la rección sintagmática»³

e, relativamente à hipótese de sentido incompleto dos verbos transitivos,

¹ FILLMORE, Charles J., «The case for case» in BACH, E. e HARMS, R.T. (dir.), *Universals in Linguistic Theory*, Nova York, Holt, Rinehart and Winston, 1968, pp. 1 - 88 (trad. bras.: «Em favor do caso» in *Semântica: o léxico*, pp. 277 - 365)

² Para este confronto, utilizamos os capítulos iniciais de Cano Aguilar (AGUILAR, Cano, *Op. Cit.*, 1981, pp. 15 - 45), mais histórico e crítico, de Célia Brito (BRITO, Célia Maria Coêlho, *A Transitividade Verbal na Língua Portuguesa: uma Investigação de Base Funcionalista*, tese de doutoramento, Araquara, 1996, pp. 1- 35), que perspectiva a evolução do conceito centrado, primeiro, no verbo, segundo, na frase e, depois, no discurso, e o artigo de Mário Vilela, «Formas e funções do «C.D.» em Português» (VILELA, Mário, «Formas e funções do «C.D.» em português in *Gramática de Valências: Teoria e Aplicação*, Coimbra, Almedina, 1992, pp. 43 - 115), em que desenvolve e aplica ao Português o conceito escalar de Hopper & Thompson.

³ AGUILAR, Cano, *Op. Cit.*, 1991, p. 24 O sublinhado é nosso.

«parece más correcto pensar que tal carácter no se deriva tanto del verbo en sí, como de su imprecisión al aparecer en una **estructura oracional** determinada.»¹

Contudo, esta interpretação semântica é atípica, dentro deste quadro teórico, **lacunar na consideração da sintaxe** e que apenas recorre à transitividade para condenar tal visão (sobretudo a da gramática tradicional)². Esta ausência decorrerá da concepção saussuriana de que a frase não pertence à língua³, pelo que, consequentemente, a transitividade, que se realiza na frase, não é um facto do sistema, mas sim decorrente da fala.

O **tratamento excepcional** deste fenómeno linguístico encontra-se na obra de Blinkenberg, Charles Bally e Lucien Tesnière⁴.

Este último autor atenta na relação estabelecida entre elementos básicos (palavras) ou categorias básicas (correspondentes), em que a possibilidade de ocorrência de um pressupõe a presença de outra, desenvolvendo uma **gramática de dependências**. Assim, atribui ao verbo a posição central na estrutura da frase, dependendo dele os restantes elementos que a constituem.

Para Tesnière, esta categoria gramatical exprime um pequeno drama, contendo obrigatoriamente um processo - o verbo -, actores - os actantes - e circunstâncias - os

¹ AGUILAR, Cano, *Op. Cit.*, 1991, p. 27 - 28 O sublinhado é nosso.

² Natural na abordagem do autor citado que afirma, na nota preliminar a *Estructuras Sintácticas Transitivas en el Español Actual*, «creo que la Sintaxis, como rama de la Linguística, tiene que ser semántica y no olvidar nunca el significado.» (AGUILAR, Cano, *Op. Cit.*, 1991, p. 11).

³ Apesar de referir a existência de tipos oracionais abstractos próprios da língua.

⁴ BLINKENBERG, Andreas, *Le Problème de la Transitivity en Français Moderne*, Copenhague, 1960; BALLY, Charles, *Linguistique Générale et Linguistique Française*, 3ª ed., A. Franke, S.A., Berna, 1950; TESNIÈRE, Lucien, *Éléments de Syntaxe Structurale*, 2ª ed., Paris Klincksieck, 1966, cit. in AGUILAR, Cano, *Op. Cit.*, 1991, p.20.

circunstâncias -, dependendo da natureza sintáctico-semântica do nó da frase a determinação do número de actantes. Por isso, distingue entre **verbos aivalentes** (sem qualquer actante, os classificados como impessoais pela gramática tradicional), **monovalentes** (que corresponderiam aos intransitivos), **bivalentes** (conhecidos como transitivos) e os **trivalentes** (incluídos no tipo anterior na gramática tradicional, mas próprios de dois tipos específicos de verbos, os de «dizer» e de «dar»).

Assim, na teoria de dependências é o verbo que projecta o número de lugares vazios, isto é, de actantes numa frase (extensivos ao primeiro actante, o sujeito gramatical) e as funções sintáctico-semânticas de cada um.

Logo, se, no plano das conexões estruturais, o verbo, enquanto nó central da frase, é sempre o elemento regente de que dependem todos os outros, substantivos subordinados, no das conexões semânticas, são estes últimos elementos que determinam o elemento principal.

1.2. Semântica generativa

Opondo-se ao modelo de descrição gramatical proposto por Noam Chomsky em *Aspectos da Teoria da Sintaxe*¹, que assenta no carácter básico da estrutura sintáctica formal, consistindo a semântica num elemento meramente interpretativo, donde marginal, a semântica generativa postula que a **estrutura semântica** é o elemento básico, de que as estruturas sintácticas não são mais do que reflexos.

¹ CHOMSKY, Noam, *Aspects of the Theory of Syntax*, Cambridge, Massachusetts, M.I.T. Press, 1965

Ao assumir esta posição, esta teoria segue a via aberta por Chomsky, na obra citada, quando dá conta da relação semântica, quase paráfrase, de pares de frases que contêm elementos léxicos e funções sintácticas distintas, como *I liked the play/ The play pleased me*¹, assim admitindo a existência de uma **função semântica** mais abstracta (além dos conceitos de estrutura de superfície e profunda).

Desta corrente é representante Fillmore, em «The case for case»², ao partir da análise crítica das noções de sujeito e objecto - que Chomsky considerava próprias da estrutura profunda e, consequentemente, universais linguísticos - para notar que, carecendo de pertinência semântica, são puramente formais e pertencem à estrutura superficial. Realizando análises semânticas distintas da mesma relação sujeito - verbo - objecto em frases como *Jonh broke the window, A hammer broke the window, The car's fender broke the window*³, o autor propõe uma **gramática de casos** - entidades de carácter funcional (não categorial), de natureza semântica e abstracta (universal)-, respeitante às relações de estrutura profunda entre os verbos e grupos nominais associados.

Na definição do autor,

«As noções de caso incluem um conjunto de conceitos universais, presumivelmente inatos, que identificam certos tipos de julgamentos que os seres humanos são capazes de fazer acerca dos acontecimentos que ocorrem a seu redor, julgamentos acerca de

¹ Exemplo citado em AGUILAR, Cano, *Op., Cit.*, 1991, p. 35, ao lado de *Jonh bought the book from Bill / Bill sold the book to Jonh*.

² FILLMORE, Charles J., *Op. Cit.*, 1968, pp. 1 - 88

³ FILLMORE, Charles J., *Op. Cit.*, 1968, pp. 297 - 298

assuntos tais como quem fez, com quem aconteceu, e o que foi mudado.»¹

Pretendendo apresentar uma «considerável modificação (...) para a teoria da gramática transformacional»², Fillmore parte da análise crítica das noções de «sujeito» e «objecto» próprias da gramática generativa³, para propor um **inventário aberto** de casos (composto por Agentivo, Instrumental, Dativo, Factivo, Locativo, Objectivo, ...⁴), cujo estudo permite evidenciar que a mesma relação semântica pode realizar-se sintacticamente de variadas maneiras e, inversamente, uma estrutura gramatical é susceptível de exprimir diferentes configurações semânticas.

Negando também a divisão da oração efectuada pela gramática generativa em dois constituintes - SN e SV -, este modelo gramatical baseia-se na **concepção da frase** de Tesnière (em que o sujeito é mais um complemento do verbo): «A sentença, em sua estrutura básica, consiste em um verbo e um ou mais sintagmas nominais, cada um associado ao verbo numa determinada relação de caso »⁵. Estes esquemas casuais («**case frame**») seleccionam a inserção léxica do verbo, como é notório na afirmação «O verbo *run*, por exemplo, pode ser inserido no esquema [- A], o verbo *sad*, no esquema [- D], verbos como *remove* e *open* em [- O + A], verbos como *murder* e

¹ FILLMORE, C. J. , *Op. Cit.*, 1968, p. 299

² FILLMORE, C. J., *Op. Cit.*, 1968, p. 296

³ Que utilizando apenas noções categoriais, nas suas regras e derivações sintagmáticas, detém uma concepção de função sintáctica (subjacente) pobre, sendo os conceitos como «sujeito» e «objecto» (inerentemente relacionais), secundários e redundantes na descrição gramatical.

⁴ O autor sugere ainda a inserção dos casos: benefactivo (pp. 301 - nota 34 - e 357), comitativo (pp. 352 - 354) e essivo (p. 354) - FILLMORE, C.J., *Op. Cit.*, 1968.

⁵ FILLMORE, C.J., *Op. Cit.*, 1968, p. 296

terrorize (isto é, verbos que exijam ‘sujeito animado’ e ‘objeto animado’ em [- D + A], verbos como *give* em [- O + D + A], e assim por diante.»¹

O conjunto de esquemas de casos nos quais os verbos se inserem consta das **entradas lexicais** (sob a forma de informações abreviadas) e, se bem que impondo uma classificação dos verbos na língua, não a simplificam, já que, para lá da variedade de ambientes de caso possíveis na frase, muitos verbos ocorrem em mais do que um esquema. Em contrapartida, esta abordagem permite reduzir o número de tipos de entradas semânticas, demonstrando que vocábulos sintacticamente diferentes podem ser semanticamente idênticos.

O autor exemplifica com os verbos sinónimos *like* e *please*, com o mesmo esquema de traços - [- O + D] - e apenas diferentes nos traços de selecção do sujeito (o primeiro seleccionando D e o último, O)².

Assim privilegiando o estudo das estruturas lógico-conceptuais subjacentes aos factos linguísticos observáveis, Charles Fillmore constitui a semântica, e não a sintaxe, como componente central da gramática, concluindo que «Se for possível descobrir uma teoria sintáctica universal semanticamente justificada em conformidade com as linhas que venho sugerindo (...), então é provável que a estrutura profunda sintáctica do tipo tornado familiar a partir dos trabalhos de Chomsky e seus seguidores siga o mesmo caminho do fonema. É um nível artificial intermediário entre a ‘estrutura profunda semântica’ que se pode descobrir empiricamente e a estrutura superficial acessível pela observação,»³

¹ FILLMORE, C. J., *Op. Cit.*, 1968, p. 302

² FILLMORE, C. J., *Op. Cit.*, 1968, pp. 305 e 315

³ FILLMORE, C. J., *Op. Cit.*, 1968, pp. 358 - 359

1.3. Teoria funcionalista

Dentro da corrente funcionalista, destacamos as posições de Halliday, por, em «*Language structure and language function*»¹, relacionar as funções da linguagem com um tipo de significado e um sistema da gramática, e também porque, em *An Introduction to Functional Grammar*², estabelece uma tipologia de classificação de processos geral, simples e flexível.

No primeiro estudo, este autor distingue as **funções ideativa, interpessoal e textual**.

A primeira («ideational 'content' function») exprime conteúdos da experiência do mundo real que o falante detém (inclusive, do mundo interior da sua consciência), como daquilo a que chamamos «processos»: acções, acontecimentos, fenómenos, processos de consciência, relações...³

Halliday relaciona cada uma das funções com um tipo de significado e componente da gramática:

- a função ideativa é concretizada pelo sistema de transitividade;
- a função interpessoal realiza-se no sistema de modo;

¹ HALLIDAY, M.A.K., «Language structure and language function» in LYONS, John (ed.), *New Horizons in Linguistics*, Harmondsworth, Penguin Books, 1971, pp. 140 - 165 (trad. espanhola: «Estructura y Función del Lenguaje», *Nuevos Horizontes en la Lingüística*, Alianza, Madrid, 1975, pp. 145 - 173)

² Este autor define gramática funcional como «essentially a 'natural' grammar, in the sense that everything in it can be explained, ultimately, by reference to how language is used» (HALLIDAY, M.A.K., *An Introduction to Functional Grammar*, Londres, Edward Arnold, 1985, p. XIV).

³ A segunda («interpersonal function») corresponde àquela através da qual se actua sobre os falantes, trocando os papéis na interacção, pelas afirmações, questões, ofertas e ordens, com a modalidade respectiva; enquanto a terceira («textual function») permite a realização das anteriores através da construção de uma mensagem relevante para o contexto (como texto antecedente e subsequente e como situação) - HALLIDAY, M.A.K., *Op. Cit.*, 1970, p. 148).

- a função textual, configurando-se na estrutura temática da frase e na estrutura de informação.

Na segunda obra citada, o mesmo estudioso, atendendo ao carácter representativo da função ideativa, concebe a frase como estruturada em termos de processos, participantes e circunstâncias, que são especificados por escolhas do âmbito do sistema de transitividade.

Assim, consistindo um processo potencialmente em três componentes - o próprio processo, os seus participantes e as circunstâncias associadas -, estes elementos são realizados tipicamente por: grupos verbais (os primeiros), nominais (os segundos) e advérbios ou frases preposicionais (os últimos).

As categorias semânticas referidas (processo, participante e circunstância), muito gerais, são especificadas em função dos três tipos de processo a que aparecem associadas - «material», «mental» e «relational»¹. O segundo tipo («processes of feeling, thinking, and perceiving») apresenta dois participantes obrigatórios -

«The Senser is the conscious being that is feeling, thinking or seeing. The Phenomenon is that which is 'sensed' - felt, thought or seen.»²

¹ O primeiro («processes of doing»), em que um ser faz alguma coisa que pode repercutir noutro ser, apresentando sempre um primeiro participante (o actor, quem faz) e um segundo, facultativo (a meta, para a qual o processo é dirigido); o último («processes of being»), contendo dois participantes, tanto no «identifying mode», como no «attributive mode»- HALLIDAY, M.A.K., *Op. Cit.*, 1985, pp. 102 - 106 e 112 - 128

Para lá destes três tipos maiores, são discriminados outros, subsidiários - «behavioural, verbal and existential processes» (exemplificados, respectivamente, por «laughing», «tell» e «be») - HALLIDAY, M.A.K., *Op. Cit.*, 1985, pp. 128 - 131.

² HALLIDAY, M.A.K., *Op. Cit.*, 1985, p. 111

Halliday propõe uma **subclassificação** diferenciadora de processos de: «perception» (incluindo verbos como «see» e «hear»), «affection» (que exemplifica com «like», «please» e «fear») e «cognition» (por exemplo, «think», «know» e «understand»)¹. Além disso, indica como característica particular deste tipo a representação na linguagem «as two-way processes: that is to say, we can say either *Mary liked the gift* or *the gift pleased Mary*»² (embora note que nem em todos os processos mentais, há uma equivalência exacta como no par «liked» / «pleased»). Contudo, o autor assinala a possibilidade de verbos diferentes estabelecerem a reversibilidade das funções semânticas, concordando com a observação, sobre estes dois verbos, de Fillmore³, que destaca a equivalência semântica de estruturas sintácticas distintas.

A distinção entre o primeiro e o segundo tipo de processos assenta fundamentalmente nas características dos participantes:

- num processo material, há uma relação entre duas entidades situadas em coordenadas espaço-temporais do mundo representado (**fenómenos** da experiência ou «coisas»);
- um processo mental, pela sua natureza apresenta um participante necessariamente dotado de consciência (humano ou similar), podendo o outro participante ser qualquer entidade passível de interiorização na consciência (**factos** ou **metafenómenos**).

¹ HALLIDAY, M.A.K., *Op. Cit.*, 1985, p. 111

De igual forma, em relação ao terceiro tipo de processo é apresentada uma subclassificação discriminativa de processos válida para os dois modos referidos: intensivos (por exemplo «Sarah is wise.» e «Tom is the leader; the leader is Tom»); circunstanciais (como «the fair is on Tuesday.» e «tomorrow is the 10th; the 10th is tomorrow») e possessivos (como em «Peter has a piano» e «the piano is Peter's; Peter's is the piano») -

HALLIDAY, M.A.K., *Op. Cit.*, 1985, p. 113.

² HALLIDAY, M.A.K., *Op. Cit.*, 1985, p. 110

³ Referida em 1.3.

Halliday define estes últimos como «the logical-semantic relationship whereby a clause comes to function not as a direct representation of a (non linguistic) experience but a representation of a (linguistic) experience.»¹ Ou seja, enquanto, no primeiro caso, o referente da frase é um estado de coisas, supondo a existência das entidades mencionadas, no segundo, que consiste numa representação linguística, o contexto referencial é opaco.

As noções de fenómeno e metafenómeno podem ainda esclarecer-se, através da seguinte distinção de Lyons:

«A los objetos físicos los llamaremos **entidades de primer orden** (...) Por **entidades de segundo orden** entenderemos eventos, procesos, circunstancias, etc., que se localizan en el tiempo y de las que se dice en inglés [y en castellano] que suceden o tienen lugar y no que existen. Y por **entidades de tercer orden** entenderemos aquellas entidades abstractas como las proposiciones, que se sitúan fuera del tiempo y del espacio»²

Às entidades de primeira e segunda ordem podemos fazer corresponder os fenómenos e às de terceira ordem, os metafenómenos.

Halliday afirma, relativamente ao primeiro tipo de processo, que, quando os dois participantes estão presentes na frase, é transitiva, sendo intransitiva quando só o actor ocorre, e, quanto ao segundo tipo, que a presença do fenómeno na frase não é necessária, podendo apenas estar implícito. Entende que a transitividade não se realiza

¹ HALLIDAY, M.A.K., *Op. Cit.*, 1985, pp. 227-8

² LYONS, Jonh, *Semantics*, Cambridge University Press, 1977 (trad. espanhola: *Semántica*, Barcelona, Editorial Teide, 1980, pp. 388 - 389)

somente ao nível da frase, podendo apresentar diferentes formas de combinação dos seus elementos estruturais, escolhidas pelo falante, segundo os seus **propósitos comunicativos**.

Em síntese, os princípios funcionalistas da teoria exposta permitem definir a transitividade não apenas segundo as relações paradigmáticas e sintagmáticas tidas em conta na classificação dos verbos, mas sobretudo considerando a significação desses verbos na frase, cuja combinação de elementos estruturais resulta de factores pragmáticos. Além disso, a transitividade é entendida como especificação pelas estruturas linguísticas de diferentes tipos de processo, que relacionam sistematicamente as categorias semânticas de participante, processo e circunstância.

1.3.1. Conceito gradual

Também para Hopper & Thompson¹, a transitividade, implicando componentes de natureza sintáctica e semântica, consiste numa propriedade global da frase, central no uso linguístico e com consequências na gramática das línguas. Entendendo que um universal linguístico decorre de uma função pragmática geral, os autores consideram igualmente a transitividade como um fenómeno gramatical e semântico que envolve propósitos pragmáticos.

Estes estudiosos concebem a transitividade como uma **propriedade escalar**, que envolve dez componentes - participantes, cinese, aspecto, pontualidade, volição,

¹ HOPPER, Paul J. & THOMPSON, Sandra A., «Transitivity in grammar and discourse» in *Language*, Baltimore, 1980, vol. 56, n.º 2, pp. 251 - 295

afirmação, modo, agentividade, afectação e individuação do objecto - cuja ausência ou presença determina o respectivo grau de (maior ou menor) transitividade da frase¹.

Nas línguas, verifica-se uma relação entre a transitividade e as **estruturas de primeiro e segundo planos de um texto**, configurando-se as frases com um alto índice no primeiro plano (constituindo a «coluna vertebral» do texto e apresentando uma ordenação, até icónica, segundo a sequência temporal) e aquelas que possuem um valor baixo, no segundo plano.

Assim, tendo em conta a concepção da transitividade exposta, a alta ou baixa transitividade de um texto resulta não só de um morfema morfossintáctico, mas de uma série de propriedades - sintácticas, semânticas e pragmáticas - das frases.

Para lá desta perspetivação discursiva, podemos resumir a concepção destes autores, citando o parágrafo

«Transitivity, viewed in the most conventional and traditional way possible - as a matter of carrying-over or transferring an action from one participant to another - can be broken down into its component parts, each focusing on a different facet of his carrying-over in a different part of the clause. Taken together, they allow clauses to be characterized as MORE or LESS transitive.»²

¹ As características desses factores co-variam extensiva e sistematicamente na gramática das línguas, ou seja, se dois valores co-ocorrem, um baixo ou alto, o outro é correlativamente alto ou baixo. Além desta co-variação, é colocada a hipótese de que se duas frases diferem, caracterizando-se uma por uma transitividade alta, tendo em conta os componentes referidos, e, se uma diferença concomitante de natureza gramatical ou semântica ocorrer na frase, também indicará esse valor.

² HOPPER Y THOMPSON, *Op. Cit.*, 1980, p. 253

Em trabalhos recentes, os linguistas interessados nesta matéria adoptam esta noção¹.

Entre eles, Mário Vilela, no artigo «Formas e funções do «complemento directo» em português»², em que, referindo a transitividade como algo graduável, apresenta a seguinte **escala de variação** (baseada na de Hopper & Thompson):

«Transitividade forte	Transitividade fraca
dois ou mais complementos ³	um complemento
presença de acção	ausência de acção
presença de direcionalidade	ausência de direcionalidade
intencional	não intencional
agente capaz de acção	agente não activo
objecto totalmente afectado	objecto não afectado
objecto (bem) individuado	objecto não individuado»

¹ Confronte-se as teses de doutoramento, citadas na bibliografia , de Célia Brito (Araquara, 1996), José Miguel (Santiago de Compostela, 1995) e Maria del Carmen Pereiro (Santiago de Compostela, 1994).

² VILELA, Mário, *Op. Cit.*, 1992. A partir desta citação e até ao final desta secção, seguimos o trabalho de seminário sobre o mesmo tema realizado por Fátima Silva e Helena Sereno (SILVA, F. e SERENO, H., *Formas e Funções do Complemento Directo em Português*, trabalho de mestrado, Porto, 1994)

³ Onde Vilela faz constar «complementos» (VILELA, Mário, *Op. Cit.*, 1992, p.50), Hopper & Thompson apresentam «participantes», discriminando Agente e Objecto, numa escala que observa dez componentes:

	«Alta	Baixa
A. Participantes	2 ou mais participantes A e O	1 participante
B. Cinese	Acção	Não - acção
C. Aspecto	Télico	Atélico
D. Pontualidade	Pontual	Não pontual
E. Volição	Volitivo	Não volitivo
F. Afirmção	Afirmativo	Negativo
G. Modo	Real	Irreal
H. Agentividade	A. alto em potenc.	A. baixo em potenc.
I. Afectação de O	O. totalmente afectado	O. não afectado
J. Individuação de O	O. altamente individuado	O. não individuado»

(HOPPER, P. & THOMPSON, S., *Op. Cit.*, 1980, p. 252)

A utilização desta escala, facilitada pela consideração de três elementos - verbo, agente e objecto - permite verificar o diferente grau de transitividade das frases *A Maria deu o triciclo à Inês* e *As flores alegam os ambientes*.

Quanto ao verbo (*deu / alegam*), constatamos a existência de um verbo de acção na primeira frase, enquanto, na segunda, o traço de acção está ausente.

Relativamente ao agente (*A Maria/ As flores*), é notório que o agente da primeira frase é [+ Activo] e [+ Intencional], contrariamente ao da última [- Activo] e [- Intencional].

No que diz respeito ao objecto (*o triciclo / os ambientes*), concluímos que aos traços [+ Afectado] e [+ Individuado] do primeiro se opõem os traços [- Afectado] e [- Individuado] do outro.

Esta análise comparativa destaca nitidamente que a primeira frase é mais transitiva do que a segunda.

Ainda para o mesmo autor, os **traços fundamentais da transitividade** como valor sintáctico graduável, são:

- a qualidade semântica do lexema verbal (ao encerrar um sema de incompletude);
- a existência de um complemento directo (sublinhando que «A definição prototípica de C.D. (...) permanece numa zona de indefinição: há elementos sintácticos, semânticos e pragmáticos»¹);

¹ VILELA, M., *Op. Cit.*, 1992, p. 49

- a passivização (valor correlativo da transitividade, uma vez que os verbos prototipicamente transitivos admitem a construção passiva, logo, teste sintáctico preferencial para identificar o C.D.);

- a ergatividade (valor também graduável, configurado num uso não transitivo de um verbo transitivo, que não aceita a passivização, nem a derivação deverbal agentiva do sujeito, este último desempenhando a função sintáctico-semântica de paciente, ao designar um objecto afectado por um processo sobre o qual não exerce controle¹).

Do exposto, o autor infere os seguintes **pressupostos gerais** da transitividade:

a) «a maior ou menor possibilidade de passivização relaciona-se com a maior ou menor força de transitividade do verbo (ou do verbo e da frase)»;

b) « a ausência de actividade do (denotado do) sujeito impossibilita a passivização»;

c) «a ausência de individuação ou uma individuação muito estrita do CD impossibilitam a passivização»;

d) «só os objectos prototípicos de frases fortemente transitivas são redutíveis a sujeito (na passiva)»².

Em conclusão, esta perspetivação segundo princípios funcionalistas, situando o fenómeno da transitividade ao nível do discurso, concebe-o não apenas como noção multifactorial que articula características dos verbos - ou dos processos - e dos outros

¹ A noção de ergatividade pode ser esclarecida pelo exemplo «O pão cozeu.» (oposto à frase transitiva «A mulher cozeu o pão.») e pelo quadro explicativo:

	Passivização	Derivação deverbal agentiva	Paciente (sujeito)
Ergatividade	-	-	+
Transitividade	+	+	-

Assim, transitividade e passividade surgem como valores correlativos - a passivização é o traço positivo da transitividade e negativo da ergatividade.

² VILELA, Mário, *Op.Cit.*, 1992, p.61

elementos - participantes e circunstâncias -, mas também como um fenómeno gradual, distinguindo as realizações frásicas mais e menos transitivas.

1.4. Estrutura frásica

Baseando-se nesta concepção, Mário Vilela apresenta uma sistematização da estrutura frásica correspondente, ao abordar as formas e funções do complemento directo em Português¹.

Sujeitando este complemento a uma bateria de testes sintácticos - destacando-se a passivização, a interrogação (*O quê?/ Quem?*), a pronominalização por clíticos pessoais (*o(s)/ a(s); me, te,se/ nos, vos, se*) e a topicalização - identifica os **objectos prototípicos** de frases fortemente transitivas, cujos traços prototípicos são:

- objecto de uma acção («objectum effectum»);
- paciente de uma acção (« objectum affectum»);
- topicalidade dependente.

Partindo destes pressupostos, o autor procede à distinção entre **complemento directo**, entendido de forma estrita, e **(pseudo-)complemento directo**, que classifica como acusativo² (hiperónimo de todas as funções sintácticas que formalmente são (ou aparentam ser) complemento directo).

¹ VILELA, Mário, «Formas e funções do «C.D.» em Português» in *Op. Cit.*, 1992, pp. 43 - 115

² Com efeito, os acusativos podem desempenhar uma função adverbial temporal, local e de medida (presente, respectivamente, nas frases *O filme dura duas horas*, *Eles correram todas as lojas*, *A revista tem sessenta páginas*) e constituir parte integrante do predicado (incorporando o objecto de modo total, em *Ele estacionou o carro*; através de um objecto interno ou de conteúdo, em *Ela cantou uma canção de embalar*; com incorporação de um pseudo-objecto, em *Ela prestou atenção aos pormenores*; realizando a incorporação do

Quanto ao complemento directo, o autor propõe uma inventariação dos modelos frásicos/ argumentais em que intervém, apresentada seguidamente, de forma sucinta.

A. Sujeito e CD

Este modelo pode ser exemplificado pela frase *Ele observou a casa*, visto que configura o sujeito como Agente («o percepcionador») e o CD como Paciente (« a coisa percepcionada»). Além do grupo de verbos de percepção física, o modelo frásico referido pode ser realizado com verbos de posse e psicológicos.

Neste contexto, o termo Agente é utilizado como hiperónimo de Agente, Coisa, Instrumento e Força, definindo-se na seguinte escala de agencialidade: nome próprio, ser humano, ser vivo, ser inanimado.

B. CD e CI (Dativo)

O esquema CD e CI, presente no exemplo *Os avós deram um livro à neta*, ocorre com verbos «dandi», «tollendi» e «dicendi», sendo o complemento directo preferencialmente [- Animado] (à excepção dos verbos «dicendi», em que é [+ Abstracto]) e o CI, [+Animado] e [+Humano].

O grau de eliminabilidade do CD e CI obedece ao critério da selecção do complemento pelo verbo, a saber: ele é tanto mais (ou menos) obrigatório quanto maior (ou menor) for o domínio de selecção. Neste sentido, constatamos que o CD é mais obrigatório que o CI, este último facilmente repostado pela expressão «a alguém».

reflexivo, em *Esta música apaixonou-me*). Os primeiros não admitem a passivização, o acusativo local aceita a interrogação dupla, mas os restantes apenas por meio de uma pergunta iniciada por «Quanto?». Os segundos não admitem interrogação, nem anaforização e caracterizam-se pela ausência de referencialidade (VILELA, M., *Op. Cit.*, 1992, pp. 69 - 82).

C. CD e Sprep

Neste modelo, o Sprep é normalmente introduzido pelas preposições *a*, *de* e *em*, como se vê no exemplo *Os jornais acusaram-no de corrupção*.

Neste esquema que funciona com os verbos jurídicos e privativos, em geral, o Sprep não é obrigatório e apresenta o traço [- Animado], enquanto o CD é obrigatório, [+ Animado] e até [+ Humano]. O mesmo não acontece em relação aos ornativos, em que o CD é sempre obrigatório (já que holisticamente afectado) e, regra geral, tem o traço [+ Animado].

1.4.1. Tipos de proposição como CD

Quanto às proposições com função de CD, o estudo citado privilegia a consideração dos verbos «dicendi» - designativos de um acto discursivo como entidade afectada, sendo o CD habitualmente obrigatório - e os verbos «sentiendi» - que caracterizam sentimentos, confirmam linguisticamente processos de percepção física ou intelectual (podendo funcionar como verbos introdutores de actos de discurso).

- Que + frase completiva¹

Partindo da frase *Ele declarou que chegara atrasado*, constatamos que o CD é verbalizado através da construção «Que + completiva» (também actualizada como

¹ Além desta construção, o artigo considera as seguintes: Se + frase completiva (por exemplo, *Ele perguntou se ela queria almoçar*); Que (não conjuntor completivo) / quem / onde + frase completiva (*A tia perguntou quem queria sumo de laranja*); Que/ quão/ quanto / como (exclamativos) + frase (*Ela não calculava como os verbos psicológicos são complicados*); Frase intercalada (*Este filme nunca mais acaba!* - disse o Rui) - VILELA, M., *Op. Cit.*, 1992, pp. 96 -100.

SN com a maioria dos verbos), sendo a realização da subordinada possível com os modos indicativo ou conjuntivo, de acordo com determinadas restrições semânticas.

- Infinito (ou construções infinitivas¹)

Em alguns verbos, a construção com infinito é obrigatória, sempre que o sujeito da oração subordinante é o mesmo da subordinada; noutros, é alternativa ao modelo «Que + completiva», como é visível no confronto dos exemplos *Eles decidiram jogar xadrez* e *Eles decidiram que jogavam xadrez*.

Em conclusão, «as construções ACI parecem constituir com as frases matriz construções mono-sentenciais, com um predicado complexo formado pelo verbo matriz e a construção ACI. Isto é, a construção ACI constitui um único argumento, embora semanticamente o enunciado seja constituído por dois verbos e seus respectivos argumentos»².

- Predicativos de CD:

O predicativo do complemento directo é o elemento subcategorizado pelos verbos transitivos-predicativos: estabelece-se uma relação entre o complemento directo e o predador, cuja posição preferencial é a seguir ao CD.

¹ O modelo de construções infinitivas depois dos verbos «sentiendi» (realizado na frase *Os avós vêem os netos (a) crescer*) só é possível quando se trata de uma verdadeira percepção física (VILELA, M., *Op. Cit.*, 1992, pp. 102 - 104).

² VILELA, M., *Op. Cit.*, 1992, p. 104. O estudioso verifica também as construções infinitivas depois dos verbos factitivos, que operam uma ampliação de valência, integrando no modelo frásico um novo actante sujeito (Agente, Causa ou Instrumento), como é visível no confronto das frases *A emoção faz tremer os lábios* e *Os lábios tremem com a emoção* (VILELA, M., *Op. Cit.*, 1992, pp. 105 - 109).

O tratamento deste ítem inclui-se dentro dos tipos de proposição como CD, já que o predicativo do complemento directo é redutível a um complemento oracional, derivado de uma frase¹.

«Estritos»

O Cd e o predicativo constituem uma unidade formal, podendo comutar com a construção «Que + frase completiva», já referida, conforme se verifica em *Toda a gente considera o Brasil belíssimo* e *Toda a gente considera que o Brasil é belíssimo*.

A observação das frases leva-nos a concluir tratar-se o predicativo de um complemento necessário, subcategorizado pelo verbo, que ocorre com verbos de actividade mental, volitivos e psicológicos.

Assim, as construções com predicativo² são sintacticamente mono-sentenciais e semanticamente bi-sentenciais.

¹ FONSECA, J., Predicação do complemento directo em português, in *Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do Português*, Porto, Porto Editora, 1993., pp. 33 - 62

² ¹ Mário Vilela considera ainda um predicativo resultativo, que pode ser ilustrado pelo exemplo *A chuva torna as ruas escorregadias*, e atributo (ou predicativo livre), presente em *Elas percorreram (as) ruas sinuosas* (VILELA, M., *Op. Cit.*, 1992, pp. 110 - 112).

2. DO CAMPO SEMÂNTICO À CENA

Se uma das perspetivações chomskianas do léxico lhe assaca a capacidade de organização sintáctica e semântica dos enunciados de uma língua, determinando regularidades neste domínio, a primeira definição de Noam Chomsky concebe o léxico como uma **listagem** de palavras com informação idiossincrática¹.

É contra esta noção que autores como Eugénio Coseriu, G. Helbig, G. Wotjak, Bernard Pottier e outros postulam a existência de uma **organização lexical** segundo princípios semânticos.

A explanação dessa estruturação lexical, atendendo à natureza das **relações semânticas** - de afinidade e contraste, hiponímia, meronímia, de incompatibilidade e co-ocorrência -, é produzida no âmbito da teoria dos campos semânticos².

2.1. Teoria dos campos semânticos

Nesta abordagem, o significado de uma palavra depende do significado de outras com as quais estabelece determinadas relações, constituindo essas relações parte integrante do seu significado, que se define por meio de traços, conceitos e unidades de significação próprias de um **campo semântico**. Este consiste num «conjunto de

¹ Chomsky, Noam, *Aspects of the Theory of Syntax*, Cambridge, Massachussets, M.I.T. Press, 1965

² Desenvolvida por Coseriu, Pottier, Lyons, Lehrer e Geckeler, partindo das sugestões de Humboldt, Trier, Porzig, Weisgerber cits in VILELA, Mário, «Do «campo lexical» à explicação cognitiva: RISCO E PERIGO» in *Diacrítica*, a publicar

palavras (ou lexemas) que configuram um dado domínio de conteúdo: domínio que pode ser um espaço conceptual, um domínio de experiência, um dado segmento da vida quotidiana, etc.»¹

Se tomarmos como exemplo as relações de contraste e afinidade, notamos que permitem uma ordenação do campo em dois sentidos: segundo uma **dimensão paradigmática**, atendendo aos termos que se substituem numa determinada sequência (numa relação de sinonímia, hiperonímia, meronímia, antonímia, etc.); pela **relação sintagmática**, verificando as relações de palavras que co-ocorrem (com afinidades, por exemplo, em termos de solidariedades lexicais e isotopias)².

Por isso, o significado de uma palavra define-se em relação com outras palavras pertencentes ao mesmo campo semântico, num tratamento essencialmente **intra-linguístico**.

Contudo, o estudo do léxico como algo organizado não se limita ao estruturalismo europeu e continua com outros movimentos teóricos, nomeadamente a teoria cognitiva, ultrapassando as fronteiras do estritamente linguístico, pela atenção dada ao **extra-linguístico**, aos contextos e também à categorização do mundo inerente à configuração do significado.

¹ VILELA, Mário, , *Op. Cit.*, a publicar

² Mário Vilela trabalha a gramática de valências («case grammar»), tendo sempre em vista a explicação destas relações dos campos lexicais (VILELA, Mário, *Estudos de Lexicologia*, Coimbra, Almedina, 1994, pp. 23 - 40, 127 - 197).

2.2. Teorização de Charles Fillmore

Para confrontarmos estas perspectivas, recorreremos à obra de Fillmore, cuja teoria, num primeiro momento, estuda a realização dos esquemas casuais na proposição, evoluindo, numa segunda fase, para uma semântica léxica e, num último momento, para uma semântica cognitiva, interessada no discurso¹.

2.2.1. Semântica léxica

Naquele momento em que os estudiosos da sua obra reconhecem a **segunda etapa**, marcada pela publicação de «Lexical entries for verbs»² e «Types of lexical information»³, o verbo é o organizador da estrutura casual, determinando a sua escolha.

Como se comprova pelos últimos títulos referidos, o centro de descrição passa a ser o **léxico**, considerando-se os esquemas casuais pela sua vinculação às entradas léxicas concretas. Assim, o autor, ao estudar uma série de verbos, indica o número e a natureza dos casos (os esquemas semânticos) que lhe estão associados, observando a articulação dos casos com as relações sintácticas sujeito e objecto.

Em consequência do levantamento das semelhanças existentes entre os casos que se combinam com diferentes verbos resulta, por um processo de abstracção, o reforço da sua definição em termos conceptuais.

¹ Percurso estudado por Sommers cit. in PEREIRO, Maria del Carmen Cabeza, *Clausulas Completivas en Funcion de Sujeto en Espanol*, tese de doutoramento, Universidad de Santiago, 1994

² FILLMORE, C.J., «Lexical entryes for verbs», 1968, cit. in PEREIRO, Maria del Carmen Cabeza, *Op. Cit.*, 1994, p. 129

³ FILLMORE, C.J., «Types of lexical information», 1971, cit. in PEREIRO, Maria del Carmen Cabeza, *Op. Cit.*, 1994, p. 130

Em síntese, esta fase continua a abordagem da ligação entre estruturas semânticas e relações gramaticais, através dos esquemas casuais, mas relegando-os para segundo plano, uma vez que os perspectiva em função do léxico, assim acentuando a sua base nocional (aspecto que se manterá na teorização subsequente).

2.2.2. Semântica cognitiva

Com efeito, no **terceiro momento**, em estudos como «The case for case reopened»¹, «Scenes and frame semantics»² e «Schemata and prototypes»³, os esquemas casuais continuam a desempenhar um papel importante na teoria e os casos a transportar uma base conceptual, mas dentro do quadro da cena («scene»).

A partir deste novo conceito (e da sua articulação com o de «case frame»), Charles Fillmore desenvolve uma teoria de **semântica lexical e explicação do texto**, atenta aos processos psicológicos de compreensão dos enunciados, considerando no significado de uma palavra, o seu uso, os contextos de emprego e os protótipos cognitivos que organizam a experiência e o conhecimento do mundo.

Assim, numa análise situada entre a gramática, o léxico e a pragmática, o autor esclarece esses conceitos, as suas inter-relações e a sua utilidade na análise textual, no artigo «Scenes-and-frames semantics»⁴.

¹ FILLMORE, C. J., *The case for case reopened*, 1977 cit. in PEREIRO, Maria del Carmen Cabeza, *Op. Cit.*, 1994, p. 132 - 134

² FILLMORE, C. J., «Scenes-and-frames semantics» in ZAMPOLLI, Antonio (ed.), *Linguistic Structures Processing*, Amsterdam, North-Holland Company, 1977, pp. 55 - 81

³ FILLMORE, C. J., *Schemata and Prototypes*, 1977, cit. in PEREIRO, Maria del Carmen Cabeza, *Op. Cit.*, 1994, p. 130 - 131

⁴ FILLMORE, C. J., *Op. Cit.*, 1977

2.2.2.1. Noção de «frame» e «cena»

Tendo equacionado, na sua proposta de gramática (de casos)¹, os «case frame» em ligação com uma determinada palavra predicativa, como imposição de uma estrutura sobre um acontecimento (ou sobre a conceptualização de um acontecimento) numa forma fixa e numa dada perspectiva (pressupondo um entendimento completo e ajustado da natureza da transacção ou actividade e determinando uma perspectiva particular ancorada sobre as diferentes entidades envolvidas), o estudioso nota que:

«I have not, in fact, given up on case grammar; but I think I need to become clearer about the difference between perspectival or orientational frames that the system of cases allows, and the frameworks of roles and categories in terms of which it is possible to describe the vast range of actions and scenes and experiences that human beings are familiar with).»²

Pelo que, no estudo citado, estabelece a noção de «frame» «for referring to any system of linguistic choices (the easiest cases being collections of words, but also including choices of grammatical rules or grammatical categories - that can get associated with prototypical instances of **scenes**.», utilizando esta última palavra «to include not only visual scenes but familiar kinds of interpersonal transactions, standard scenarios, familiar layouts, institutional structures, enactive experiences, body image; and, in general, any kind of coherent segment, large or small, of human beliefs, actions, experiences, or imaginings.»³

¹ FILLMORE, C. J., *Op. Cit.*, 1968

² FILLMORE, C. J., *Op. Cit.* , 1977, pp. 60 - 61

³ FILLMORE, C. J., *Op. Cit.*, 1977, p. 65

Todo o **processo de comunicação** envolve a activação, num falante (internamente) e entre os falantes, de «linguistic frames» e cenas cognitivas.

Os seres humanos aprendem as **associações** entre uns e outras (o que pressupõe uma activação mútua), além das ligações entre «frames» (em virtude do material linguístico partilhado) e entre cenas (pela igualdade ou semelhança das entidades, relações, substâncias ou contextos de ocorrência). Estas podem ser mais ou menos simples ou complexas e os «frames», que lhe são relativos, sê-lo-ão correspondentemente .

2.2.2.2. Explicação do texto

Desta forma, um texto é coerente na medida em que cada uma das suas sucessivas partes contribuir para a construção de uma única cena (eventualmente bastante complexa). Segundo o autor, «Successful text analysis has got to provide an understanding of the development on the part of the interpreter of an image or scene or picture of the world that gets created and filled out between the beginning and the end of the text- interpretation experience.»¹

Neste processo de compreensão do texto e correspondente criação mental de um mundo, as propriedades deste dependem de alguma forma das **experiências individuais** do intérprete (o que contribui para cada um construir diferentes interpretações do mesmo texto).

¹ FILLMORE, C. J., *Op. Cit.*, 1977, p. 61

Por isso, à **análise do texto** interessa dar conta que a primeira parte do texto activa uma imagem (ou cena) de uma situação, na mente do intérprete, e que os segmentos seguintes fornecem mais informação sobre a situação, apresentam a história, a motivação, relacionam-na com outras situações (ou cenas).

Assim, uma descrição da experiência de **interpretação**, no seu desenvolvimento temporal, verifica o fornecimento de detalhes, a criação de expectativas, depois preenchidas, canceladas ou sustentadas, vivências como surpresa, suspense, desapontamento, etc...

Todavia, o autor reconhece que «Textual coherence cannot be determined on the basis of single sentences and the scenes activated by the frames triggered by their lexical and grammatical content.»¹, uma vez que, mesmo na conversação, cada participante realiza uma **activação prévia** de cenas relativas ao outro interveniente.

Por tudo isto, a semântica não pode ignorar o exame dos usos da linguagem em contexto. É que, segundo esta teoria, quando se ouve uma palavra activa-se na memória uma das cenas em que se sabe como usar a palavra, assim como o resto do «frame» que contém a palavra para essa cena. Noutros casos, para perceber uma palavra é necessário compreender a sua história.

Este facto de as escolhas linguísticas do falante activarem cenas do repertório do intérprete e da continuação do processamento dos dados linguísticos ligarem as cenas originais a outras confere um papel importante às **cenas prototípicas** neste processo cujas associações dependem não só da informação explicitamente codificada pelo

¹ FILLMORE, C. J., *Op. Cit.*, 1977, p. 65

sinal linguístico, mas também dos conhecimentos, experiências e memórias do intérprete activados por esse material.

Assim, sobre as cenas relativas às **vivências psíquicas**, sublinhando a maior complexidade daquelas que contêm uma história, o autor escreve «In order for us to have an understanding of these words, we have to have experienced such feelings as wanting, expecting, etc, and we also have to understand the characteristic historical features of the associated scenes.»¹ Quanto a cenas de natureza interaccional, envolvem percepções da realidade social das condições dessa conversação, como o sexo, a idade, o estrato social, os papéis institucionais dos participantes, o distanciamento ou a proximidade da interacção, o peso dos actos de discurso na contribuição individual, etc,...

Por último, na obra citada, o autor considera a existência ou não de **sinonímia**, partindo do princípio da conexão inextrincável entre «lexical frames» e «cenas». De facto, há cenas indistinguíveis para as quais o «frame» associado oferece opções lexicais. Quanto ao ponto de vista da **não sinonímia**, relaciona-se com a tendência de «frames» diferenciados corresponderem a cenas distintas.

Para sintetizar os dados desta teoria, citamos o seguinte parágrafo, extraído do último artigo considerado:

«I have been saying that we need for semantic theory some notion of scenes; that scenes can be partly described in terms of the linguistic frames with which they are associated; and that scenes and frames, in addition to being cognitively linked with each other, are

¹ FILLMORE, C. J., *Op. Cit.*, 1977, p. 74

likewise linked with other scenes and other frames, in such a way that, in their totality, they characterize the perceived and imagined world and whole framework of linguistic categories for talking about imaginable worlds.»¹



¹ FILLMORE, C. J., *Op.Cit.*, 1977, p. 72

3. INVENTÁRIO DE VERBOS PSICOLÓGICOS DE AFECTO

Uma vez que a totalidade de cenas e «frames» caracterizam o mundo percebido e imaginado, recorreremos previamente à definição e ao léxico do afecto fixados pelos estudos de psicologia¹, para elaborarmos uma listagem dos verbos psicológicos de afecto.

No artigo citado de Clore e Ortony², à noção de um estado psicológico (como uma experiência interna e mental de curta duração) de natureza afectiva, com uma inerente dimensão emotiva, que implica uma valorização positiva e pode variar em intensidade, corresponde uma inventariação de termos que inclui, entre muitos outros, «adore», «in-love», «love», «lovesick», «pleased», «touched (psychological)» e «yearning». Por seu turno, nas condições de focalização mista presentes no mesmo inventário, encontramos «desire», «hope», «want», «wonder», «worried», para as Condições Afectivo-cognitivas, enquanto, relativamente às Afectivo-comportamentais, «passionate»³.

Baseando-nos na definição evocada e nos nossos conhecimentos e intuições de falantes do Português, elaborámos uma lista prévia, reunindo os verbos *amar, adorar, agradar, apaixonar(-se), apreciar, aprazer, considerar, dedicar(-se) a, encantar, estimar, idolatrar, gostar de, querer (bem/ muito) a, venerar, ...*

¹ Confrontar o ponto 0.

² CLORE, G. L. e ORTONY, A., *Op. Cit.*, 1988

³ Ver o anexo ao ponto 0 (CLORE, G. L. e ORTONY, A., *Op. Cit.*, 1988, pp. 395 - 397).

Para lá do seu carácter necessariamente incompleto, a insinuação de múltiplas problemáticas (relativas a variadas estruturas sintácticas e semânticas, à referência de distintos graus e tipos de afectos, à correspondência com registos de língua e textos de natureza diversa) impôs a necessidade de consulta de estudos dedicados especificamente a este tipo de verbos.

3.1. Dados da bibliografia linguística especializada

Assim, partimos da consulta de *Syntaxe des Verbes Psychologiques du Portugais*¹, onde Maria Elisa Oliveira procede a uma listagem bastante exaustiva destes verbos, apresentando quadros com a respectiva construção sintáctica².

Esse inventário constitui uma amostragem com uma riqueza lexical e semântica, que permite equacionar questões particularmente pertinentes para este tipo de verbos, como a importância relativa e a frequência do emprego de cada acepção ou o valor da metáfora.

Os múltiplos lexemas seleccionados não se limitam a referir os estados meramente afectivos, embora denotem estados psicológicos próximos e situações relacionáveis com o afecto, possibilitando a identificação daquilo que classificamos como cenas, variadas e autónomas - a admiração (*admirar, assombrar, deslumbrar, maravilhar,...*), o prazer (*deleitar, deliciar, derreter, regalar, ...*) a afectação emocional (*arrebatar, emocionar, empolgar, entusiasmar, extasiar, impressionar,*

¹ OLIVEIRA, Maria Elisa de Macedo, *Syntaxe des Verbes Psychologiques du Portugais*, tese de doutoramento, Lisboa, I.N.I.C., 1984

² OLIVEIRA, Maria Elisa de Macedo, *Op. Cit.*, 1984, pp. 159 -194

sugestionar,...), a sedução (*atrair, cativar, enlear, enredar, enrolar,...*), a relação instituída (*casar, namorar*),...¹

Além disso, haveria que distinguir os verbos que apresentam uma única acepção de sentido psicológico (como *apaixonar, enamorar,...*) e aqueles que, contendo várias acepções, detêm uma (ou mais) de sentido psicológico (como *derreter, inflamar, magnetizar, ...*).

Estes últimos remetem-nos para a classificação das acepções em ‘sentido próprio’ ou ‘figurado’ (neste caso, físico ou psicológico), assim destacando a frequência da metáfora (evidente em verbos como *marcar, prender, tocar,...*)

Num estudo da sintaxe de verbos psicológicos, Nicolas Ruwet dá conta deste valor metafórico na distinção entre duas classes de verbos: A, que exprime uma acção física, logo, com um sujeito agente e cujo sujeito e agente são seres concretos; B, que corresponde a um verbo estativo, exprimindo um processo psicológico, mental, com um sujeito não restrito e um objecto humano. Em ambas, se descreve um processo de que o sujeito designa a causa e que afecta o ser ou objecto representado pelo nome (objecto). O autor relaciona os verbos de tipo B com um estilo mais familiar e nota que a etimologia verifica que muitos lexemas, que actualmente pertencem em exclusivo ao tipo B, se incluíam na classe do tipo A. Considera-os palavras homónimas que devem constituir diferentes entradas no dicionário².

Todavia, a inventariação de Elisa Oliveira possui uma limitação decorrente da definição de verbo psicológico, que considera somente os que realizam a estrutura No

¹ É mesmo possível delinear uma cena de desequilíbrio emotivo, baseada num «frame» constituído por *endoidecer, enlouquecer, estontear, inquietar, transtornar, tresloucar, tresvariar* (a partir de OLIVEIRA, Maria Elisa de Macedo, *Op. Cit.*, 1984, pp. 159 - 194).

² RUWET, N., *Op. Cit.*, pp. 225 - 251.

(sujeito, não restrito, desencadeador de) V (um sentimento) N1 (objecto, ser humano sede de um processo psicológico)¹.

Com efeito, na teoria de Halliday, a representação linguística dos processos mentais (e respectivos participantes e circunstâncias) realiza-se através de frases transitivas, que contêm obrigatoriamente um participante dotado de consciência, caracterizado pelo traço [+ humano], enquanto o outro (facultativo), tanto pode referir um fenómeno (objecto fisico ou estado de coisas) , como um metafenómeno (representações abstractas, como as linguísticas).

Contudo, o mesmo autor refere, como característica própria deste tipo de verbos, a configuração de uma representação bidireccional, em que diferentes lexemas permitem a reversibilidade de localização desses participantes na estrutura da frase².

De facto, já Maria Amália Mendes, em *Análise Sintáctica dos Verbos Psicológicos do Português*³ identifica dez estruturas frásicas (sintáctico-semânticas) próprias dos verbos que reuniu, tendo em conta o papel temático de experienciador e limitando-se aos predicados de emoção⁴. Estuda também a ambiguidade entre sentido próprio e metafórico e observa os vários processos de 'passagem de um emprego a outro, para concluir que «A compreensão do emprego figurado passa assim por fenómenos sintácticos, para além de questões semânticas e pragmáticas.»⁵.

¹ OLIVEIRA, Maria Elisa de Macedo, *Op. Cit.*, 1984, pp. 13 - 14, na sequência de Gross (GROSS, Maurice, *Méthodes en Syntaxe-régime des Constructions Complétives*, Paris, Hermann, 1975).

² Confronte-se o ponto 1.4. deste trabalho.

³ MENDES, Maria Amália Pereira, *Análise Sintáctica dos Verbos Psicológicos do Português*, tese de mestrado, Lisboa, 1994

⁴ MENDES, Maria Amália Pereira, *Op. Cit.*, 1994, p. 12

⁵ MENDES, Maria Amália Pereira, *Op. Cit.*, 1994, pp. 23

Da sua perspetivação resulta um inventário que completa o anterior, incluindo lexemas como *agradar, amar, apegar-se, aprazer, apreciar, afeiçoar-se, gostar de, importar-se, prender-se a,...*

Baseando-se num «corpus» constituído por textos escritos de natureza variada, Rafael Cano Aguilar, em *Estructuras Sintácticas Transitivas do Español Actual*¹ (estudo sintáctico e semântico, de mais de quatrocentos e cinquenta verbos espanhóis divididos em onze grupos, segundo os caracteres comuns mais relevantes da sua significação) trata, dentro do ponto «11. Verbos de voluntad, emoción o sentimiento», em 11.1, «los verbos que designam afecto o sentimiento do sujeto hacia alguien o algo»² - *amar, odiar, temer, querer* (com objecto directo [+ humano]), *estimar, despreciar, desdeñar, apreciar,...*

Estudando um «corpus» constituído por obras literárias, Belinda Maia, em *A Contribution to the Study of the Language of Emotion*³, estabelece conjuntos de lexemas (a partir dos tipos de emoções reconhecidos pela psicologia cognitiva) e, em «4.6.1.1. The lexicon of Liking», classificando-os numa escala de emoção de 1 a 3, distribui os verbos, com o registo da sua frequência de emprego, da seguinte forma: no grupo 1, *gostar de* (23%), *preferir* (5,4%); no grupo 2, *acarinhar* (0,2%), *amar* (31,6%), *enamorar* (0,4%), *enternecer* (9,1%), *querer* (1,4%); no grupo 3, *adorar* (4,4%), *apaixonar* (2,1%)⁴.

¹ AGUILAR, Rafael Cano, *Op. Cit.*, 1981

² AGUILAR, Rafael Cano, *Op. Cit.*, 1981, p.11

³ MAIA, Belinda Mary Harper Sousa, *A Contribution to the Study of the Language of Emotion in English and Portuguese*, tese de doutoramento, Porto, 1994

⁴ MAIA, Belinda Mary Harper Sousa, *Op. Cit.*, 1994, p. 332.

3.2. Ocorrências no «corpus» seleccionado

Pretendendo uma abordagem sistemática dos verbos psicológicos de afecto mais usados do Português actual, socorremo-nos de textos jornalísticos divulgados recentemente, para delimitar um «corpus» representativo¹.

As crónicas constitutivas do «corpus» A contêm utilizações dos lexemas que enumeramos, por ordem decrescente de frequência: *amar* (28 vezes), *apaixonar-se* (5), *gostar de* (4), *enamorar-se* (1) (e *querer* (7)).

A análise do «corpus» B testemunha actualizações dos verbos *gostar de* (39 vezes), *querer* (19), *amar* (9), *apaixonar* (4), *preocupar* (3), *respeitar* (3), *adorar* (2), *importar-se* (2), *admirar* (1), *apanhar* (1), *interessar* (1), *preferir* (1).

A exiguidade da ocorrência da maior parte destes verbos, agravada por muitos deles não estarem usados na sua acepção «afectiva» (como *considerar*, *importar-se* e *querer*), induziu-nos a restringir o campo deste estudo.

Efectivamente, no que diz respeito ao último verbo referido, o «corpus» atesta, para lá do elevado número de realizações (25), que, por um lado, expressões feitas com um valor significativo afectivo - *querer bem/ muito a alguém* - se encontram em desuso, e que, por outro, numa das suas utilizações, é comutável com o verbo *gostar de* (veja-se o «cartoon» 121), quando este exprime a volição. Por tudo isto, o considerámos (até aqui) e entendemos que merece um estudo particular (que abarcasse lexemas como *desejar*, *esperar*, *pretender*,...), até por instituir a referência a um processo

¹ Naturalmente que um «corpus» desta natureza e dimensão é falível e relativo. Sobretudo pelas dificuldades materiais e inerentes à sua temática, pareceu-nos razoável e adequado para um trabalho deste carácter.

psicológico de natureza mais específica, com uma dimensão cognitiva (como é notório na classificação do léxico do afecto que consideramos).

Também a utilização do verbo *apaixonar* revela peculiaridades que determinam a sua exclusão deste estudo. De facto, atentando em três realizações no «corpus» A (B(2) e H(3) do Texto A) e todas as do B («cartoons» 8, 15, 26), identificamos a frequência do emprego do Particípio Passado sem configuração da passiva de estado. Estas ocorrências textuais expressam estado, mas não resultante de uma acção (que o verbo exprime quando integra uma estrutura transitiva), antes como uma característica relativamente à qual o sujeito da oração se apresenta como diferente em relação a uma situação anterior ou posterior ao momento da enunciação. Este valor textual confirma o seu carácter de adjectivo, postulado por Margarita Porroche Ballesteros:

«A nuestro juicio, el participio (...) puede funcionar con valor verbal o con valor de adjectivo.(...) Con *estar*, el participio puede expresar el estado como una característica que en un determinado espacio temporal presenta el sujeto de la oración (p. ej. *ella está enfadada*) o el estado como resultado del fin de una acción o un proceso (p. ej., *la carta está escrita*, después de haberla escrito). E el primer caso, el participio funciona como adjectivo; en el segundo, tiene un valor verbal, y forma parte de lo que algunos autores denominan la passiva de resultado.»¹

¹ BALLESTEROS, Margarita Porroche, *Ser, Estar y Verbos de Cambio*, Madrid, Arco/ Libros, S.A., 1988, p. 58 A autora continua tal perspectivação, incluindo a maior parte destes participios, pelo seu conteúdo semântico - a referência a um estado-, na abordagem dos adjectivos que se constroem exclusivamente com *estar*.

De resto, o «corpus» prova a dimensão adjectival deste emprego do participio passado, por apresentar a alternância entre *estar/ ser apaixonado* (no «cartoon» 15) correspondente à expressão de estado versus qualidade. Também as ocorrências de *apanhar, interessar e preferir* («cartoons» 32, 84 e 105, respectivamente) configuram esse carácter¹.

Consequentemente, são os dois verbos que registam maior frequência de utilização, em termos absolutos, - *gostar de* (43 vezes) e *amar* (37) - e valores relativos bastante distintos no «corpus» A e B (sendo o primeiro mais usado em B e o último, em A) que constituem, no seu funcionamento sintáctico, semântico e textual, o objecto de estudo desta dissertação.

A etimologia do lexema mais usado - «gusto,as,are,avi,atum», consiste num verbo latino que significava *provar, saborear, tomar uma pequena refeição*². Esta consideração confirma o fenómeno diacrónico, já apontado, de passagem de um sentido concreto (físico) para um valor significativo figurado, psicológico, num processo metafórico frequente neste tipo de verbos.

Para *amar*, os dicionários etimológicos apresentam o étimo «amo,as,are,avi,atum», dando conta dos múltiplos sentidos e utilizações do lexema: *fazer amor, estar apaixonado, sentir amor ou amizade* (por deuses, pessoas e coisas); sendo usado em fórmulas de delicadeza, com um sentido enfraquecido ou, pelo contrário, consistindo num «Mot expressif et affectif, particulièrement usité dans la langue familière et

¹ Sobre este valor significativo, consulte-se a p. 64 da mesma obra (BALLESTEROS, M.P., *Op. Cit.*, 1988).

² ERNOUT, A. e MEILLET, A., *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*, 4ª ed., Paris, Klincksieck, 1967

parlée qui s'emploie, entre autres, comme synonyme des verbes de sens plus abstrait
laudo, probo, gratus sum.»¹

Assim sendo, enquanto, na origem, o primeiro se restringia a um sentido material e activo, o último recobria, além de uma acepção dessa natureza, um significado psicológico muito lato, integrando ainda fórmulas linguísticas correntes com valores pragmáticos vários (como pedido, juramento e agradecimento).

¹ ERNOUT, A. e MEILLET, A., *Op. Cit.*, 1967, p. 29

4. ESTRUTURAS FRÁSICAS

Os dois verbos de afecto utilizados com mais frequência foram já referidos, nesta dissertação, a propósito da transitividade¹.

Primeiro *amar*, para pôr em causa a interpretação sintáctica (e a semântica pressuposta) da transitividade, própria da gramática tradicional, já que, se esse verbo configura o esquema Sujeito-Verbo-Objecto, não realiza o modelo nocional Agente-Acção-Objecto.

Depois, os verbos ingleses «like» e «please» (que traduzimos por *gostar de* e *agradar*), na abordagem da teoria de Fillmore, que apresenta frases, em que ocorrem, como exemplificativas da necessidade de privilegiar uma perspetivação semântica dos factos linguísticos observáveis (opondo-se à visão sintáctica da gramática generativa).

Em consonância, apesar de *amar* ser o segundo verbo de afecto mais frequente, segundo o nosso «corpus», procedemos previamente à sua consideração, mesmo antes do tratamento de *gostar de*.

4.1. Do verbo *amar*

No «corpus», encontramos, nas frases com o verbo *amar*, as seguintes construções sintácticas: Sujeito e CD; Sujeito e Sprep.

¹ Ver ponto 1. deste trabalho.

É visível que a estrutura frásica mais frequente é a proposta por Halliday como própria da representação linguística dos processos mentais, que apresenta obrigatoriamente dois participantes - um dotado de consciência, quem sente; outro, que consiste num fenómeno ou metafenómeno. Mas, no «corpus», o participante-sujeito corresponde sempre a um ser humano e o segundo, o CD, é sempre igualmente outro(s) ser(es) humano(s), portanto um fenómeno, nunca um metafenómeno.

Uma vez que essa estrutura configura o esquema sintáctico transitivo, verificamos a graduação da transitividade nas realizações do «corpus», confrontando-as com o esquema proposto em 1.4.1. Concluimos que:

- o verbo se caracteriza pela ausência da acção e intencionalidade (à excepção do «cartoon» 6), como de direcionalidade;
- em consonância, o agente é [- activo] e [- intencional], mas, enquanto ser humano, capaz de acção;
- o objecto, em geral, apresenta-se como não afectado, mas bem individuado (mesmo quando o verbo é utilizado no modo infinitivo, há casos de realização do objecto, como acontece no texto B, em P(5) e Q(2);
- o número de complementos varia entre dois ou um (sendo que, nas suas ocorrências textuais, ao contrário do que prevê a teoria funcionalista, é tão usual a omissão do primeiro participante como do segundo¹).

Portanto, em termos gerais, as frases cujo núcleo consiste no verbo *amar* revestem-se de um baixo grau de transitividade.

¹ Este facto é natural numa língua como a portuguesa, em que, muitas vezes, o sujeito não se realiza, sendo facilmente identificado pela morfologia do verbo.

Todavia, essas realizações contêm os traços fundamentais do fenómeno propostos por Mário Vilela. Com efeito, o lexema verbal alberga um sema de incompletude (já que o processo afectivo denotado pressupõe dois participantes - quem sente o afecto e o seu objecto) e admite a passivização, valor correlativo da transitividade (atestada por três realizações do «corpus», no «cartoon» 20 e em C(1) e D(3) do Texto A). Isto apesar de os pressupostos gerais deste facto linguístico, que o autor expõe, fazerem depender tal transformação de um grau elevado de transitividade, do carácter mais activo do denotado do sujeito, da individuação e prototipicidade do C.D.

Este facto é tanto mais atípico, quanto esses exemplos de construções passivas do «corpus» dizem respeito à acepção não activa do verbo, quando é perfeitamente sistemática essa possibilidade com a acepção activa (mais rara no «corpus», mas com uma estrutura sintáctico-semântica semelhante).

Efectivamente, o «corpus» confirma a proposta de Mário Vilela para os verbos psicológicos que prevêem o esquema Sujeito e Complemento Directo, em que o primeiro configura um Agente e o último, um Paciente (o percepcionador e a coisa percepcionada, quando considera os verbos de percepção física). Como é visível esta noção de Agente distancia-se da definida por Fillmore conforme transcrevemos: «Agentivo (A), o caso do instigador da acção identificado pelo verbo, instigador esse percebido tipicamente como ser animado»¹. De resto, o próprio Fillmore, em «The case for case», refere que, quer «please» e «interesting», quer «like», «want» e «think» se inserem no esquema [- O + D], os primeiros seleccionando O como sujeito e os últimos D², sendo o «Objectivo (O), o caso semanticamente mais neutro, aquele em

¹ FILLMORE, C.J., *Op. Cit.*, 1968, p. 299

² FILLMORE, C.J., *Op. Cit.*, 1968, p. 315

que qualquer coisa representada por um substantivo cujo papel na acção ou estado identificado pelo verbo é identificado pela interpretação semântica do próprio verbo: presumivelmente, o conceito deveria ser limitado a coisas que fossem afetadas pela acção ou estado identificados pelo verbo»¹ e o «Dativo(D), o caso do ser animado afetado pelo estado ou acção identificados pelo verbo.»²

Sobre estas categorias, estudos mais recentes defendem o seu carácter não discreto, definindo conjuntos de traços que configuram um protótipo³. Contudo, para o estudo que vimos realizando, as categorias propostas por Halliday - «Senser», «Phenomenon» e «Metaphenomena»⁴-, facilmente traduzíveis por Experienciador, Fenómeno e Metafenómeno, revelam-se adequadas e rentáveis.

Relativamente à acepção activa do verbo, apresenta a caracterização semântica típica das construções mais transitivas, em que o sujeito corresponde a um Agente (ser humano, [+ activo]) e o C.D. a um Paciente (ser humano, afectado), representando, não um processo mental, mas aquilo que Halliday classifica como processo material⁵.

Ainda para o mesmo verbo, o «corpus» documenta uma realização sintáctica não considerada por Mário Vilela - Suj. V. Sprep. -, mas perfeitamente enquadrada no esquema semântico acima delineado para a acepção psicológica do verbo. Contudo, na *Gramática de Valências*, é registada como possibilidade do A2 dos verbos de

¹ FILLMORE, C.J., *Op. Cit.*, 1968, p. 300

² FILLMORE, C.J., *Op. Cit.*, 1968, p. 300

³ DOWTY, D. «Thematic proto-roles and argument selection» in *Language*, 67 /3, 1991, pp. 547 - 619

⁴ Ver ponto 1.3 deste trabalho.

⁵ Aliás, no «cartoon» 6, onde se verifica o emprego do verbo *amar* com este valor significativo, dá-se a sua substituição por *fazer*, que Halliday estabelece para uma interrogação comprovativa da referência de um processo dessa natureza (HALLIDAY, M.A. K., *Op. Cit.*, 1985, p. 104).

sentimento e a sua ocorrência obrigatória na expressão *amar a Deus*¹. O «corpus» atesta a raridade desta construção sintáctica (uma em trinta e sete) como específica de uma estrutura semântica em que o segundo participante é, não apenas um ser humano, mas pode consistir numa entidade divina². Daí a opção por este esquema sintáctico por parte do falante representado no «cartoon» 6, ao pretender desambiguar uma utilização do verbo *amar* na sua dimensão mental que o ouvinte interpretara com o valor significativo físico.

4.2. Do verbo *gostar de*

Na abordagem do verbo *gostar de*, deparamos com uma problemática idêntica, uma vez que este verbo, podendo receber uma caracterização semântica semelhante à do verbo psicológico *amar*, apresenta uma estrutura sintáctica particular, inclusiva de preposição (*de*).

Contudo, Cano Aguilar estuda estas construções num capítulo intitulado «Transitividad de régimen preposicional», porquanto, apesar dos entraves de ordem formal - a presença da preposição, a impossibilidade de pronominalização e de passivização -, «la relación significativa entre verbo y complemento en estas frases parece idéntica a la existente entre los verbos transitivos y sus objetos directos.»³

¹ Já que, no artigo referenciado, o autor estuda a estrutura frásica em que ocorre o CD em sentido estrito (Confrontar ponto 1.5. deste trabalho). Veja-se também VILELA, M., *Op. Cit.*, 1992, p. 36 (nota de rodapé 2.).

² A este propósito, Belinda Maia nota que «the verb *amar* is strictly reserved for God and, on serious occasions only, for the people nearest to you» (MAIA, B., *Op. Cit.*, 1994, p. 330).

³ AGUILAR, R. C., *Op. Cit.*, 1981, p. 359

Estabelecendo como critério básico para a classificação dessas frases como transitivas que a preposição não possua qualquer significado próprio, o mesmo autor remete a distinção entre transitividade directa e preposicional para um plano meramente morfológico¹.

Efectivamente, se compararmos as realizações frásicas do «corpus» com a escala de transitividade graduável, obtemos uma caracterização próxima da do verbo *amar*, possibilitando classificar as realizações frásicas de *gostar de* como igualmente detentoras de uma transitividade fraca. O único traço divergente diz respeito à individuação do objecto que, sendo, na maior parte das ocorrências, bem individuado, apresenta casos (sete, nos «cartoons» 24, 53, 65, 73, 110, 121, 127) em que é configurado por frase - infinitiva ou não - e, logo, é não individuado.

De igual forma, o significado incompleto do lexema verbal, determinando a existência de dois complementos, prefigura os traços essenciais da transitividade. A fractura verifica-se na impossibilidade de conversão passiva que, de resto, neste caso, confirma naturalmente os pressupostos gerais enumerados por Mário Vilela que assentam na necessidade de um elevado grau de transitividade da frase, da presença de actividade do sujeito, de de uma razoável individuação do objecto e do carácter prototípico do complemento (directo), para permitir tal transformação.

Contudo, quase metade das realizações do «corpus» (vinte e uma em quarenta e três²) prevêem o esquema casual privilegiado por *amar* - um Agente e um Paciente

¹ Para um estudo mais completo desta problemática, veja-se AGUILAR, R. C., *Op. Cit.*, 1981 e GARCIA-MIGUEL, José Maria, *Op. Cit.*, 1995.

² Quer nos «cartoons» 1, 3, 20, 22, 38, 61, 70 e 142, quer nos parágrafos B(4) e H(3) do Texto A).

[+ humano], o Experienciador e o Fenómeno de Halliday. A propósito deste facto, podemos citar Cano Aguilar, quando evoca a teorização da semântica generativa, particularmente de Fillmore, «para decir que transitividad ‘directa’ y ‘preposicional’ son dos formas ‘superficiales’ de manifestar una misma relación semántica, o funcional, básica, dependiendo la forma concreta de las peculiaridades de cada verbo.»¹

Relativamente às especificidades de *gostar de*, o «corpus» testemunha factos sintácticos como dados semânticos. Assim, verifica, ainda dentro do mesmo esquema sintáctico, uma variação na natureza do segundo participante, não somente um ser humano, mas também uma coisa concreta (como nos «cartoons» 3 e 120 e no texto B, em A(3)). Todavia, para lá destas entidades, fenómenos, este participante consiste frequentemente (nas ocorrências já citadas) em metafenómenos, realizados sintacticamente pelas estruturas Suj. V. + prep.+ F. infin. (seis vezes: nos «cartoons» 24, 53, 65, 73, 110 e 127) e Suj. - V. - F. compl.² (uma vez: no 121), que podemos aproximar dos tipos de proposição inventariados por Mário Vilela para o C.D. Como prevê, estas duas construções específicas dos verbos «*sentiendi*» são alternativas, ocorrendo a infinitiva quando o sujeito da oração subordinante e subordinada é o mesmo³.

¹ AGUILAR, R. C., *Op. Cit.*, 1981, p. 365

² Neste segundo modelo, dá-se até a omissão da preposição (confirmativa da sua perda de significado).

³ Ver ponto 1.5.1. deste trabalho. Também Aguilar, no capítulo «Verbos de voluntad, emoción o sentimiento», afirma: «Todos los verbos que llevamos viendo pueden construir-se con infinitivos u oraciones; y no sólo pueden, sino que es un entorno sintáctico muy frecuente en ellos (...) se construyen con infinitivo siempre que haya identidad de sujetos, y con oraciones (con el verbo subordinado en subjuntivo) si no se da, y solo se no se da, esa identidad de sujetos.» (AGUILAR, R. C., *Op. Cit.*, 1991, p. 201)

Há ainda duas realizações do «corpus» semelhantes a uma das estruturas identificadas pelo autor como complemento necessário de verbos psicológicos volitivos - o predicativo estrito -, nas frases, *Os homens gostam de mulheres confiantes!* e *Os homens não gostam de mulheres arrogantes e convencidas!!* («cartoon» 59). Essa construção é referida, do mesmo modo, por Cano Aguilar: «Con estos verbos es también frecuente que el objeto directo vaya modificado por un predicado: *quiero el vino un poco más frío, deseo un país más equilibrado, te esperaba más animado*. Sin embargo, esta construcción la admiten fundamentalmente los verbos de ‘voluntad’ y *esperar*; en cambio no la admiten los que indican un sentimiento o afecto: **te amaría mas sincera, *lo temíamos más salvaje.*»¹

Assim, se as estruturas sintáticas completiva e predicativa permitem estabelecer algumas similaridades entre o C.D. dos verbos psicológicos e o complemento preposicional do verbo *gostar de*, a última observação de Aguilar, de acordo com Mário Vilela, delimita uma aceção deste verbo, também psicológica, mas volitiva (donde, segundo o léxico do afecto que reproduzimos, tão afectiva quanto cognitiva). Este valor significativo é confirmado pelo «cartoon» 121 onde ocorrem as frases *Ele gostava que eu fosse uma mulher à antiga em paralelo com Dantes, no início, ela queria que eu fosse um namorado à antiga*. Em relação com estas frases e esta aceção, encontra-se o emprego do Imperfeito do Indicativo, também presente no «cartoon» 24.

Tendo em conta estes complementos frásicos (infinitivos ou não), Belinda Maia, referindo *gostar de*, especula sobre a possibilidade de considerar os verbos de emoção

¹ AGUILAR, R. C. , *Op. Cit.*, 1991, p. 203

quasi-modais, já que exprimem a situação do sujeito - uma espécie de volição - relativamente a emoções, percepções e acções. Crê, por isso, que alguns destes verbos devem ser estudados separadamente dos outros¹.

Além disso, ainda relativamente às construções infinitivas, o último autor citado observa que, por seu turno, «Solo *amar* parece rechazar esta construcción, aunque pueda aparecer con sustantivos que indican hecho o acontecimiento: *amo el canto de los pájaros/ * amo cantar, *amo que los pájaros canten.*»² Todavia, o nosso «corpus» não contém realizações como estas, registando-as, em contrapartida, com *gostar de*, em que o Infinitivo denota uma actividade que é objecto de afecto (nos «cartoons» 53, 65, 73, 110 e 127).

4.3. Conclusões

A variedade de estruturas sintácticas e especificidades semânticas da representação linguística do segundo participante do processo psicológico afectivo referido pelo verbo *gostar de* indiciam uma vez mais a raridade da omissão textual do Fenómeno no «corpus», ao contrário do que Halliday postula. Como relativamente a *amar* e provavelmente pelos mesmos motivos, é mais frequente a não realização do sujeito que designa o primeiro participante. Talvez também por este, com uma restrição de selecção muito forte (sempre [+ humano]), ser facilmente recuperável na envolvente textual.

¹ MAIA, B., *Op. Cit.*, 1994, p. 338

² AGUILAR, R. C., *Op. Cit.*, 1991, p. 201

Ainda relativamente ao verbo *gostar de*, notamos a frequência do concurso de advérbios de quantidade ou intensidade (nos «cartoons» 3, 19 e 65) e outras expressões de modalização (*mesmo* - B(4) do Texto A; *da mesma forma* - «cartoon» 38; *verdadeiramente*, no 70), a caracterizar a intensidade do processo psicológico denotado, em confronto com *amar*, só duas vezes modificado (no «cartoon» 22; em A(5) do Texto B).

Dada a maior utilização de *gostar de*, aliada à variedade da sua estruturação sintáctico-semântica (que tanto apresenta como objecto do processo afectivo diversos tipos de fenómenos, como metafenómenos) e a uma duplicidade do seu significado psicológico (ou afectivo, ou volitivo com consequências pragmáticas), essa frequente intensificação do valor significativo do lexema verbal pode decorrer de uma inerente diluição e desvalorização da sua componente afectiva¹. Sendo a actualização do verbo *amar* menos usual e praticamente sem registar variação na sua estrutura sintáctico-semântica (sempre apresentando como objectos do afecto seres humanos e Deus), a raridade da modificação do lexema é, em contrapartida, atribuível à valorização significativa da sua dimensão afectiva (igualmente com efeitos pragmáticos). Assim, o facto é explicado por uma maior ou menor necessidade, no uso destes verbos, de especificar uma componente do processo denotado - a variação de intensidade.

Além deste aspecto, os dois verbos assemelham-se pela utilização preferencial do Presente do Indicativo revelada pelo «corpus» (vinte e seis em 43, para *gostar de*; 22 em 37, quanto a *amar*), mas divergem pela distribuição das realizações em termos de

¹ Lembremos que Belinda Maia, na sua distribuição dos verbos segundo uma escala de emoção, considera *gostar de* e *amar*, em grupos diferentes (MAIA, B., *Op. Cit.*, 1994, p. 330).

peçoas gramaticais - o verbo mais frequente verifica um equilíbrio (12 na 1ª, 11 na 2ª e 14 na 3ª) quebrado por *amar* (com 14 empregos na 3ª pessoa, 8 na 1ª e 2 na 2ª)¹.

Do exposto, é possível concluir que os verbos psicológicos de afecto preferidos no uso actual da língua portuguesa, para lá de disparidades, ao nível das construções sintácticas, registam uma estrutura semântica idêntica. Se relacionarmos este facto com a seguinte afirmação de Fillmore «I thought of the case frame associated with a particular predicating word as the imposition of structure on an event (or the conceptualization of an event) in a fixed way and with a given perspective.»², deduzimos que esse esquema semântico corresponde ao privilégio de uma perspectivação pelo uso actual da língua.

Efectivamente, não verificando o «corpus» a ocorrência do verbo *agradar* ou *encantar*, configuradoras da estrutura semântica do verbo inglês «to please», a representação do afecto através do sistema de transitividade pelo português actual prefere realizar uma só das direcções apontadas por Halliday: quem experiencia - o processo mental afectivo - sobre um fenómeno ou metafenómeno.

¹ Para este funcionamento discrepante, tentamos construir uma explicação, na abordagem seguinte.

² FILLMORE, C.J., *Op. Cit.*, 1977, p. 58

5. ANÁLISE COMPARATIVA DOS TEXTOS

Na abordagem da evolução teórica de Fillmore, é notória a passagem do estudo dos esquemas casuais subjacentes à frase até ao estabelecimento das cenas cognitivas e «frames» associados verificáveis no texto.

Segundo esta última perspetivação, a análise de um texto permite identificar, além de uma cena global e do «frame» correspondente, uma sequência de cenas com ligações diferenciadas.

Limitando a consideração dos «frames» às escolhas lexicais, sobretudo as respeitantes aos verbos (dado o grande objectivo deste trabalho ser o seu tratamento dicionarístico), realizamos uma leitura dos dois textos que constituem o «corpus» A, para detectar os «frames» associados às cenas globais estabelecidas. Posteriormente, confrontamos estes dados com os fornecidos pelo «corpus» B.

5.1. Leitura do Texto A

O primeiro contacto com o texto, através do título *Amor*, apresenta uma **cena**, muito genérica e abstracta, da experiência da **afectividade humana**, que, pelo conteúdo da estrofe em epígrafe, se especifica como consistente numa vivência psicológica e interior, difícil de exteriorizar verbalmente.

A forma poética - a quadra (tradicional e popular portuguesa) - e a identificação da sua fonte - o *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende - situam essa cena num universo cultural (e social) do lirismo português palaciano¹.

5.1.1. Cena da polémica literária (portuguesa)

O parágrafo A, pela referência à versão popular e tradicional da justiça de D. Pedro sobre o carrasco de D. Inês, evoca implicitamente uma cena de amor específica, histórica - os amores de D. Pedro e D. Inês - que se liga à sugerida anteriormente, não só pela proximidade do tempo histórico, espaço e estrato social em que se situa, mas também pelo autor e obra citados encetarem o seu tratamento literário em língua portuguesa (igualmente, em redondilha, a estrutura métrica tradicional). Todavia, a cena explícita neste parágrafo é a da polémica sobre o amor, patente no drama com laivos românticos de Júlio Dantas (em que três personagens masculinas de nacionalidades distintas realizam o relato das suas vivências amorosas e onde a intervenção da portuguesa é comentada pelo enunciado citado). Motivo pelo qual, esta **cena (literária, portuguesa)**, ao quebrar a expectativa inaugurada pelo título e conteúdo da epígrafe (cena psicológica, humana), esclarece a cena sugerida na quadra, inserindo-a numa polémica literária palaciana que Óscar Lopes e António José Saraiva apresentam da seguinte forma:

¹ Segundo Óscar Lopes e António José Saraiva, «A grande maioria das composições destinava-se aos serões do paço, onde se recitava, se disputavam concursos poéticos, se ouvia música, se galanteava, se jogava, se realizavam pequenos espectáculos de alegorias ou paródias.» (LOPES, Óscar e SARAIVA, António José, *História da Literatura Portuguesa*, 14^a ed., Porto, Porto Editora, 1987, pp. 159 - 160)

«E, logo à entrada da colectânea, quem sabe mesmo se constituindo o seu ponto de partida, uma longa discussão em verso - intitulada *O Cuidar e o Suspirar* - versa este tema: Qual dos dois é o melhor amador: aquele que deixa transparecer o seu sentimento, ou aquele que sabe guardá-lo, para si?»¹

Estas ilacções que expomos confirmam a importância do papel do intérprete propugnada por Fillmore, já que «much of this linking and filling-in activity depends, not on information that gets explicitly coded in the linguistic signal, but on what the interpreter knows about the larger scenes that this material activates or creates. Such knowledge depends on experiences and memories that the interpreter associates with the scenes that the text has introduced into his consciousness.»² É nesse sentido que passamos a utilizar o termo interacção para referir o «diálogo» do autor com o intérprete.

Inserido numa cena genérica de interacção sobre o amor português contemporâneo, o parágrafo B, opera uma passagem da referência à interacção, literária, antiga, sobre o amor para a representação da interacção amorosa actual, configurando a **cena da declaração**, quer pela transcrição do «frame» - «I love you», «Je t'aime», *estar apaixonado*, *gostar mesmo de* -, quer pela referência à convenção («bom gosto», «bom senso») que impede a inclusão do verbo *amar* nesse «frame» (também por causa do aludido «embaraço»). Mas o enunciado (2), realizando esse lexema, expõe o contraste entre a cena denotada (da interacção amorosa) e a cena a que a postura de

¹ Os autores acrescentam que «Uma parte considerável do *Cancioneiro Geral* é de facto preenchida por discussões de casuística amorosa em moda nas cortes do tempo» (LOPES, Oscar e SARAIVA, António José, *Op. Cit.*, 1987, p.160).

² FILLMORE, C. *Op. Cit.*, 1977, p. 75

distanciamento crítico do autor dá continuidade, de interacção (literária e polémica) sobre o amor, que nota o paradoxo da proibição de utilizar o verbo *amar* e tolerar as «versões estrangeiras»¹.

5.1.2. «Frame» de palavras cognatas (e cenas associadas)

Os parágrafos C, D e E, realizam uma unidade de estruturação textual caracterizada por uma especificidade - a prévia apresentação de **lexemas constitutivos de um «frame»**, seguido da representação de cenas (as possíveis, segundo o sistema linguístico, e as actualizadas no seu uso) e de outros «frames» com que se relacionam. A ligação com as sequências textuais anteriores é a inserção na cena genérica da interacção sobre o amor em português contemporâneo².

Assim, em C, referida em (1) a palavra *amante*, a sua definição dicionarística e a cena do amor (antecidas pela explicação da sua não utilização nesse sentido - «O mesmo pudor» -, realizando também a articulação com o parágrafo anterior), em (2), delineiam-se cenas de interacção sobre a cena do amor do adúltero³. Contudo, a própria introdução à caracterização destas cenas é a expansão do «frame» de *amante*, de que constam lexemas igualmente carregados de sentidos pejorativos como *bisbate*,

¹ Numa perspetivação também comparativa, mas exclusivamente linguística, Belinda Maia nota que «When someone wants to declare affection on a day-to-day basis in Portuguese, s/he is more likely to use *Gosto de ti* than *Amo-te*. This is not only because the stronger lexeme might be embarrassing. In English it is possible to say, *I love him, but I don't like him*, meaning that one has a strong, probably sexual attraction for, or strong family ties with someone, while being unable to find any sensible reason for approving of their personality. Conversely, the implication of *Gosto de ti* is that you feel a strong, and well-founded affection for the person, rather different from the much more reserved *I like you*.» (MAIA, Belinda, *Op. Cit.*, 1994, pp. 330 -331)

² Comprovada pela contínua utilização do verbo *dizer* e outros, como *significar*, *chamar*,...

³ De que é exemplo o perpetrado por Pedro e Inês, possibilitando-se implicitamente uma ligação entre C e A (1).

concubinato, pouca vergonha. Essa cenas distinguem-se pelo sexo dos intervenientes e os espaços de lazer frequentados («cervejaria», «reuniões de tupperware e costura», o que indicia uma caracterização social e até cultural).

Relativamente a D, os vocábulos *amoroso*, *amada/o*, *amável* e *um amor* são colocados no início dos enunciados (à excepção do segundo antecedido significativamente por «Quem disser» e do último, naturalmente, por um conector conclusivo). Em (1), sobre *amoroso*, é negada a representação da cena do amor, evocando-se, de um modo vago, a da simpatia e amplia-se igualmente o seu «frame» com o calão de *porreiro e giríssimo*¹. (2), referente a *amada/o*, destacados pelo motivo referido, que implica a anteposição da referência à cena da interacção sobre o amor, expõe a rejeição de uma determinada denominação dos intervenientes da cena do amor romântico, pelos participantes nessa interacção (designados por uma expressão que reforça o seu carácter colectivo - «massas auditoras»). Quanto a (3), que considera *amável*, depois de recusar a referência à cena do amor, apresenta uma realização que pressupõe uma cena de interacção de carácter mais formal, marcada apenas pela amabilidade. (4) situa *amoroso* em cena(s) pouco definidas, mas necessariamente de interacção, bastante corrente, pela forma e também pelo conteúdo, (de natureza concreta e muito geral). Entre parentesis e em último lugar, donde destacado, é agora um enunciado, (5), que efectua a extensão do «frame» anterior².

¹ Uma vez mais, é interessante confrontar esta observação com a conclusão de Belinda Maia: «There are quite a few cognates in the two groups, some of them false friends. *Amorous* does not match *amoroso*, the former being Sfoc and describing a rather sexual feeling, or the consequent behavior, and the latter is more frequently used as an Pfoc adjective to describe the PHENOMENON'S attractive qualities.» (MAIA, Belinda, *Op. Cit.*, 1994, p. 333)

² Apesar de não registar exemplos no seu «corpus», Belinda maia observa que «*Querido* can be used as an Pfoc adjective/past participle to express the lovability of an object in modern conversational Portuguese,» (p. 333), mas, relativamente a *amor*, nota «Several of

É notório que (4) e (5), tal como (2), não cancelam explicitamente a implicação da **cena do amor**, o que é tanto mais significativo quando se dá conta de que as formas comentadas potencialmente designariam os seus intervenientes. Será o parágrafo seguinte, (E), a registar esse «frame» na cena interactiva da apresentação.

5.1.3. Cena interaccional pública versus cena interaccional privada

E (1) refere genericamente uma cena de interacção, caracterizando os seus interlocutores (como pertencendo à «geração eleita», em princípio, a de '60), que utilizam o termo *amigas*, «frame» preferido, relegando *namorada* («frame» preterido). Se a caracterização dos interlocutores, pelo género gramatical das designações, incluiria a pertença ao sexo masculino, isso não acontece em (2), onde se justifica tal selecção lexical pela «vergonha» (como em B e C). (3) apresenta uma **cena interactiva - a apresentação** -, a realização linguística correspondente (que realiza a opção exposta em E(1)), e a explicitação das implicações dessa selecção, acusando os seus locutores de «machismo lusitano». Esse tom de acusação agrava-se por (4), pela sua formulação, tanto poder referir o(s) «frame(s) como a(s) cena(s) do amor (e da amizade).

O início do parágrafo F sublinha o contraste entre a **cena de interacção pública sobre o amor**, descrita em C, D, E, e a **cena da interacção amorosa «em particular»**, cujo «frame» esboçado inclui, realizações linguísticas simultaneamente semelhantes à das história infantil da Condessa de Segur ou à dos romances de Joseph Conrad¹.

the exemples, particularly in the PC, are true Nominals, and are used in terms of adress.» (MAIA, Belinda, *Op. Cit.*, 1994, p. 334)

¹ Para lá da música ligeira romântica portuguesa e da anglo-americana típica dos anos '60.

A esta cena são associadas duas outras, uma, por contraste, envolvendo os participantes masculinos, outra, como comentário, com os interlocutores femininos.

De um lado, (3) aponta de modo genérico uma **cena interaccional** masculina (também sobre o amor, mas não só), antecedida pela evocação do «frame» que contém *amiga* e *drinques*, eventualmente «Guincho». Se o último vocábulo não ocorre em itálico e se o penúltimo pode parecer estranho ao «frame», servem para caracterizar socialmente os intervenientes e o espaço da cena (que assim contrasta com a delineada em C (2)). Com efeito, sobre as cenas interacionais, Fillmore escreve que

«Such scenes involve perceptions of the social realities of the setting in wich talking is being carried out: such things as the age, sex, social status, or institutional roles of the participants; the friendliness or aloofness of the interaction; the speech act force of the individual contributions to the interaction; and so on.»¹

Do outro lado, opõe-se (6), pelo sexo dos participantes e possivelmente pelas escolhas linguísticas dentro do «frame» em causa, designando o outro membro do par por *namorado* (mas também *bruto do bilhar grande* e *donzela delicodoce*).

Apenas apontamos a possibilidade, já que, neste parágrafo, é difícil identificar a reprodução do discurso, porquanto a presença crítica do autor é marcante, impondo a **cena englobante** de que é protagonista (de polémica sobre o amor, inclusive sobre a interação amorosa), cujo «frame» contempla, em relação aos homens, *pinga-amores*, *vira-casacas*, *choraminguice*, *donzelas delicodoces* e, quanto às mulheres, *sexo forte*,

¹ FILLMORE, C., *Op. Cit.*, 1977, p. 74

infelizes, estoicismo, amigas (em sentido próprio). Além deste valor do emprego do último lexema, o distanciamento do autor, relativamente ao «frame» e cena associados, é notório nas aspas utilizadas em (5), testemunhando que a cena em que se situa se opõe à representada em (3).

5.1.4. Cena do amor (português)

Ampliando a última cena referida, o parágrafo G, antepenúltimo do texto, (1) realiza uma síntese interpretativa, reiterando o conteúdo de C, D, E - a cena da interacção «em público», através da expressão «retracção épica a que os portugueses se forçam» - e de B e F - onde a cena da interacção privada é referida por «confrangedora catarse de lamechices». A partir de (2) é retomada a cena da declaração, ocorrendo aí a única realização de «Eu amo-te». A esta forma é associada uma cena do amor caracterizada pelo dinamismo, enquanto à outra alternativa dentro do «frame» - «Eu tenho uma grande paixão por ti.» -, uma cena de natureza oposta, passiva, fácil, exterior e provisória¹.

Enfim, o parágrafo conclusivo, H, recupera de A a cena da polémica sobre o amor (em) português, em confronto com outras culturas (e línguas). Na primeira frase (1), há uma referência à **cena geral do amor**, numa enumeração de lexemas do «frame» do português - *amar, gostar, amor, paixão, afecto e amante*. Em (3), o autor exprime o desejo de utilizar estas e outras palavras (*namorada, amável*), apresentando uma sequência de enunciados (relacionáveis, tanto com a cena da interacção sobre o amor,

¹ Não sendo cancelada a implicação, por contraste, do carácter difícil, interior e eterno da outra.

com a da interacção amorosa) , que ele situa em **cenias não portuguesas do amor**. Então , na última frase do texto, o autor aproxima-se do intérprete através da utilização da primeira pessoa do plural, assume-se como participante na cena do amor português cujo «frame» associado urge modificar, preferindo *amar* (a *paixão*).

Como para o final do parágrafo E, a exortação, presente nesta conclusão do texto, é ampliada por a sua formulação poder referir quer o «frame», quer a cena (do amor).

5.1.5. Cena global

A leitura exposta permite delimitar uma cena global, resultante da interpretação deste texto, com uma complexidade produzida por uma sobreposição e alguns contrastes.

Assim, a cena englobante é a da **polémica (literária) sobre o amor**, que implica necessariamente a representação da cena do amor (aqui , português), onde se verifica uma discrepância entre uma cena pública (de interacção sobre o amor) e privada (de interacção amorosa), opostas à cena do amor de outras culturas.

O carácter polémico (crítico e também satírico) parece resultar de todos estes contrastes, expostos até nos «frames» correspondentes: à primeira cena referida - *amar, eleito/a, namorada, amante* - e às nela representadas - *estar apaixonado, gostar, ter uma grande paixão*, para a cena privada, e *amiga*, na pública. Como é visível, esta fractura é mais evidente no «frame» da **designação do processo psicológico afectivo** e dos membros do par amoroso.

De resto, o texto estrutura-se, quase na totalidade, a partir dos «frames» (da família de palavras de *amor*, em confronto com o dos lexemas que o uso privilegia), o que é evidente até pela apresentação gráfica do texto, que os destaca, em itálico.

5.2. Leitura do Texto B

Na rubrica «Verbos Irregulares», o título «Amar» - verbo que é usualmente apresentado nas gramáticas como o paradigma da primeira conjugação - propõe um paradoxo e um enigma. Pelo seu conteúdo e pela forma infinitiva, sugere uma **cena muito abstracta de relação afectiva**.

5.2.1. Cena do amor (materno)

O parágrafo A, exactamente pela referência às vivências do autor (e também do intérprete - note-se o emprego do plural da primeira pessoa gramatical), começa por negar a caracterização dessa cena pela variabilidade, e rejeitar, de modo subjectivo, dois verbos associados à cena do amor romântico (que envolve participantes extra-familiares) - *apaixonar*, *enamorar* . Por oposição, considerando os membros da família, é delimitada uma cena do amor, que se caracteriza como independente da distância (física e afectiva) entre os participantes e do seu controlo sobre esse processo, exclusivamente referido pelo verbo *amar*.

A leitura do parágrafo B dá conta do prolongamento da última cena, definindo-a pelo desejo de bem-estar e felicidade para o outro. No «frame» que a representa, encontramos expressões como *querer*, *amar*, *sentir*, *ver*, *pensar*, *eleva*r, *redimir*, *unir*,

estar triste e *ser feliz*. Estas duas últimas formas são significativas da duração e transitoriedade de um estado, sendo as duas associadas à mesma cena, onde quem ama suporta a própria tristeza em benefício da felicidade de outrem. Num contraste nítido, o primeiro participante é referido como *eu* e o segundo por *outro* e *a*.

Entretanto, neste «frame» destaca-se, até pela ocorrência no final do parágrafo, uma sobreposição com outro «frame» associável a uma cena de vivência religiosa (*elevantar, redimir, unir*).

Tanto neste parágrafo, como no seguinte, é notória a **cena do autor**, em diálogo, com o intérprete, não só pela presença abundante de formas pronominais e verbais da primeira pessoa do plural (destacando-se logo no princípio dos parágrafos), como também pela pergunta retórica de C.

Esta última sequência apresenta, como modelo da cena de amor já descrita, a **cena específica do amor materno**, anulando a oposição, por, apesar de distintos participantes (*mãe*, «a filha ou o filho»; «duma pessoa por outra»), ambos desejarem o bem-estar do outro e suportarem a distância física. Em relação com esta cena, quase se actualiza a expressão *querer bem* e contrapõe-se *estar longe* - [+ duração]- e *ter saudades* - [- duração]-, desvalorizando-se, como no parágrafo anterior, o estado transitório.

D consiste numa reflexão sobre esta cena exemplar, negando, em (1), a cena amorosa do senso comum, caracterizada pelo «arrebatamento», «falta de apetite» e «desejo», e acrescentando à **cena do amor**, através de (2) e (3), a separação e hierarquização dos participantes, como condição necessária, num esboço que coloca o ser amado num plano primeiro e elevado, e o «eu» no segundo plano e num degrau abaixo. Apesar

desta distância, o «frame» associado contém duas vezes *estar perto*, o verbo *amar* e lexemas relacionáveis com um «frame» religioso, como *sublime* e *elevado*.

Para demonstrar essa hierarquia dos participantes da cena amorosa, o autor recorre a uma cena de amor materno do seu passado, em que os intervenientes são, por ordem crescente de importância, a mãe, o filho e Deus. Em consonância, realçam-se as palavras também atribuíveis ao último «frame» referido (*deseperada, Deus, sofrer*), a primeira pessoa gramatical, o lexema *amor* e o verbo *pedir*.

A sequência F desenha novamente a **cena do amor romântico**, numa generalização do esboço realizado no parágrafo anterior, colocando em situação de privilégio um dos participantes, referido duplamente como *a pessoa amada*. Para lá desta expressão, este «frame» regista *amor, preocupação, sofrer, sofrimento, coração e ter medo*.

O parágrafo G continua a generalização do modelo apontado, de uma forma mais nítida (até pela repetição de expressões do «frame» respectivo - como *querer(...)bem, ser feliz*), mantendo o destaque e a forma de referência de um dos participantes (*a pessoa amada*). No início de (3), é preterida a cena do amor caracterizada pelo desejo da reciprocidade, em função dos desejos típicos da cena do amor materno, que a colocam num mundo além da realidade e possibilidade, em que a situação dos participantes é, paralelamente, o «eu», a pessoa amada e Deus. Quanto ao «frame», para lá da utilização do verbo *ser* e da terceira pessoa gramatical, destaca-se *esperar*, com um valor inequivocamente religioso.

Todavia, apesar de constituir par com F, na aplicação da cena modelar do amor materno à especificidade do amor romântico, G relaciona-se com A, por confirmar o

carácter banal da relação representada. Por isto, esta conclusão situa-se na **cena de polémica com a voz comum**, protagonizada pelo autor (e intérprete).

5.2.2. Cena do amor versus cena da paixão

É pela contraposição entre a simplicidade e banalidade da cena do amor e o interesse da cena da paixão que se institui o parágrafo H, inserido na cena interaccional do autor, aqui bem patente pelas marcas da primeira pessoa gramatical e interrogação retórica. Esta sequência, embora concedendo e valorizando a possibilidade de as duas cenas referidas coincidirem, nega a comparação. A esta corresponde um «frame» próprio, contendo, além de palavras como *comparar*, *semelhança*, *coincidir*, a comparação (quer entre *céu* e *amor*, quer entre *mar* e *paixão*) e a metáfora (que relaciona *ar* - *amor* e *água* - *paixão*).

Assim, I, reproduzindo a comparação estabelecida pela opinião comum, para a negar, fá-lo mantendo a metáfora anterior. Consequentemente, o autor nega a relação de continuidade entre a **cena do amor e a da paixão**, numa sucessão temporal, como é perspectivada nessa opinião. Sobre esta possibilidade de encadeamento das duas cenas, leia-se Fillmore: «Still other scenes relate to psychic experience that have histories: (...) Knowing these words is not just knowing the character of the associated emotions per se, but knowing what sorts of events could create the emotional experiences. (...) In order for us to have an understanding of these words, we have to have experienced such feelings (...), and we also have to understand the characteristic historical features of the associated scenes.»¹

¹ FILLMORE, C., *Op. Cit.*, 1977, p. 74

Por último, note-se que o envolvimento do intérprete, neste parágrafo, é também realizado através da implícita caracterização da cena da paixão (alterosa, pouco profunda, mais excitante, perecível), correlativa da descrição explícita da cena amorosa («menos alterosa, mas mais profunda, menos excitante, mas mais eterna»).

Igualmente, em F, há apelo à participação do intérprete na construção do sentido, pelo preenchimento dos implícitos, pela manutenção do emprego da primeira pessoa do plural e pelo conjuntivo de exortação «Compare-se». Também a **metáfora** (*amor - céu* e *paixão - mar*) que se prolonga na estruturação textual, assenta num envolvimento do intérprete, como é visível na definição apresentada por Fillmore: «metaphor consists in using in connection with one scene, a word - or perhaps a whole frame - that is known by both speaker and hearer to be more fundamentally associated with a different frame.»¹

Além disso, o «frame» realizado neste parágrafo central, eixo da globalidade textual, é eminentemente simbólico e poético. Esta última dimensão decorre ainda de todo um desenvolvimento textual assente em repetições e contrastes, bem visível nos paralelismos morfossintáticos da estrutura das frases de valor semântico oposto.

Quanto às cenas apresentadas, para lá da cena polémica do autor, tanto mais que o início do parágrafo continua a negação da sequência histórica paixão - amor, afirmando que uma cena de amor é sempre evolução de uma cena do amor (o que pode remeter para a cena do amor familiar e materno, que, como o céu, foram «criado[s] primeiro»), procede-se à caracterização da cena do amor e da paixão, através da metáfora: a primeira representa um processo ilimitado (10), de natureza

¹ FILLMORE, C., *Op. Cit.*, 1977, p. 70 Logo a seguir, acrescenta «The requirement for a true metaphor is simultaneously aware of both the new scene and the original scene.»

mental (e material) e espiritual (até religioso, em (11)), cujo participante é o Homem, mas podendo incluir Deus (13, 16); a segunda corresponde a um processo limitado (9 e 12), de carácter material (interior e exterior) e observável (12), tendo como participantes os seres humanos (14 e 16).

Por fim, a conclusão do parágrafo destaca, por um lado, a indefinição destas cenas (patente na formulação de (16) «é uma coisa de») e, por outro, o «frame» que vimos a classificar como religioso (em 13, 14 e 16), através do qual se constrói a metáfora.

O parágrafo L retoma o conteúdo da concessão de H, apontando a coincidência frequente das duas cenas - de amor e paixão. Por isso, tenta distingui-las, atribuindo uma generosidade à primeira ausente na última (caracterizada pelo orgulho). Daí que o «frame» inclua, para lá de *amor* , *amar* e *paixão*, os lexemas *dom*, *dádiva* (ambos com uma inerente dimensão religiosa) e amor-próprio. Esta micro-estrutura regista também a presença de todo um léxico de comparação, que contribui para estabelecer os contornos da cena polémica, tanto mais que se mantém a utilização da primeira pessoa do plural e se coloca uma segunda interrogação retórica.

A estrutura M amplia esta interpelação do intérprete através da apresentação de frases contraditórias ou incompletas, que lhe cabe resolver e concluir. Novamente em início de parágrafo, é evocada a voz geral e anónima («Diz-se»), para anular o confronto entre uma cena de amor, caracterizada pela brandura e a cena da paixão, marcada pela violência. A atribuição desta última característica à cena amorosa é realizada por um «frame» significativo, que agrupa os verbos *impor-se*, *subjugar* e a expressão *arrumar em três instantes*. Todavia, o mais significativo na globalidade textual é o «**frame**» **das pessoas gramaticais**, associado a cada uma das cenas. Assim, o autor, que

estabelece a hierarquia - primeiro, eu; segundo, tu; terceiro, Deus - coloca o *eu* no centro da cena da paixão, abarcando até a terceira pessoa.

N opera o esclarecimento do conteúdo implícito no parágrafo anterior, relativamente à cena do amor. Apresenta a seguinte hierarquização das pessoas gramaticais - primeiro, ele (Deus); segundo, tu; terceiro, eu -, acrescentando ao «frame» do amor a terceira pessoa gramatical. Insistindo na necessidade de isolar e ultrapassar a comparação (na sequência de L) até por considerar a possibilidade de misturas das duas cenas, actualiza-se um «frame» correspondente, que remete mais para destruição que para confronto (*oxigénio, fogo, dinamite, explosões*).

A solidariedade destes dois parágrafos está no desenho da relação entre os participantes das duas cenas, destacando-se a primeira pessoa - e o ego - na cena da paixão - e a terceira pessoa - e a divindade - na cena do amor.

O parágrafo O é também fortemente marcado pela presença do autor, que nega os critérios de comparação da voz comum (o tempo e a intensidade), apresentando **cenas atípicas**, relativamente às estabelecidas por I e J - quer uma cena de amor finito e treloucado, quer uma cena de paixão perene e serena. Propõe um critério de natureza, opondo uma cena quase totalmente ocupada pelo «eu» (a paixão) a uma regida pelo outro, estado interior dependente da sua existência. Este quadro repete o construído em L, M, N e J, assim como os «frames» inclusivos de *atração* (e *nós*), para a paixão, *viver até morrer* (e três vezes *ele*), para o amor. Contudo, a representação das cenas atípicas (de amor e paixão), esbate e relativiza o contraste firmado de H a N, instituindo-se este parágrafo O como conclusão de toda uma estrutura textual baseada na comparação, tanto ao nível formal, como conteudal.

5.2.3. Cena do amor

P faz a evocação da cena amorosa do parágrafo A, afirmando a sua característica de exclusividade (porque englobando da mesma forma participantes desconhecidos e com parentesco consanguíneo) e de multiplicidade (por ser abrangente de numerosos indivíduos nos círculos familiar e extra-familiar). Apesar de tudo, os participantes típicos são aqueles cujas ligações são consanguíneas (*pais, filhos, irmãos*, abarcando várias gerações), a quem são assimilados os restantes, confirmando-se assim o esquema estabelecido em C. O «frame» correspondente são várias formas do verbo *amar* (além do nome *amor* e do enunciado (1), transformação, sintomática neste texto, da doxa «*Mãe só há uma.*»). Tanto este «frame», como a cena evocada permitem identificar a especificidade desta estrutura conclusiva do todo textual - a exclusividade da consideração da **cena do amor**.

Em Q, há igualmente um reforço do esquema desenhado em C e L, relativo à distância física (efectiva) e psicológica (afectiva), estabelecendo-se como característica da cena amorosa a revelação à distância e na solidão. Efectivamente, o parágrafo inicia-se por cancelar a cena do amor (do senso comum) caracterizada pela presença, convivência, familiaridade, partilha de experiências e tempo entre os seus participantes. O «frame» é idêntico ao anterior, destacando-se a referência genérica ao objecto de amor como *alguém, dela*. Semelhante é também a amplitude da cena do autor, bem como do relativo «frame».

R, não contendo qualquer interrogação retórica, regista igualmente a primeira pessoa do plural e o conector «Mas», indiciador do carácter polémico da cena correspondente. Este parágrafo, cuja significação é destacada, pelo seu carácter final e

conclusivo, propõe uma cena inicial muito ampla, a da existência, sublinhando-se que nem sempre ela se adequa à cena amorosa, sendo mais propícia às cenas da amizade, paixão e solidariedade. Pela sua excepcionalidade, contudo, a cena do amor é a que mais valorizará a **cena existencial**: também pelo seu carácter de dom (reforçando a descrição de L); além das características dos participantes, como seres frágeis, longe do mundo concreto e perto da bondade e espiritualidade (confirmando aqui um despojamento próprio da cena amorosa, consoante foi desenhado de B a G e constante de L). Assim, aos lexemas *amor*, *amar*, *amizade*, *afastar* e *aproximar*, acrescentam-se *alma*, *razão* e *Deus*, numa sequência textual que reforça o valor significativo do tal «frame» religioso.

5.2.4. Cena global

A interpretação deste texto possibilita a identificação de uma cena relativamente complexa, não só por um processo de encaixe, mas também por uma dupla oposição.

Primeiro, é detectável uma cena globalizante, de natureza interaccional, em que o autor polemiza a definição e caracterização do amor próprias do senso comum (eventualmente do intérprete). Por causa desse debate, o texto expõe uma **oposição entre duas cenas do amor**: uma cena prototípica, representada pela voz comum, geral, reproduzida no texto, que se caracteriza pela multiplicidade e pela proximidade com a da paixão (ou por ser a sua negação) ; outra atípica, proposta pelo autor (definida a partir da cena modelar do amor materno), que se opõe totalmente à cena da paixão, pela natureza dos participantes - não só seres humanos, mas também

entidades sobre-humanas - e da relação - estado de vivência interior, não um processo interno, mas também físico.

À **cena polémica e literária do autor** corresponde um «frame» que contempla exclusivamente o verbo *amar* (preterindo, de forma explícita, os verbos *apaixonar* e *enamorar* e utilizando uma única vez o verbo *gostar de*). Com o desenho das cenas do amor poderia relacionar-se um «frame» de expressões de comparação (nomes, verbos, advérbios e locuções) e um «frame» de natureza religiosa. Contudo, é de destacar o «frame» que o próprio texto assinala como característico das cenas do amor e da paixão - a terceira e a primeira pessoas gramaticais, respectivamente.

Todavia, neste texto, a cena destacada é a cena do amor própria do autor, caracterizada pela simplicidade e associada a um «frame» exíguo, correspondência referida por Fillmore, ao afirmar «the scenes that I have in mind can be relatively simple or relatively complex:(...) The frames that are activated by these scenes, and wich activate these scenes, are correspondingly simple or complex.»¹

Estes últimos factos, que evidenciam a exploração das virtualidades significativas do material linguístico, servindo-se inclusive da metáfora, comprovam o carácter literário e o investimento poético que revestem esta crónica.

5.3. Conclusões da análise do «corpus» A

Da comparação destas duas crónicas², destaca-se o **carácter polémico** que assumem: o texto A, opondo a cena do amor português à cena amorosa não portuguesa e o

¹ FILLMORE, C., *Op. Cit.*, 1977, p. 63

² Esquematizada no final deste ponto.

«frame» do sistema linguístico ao «frame» do uso desse sistema (a família de palavras de *amor*); o texto B, confrontando uma cena do amor romântico atípica (copiada da cena modelar do amor materno) com as cenas prototípicas, mas contrárias, do amor e da paixão, e os «frame» correspondentes às últimas cenas referidas (*amar, ele/a* versus *apaixonar e enamorar, eu*).

Apesar desta semelhança de estratégia discursiva (e argumentativa) - a **contraposição de cenas e «frames»** -, os textos revestem-se de uma natureza distinta, que não releva apenas da amplitude das cenas e «frames» referidos.

Assim é que a diferenciação das duas crónicas advém sobretudo, quer da presença da cena do autor e da sua relação com as restantes, quer do papel do «frame» no processo de estruturação textual e de construção de sentido.

No texto A, a **presença da cena do autor** subjaz às outras, enquanto quadro geral de interacção onde elas são representadas, não partilhando o autor o papel de participante destas últimas, a não ser no último parágrafo (quando propõe a premente alteração do «frame» (e da cena) do amor). A esta perspetivação genericamente externa, opõe-se a visão interna subjacente ao texto B, onde há uma sobreposição entre a cena do autor e a cena do amor (mesmo materno) evocadas, bem patente na constante utilização da primeira pessoa gramatical, que denuncia a participação do autor nas duas cenas. Esta dimensão da presença do autor implica correlativamente um maior envolvimento do intérprete, em todas as cenas delineadas no texto (o que também decorrerá do seu carácter polémico).

Este menor e maior distanciamento do autor (e intérprete) não é sensível apenas na apresentação das cenas, mas também na **utilização dos «frames»** correspondentes.

Com efeito, no texto A o «frame» usado pelos portugueses, mas não pelo autor, é que é objecto de reflexão (e crítica), enquanto que, o texto B se inicia pela opção pela parte do autor de um «frame», a partir daí continuamente utilizado.

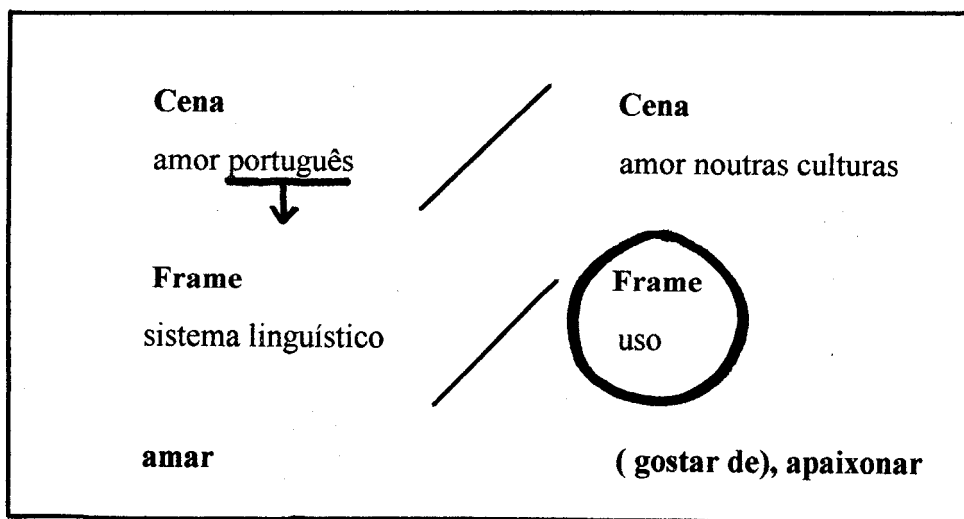
Em consonância, a estruturação do corpo, parte central, do texto A desenvolve-se a partir do «frame», como um comentário à sua utilização, que descreve as cenas com que se relaciona, defendendo a interdependência entre uns e outras. Já o texto B, após uma alusão breve e subjectiva ao «frame», evolui na construção de uma cena também muito particular, detendo-se momentaneamente na exploração de um «frame» que corrobora essa significação (sobretudo a metáfora e os pronomes pessoais).

Em suma, pode afirmar-se que aquilo que mais diferencia os dois textos é o envolvimento do autor e a função do «frame», determinando uma perspetivação externa, crítica (e satírica) no texto A e interior, lírica (e poética) em B.

ESQUEMA 1

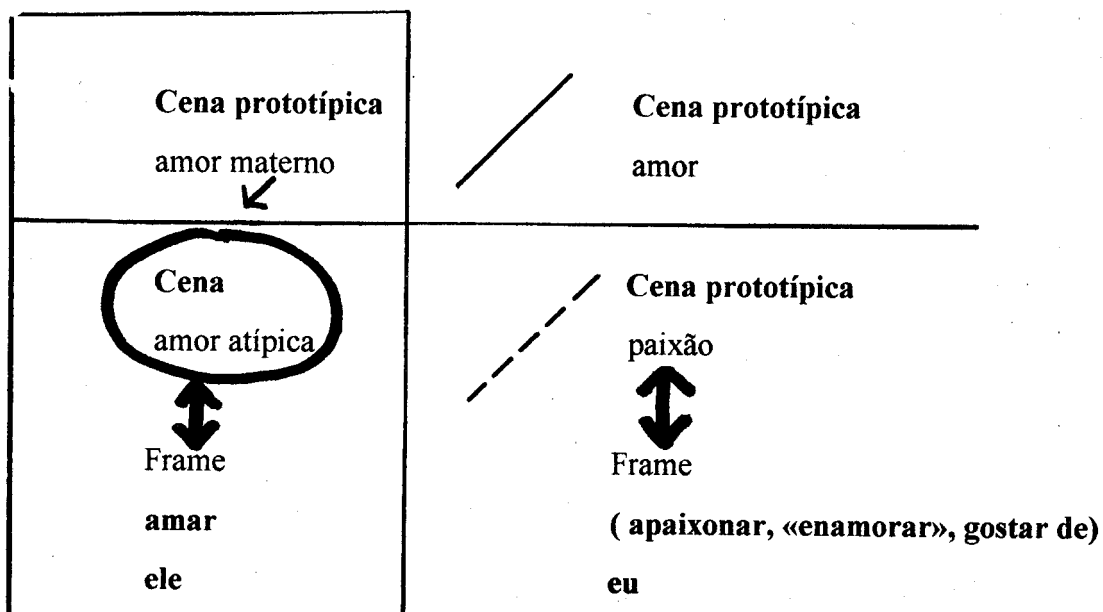
TEXTO A

Cena
do autor



TEXTO B

Cena
do autor



5.3.1. Confronto com o «corpus» B

O conjunto de «cartoons» que compõe o «corpus» B confirma o desenho das cenas e a composição dos respectivos «frames», estabelecidos nas crónicas do «corpus» A. Tal acordo não se limita à frequência do emprego dos lexemas, mas estende-se aos contornos gerais das cenas apresentadas.

Assim, o verbo *amar* não é utilizado em situação real de interacção amorosa: em dois dos «cartoons» surge na citação de um texto jornalístico (no 20) e do diálogo de uma série televisiva (no 12); noutros dois, ocorre numa interacção de temas humanitário (102) e religioso (6); num (22), integra um monólogo de reflexão de um homem. Embora dois destes «cartoons» (12 e 20) representem um par amoroso, a sua actuação limita-se a comentar o discurso de outrem.

Mesmo o emprego do verbo *gostar de* surge apenas em três «cartoons» (3, 38 e 70) que podemos entender como representando cenas de interacção amorosa (e num monólogo de reflexão sobre uma delas - 22), apesar de as situações criadas destacarem os obstáculos à comunicação criados pela má-vontade ou indiferença de um dos intervenientes¹. Ainda noutro «cartoon» (61), que caricatura a dificuldade de interacção entre um adulto e uma criança, o verbo é empregado pelo primeiro, para auscultar os afectos (preferências) do segundo².

¹ Nos dois primeiros «cartoons», a iniciativa da interacção é da participante do sexo feminino, podendo desmentir a observação de Miguel Esteves Cardoso sobre as contradições do comportamento linguístico masculino, ou confirmando o uso (em sentido próprio) do «frame» do amor pelas mulheres.

² O efeito cómico do «cartoon» resulta também da criança, para fazer o mesmo relativamente ao adulto perguntar «O que pensas da(...)?», utilizando um verbo psicológico de cognição.

Os outros «cartoons» também remetem para cenas de interacção, mas com participantes quase sempre do mesmo sexo e da mesma idade, sobre temáticas como o futebol (82) e a televisão (110), para os homens, os serões (65), para as mulheres, indiciando conversas correntes, do quotidiano.

Nestes «cartoons», a utilização do verbo dá-se para afirmar uma avaliação positiva subjectiva de algum facto ou actividade¹.

De qualquer forma, a primeira conclusão que se impõe é que, de acordo com a intuição do autor das crónicas sobre a cena de interacção amorosa, o verbo *amar* encontra-se ausente (quando muito ocorrendo de modo indirecto, por citação e tradução), aplicando-se o verbo *gostar de*. Aliás, um dos «cartoons» (22) verifica também o uso de *gostar de* na interacção amorosa e a utilização de *amar* no comentário dessa interacção, como testemunham as duas crónicas². Daí a variação de frequência de emprego dos dois lexemas, no «corpus» A e B, já que os textos do primeiro configuram cenas globais de interacção sobre o afecto (logo, preferindo o verbo *amar*), enquanto que os «cartoons» reproduzem cenas interaccionais afectivas (donde, o domínio de *gostar de*).

A natureza diferenciada das cenas pode ainda contribuir para explicar a diferente distribuição das utilizações dos dois verbos segundo as pessoas gramaticais, em que *amar* se destaca por ocorrer predominantemente na terceira pessoa.

¹ De acordo com a verificação dos estudos de carácter etnopsicológico sobre a utilização do «léxico do afecto» (Ver ponto 0 desta dissertação).

² Novamente, a utilização do verbo *gostar de* é imputada a uma mulher, enquanto o homem não exprime verbalmente o seu afecto.

Em contrapartida, o uso preferencial do Presente do Indicativo nos dois «corpus» decorre da dimensão similar das cenas representadas - o carácter interactivo.

Estas observações comprovam, na generalidade das utilizações, a tendência, prevista por Fillmore, de a cenas diferenciadas corresponderem «frames» distintos. Por isso, segundo o mesmo autor, «Expressed in our terms, the selection restriction information about the use of a word can be stated as a specification of the nature of the appropriate scene»¹.

Sendo assim, na medida em que uma cena interaccional afectiva se associa ao lexema *gostar de*, enquanto a uma cena de interacção sobre o afecto corresponde o verbo *amar*, as realizações do «corpus» comprovariam a não existência de sinonímia. Só que o «corpus» permite também, embora num plano secundário, a ligação entre o último verbo e uma cena interactiva afectiva (além das cenas religiosa e sexual), assim como *gostar de* com o que seria uma cena interaccional de expressão de desejo. Além disto, empregos como os do «cartoon» 20 comprovam a possibilidade de alternância dos dois verbos na mesma cena, corroborando antes a posição do autor sobre a sinonímia, já que «there are indistinguishable scenes for which the associated frame offers lexical options.»²

Confrontando o uso actual destes lexemas com aquele que os dicionários etimológicos transparecem, destaca-se uma limitação da actualização de «amare» às cenas referidas (abandonando cenas interaccionais correntes de carácter geral), correspondente a uma especificação e banalização do emprego de «gustare», para cenas psíquicas e

¹ FILLMORE, C., *Op. Cit.*, 1977, p. 71

² FILLMORE, C., *Op. Cit.*, 1977, p. 78

interactivas (de contornos variados, mas implicando volição: pedido, sugestão, convite...).

CONCLUSÃO

Este estudo dos verbos psicológicos de afecto actualmente mais usados em português comprovou a importância de uma perspetivação semântica dos factos linguísticos, nomeadamente na abordagem de transitividade.

De facto, quando considerados exclusivamente na sua vertente de significação afectiva, *amar* e *gostar de* revelaram, apesar da distinta caracterização sintáctica, uma identidade de estrutura semântica que aconselhou, por exemplo, a integração do esquema prepositivo dentro do âmbito da transitividade.

A abordagem deste fenómeno como algo graduável e resultante de diferentes componentes permitiu relativizar a dificuldade de classificar estes verbos designativos de estado enquanto transitivos, caracterizando-se as suas realizações textuais como detentoras e um baixo grau de transitividade.

Contudo, ao contrário do que Halliday prevê para os processos mentais, as ocorrências destes verbos não verificam a omissão do segundo participante, registando frequentemente a do primeiro (mas, até pelas características morfológicas do português, facilmente identificado no contexto). Tendo em conta a compreensão dos «case frame» exposta por Fillmore, ao escrever que «they presuppose a fairly complete understanding of the nature of the total transaction or activity, and that they determine a particular perspectival anchoring among the entities involved in the activity.»¹, as realizações do «corpus» atestam a importância do fenómeno ou

¹ FILLMORE, C., *Op. Cit.*, 1977, p. 59

metafenómeno objecto de afecto (e eventualmente o apagamento do Experienciador do processo psicológico).

Para lá de provar esta dimensão transitiva semântica dos verbos de afecto (pelo inerente carácter relacional do significado do lexema), a identificação das cenas prefiguradas no «corpus» estabeleceu a inclusão de *gostar de* e *amar* em «frames» diferenciados, relativos a cenas também distintas. O confronto dos «corpus» A e B associou o primeiro verbo à cena interaccional afectiva e o segundo a uma cena de interacção sobre o afecto.

Assim evidenciando o carácter da cena como restrição de selecção ao emprego de uma palavra, a análise do «corpus» sugere ainda que se amplie esta perspetivação, de modo a abarcar dimensões como os registos de língua e as tipologias textuais. De facto, é notória a correspondência entre o predomínio da utilização de *amar* e *gostar de* com registos mais ou menos formais, mais ou menos cuidados e textos escritos ou orais, literários ou não literários¹. Mas, a aplicação deste conceito à análise dos textos permitiu, para lá do esboço da complexidade da cena global resultante, evidenciar, na leitura sequencial do texto, a apresentação de cenas sobrepostas, encaixadas, comparadas, etc, além da natureza dessa ligação. Possibilitou ainda, não só estabelecer os «frames» correspondentes, mas também destacar a importância do intérprete na construção do sentido. Por isso, Fillmore conclui o artigo que nos serviu como referência no estudo dos textos, afirmando

«I am convinced that something like the model I have been talking about can allow an integrated view of many subfields in the study

¹ Tendo em conta que a maioria dos «cartoons» representa possíveis situações de interacção.

of meaning and comprehension. In the same conceptual framework we can discuss word meanings, the speech-act function of making particular linguistic choices, the acquisition of meaning in the child, changes of word meanings in the history of the language, the process of communicating in general, the process of comprehending a text, the teaching of meaning in second language education, and so on.»¹

Por fim, refira-se que, se o «corpus» seleccionado possibilitou estas ilacções, pela sua natureza temática, restringiu a abordagem dos valores pragmáticos do emprego do verbo prepositivo, já que regista um predomínio da significação psicológica afectiva (mesmo relativamente ao verbo *amar*). Todavia, a leitura do «corpus», sobretudo de numerosos «cartoons» que reproduzem cenas de afecto², atesta igualmente a não realização dos lexemas estudados (para lá do carácter difícil da interacção amorosa).

Entretanto, a descrição de *gostar de* e *amar*, além das disparidades sintáctico-semânticas e diferenças de funcionamento textual, expôs a preferência dos falantes do português actual por uma perspetivação linguística unidireccional deste processo psicológico, que apresenta o ser humano (Experienciador), o afecto e o seu objecto (Fenómeno ou Metafenómeno), numa representação de extrema simplicidade³.

¹ FILLMORE, C., *Op. Cit.*, 1977, p. 79

² Como 2, 4, 5, 7, 10, 18, 25, 27, 31, 39, 45, 49, 51, 52, 58, 74, 81, 83, 93, 103, 136, 144 e 145.

³ Como nota MAIA, Belinda, *Op. Cit.*, 1994, p. 338.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

AGUILAR, Rafael Cano, *Estructuras Sintácticas Transitivas en el Español Actual*, Madrid, Editorial Gredos, 1981

BALLESTEROS, Margarita Porroche, *Ser, Estar y Verbos de Cambio*, Madrid, Arcos/ Libros, S.A., 1988

BRITO, Célia Maria Coêlho, *A Transitividade Verbal na Língua Portuguesa: uma Investigação de Base Funcionalista*, tese de doutoramento, Araquara, 1996, pp. 1- 35

CLORE, Gerald L. e **ORTONY**, Andrew, « The Semantics of the affective lexicon» in **HAMILTON**, Vernon, **BOWER**, Gordon H. e **FRIDJA**, Nico H. (eds.) , *Cognitive Perspectives on Emotion and Motivation*, Netherlands, Kluwer Academic Publishers, 1988, pp. 367 - 397

CHOMSKY, Noam, *Aspects of the Theorie of Syntax*, Cambridge, Massachussets, M.I.T.Press, 1965

DOWTY, D., «Thematic proto-roles and argument selection» in *Language*, 67/3, 1991, pp. 547 - 619

FILLMORE, C. J., «Scenes-and-frames semantics» in **ZAMPOLLI**, Antonio (ed.), *Linguistic Structures Processing*, Amsterdam, North-Holland Company, 1977, pp. 55 - 81

- FILLMORE**, Charles J., «The case for Case» in BACH, E. e HARMS, R. T. (dir.), *Universals in Linguistic Theory*, Nova Iorque, Holt, Rinehart and Winston, 1968, pp. 1- 88 (tradução brasileira: «Em favor do caso» in *Semântica: o léxico*, pp. 277 - 365)
- FONSECA**, J., «Predicação do complemento directo em português» in *Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do Português*, Porto, Porto Editora, 1993, pp. 33 - 62
- GARCIA-MIGUEL**, José Maria, *Transitividad y Complementación Preposicional en Español*, tese de doutoramento, Universidade de Santiago de Compostela, 1995, pp. 53- 125
- GROSS**, Maurice, *Méthodes en Syntaxe—Régime des constructions complétives*, Paris, Hermann, 1975
- HALLIDAY**, M.A.K., *An Introduction to Functional Grammar*, Londres, Edward Arnold, 1985
- HALLIDAY**, M.A.K., «Language structure and language function» in LYONS, John (ed.), *New Horizons in Linguistics*, Harmondsworth, Penguin Books, 1971, pp. 140 - 165
- HOPPER** Paul J. & **THOMPSON**, Sandra A., «Transitivity in grammar and discourse» in *Language*, Baltimore, 1980, vol. 56, n.º 2, pp. 251 - 295
- LOPES**, Óscar e **SARAIVA**, António José, *História da Literatura Portuguesa*, 14ª ed., Porto, Porto Editora, 1987
- LUTZ**, Catherine, «Ethnographic perspectives on the emotion lexicon» in HAMILTON, Vernon, BOWER, Gordon H. e FRIDJA, Nico H. (eds.) , *Cognitive*

Perspectives on Emotion and Motivation, Netherlands, Kluwer Academic Publishers, 1988, pp. 399 - 419

LYONS, Jonh, *Semantics*, Cambridge, Cambridge University Press, 1977 (tradução espanhola: *Semántica*, Barcelona, Editorial Teide, 1980)

MALMKJAER, Kirsten (ed.), *The Linguistics Encyclopedia*, London, Routledge, 1991

MAIA, Belinda Mary Harper Sousa, *A Contribution to the Study of the Language of Emotion in English and Portuguese*, tese de doutoramento, Porto, 1994

MENDES, Maria Amália Pereira, *Análise Sintáctica dos Verbos Psicológicos do Português*, tese de mestrado, Lisboa, 1994

OLIVEIRA, Maria Elisa de Macedo, *Syntaxe des Verbes Psychologiques du Portugais*, Lisboa, I.N.I.C., 1984

PEREIRO, Maria del Carmen Cabeza, *Clausulas Completivas en Funcion de Sujeto en Español*, tese de doutoramento, Universidad de Santiago, 1994

RUWET, Nicolas, *Théorie Syntaxique et Syntaxe du Français*, Paris, Éditions du Seuil, 1972, pp. 181 - 251

SILVA, F. e **SERENO**, H., *Formas e Funções do Complemento Directo em Português*, trabalho de mestrado, Porto, 1994

ROBINS, R. H. , *General Linguistics, An Introductory Survey*, 2ª ed., London, Longman Group Ltd, 1971

VAN DE VELDE, Danièle, «Les verbes dits «psychologiques» revus à la lumière des noms correspondants» in *Revue de Linguistique Romane*, Tome 59, nº. 233 - 234 (Jan.- Junho, 1995), Strasbourg, Société de Linguistique Romane, 1995, pp. 67 - 97

VILELA, Mário, «Do «campo lexical» à explicação cognitiva. RISCO E PERIGO» in *Diacrítica*, a publicar

VILELA, Mário, *Estruturas Léxicas do Português*, Coimbra, Almedina, 1979

VILELA, Mário, *Estudos de Lexicologia*, Coimbra, Almedina, 1994, pp. 23 - 40, 127 - 197

VILELA, Mário, «Formas e funções do «C.D.» em Português» in *Gramática de Valências: Teoria e Aplicação*, Coimbra, Almedina, 1992, pp. 43 - 115

VILELA, Mário e **BUSSE**, W., *Gramática de Valências. Apresentação e esboço de aplicação à língua portuguesa*, Coimbra, Almedina, 1986

WHISSELL, Chynthia M. «The dictionary of affect in language» in **PLUTCHIK**, Robert e **KELLERMAN**, Henry (ed.), *Emotion - Theory, Research and Experience*, vol. Iv - The measurement of Emotions, U.S.A., Academic Press, Inc., 1989, Cap. 5, pp. 113 - 131

DICIONÁRIOS

BORBA, Francisco da Silva (coord.), *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*, 2ª ed., S. Paulo, Editora U.N.E.S.P., 1991

BLOCH, Henriette, **CHEMANA**, Roland et alii (dir.), *Grand Dictionnaire de la Psychologie*, Paris, Larousse, 1991

CHAPLIN, J. P., *Dictionary of Psychologie*, New York, Dell Publishing Co, 1968

COSTA, J. Almeida e **MELO**, A. Sampaio e, *Dicionário da Língua Portuguesa*, 7ª ed. Porto, Porto Editora, 1994

ERNOUT, A. e **MEILLET**, A., *Dictionnaire Étimologique da la Langue Latine*, 4ª ed., Paris, Kliencsieck, 1967

FERNANDES, Francisco, *Dicionário de Verbos e Regimes* , 31ª ed., Porto Alegre, Editora Globo, 1979

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*, 2ª ed., Editora Nova Fronteira, 1989

GAFFIOT, Félix, *Dictionnaire Illustré Latin-Français*, Paris, Hachete, 1934

LAPLANCHE, J., e **PONTALIS**, J.-B.(dir.), *Vocabulaire de la Psychanalyse*, Daniel Lagache, Paris, P.U.F., 1973

PIÉRON, Henri, *Vocabulaire de la Psychologie*, Paris, Presses Universitaires de France, 1973

VILELA, Mário, *Dicionário do Português Básico*, 3ª ed. , Porto, Eds. Asa, 1991

ANEXOS

1.«CORPUS» A - TRANSCRIÇÃO

1.1. TEXTO A

AMOR

Miguel Esteves Cardoso

«Dyz m'a mim meu coraçom
porque m'a isto nam calo,
poys ves nam chega payxom
deste cuydado que falo»

CANCIONEIRO DE RESENDE, TOMO I

A (1) Mesmo que Dom Pedro não tenha arrancado e comido o coração do carrasco de Dona Inês, Júlio Dantas continua a ter razão: é realmente diferente o *amor* em Portugal.

B (1) Basta pensar no incómodo fonético de dizer «*Eu amo-o*» ou «*Eu amo-a*». **(2)** Em Portugal aqueles que amam preferem dizer que *estão apaixonados*, o que não é a mesma coisa, ou então embaraçam seriamente os eleitos com as versões estrangeiras: «*I love you*» ou «*Je t'aime*». **(3)** As perguntas «*Amas-me?*» ou «*Será que me amas?*» estão vedadas pelo bom gosto, senão pelo bom senso. **(4)** Por isso diz-se antes «*Gostas mesmo de mim?*», o que também não é a mesma coisa.

C (1) O mesmo pudor aflige a palavra *amante*, a qual, ao contrário do que acontece nas demais línguas indo-europeias, não tem em Portugal o sentido simples e bonito de «aquele que ama ou é amado». **(2)** Diz-se que não sei-quem é *amante* de outro, e entende-se logo, maliciosamente, o biscate por fora, o concubinato indecente, a pouca

vergonha, o treco-lareco machista da cervejaria, ou o opróbio galináceo das reuniões de «tupperwares» e de costura.

D (1) *Amoroso* não significa cheio de amor, mas sim qualquer vago conceito a leste de levemente simpático, porreiro, ou giríssimo. **(2)** Quem disser «*a minha amada*» -- ou, pior ainda, «*o meu amado*» - arrisca-se a não chegar ao fim da frase, tal o intenso e genuíno gáudio das massas auditoras em alvoroço. **(3)** *Amável* nunca quer dizer «capaz de ser amado», e, para cúmulo, utiliza-se quase sempre no pretérito («*Você foi muito amável em ter-me convidado para a inauguração da sua Croissanterie*»). **(4)** Finalmente *um amor* é constantemente aviltado na linguagem coloquial, podendo dizer-se indistintamente de escovas de dentes, contínuos que trazem os cafés a horas, ou casinhas de emigrantes. **(5)** (O que está a acontecer com o adjectivo *querido* constitui, igualmente, uma das grandes tragédias da nossa idade.)

E (1) Talvez a prática mais lastimavelmente absurda, muito usada na geração dita eleita, seja aquela de chamar *amigas* às namoradas. **(2)** Isto porque os portugueses, raça danada para os eufemismos, também têm vergonha das palavras *namorado* e *namorada*. **(3)** Quando as apresentam a terceiros, nunca dizem «*Esta é a Suzy, a minha namorada*» - dizem sempre «*Esta é uma amiga minha, a Suzy*», transmitindo a implícita noção, muito cara ao machismo lusitano, de que se trata de uma entre muitas. **(4)** E, também assim, como se não lhes bastasse dar cabo do *Amor*, vão contribuindo para o ajavardamento semântico da *Amizade*.

F (1) Isto tudo em público - claro - porque, em particular, a sós, funciona a síndrome plurissecular do «*só-nós-dois-é-que-sabemos*» e os portugueses tornam-se pinga-amores ao ponto de se lhes aconselhar vivamente a utilização de coleiras de esponja

muito grossa. (2) Nisto, o sexo forte é bastante mais vira-casacas que o fraco. (3) Em público, são as *amigas*, o Guincho, os *drinques* e as apreciações estritamente boçais do sexo oposto. (4) Dêem-lhes, porém, cinco minutos a sós com a suposta «*amiga*» e depressa verão todos os índices aceitáveis de pieguice, choraminguice e «love-and-peace» babosa e radicalmente ultrapassados; ao ponto de fazer confundir a Condessa de Segur com Joseph Conrad. (5) As infelizes «amigas» reprimem com louvável estoicismo o enjoo, e aconselham-lhes a moderação. (6) As mais estúpidas não compreendem e vão depois dizer às amigas que os namorados têm feitiços muito complexos, porque quando estão acompanhados, são uns brutos do bilhar grande, e quando estão sozinhos transformam-se em donzelas delicodoces, inexplicavelmente ainda mais nauseabundas do que elas.

G (1) A retracção épica a que os portugueses se forçam no uso próprio das palavras do amor, quando o contexto é minimamente público, parece atirá-los illogicamente, para uma confrangedora catarse de lamechices cada vez que se encontram sós com quem amam. (2) Dizer «*Eu amo-te*» é dizer algo que se *faz*. (3) Dizer «*Eu tenho uma grande paixão por ti*» é bastante menos do que isso - é apenas algo que se *tem*, mais exterior e provisório. (4) Os portugueses, aliás, sempre preferiram a passividade fácil do «*ter*» à actividade, bastante mais trabalhosa, do «*fazer*».

H (1) A confusão do amar com o gostar, do amor com a paixão, e do afecto, tornam muito difícil a condição do amante em Portugal. (2) Impõe-se rapidamente o esclarecimento de todos estes imbróglios. (3) Que bom que seria poder dizer «*Estou apaixonado por ela, mas não a amo*», ou «*já não gosto de ti, embora continue apaixonado*» ou «*Apresento-te a minha namorada*», ou «*Ele é tão amável que não se*

consegue deixar de amá-lo». (4) Estas distinções fazem parte dos divertimentos sérios das outras culturas e, para podermos divertirmo-nos e fazê-las também, é urgente repor o verbo «amar» em circulação, deixarmo-nos de tretas, e assim aliviar dramaticamente o peso oneroso que hoje recai sobre a desgraçada e malfadada paixão.

1.2. TEXTO B

AMAR

Miguel Esteves Cardoso

A (1) Dantes pensava que havia muitas espécies de amor. (2) Mas depois apaixonei-me. (3) Não gosto do verbo, mas 'enamorar' ainda me parece mais ligeiro. (4) Não nos apaixonamos pelos nossos pais nem pelos nossos irmãos, nem pelos nossos filhos. (5) Amamo-los, estejam ou não connosco, queiramos ou não queiramos. (6) E esse amor é simples.

B (1) Queremos que sejam felizes, nem que seja à custa da nossa tristeza. (2) Estar triste por causa de quem se ama - porque não a vemos, porque pensamos que não nos ama - é melhor que ser feliz, porque sentimos o que nos une a ela, que nos eleva e nos redime.

C (1) Estive a pensar no amor de mãe. (2) Será diferente do amor duma pessoa por outra? (3) Estou convencido que não. (4) O que quer a mãe? (5) Que a filha ou o filho esteja bem. (6) Mais nada. (7) Por muito longe que esteja. (8) Por muitas saudades que tenha.

D (1) O que mais traduz o amor verdadeiro não é o arrebatamento, a falta de apetite, o desejo - é a passagem do que chamamos 'eu' para segundo plano. (2) O plano é segundo, porque o primeiro está sublimemente ocupado, embora seja um plano à

mesma elevado, num mundo de mil planos. (3) Amar é estar tão perto do topo da escadaria como se pode estar, com a pessoa a ocupar o primeiro degrau - à vista, no sítio que se quer, separado mas perto.

E (1) A primeira vez que percebi o amor foi quando a minha mãe, desesperada com uma dor minha, pediu a Deus, diante de mim, que deixasse que fosse ela a sofrer em vez de mim.

F (1) O amor é preocupação. (2) Ter o coração já previamente ocupado. (3) Ter medo que alguma coisa de mal aconteça à pessoa amada. (4) Sofrer mais por não poder aliviar o sofrimento da pessoa amada do que ela própria sofre.

G (1) O amor é banal. (2) É por isso que é tão bonito. (3) O que se quer da pessoa amada: *antes* que ela nos ame também, é que ela seja feliz, que seja saudável, que tudo lhe corra bem. (4) Embora se saiba que o mundo não o permite, passa-se por cima da realidade, do raciocínio do que é possível, e quer-se, e espera-se, que Deus abra, no caso dela, uma excepção.

H (1) A paixão pode parecer mais interessante. (2) Mas irrita-me que se compare com o amor. (3) Como se pode comparar dois sentimentos que não têm uma única semelhança? (4) Se o amor e a paixão coincidem, é como a cor do céu e do mar num dia de Verão - é uma alegria, mas nada nos diz acerca do que distingue o ar da água.

I (1) Dizer que o amor pode começar como paixão é uma forma falaciosa de estabelecer uma continuidade entre uma e outra, geralmente pejorativa para o amor, que é entendido como um resíduo da paixão, uma consequência menos alterosa, mas mais profunda, menos excitante mas mais eterna.

J (1) O amor começa pelo amor. (2) É o céu. (3) O céu foi criado primeiro. (4) A paixão é um simples impulso físico, material, mensurável, explicável por todas as ciências da atracção. (5) É o mar. (6) O mar está mais perto de nós. (7) Podemos chegar ao fundo dele. (8) A diferença entre o amor e a paixão é como a diferença entre a cosmologia e a oceanografia. (9) O mar tem fim, tem peso, tem vida. (10) O céu não tem limite. (11) O céu é dos astrónomos e dos poetas, que sabem que hão-de morrer sem percebê-lo. (12) O mar é dos cientistas e dos observadores, que podem passar a vida dentro dele, sabendo que é finito e perceptível. (13) O céu, como o amor, tem Deus acima dele. (14) O mar, como a paixão, tem o Homem lá dentro. (15) Compare-se o efeito que os anjos têm sobre nós com o que têm as sereias e perceber-se-á a distância entre a religião e a mitologia. (16) A religião é uma coisa de Deus, do amor - A mitologia é uma coisa de pessoas-feitas-deuses, de paixão.

L (1) Como coincidem tantas vezes amor e paixão, é preciso isolá-los para não confundi-los. (2) Basta responder à velha pergunta, sem responder depressa, com as velhas mentiras com que nos enganamos uns aos outros: 'Se essa pessoa só conseguisse ser feliz amando outra, seria capaz de desejar que isso acontecesse, custasse o que me custasse?' (3) Só quem ama responderá que sim. (4) Imediatamente. (5) Porque o amor é claro, é inevitável e, para além do mais, é um dom maior, maior que o amor-próprio, uma dádiva que ultrapassa as privações e o sofrimento.

M (1) Diz-se que o amor é brando, sem compreender a sua violência. (2) Impõe-se a tudo. (3) Subjuga-nos. (4) Arruma a paixão em três instantes. (5) Na paixão subsiste

sempre o 'eu'. (6) A terceira pessoa. (7) 'Eu' é a primeira, 'Tu' é a segunda, e a terceira é Deus.

N (1) No amor preexiste o 'ele'. (2) Não se trata de compará-los, mas de isolá-los. (3) São interessantes as misturas de elementos, de oxigénio, fogo e dinamite, e é bom vivê-las e deixarmo-nos levar pelas explosões, mas continuam a ser em tudo distintos, em tudo incomparáveis.

O (1) Não é uma questão de tempo - um amor pode acabar e uma paixão durar a vida inteira. (2) Nem de intensidade - um amor pode ser tresloucado e uma paixão tranquila. (3) É uma questão de natureza. (4) Enquanto a paixão, tal como todas as atracções pelo exterior, começa por nós, o amor, que é o único sentimento interior, começa pela outra pessoa, nela reside e nela vive até morrer.

P (1) Amor só há um. (2) Distinguir entre o amor entre desconhecidos e pessoas do nosso sangue é sinal que não se ama. (3) O amor é múltiplo. (4) Há uma lista de pessoas que amamos. (5) O orfão e o filho único não amam mais que aquele que tem pais e muitos irmãos. (5) Não sei se, fora do círculo do sangue, se podem amar duas pessoas ao mesmo tempo, mas, caso seja possível, amam-se como se fizessem parte desse círculo.

Q (1) No fundo, a amor tem pouco a ver com a presença, com a convivência, com o tempo e as experiências por que se passa. (2) Quantas vezes acontece amar alguém sem suportar estar ao pé dela? (3) Não é só na família. (4) A familiaridade pode até atrapalhar o amor. (5) A vida mete-se à frente da nossa alma e não a deixa respirar. (6) É quando se está sozinho e longe que o amor se deixa ver mais claramente.

R (1) A vida - as condições, o tempo, a confluência - nem sempre se adequa ao amor, como se adequa aos sentimentos mais comuns - à amizade, à paixão, ao instinto comunitário. **(2)** Mas se a vida serve para alguma coisa, que não seja apenas viver, é para amar. **(3)** O amor é um dom porque, fazendo-nos sentir pequeninos e dependentes, afasta-nos de nós próprios e do mundo e aproxima-nos da nossa alma, no que tem de bom, de razão para viver, da razão de Deus.

CÓPIA

-TEXTO A

AMOR

*«Dyz m'a mim meu coraçom
porque m'a isto nam calo,
poys ves nam chega payxom
deste cuydado que falo»*

CANCIONEIRO DE RESENDE, TOMO I

Mesmo que Dom Pedro não tenha arrancado e comido o coração do carasco de Dona Inês, Júlio Dantas continua a ter razão: é realmente diferente o amor em Portugal.

Basta pensar no incómodo fonético de dizer «*Eu amo-o*» ou «*Eu amo-a*». Em Portugal aqueles que amam preferem dizer que *estão apaixonados*, o que não é a mesma coisa, ou então embarçam seriamente os eleitos com as versões estrangeiras: «*I love you*» ou «*Je t'aime*». As perguntas «*Amas-me?*» ou «*Será que me amas?*» estão vedadas pelo bom gosto, senão pelo bom senso. Por isso diz-se antes «*Gostas mesmo de mim?*», o que também não é a mesma coisa.

O mesmo pudor aflige a palavra *amante*, a qual, ao contrário do que acontece nas demais línguas indo-europeias, não tem em Portugal o sentido simples e bonito de «aquele que ama, ou é amado». Diz-se que não sei-quem é *amante* de outro, e entende-se logo, maliciosamente, o biscate por fora, o concubinato indecente, a pouca vergonha, o treco-lareco machista da cervejaria, ou o opróbio galináceo das reuniões de «tupperwares» e de costura.

Amoroso não significa cheio de amor, mas sim qualquer vago conceito a leste de levemente simpático, porreiro, ou giríssimo. Quem disser «*a minha amada*» — ou, pior ainda, «*o meu amado*» — arrisca-se a não chegar ao fim da frase, tal o intenso e genuíno gáudio das massas auditoras em alvoroço. *Amável* nunca quer dizer «capaz de ser amado», e, para cúmulo, utiliza-se quase sempre no pretérito («*Você foi muito amável em ter-me convidado para a inauguração da sua Croissanterie*»). Finalmente *um amor* é constantemente aviltado na linguagem coloquial, podendo dizer-se indistintamente de escovas de dentes, contínuos que trazem os cafés a horas, ou casinhas de emigrantes. (O que está a acontecer com o adjectivo *querido* constitui, igualmente, uma das grandes tragédias da nossa idade.)

Talvez a prática mais lastimavelmente absurda, muito usada na geração dita eleita, seja aquela de chamar *amigas* às namoradas. Isto porque os portugueses, raça danada para os eufemismos, também têm vergonha das palavras *namorado* e *namorada*. Quando as apresentam a terceiros, nunca dizem «*Esta é a Suzy, a minha namorada*» — dizem sempre «*Esta é uma amiga minha, a Suzy*», transmitindo a implícita noção, muito cara ao machismo lusitano, de que se trata de uma entre muitas. E, também assim, como se não lhes bastasse dar cabo do *Amor*, vão contribuindo para o ajavardamento semântico da *Amizade*.

Isto tudo em público — claro — porque, em particular, a sós, funciona a síndrome plurissecular do «*só-nós-dois-é-que-sabemos*» e os portugueses tornam-se pinga-amores ao ponto de se lhes aconselhar vivamente a utilização de coleiras de esponja muito grossa. Nisto, o sexo forte é bastante mais vira-casacas que o fraco. Em público, são as *amigas*, o Guincho, os *drinques* e as apreciações estritamente boçais do sexo oposto. Dêem-lhes, porém, cinco minutos a sós com a suposta «*amiga*» e depressa verão todos os índices aceitáveis de pieguice, choraminguice e «*love-and-peace*» babosa e radicalmente ultrápassados; ao ponto de fazer confundir a Condessa de Segur com Joseph Conrad. As infelizes «*amigas*» reprimem com louvável estoicismo o enjoo, e aconselham-lhes a moderação. As mais estúpidas não compreendem e vão depois dizer às amigas que os namorados têm feitiços muito complexos, porque quando estão acompanhados, são uns brutos do bilhar grande, e quando estão sozinhos transformam-se em donzelas delicodoces, inexplicavelmente ainda mais nauseabundas do que elas.

A retracção épica a que os portugueses se forçam no uso próprio das palavras do amor, quando o contexto é minimamente público, parece atirá-los illogicamente, para uma confrangedora catarse de lamechices cada vez que se encontram sós com quem amam. Dizer «*Eu amo-te*» é dizer algo que se *faz*. Dizer «*Eu tenho uma grande paixão por ti*» é bastante menos do que isso — é apenas algo que se *tem*, mais exterior e provisório. Os portugueses, aliás, sempre preferiram a passividade fácil do «*ter*» à actividade, bastante mais trabalhosa, do «*fazer*».

A confusão do amar com o gostar, do amor com a paixão, e do afecto, tornam muito difícil a condição do amante em Portugal. Impõe-se rapidamente o esclarecimento de todos estes imbróglis. Que bom que seria poder dizer «*Estou apaixonado por ela, mas não a amo*», ou «*já não gosto de ti, embora continue apaixonado*» ou «*Apresento-te a minha namorada*», ou «*Ele é tão amável que não se consegue deixar de amá-lo*». Estas distinções fazem parte dos divertimentos sérios das outras culturas e, para podermos divertirmo-nos e fazê-las também, é urgente repor o verbo «*amar*» em circulação, deixar-mo-nos de tretas, e assim aliviar dramaticamente o peso oneroso que hoje recai sobre a desgraçada e malfadada *paixão*.

TEXTO B



Verbos Irregulares

Alguns verbos irregulares

Amar

Dantes, pensava que havia muitas espécies de amor. Mas depois apaixonei-me. Não gosto do verbo, mas "enamorar" ainda me parece mais ligeiro. Não nos apaixonamos pelos nossos pais nem pelos nossos irmãos, nem pelos nossos filhos. Amamo-los, estejam ou não conosco, queiramos ou não queiramos. E esse amor é simples.

Queremos que sejam felizes, nem que seja à custa da nossa tristeza. Estar triste por causa de quem se ama - porque não a vemos, porque pensamos que não nos ama - é melhor que ser feliz, porque sentimos o que nos une a ela, que nos eleva e nos redime.

Estive a pensar no amor de mãe. Será diferente do amor duma pessoa por outra? Estou convencido que não. O que quer a mãe? Que a filha ou o filho esteja bem. Mais nada. Por muito longe que esteja. Por muitas saudades que tenha.

O que mais traduz o amor verdadeiro não é o arrebatamento, a falta de apetite, o desejo - é a passagem do que chamamos "eu" para segundo plano. O plano é segundo, porque o primeiro está sublimemente ocupado, embora seja um plano à mesma elevada, num mundo de mil planos. Amar é estar tão perto do topo da escadaria como se pode estar, com a pessoa a ocupar o primeiro degrau - à vista, no sítio que se quer, separado mas perto.

A primeira vez que percebi o amor foi quando a minha mãe, desesperada com uma dor minha, pediu a Deus, diante de mim, que deixasse que fosse ela a sofrer em vez de mim.

O amor é preocupação. Ter o coração já previamente ocupado. Ter medo que alguma coisa de mal aconteça à pessoa amada. Sofrer mais por não poder aliviar o sofrimento da pessoa amada do que ela própria sofre.

O amor é banal. É por isso que é tão bonito. O que se quer da pessoa amada: antes que ela nos ame também, é que ela seja feliz, que seja saudável, que tudo lhe corra bem. Embora se saiba que o mundo não o permite, passa-se por cima da realidade, do raciocínio do que é possível, e quer-se, e espera-se, que Deus abra, no caso dela, uma excepção.

A paixão pode parecer mais interessante. Mas irrita-me que se compare com o amor. Como se pode comparar dois sentimentos que não têm uma única semelhança? Se o amor e a paixão coincidem, é como a cor do céu e do mar num dia de Verão - é uma alegria, mas nada nos diz acerca do que distingue o ar da água.

Dizer que o amor pode começar como paixão é uma forma falaciosa de estabelecer uma continuidade entre uma e outra, geralmente pejorativa para o amor, que é entendido como um resíduo da paixão, uma consequência menos alterosa, mas mais profunda, menos excitante mas mais eterna.

O amor começa pelo amor. É o céu. O céu foi criado primeiro. A paixão é um simples impulso físico, material, mensurável, explicável por todas as ciências da atracção. É o mar. O mar está mais perto de nós. Podemos chegar ao fundo dele. A diferença entre o amor e a paixão é como a diferença entre a cosmologia e a oceanografia. O mar tem fim, tem peso, tem vida. O céu não tem limite. O céu é dos astrô-

nomos e dos poetas, que sabem que hão-de morrer sem percebê-lo. O mar é dos cientistas e dos observadores, que podem passar a vida dentro dele, sabendo que é finito e perceptível. O céu, como o amor, tem Deus acima dele. O mar, como a paixão, tem o Homem lá dentro. Compare-se o efeito que os anjos têm sobre nós com o que têm as sereias e perceber-se-á a distância entre a religião e a mitologia. A religião é uma coisa de Deus, do amor - A mitologia é uma coisa de pessoas-feitas-deuses, de paixão.

Como coincidem tantas vezes amor e paixão, é preciso isolá-los para não confundir-los. Basta responder à velha pergunta, sem responder depressa, com as velhas mentiras com que nos enganamos uns aos outros: "Se essa pessoa só conseguisse ser feliz amando outra, seria capaz de desejar que isso acontecesse, custasse o que me custasse?" Só quem ama responderá que sim. Imediatamente. Porque o amor é claro, é inevitável e, para além do mais, é um dom maior, maior que o amor-próprio, uma dádiva que ultrapassa as privações e o sofrimento.

Diz-se que o amor é brando, sem compreender a sua violência. Impõe-se a tudo. Subjuga-nos. Arruma a paixão em três instantes. Na paixão subsiste sempre o "eu". A terceira pessoa. "Eu" é a primeira, "Tu" é a segunda, e a terceira é Deus.

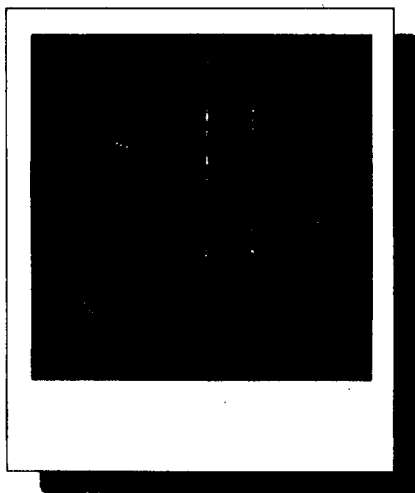
No amor preexiste o "ele". Não se trata de compará-los, mas de isolá-los. São interessantes as misturas de elementos, de oxigénio, fogo e dinamite, e é bom vivê-las e deixarmo-nos levar pelas explosões, mas continuam a ser em tudo distintos, em tudo incomparáveis.

Não é uma questão de tempo - um amor pode acabar e uma paixão durar a vida inteira. Nem de intensidade - um amor pode ser tresloucado e uma paixão tranquila. É uma questão de natureza. Enquanto a paixão, tal como todas as atracções pelo exterior, começa por nós, o amor, que é o único sentimento interior, começa pela outra pessoa, nela reside e nela vive até morrer.

Amor só há um. Distinguir entre o amor entre desconhecidos e pessoas do nosso sangue é sinal que não se ama. O amor é múltiplo. Há uma lista de pessoas que amamos. O órfão e o filho único não amam mais que aquele que tem pais e muitos irmãos. Não sei se, fora do círculo do sangue, se podem amar duas pessoas ao mesmo tempo, mas, caso seja possível, amam-se como se fizessem parte desse círculo.

No fundo, o amor tem pouco a ver com a presença, com a convivência, com o tempo e as experiências por que se passa. Quantas vezes acontece amar alguém sem suportar estar ao pé dela? Não é só na família. A familiaridade pode até atrapalhar o amor. A vida mete-se à frente da nossa alma e não a deixa respirar. É quando se está sozinho e longe que o amor se deixa ver mais claramente.

A vida - as condições, o tempo, a influência - nem sempre se adequa ao amor, como se adequa aos sentimentos mais comuns - à amizade, à paixão, ao instinto comunitário. Mas se a vida serve para alguma coisa, que não seja apenas viver, é para amar. O amor é um dom porque, fazendo-nos sentir pequeninos e dependentes, afasta-nos de nós próprios e do mundo e aproxima-nos da nossa alma, no que tem de bom, de razão para viver, da razão de Deus.



Independente, 3/ 2/ 95

2. «CORPUS» B

CÓPIA

«CARTOON» 1

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

FILHO ÉS, PAI SERÁS



«CARTOON» 2

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

AS MALHAS DA PAIXÃO



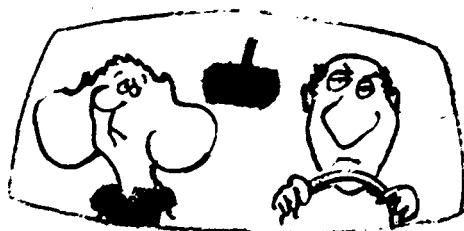
10 PÚBLICO 21.6.92

«CARTOON» 3

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

MAIS AMOR



NÃO JOÃO, SABES BEM QUE EU GOSTO MAIS DE TI DO QUE TU GOSTAS DE MIM.



«CARTOON» 4

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

FICA COMIGO

NÃO!
NÃO!

DIZ-ME QUE TUDO
NÃO PASSA DE
UM MAL-
-ENTENDIDO!

DIZ-ME:
- TERÁ SIDO
TUDO EM VÃO?
ADELIA?!
TUDO O QUE DE
TÃO BONITO ...!?

FICA!!!
SEM TI, QUE SOU EU?
SEM TI NADA SOU!!
POR TI SEREI
TUDO!

SEREI A SOMBRA
DA TUA SOMBRA
A SOMBRA DA TUA MÃO
A SOMBRA DO
TEU CÃO!

PORTI, SÓ PORTI,
A SALA ARRUMAREI,
OS PRATOS E COPOS
DA SEMANA
LAVAREI!!

FICA COMIGO
SENÃO EU
...

PARRRING

ESTÁS A PERDER
O JEITO

HOJE NÃO FOI
GRANDE COISA

ANTEONTEM FOI
MUITO MELHOR

AGORA É A
MINHA VEZ

VOU VER SE
ME LEMBRO
DAQUELA IDEIA
DA LOIÇA...

TENS DEZ MINUTOS

NÃO TE PODES
ESQUECER DA
CENA DO

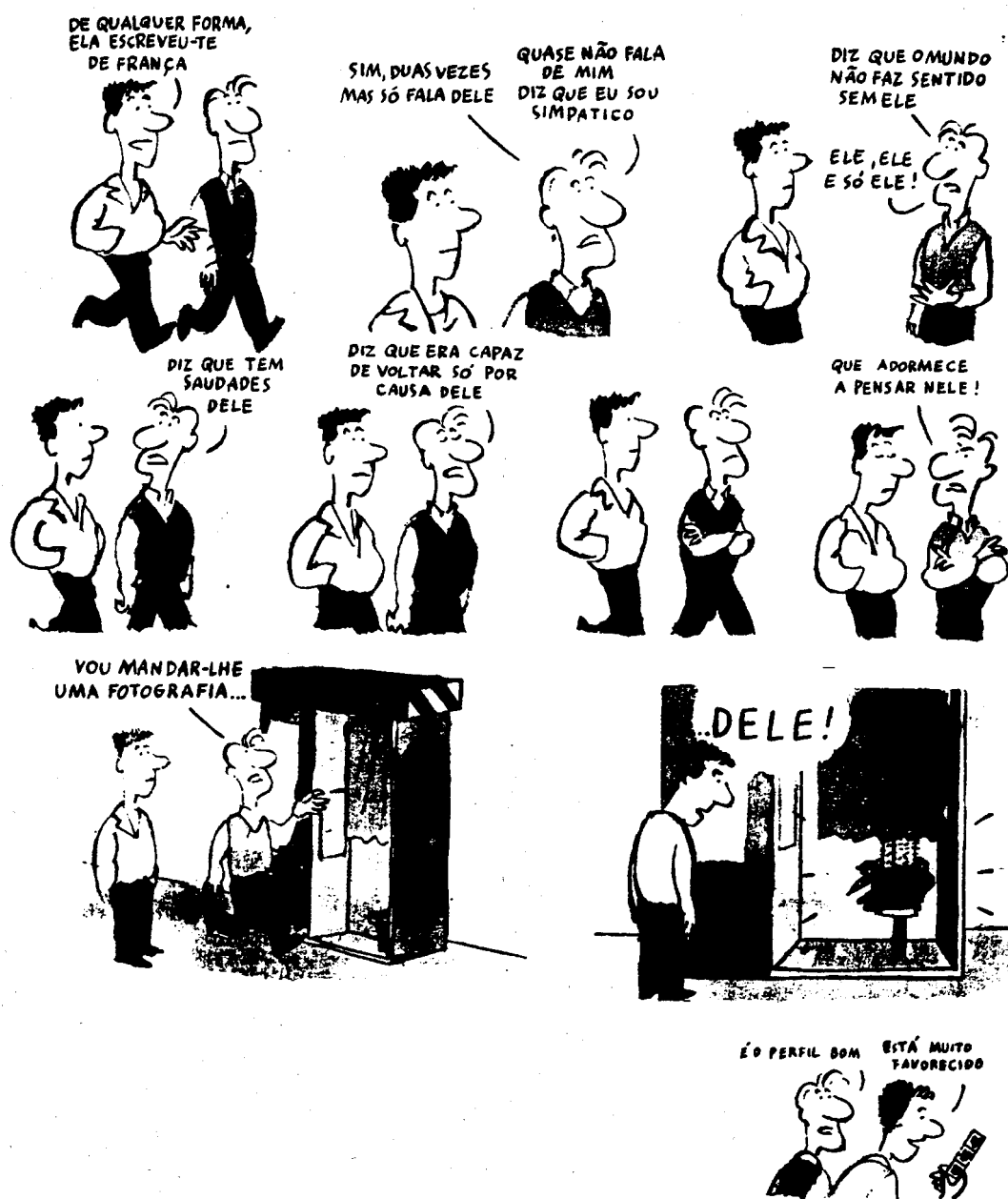
*TERÁS QUE ME
MATAR ANTES
QUE PASSES
ESTA PORTA!

«CARTOON» 5

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

ELE



«CARTOON» 6

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

NO REINO DO AMOR

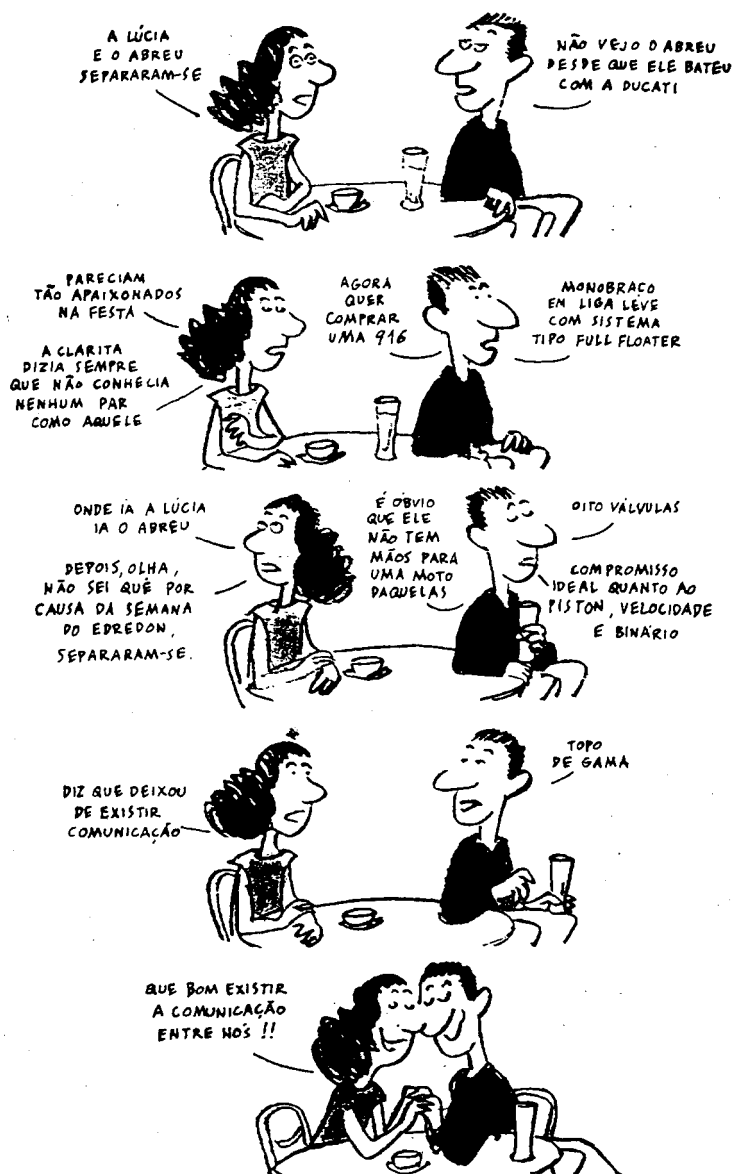


«CARTOON» 7

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

COMUNICAÇÃO



26.7.92 REPÚBLICA 10

«CARTOON» 8

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

FANOSTENE

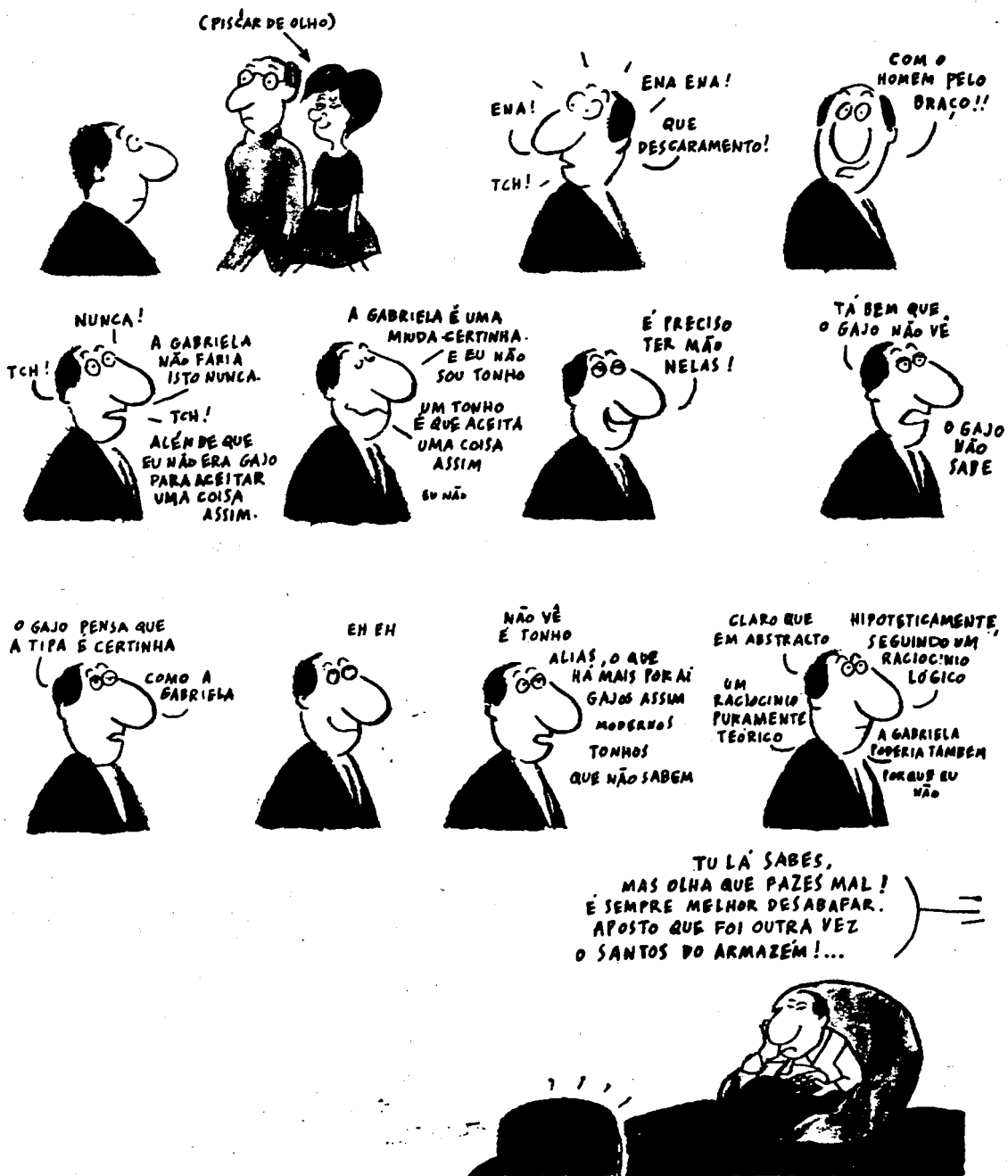


«CARTOON» 9

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

MÃO NELAS

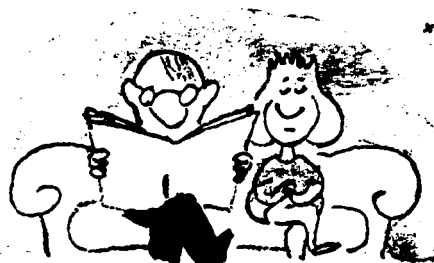
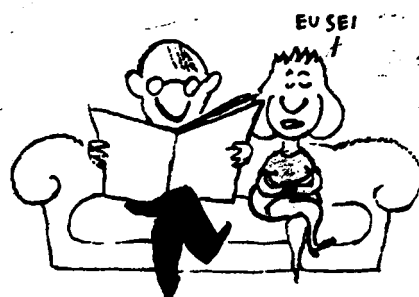
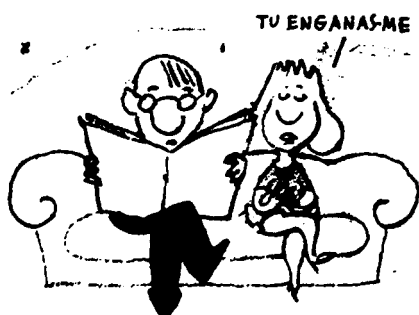


«CARTOON» 10

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

QUE MARIDO



16.8.92 PÚBLICO 6

«CARTOON» 11

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

OBSTÁCULO

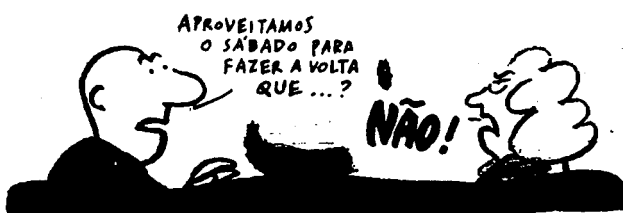


«CARTOON» 12

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

AMOR TV

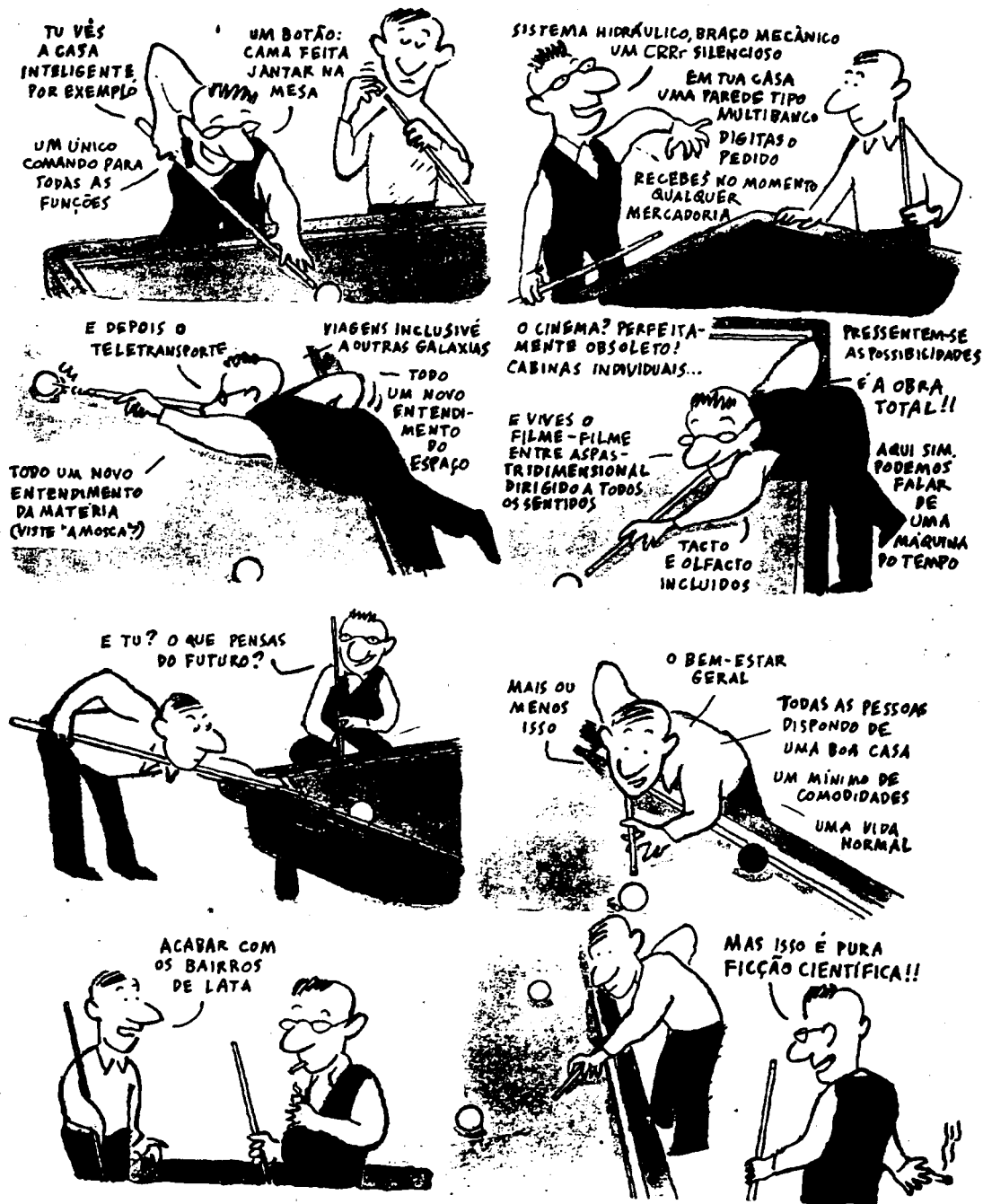


«CARTOON» 13

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

FICÇÃO CIENTÍFICA

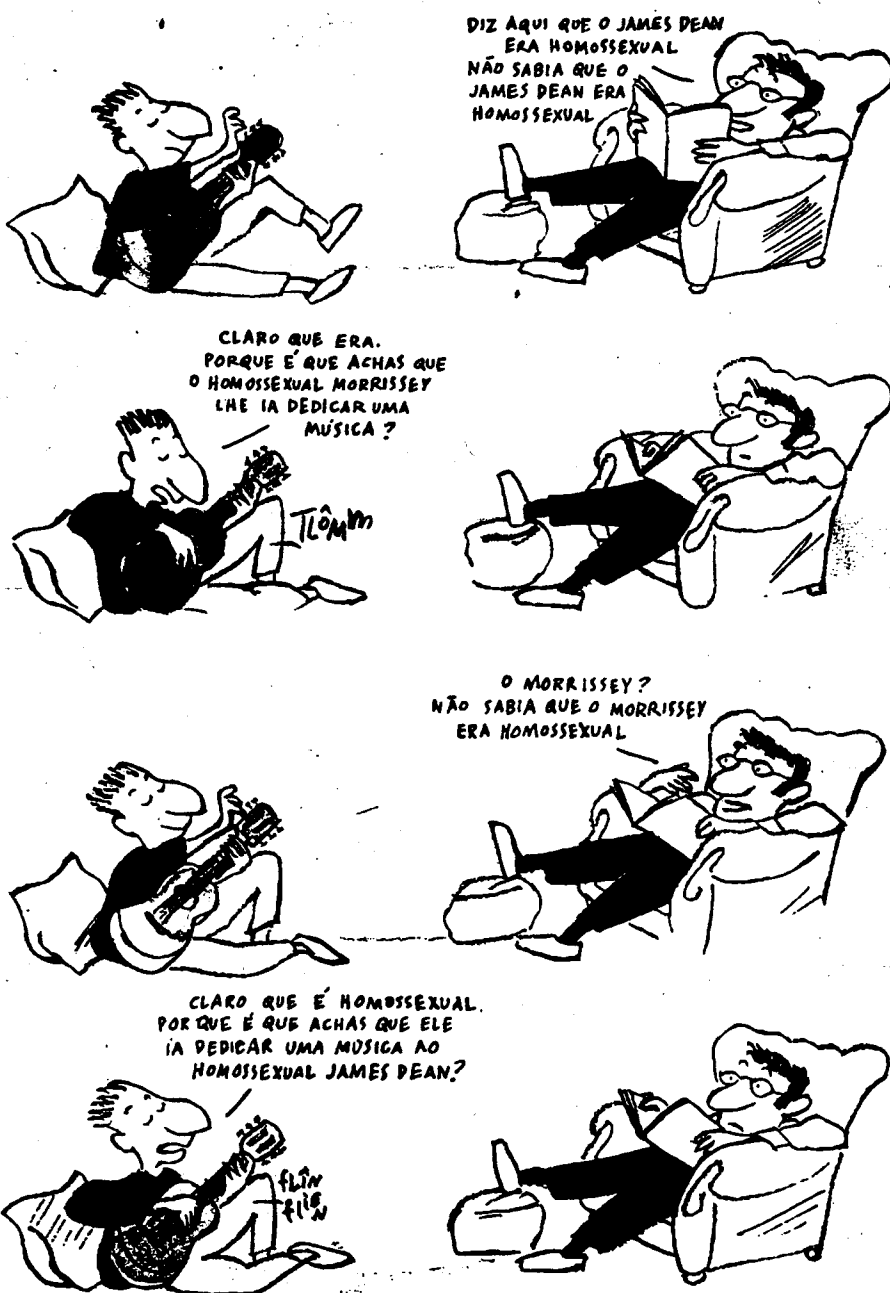


«CARTOON» 14

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

DEDUTIVO COMBINADO



«CARTOON» 15

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

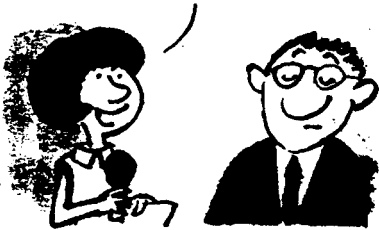
DEPENDE DO QUE SE ENTENDER POR TÍTULO

NA NOSSA HABITUAL RUBRICA
"O HOMEM POR DETRÁS DO POLÍTICO" E PORQUE
OPOLÍTICO É TAMBÉM O HOMEM POR DETRÁS,
VAMOS CONVERSAR COM ALGUÉM
HABITUADO A PENSAR AS GRANDES QUESTÕES
MAS QUE NÃO FOGE A FALAR-NOS DA VIDA
NAS SUAS VARIADAS CAMBIANTES

AFIRMOU RECENTEMENTE:
"O QUE ME FAZ LORRER
É UMA ENORME PAIXÃO
PELA VIDA E PELA OBRA
EM FAVOR DOS OUTROS"

PODEMOS DIZER ENTÃO
QUE O HOMEM FIRME
E DETERMINADO QUE
CONHECEMOS COMO
PRESIDENTE DA FLCP
É UM HOMEM
APAIXONADO?

DEPENDE TUDO
DO QUE SE ENTENDER
POR "PAIXÃO"



SE FALAMOS DE PAIXÃO
COMO A SANTAR AMBISIÃO
DAQUELES QUE NÃO ESTÃO
NUNCA SATISFEITOS
COM O TRABALHO
REALIZADO

AI SIM NÁ QUE
PARAR E DIZER
SEM MEDO DAS
PALAVRAS, QUE
O PRESIDENTE DA FLCP
É APAIXONADO PELA
VIDA, PELA FAMILIA...



SE COM PAIXÃO PRETENDEMOS
REFERIR AS ACCÕES IMPONDE-
KADAS QUE QUANTAS VETES
MATAM O ESSENCIAL

EU DIGO: O PRESIDENTE
DA FLCP NÃO É UM AVENTUREIRO
É UM HOMEM QUE MEDE /
E PONDERA,
QUE PONDERA
E MEDE



ACREDITA NO
AMOR SEM BARREIRAS?
PENSA QUE A DIFERENÇA
DE IDADES DEVE SER UM
IMPEDIMENTO
AO AMOR?

DEPENDE DO
QUE SÃO
"BARREIRAS"



...E PELO
PROGRESSO



SIM, SE
POR "BARREIRAS"
SE ENTENDEM
OS LIMITES IM-
POSTOS
PELO BOM
SENSE COMUM.

É DIFERENTE SE
POR "BARREIRAS" NÃO
SE ENTENDEM
OS LIMITES IM-
POSTOS PELO BOM
SENSE COMUM.

QUANTO AO FUTURO
DA NOSSA JUVENTUDE,
MANTÉM A OPINIÃO DE
QUE REGANHAR O
CAMINHO DA MORALIZAÇÃO
É EVOLUIR, NO SENTIDO
DA ESPERANÇA.

EU DIRIA QUE
TUDO DEPENDE
DO QUE SE ENTENDER
POR "REGANHAR"
"REGANHAR" PODE
SER RETROCEDER E PODE
SER REFORMULAR

É POR ISSO QUE
EU PERGUNTO:
REGANHAR O QUE?
REGANHAR PARA QUE?
REGANHAR AONDE?

DISEI UM DIA:
"A FAMILIA É O
PILAR"
QUE PENSA DESTAS
HISTÓRIAS COM
WOODY ALLEN?

SINTO-ME TENTADO
A RESPONDER, MAS TUDO
DEPENDE DO QUE SE
ENTENDER POR
"WOODY ALLEN"
EU EXPLICO: SE ...



JÁ ESTÁ DESLIGADO, HEIM?
ENTÃO DIGA-ME LÁ AGORA A MENINA,
AQUI ENTRE NÓS, SE ACREDITA
NO AMOR SEM IDADE,
SEM BARREIRAS...?

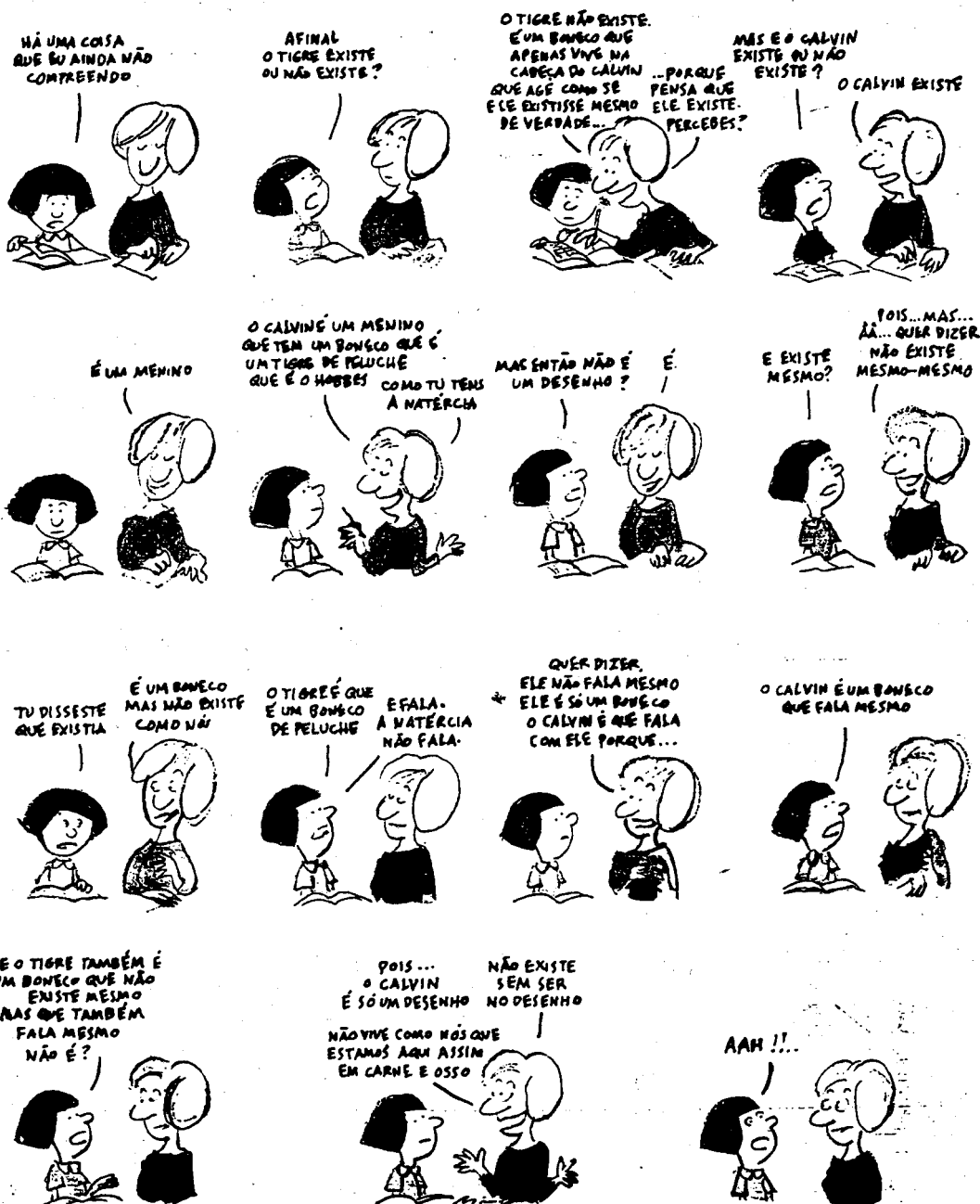


«CARTOON» 16

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

A QUESTÃO ONTOLÓGICA

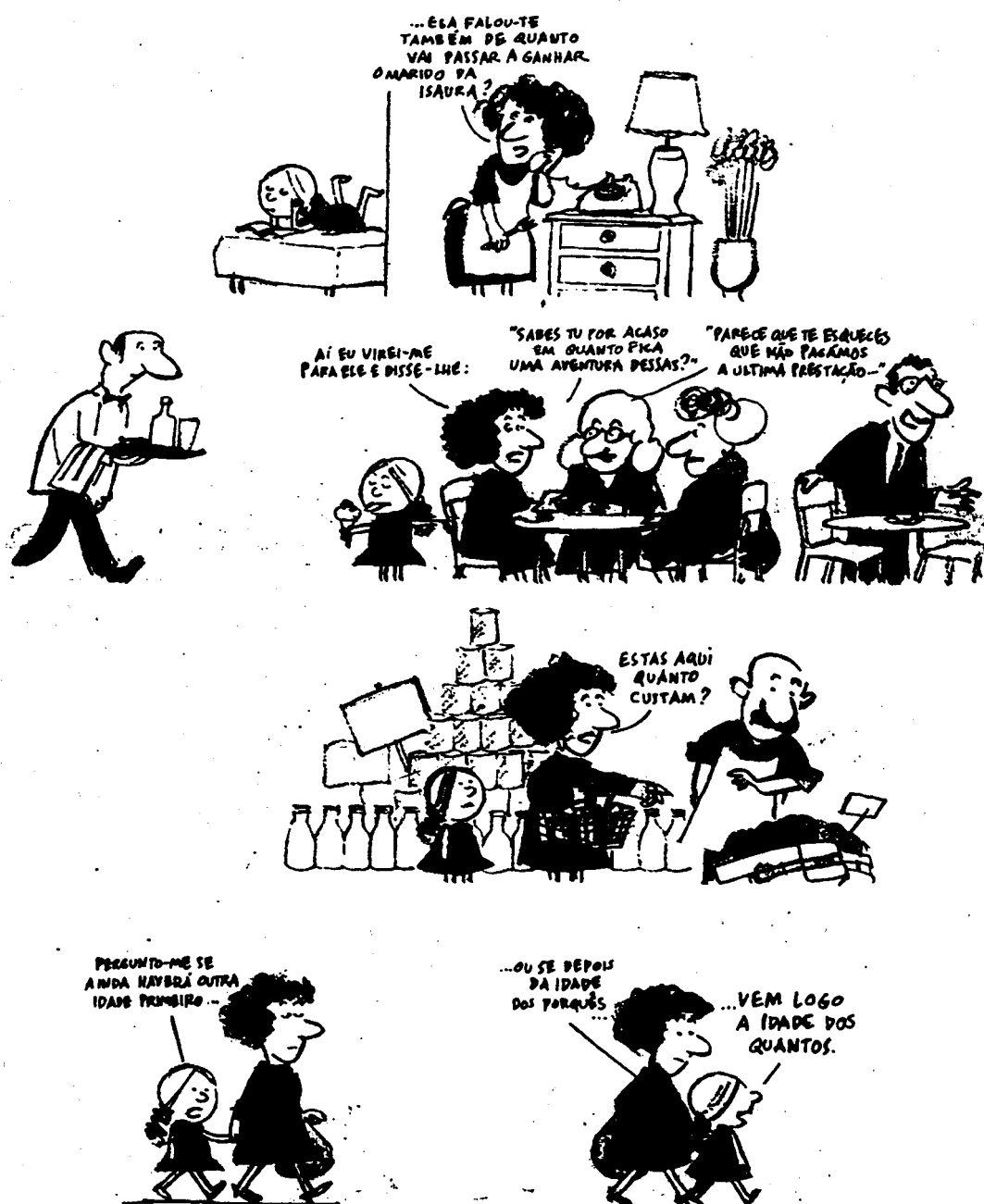


«CARTOON» 17

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

AS IDADES



«CARTOON» 18

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

A MELANIE GRIFFITH DEVIA SER CASADA COMIGO

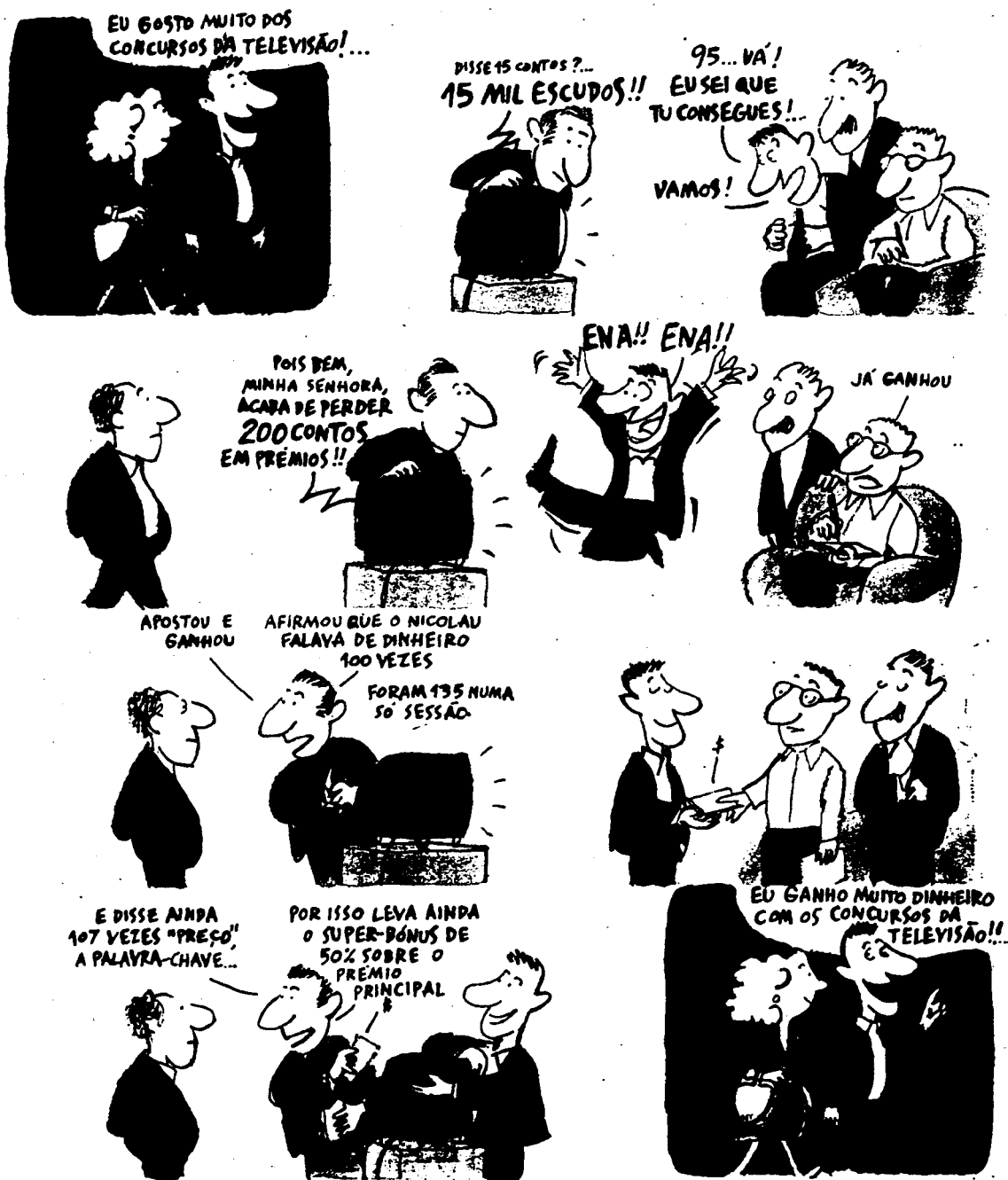


«CARTOON» 19

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

A PALAVRA-CHAVE



CARTOON» 20

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

DESAFIOS



«CARTOON» 21

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

A AMÉRICA E A AMÉRICA



CARTOON» 22

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

UMA SEMANA DIFERENTE



CARTOON» 23

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

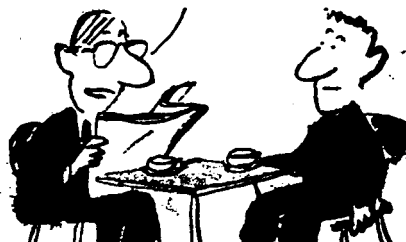
BOAS NOTÍCIAS !

BOAS NOTÍCIAS
PARA OS
PORTUGUESES!!

NUM ESTUDO REALIZADO NA CAMADA
CHEGOU-SE À CONCLUSÃO QUE
VER TELEVISÃO NÃO É AFINAL
PREJUDICIAL À SAÚDE.

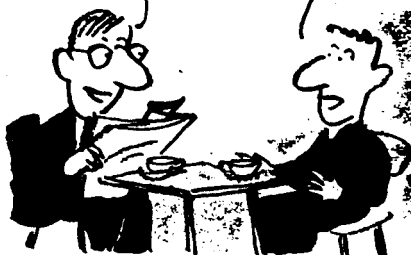


"VER MUITA TELEVISÃO,
AO CONTRÁRIO DO QUE SE PENSAVA,
NÃO É CAUSA DE DOENÇAS COMO
A ESTERILIDADE MASCULINA OU
O PROGRESSIVO EMBRUTECEMENTO
DO ESPECTADOR CRÓNICO."



"... O COMPORTAMENTO GERAL
MANTÉM-SE, EM MÉDIA, INALTERADO
MESMO APÓS 7 E 8 HORAS DIÁRIAS
DE TELEVISÃO."

...NÃO DIZ COMO
CONSEGUIRAM
PROVAR...?



AO LONGO DE SEIS MESES
FIZERAM UMA SÉRIE
DE EXPERIÊNCIAS...



... COM HAMSTERS.



«CARTOON» 24

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

RECAPITULANDO



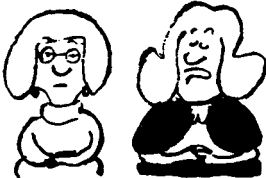
«CARTOON» 25

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

INTERLUDIO

ELA TEM LÁ
OUVIDOS PARA
ALGUÉM !?



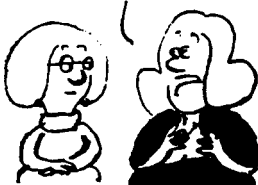
ELA PODIA MUITO BEM ACEITAR
O CONVITE PARA TRABALHAR NA AGÊNCIA.
ESTÁ BEM QUE NÃO É UM ÓTIMO
EMPREGO, MAS TAMBÉM QUE SITUAÇÃO
É A DELA?... SIM... QUE HIPÓTESES
TEM ELA DE ACABAR MELHOR?...
NENHUMA



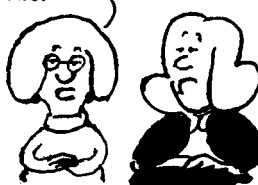
E PARA MIM, DIGAM LÁ O QUE DISSEREM,
A CULPA É TODA DA IRIS QUE NÃO
SABE ESTAR CALADA.
SENÃO ERA ESCUSADA TODA AQUELA
CENA NO PATAMAR...!?



SIM... PORQUE DIGA-ME LÁ
A SENHORA, SINCERAMENTE,
SE NÃO SE PODIA EVITAR
TODA AQUELA VERGONHA!



EU NÃO CONFIIO NELA.
E DISSE-O SEMPRE DESDE A
PRIMEIRA HORA - E A SENHORA
ESTÁ AI QUE É TESTEMUNHA -
ELA AMUN NUNCA ME
ENGANOU



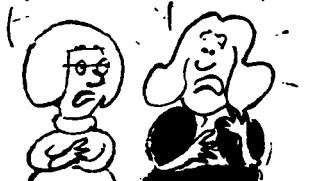
O FILHO DO DR. ALCIDES
TEM LÁ AQUELAS COISAS
MAS É BOM DEMAIS
PARA ELA



E DIZEM QUE
MAS TARDE OU MAIS
CEDO VAI DESCOBRIR
TUDO.

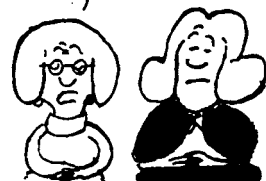


COMO A OUTRA QUE
MORA LÁ EM CASA.
JÁ DEU PARA PERCEBER
QUE BELA RÓS...!
MAS ESSA É MELHOR
NEM FALAR...!!

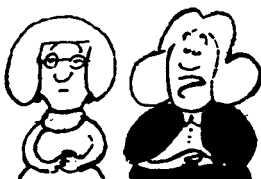


AH NÃO! AH NÃO!!
ESSA É MELHOR
MESMO NEM
FALAR...!!!

AGORA SÃO ELES
E QUE TEM QUE TER
JUÍZO!



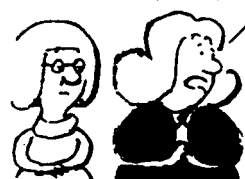
QUE ÉPOCA,
MEU DEUS,
QUE ÉPOCA!



MAS TAMBÉM QUE
PODEMOS NÓS FAZER?
NADA.
SÓ NOS RESTA...



...ESPERAR PELO
CAPÍTULO DE HOJE PARA
VER NO QUE DÁ.
MAS NÃO ME PARECE
QUE SEJA DE ESPERAR
GRANDES PROBLEMAS.



«CARTOON» 26

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

A CARTA



«CARTOON» 27

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

IMCOMPATIBILIDADES

ELE É BONITO



EU SOU FEIA E
DESLEIXADA



ELE É MUITO ORGANIZADO.
EU SOU DESARRUMADA.



É INTELIGENTE
ENQUANTO EU
SOU UM BOCADO
LIMITADA



TEM UM EMPREGO
ESTÁVEL E É
SUPERTRABALHADOR.
EU SOU PREGUIÇOSA



É O CÚMULO
DA SIMPATIA
MAS EU SOU
ANTIPÁTICA.

E ENTÃO?



SAIMOS ONTEM
A ÚLTIMA VEZ...
A ÚLTIMA
VEZ?
VI-ME
OBRIGADA A
DIZER QUE
NÃO.



NÃO COMPREENDO,
TU...
...ESTOU CONVENCIDA
QUE MEREÇO MAIS
DO QUE ALGUÉM...



...QUE SE CONTENTA ASSIM
COM UMA COMPANHEIRA
FEIA, DESLEIXADA, POUCA
INTELIGENTE E AINDA
POR CIMA ANTIPÁTICA!



CARTOON» 28

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

ANO NOVO

ESTE ANO DE 1992
FOI O ANO EM QUE O MEU MARIDO
ME DEIXOU DEPOIS DE 15 ANOS
DE VIDA EM COMUM



DEIXEI A CASA PORQUE NÃO
PODIA PAGAR A RENDA.
PASSEI GRANDES DIFICULDADES
PARA DESCOBRIR ESTE APARTAMENTO
MINÚSCULO EM QUE MAL
CABE O ASPIRADOR.

EU, QUE NUNCA ME HABITUEI
AS LONGAS ESPERAS PELA NOITE
DENTRO - E ACONTECIAM QUASE
TODOS OS DIAS - PASSEI DE
UM MOMENTO PARA O OUTRO
A VIVER SOZINHA



CHUBEI NO EXAME DA CARTA
DE CONDUÇÃO QUE COMECEI
A TIRAR ESTE ANO.
RETOMEI AS AULAS HOJE.

O MEU MARIDO NÃO QUERIA
QUE EU TRABALHASSE.
LEVEI 6 LONGOS MESES PARA
ENCONTRAR UM
EMPREGO MISERÁVEL ONDE
TRABALHO MUITO E GANHO
MISERÁVELMENTE



DURANTE OS ANOS DE CASADA
MUITO RARAMENTE SAIA À NOITE
E SEMPRE COM O MEU MARIDO.
AGORA SAIO TRÊS VEZES POR SEMANA
PORQUE DECIDI ACABAR O CURSO.
É CADA VEZ MAIS PERIGOSO SAIR
À NOITE.



ACABO OS DIAS ESTOIRADA
E MAL ARRANJO TEMPO PARA
AQUILO QUE SEMPRE FOI A
MINHA ESPECIALIDADE:
A CASA.



ALGUMAS VEZES O QUARTO
FICA DESARRUMADO QUANDO
SAIO DE MANHÃ E DEUS ME PERDOE!
ACONTECE ATÉ ESQUECER-ME DA
ROUPA PARA PASSAR A FERRO!



É IMPOSSÍVEL QUE O ANO DE 93
POSSA TRAZER TANTA FELICIDADE
COMO ESTE MAGNÍFICO
ANO DE 1992!!



«CARTOON» 29

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

AS PRENDAS

27 de Dezembro de 92
Quando nasceu:
Este ano, com as prendas,
foi outra vez
a mesma coisa.



O meu irmão mais
velho - porque é mal-
educado - já ninguém
é capaz de aturar-lo em
casa -



receber uma
bicicleta.



A minha irmã Ana
- porque gosta de dar
nas vistas e é um pouco
 vaidosa -



receber um
vestido novo
de 9 contos.



O meu irmão Luís -
porque tem a agressividade
natural dos rapazes da
idade dele, se não ganhasse
uma caixa-comparto "Ninja"
partia tudo -



receber uma
caixa-comparto "Ninja"
- 5 contos e 200



Eu - porque
sou sensível e
triste -



recebi este
estúpido diário
- 795 escudos !!



HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel
RASGO

3 de janeiro de 93
Tomei uma decisão.



...e sobretudo deixarei
de escrever
neste estúpido
diário!!!



A partir de hoje
vou empreender as mudanças
de que tenho vindo
a falar-te.



Cada dia um desafio!
A vida a 100% sem vacilar!
Cumprir finalmente a missão
Ana Isabel. Deixar o esboço
para escrever o
tal livro de
que te falei.



Não mais as cedências e as
cobardias e as humilhações.
Chegou a hora de abandonar
esta vida de rato e vincar a golpe
de navalha o destino
na palma da
minha mão.



Acabaram-se as justificações,
as ilusões e as brezinhas.
1993 começará um homem
livre de todas as
dependências.



3 de janeiro de 93
Tomei uma decisão.
Já a partir do próximo
mês, vou empreender as
mudanças de
que te falei.



«CARTOON» 31

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

JÚPITER

VIDA: VOCÊ É ENCANTADORA E É CHEGADO O MOMENTO DE COMEÇAR A PREOCUPAR-SE CONSIGO MESMA. ESTA SEMANA, GRACIAS À PRESENÇA DE JÚPITER, EM CANCER, TUDO LHE SERÁ FACILITADO.



VOCÊ SENTE-SE INSEGURA E DEBILITADA MUITO POR CULPA DAS PESSOAS QUE A RODIAM. FAÇA VALER OS SEUS INTERESSES E TIRE PARTIDO DO GRANDE TRONFO QUE POSSUI: A SUBTILIZA.



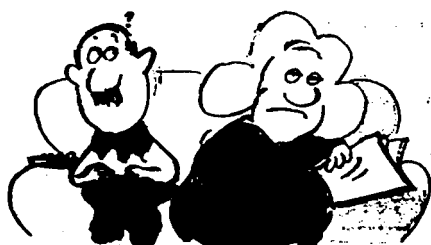
AMOR: VOCÊ É UMA AMANTE POR NATUREZA E NÃO DEVE CAIR NA MONOTONIA. VIVERÁ UM ROMANÇO DE ARREPIAR SE SÓUBER ULTRAPASSAR AS RESISTÊNCIAS QUE PODERÃO SURTIR DE MUITO PORTO.



NO FIM DE SEMANA ESTARÁ INSINUANTE E PROVOCADORA. ENTRE OS DIAS 9 E 11 PRECAVENHA-SE CONTRA CERTAS INFIDELIDADES.



SAÚDE: DESCUBRA O SEU LADO ATLÉTICO.

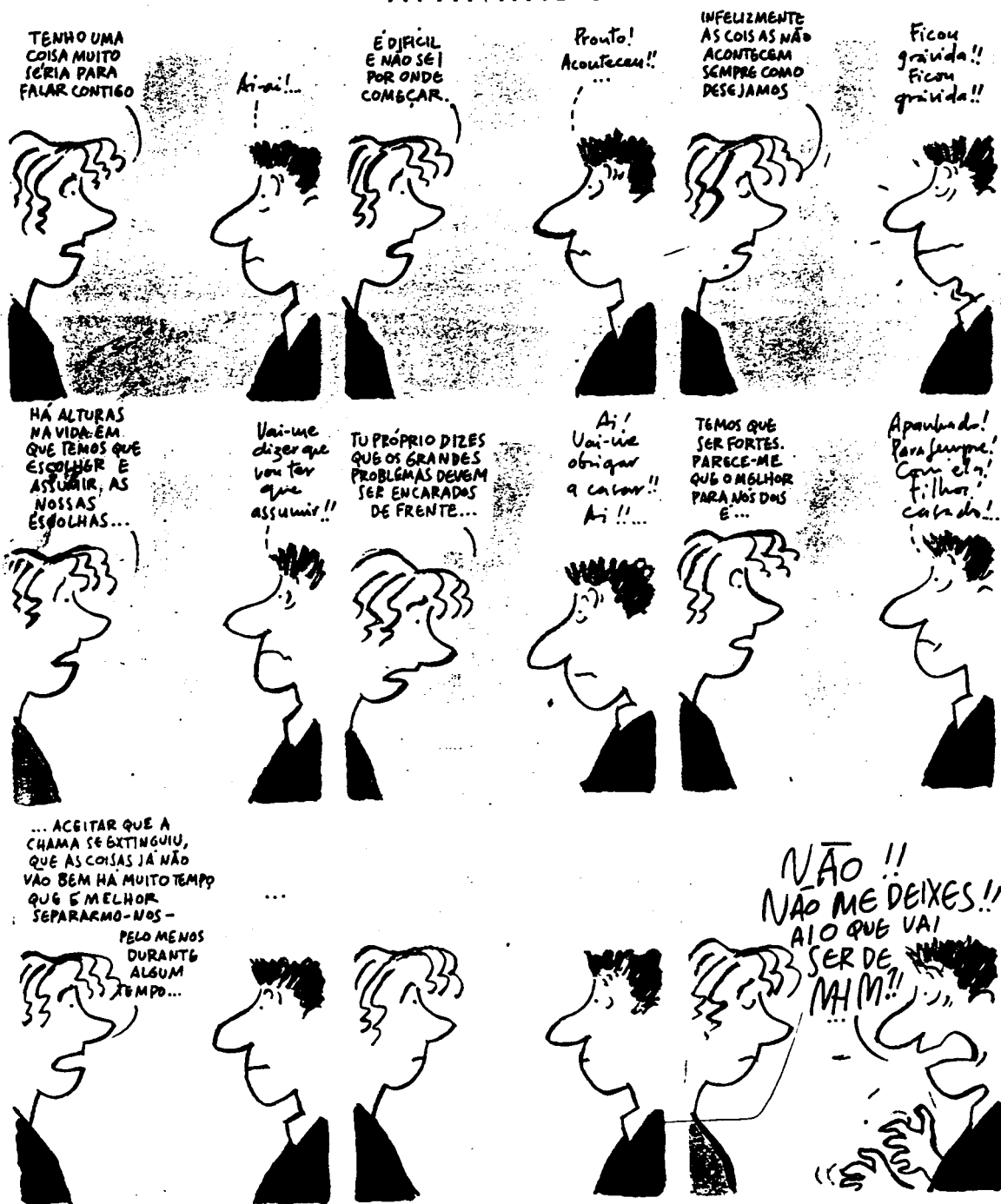


«CARTOON» 32

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

APANHADO



«CARTOON» 33

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

SEMANA RADICAL

VEJO QUE
HOJE ESTAMOS
SATISFEITOS...



SIM.

O MAU HORÓSCOPO DIZ:
"SEMANA ALTAMENTE FAVORÁVEL
PARA SE ABALANÇAR A COMPRAR
A TAL PEQUENA QUINTA QUE
TRAZ DEBAIXO DE OLHO..."

MAS TU NÃO
VAIS COMPRAR
UMA QUINTA !!

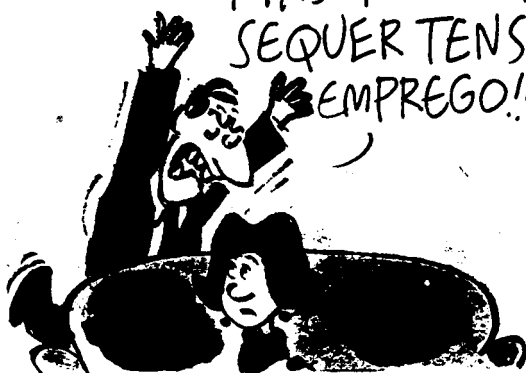


MAS OUVES:

"ISTO PORQUE A SUA SITUAÇÃO
FINANCEIRA SERÁ DESBLOQUEADA
QUANDO OS SEUS SUPERIORES
HIERÁRQUICOS LHE DEREM
FINALMENTE RAZÃO
NUMA QUESTÃO ESSENCIAL..."



MAS TU NEM
SEQUEER TENS
EMPREGO!!!



POIS

TALVEZ SEJA POR ISSO
QUE DIZ TAMBÉM:
"ESTÁ SEMANA TESTEMUNHARÁ
MUDANÇAS RADICAIS NA SUA VIDA..."

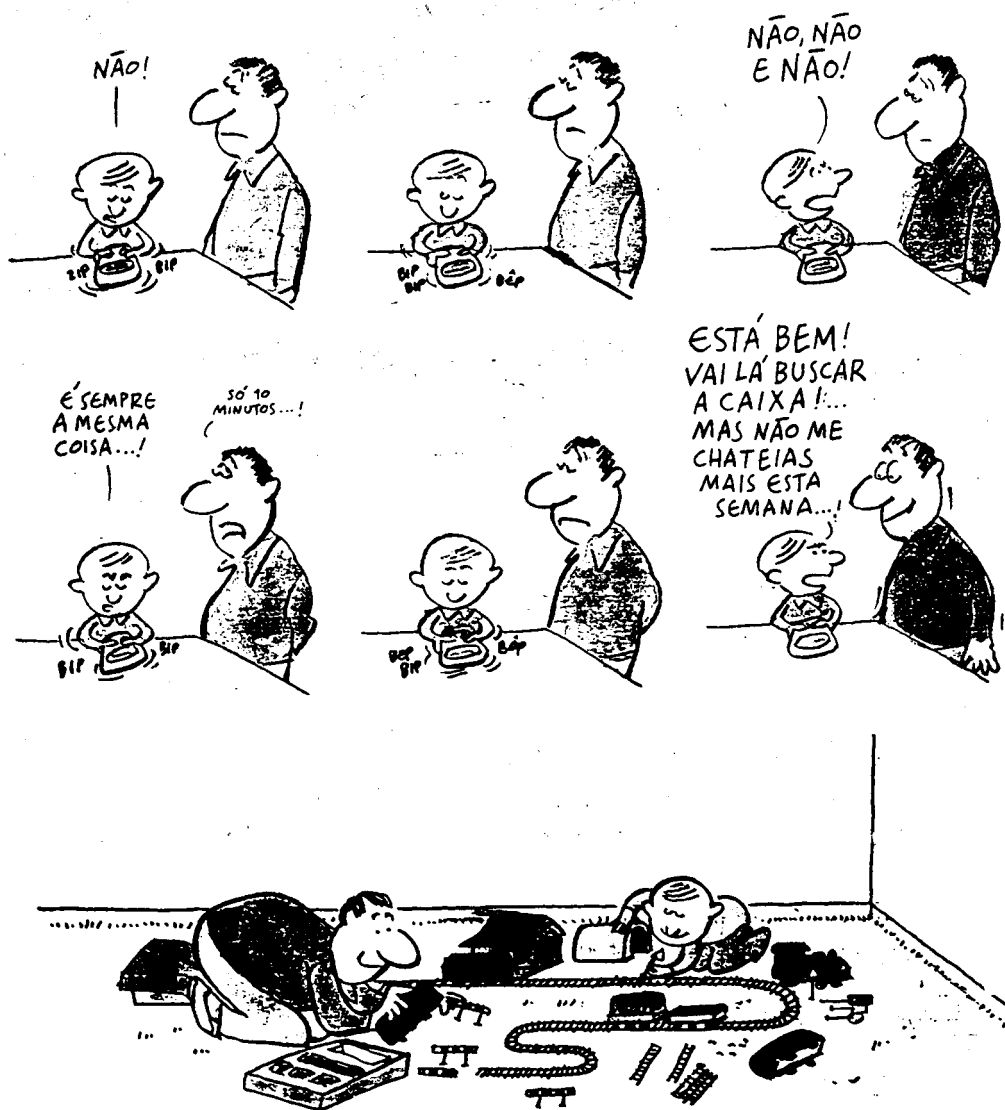


«CARTOON» 34

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

SÓ 10 MINUTOS



31.1.93 PÚBLICO 8

«CARTOON» 35

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

INDIRECTAS

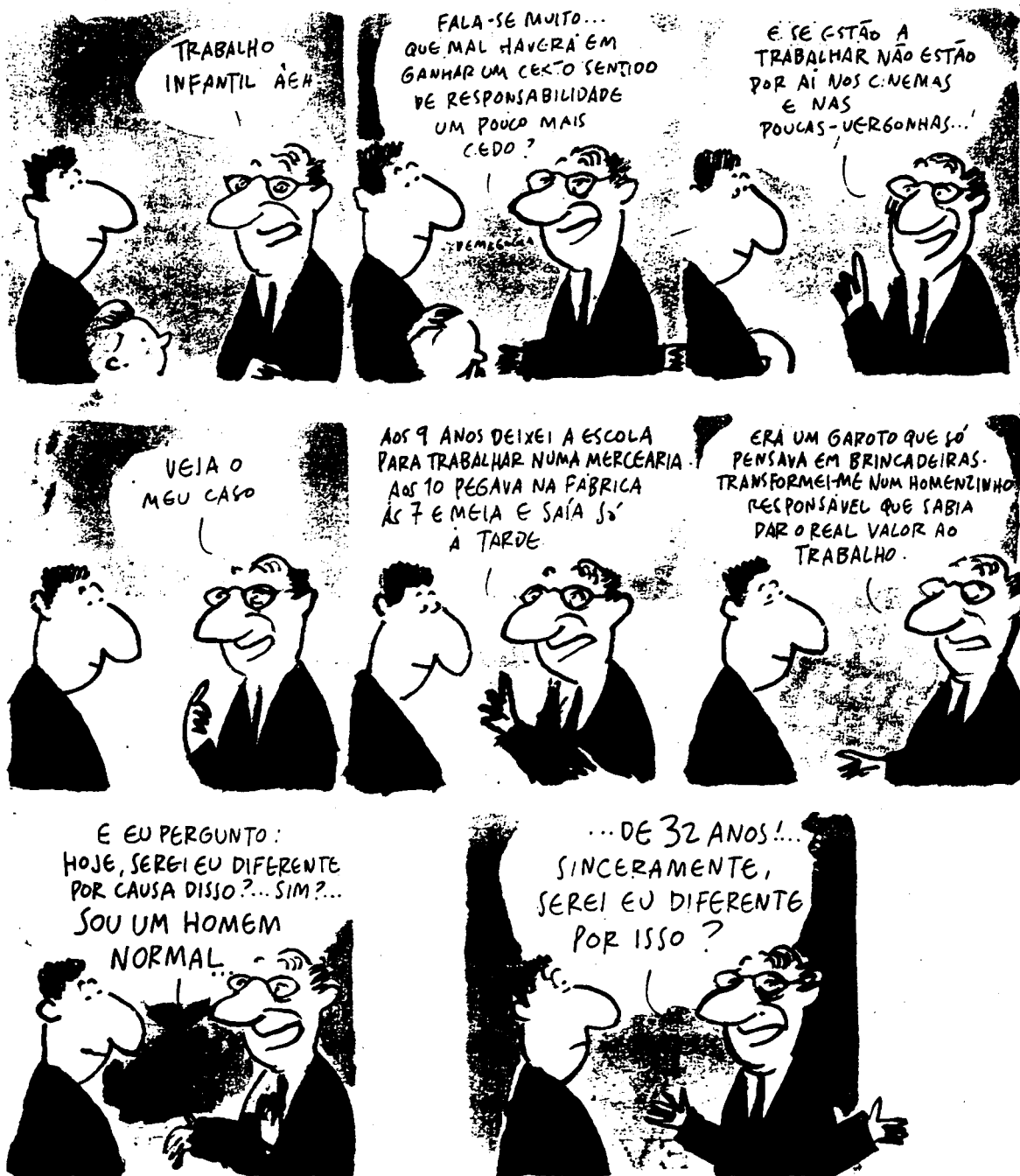


«CARTOON» 36

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

O TRABALHO EDUCA !

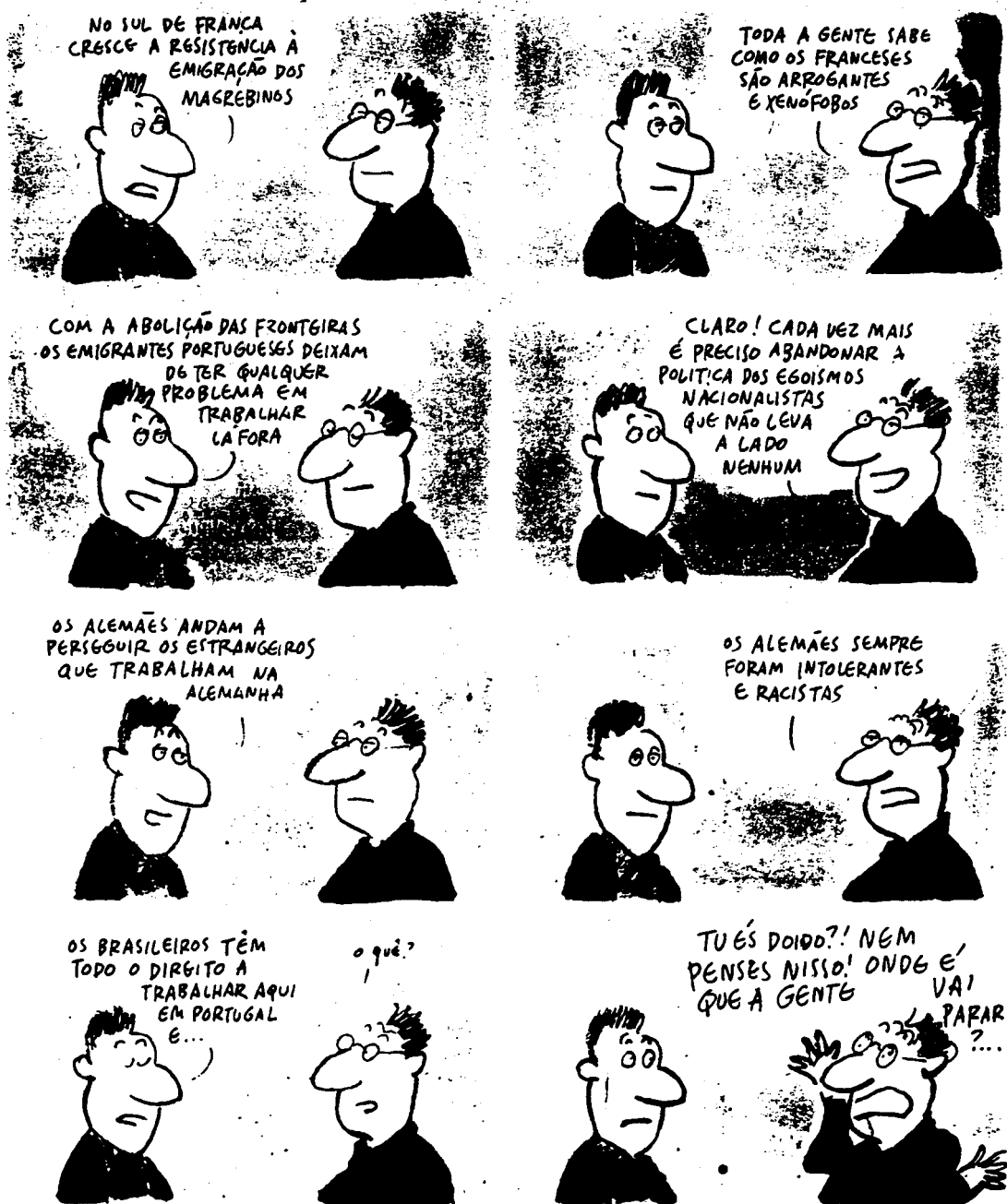


«CARTOON» 37

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

OS FRANCESES E OS ALEMÃES



«CARTOON» 38

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

INTERROGAÇÃO

SE EU FOSSE FEIA
GOSTARIAS DE MIM DA MESMA
FORMA?



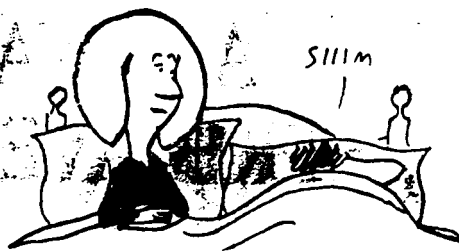
AAH?
SIM



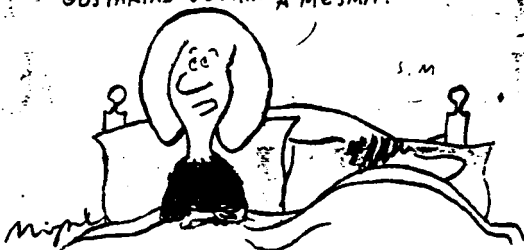
E SE EU FOSSE GORDA COMO
A LAURA CONTINUARIAS A
GOSTAR DE
MIM?



SIIM

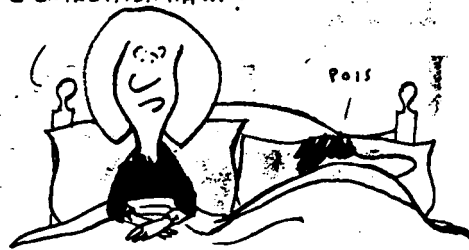


E SE EU FOSSE ESPANHOLA
GOSTARIAS DE MIM A MESMA?



S.M

E SE EU FOSSE CEGUINHA
E ENTREVADINHA ... ?



POIS

E SE EU FOSSE MESMO
MUITO MA GOSTARIAS AINDA
DE MIM?



SIM

E SE EU FOSSE COMPLETA-
MENTE MUDA, GOSTARIAS
DE MIM...?



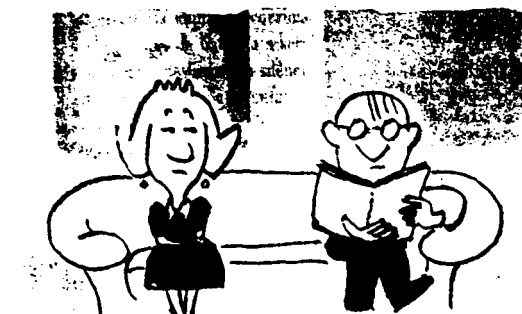
AH
SIM SIM
SIM!!

«CARTOON» 39

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

PALAVRAS BONITAS

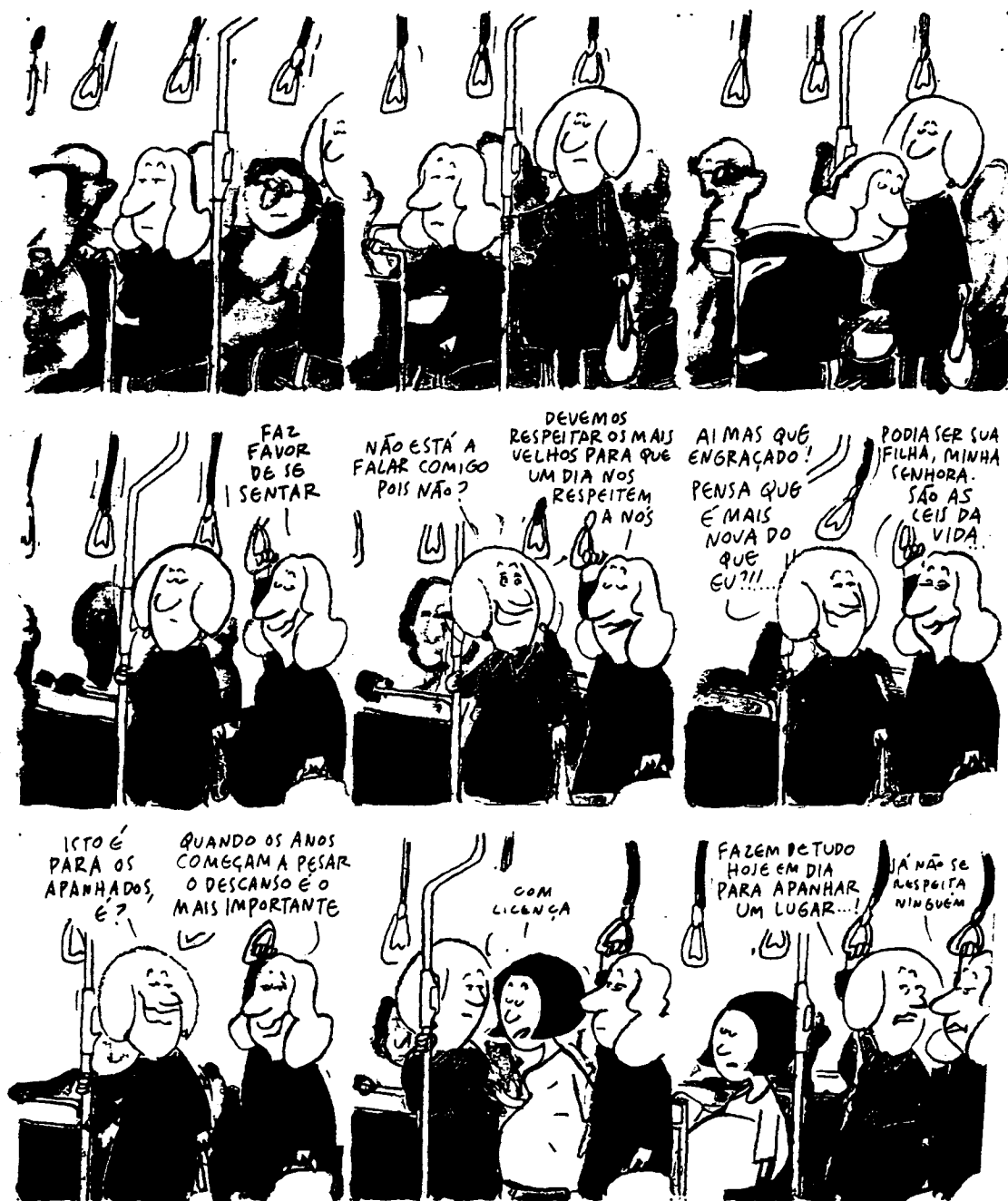


«CARTOON» 40

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

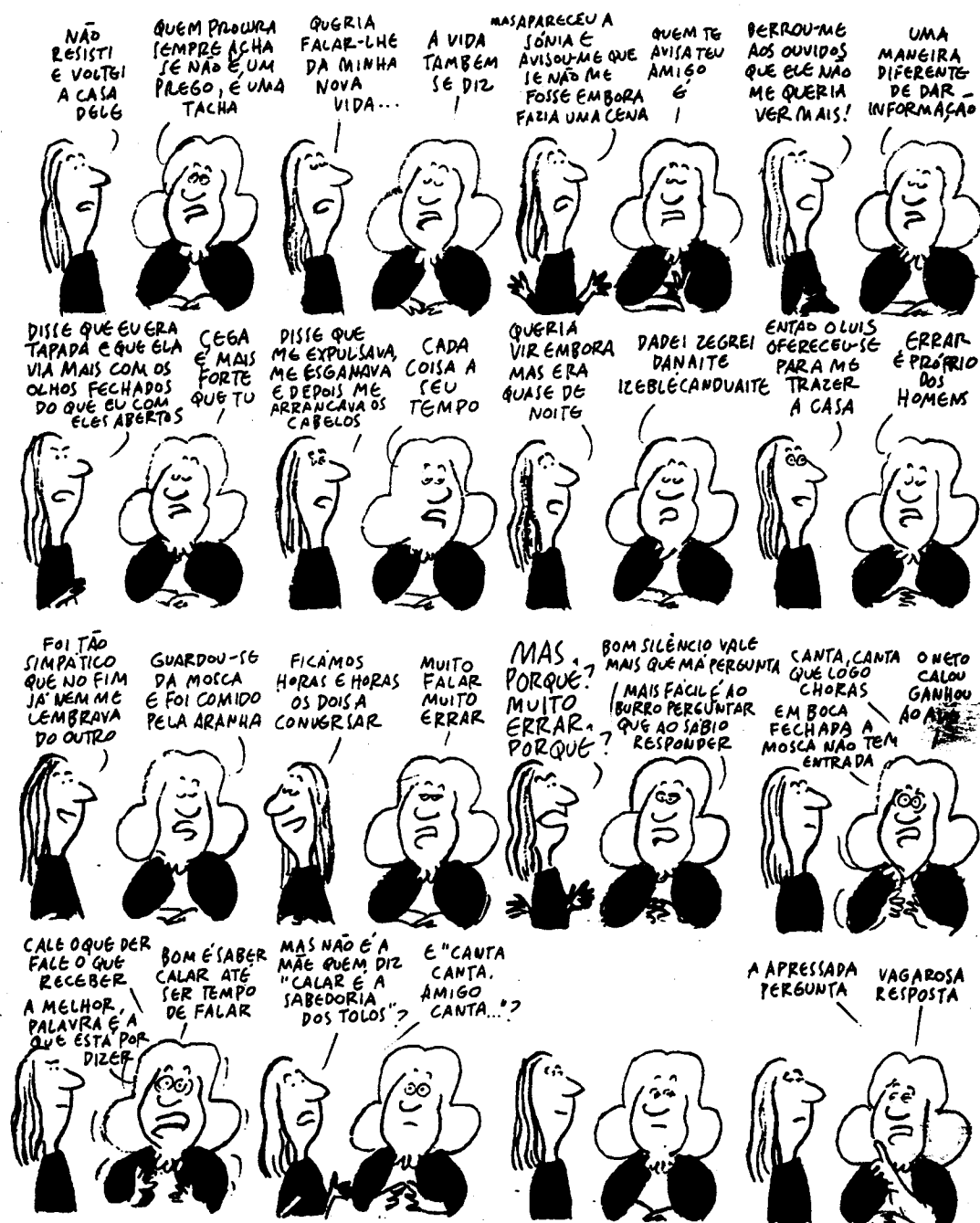
AS LEIS DA VIDA



HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

DEIXA ESTAR JACARÉ II



«CARTOON» 42

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

IMENSA PRESENÇA



HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

REVISTAS

ODEIO AS
REVISTAS
MASCULINAS!



ODEIO AS REVISTAS MASCULINAS
QUE SÓ TRAZEM ARTIGOS IMBECIS
SOBRE DESPORTOS IMBECIS!



E EU ODEIO AS REVISTAS MASCULINAS
COM OS SEUS RIDÍCULOS TESTES
COMPARATIVOS DE AUTOMÓVEIS!!



ODEIO AS REVISTAS MASCULINAS
CHEIAS DE FOTOS DE MULHERES
DESPIDAS E PROVOCANTES!!



E EU ODEIO AS
REVISTAS FEMININAS



E EU ODEIO AS REVISTAS
FEMININAS QUE SÓ TRAZEM
SECOS IDIOTAS SOBRE
DECORAÇÃO DO INTERIO-
RES!



E EU ODEIO AS REVISTAS
FEMININAS COM OS SEUS
ESTÚPIDOS CONSELHOS
DE SAÚDE E BOA
FORMA



EU ADORO
AS REVISTAS
FEMININAS...

CHEIAS DE FOTOS
DE MULHERES
DESPIDAS E
PROVOCANTES!!



«CARTOON» 44

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

CONTAS

CHEGARAM AS CONTAS DO CLUBE.
PRIMEIRO ERAM AS MODIFICAÇÕES
NO AUTOMÓVEL, DEPOIS OS
FINS-DE-SEMANA EM ESPANHA...

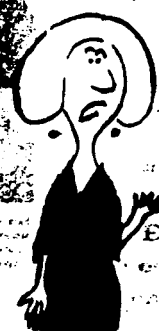
AGORA O
CLUBE...



PARA ALGUMA
COISA HA-DE
SERVIR UM
PAI!



NÃO PODEMOS
CONTINUAR ASSIM
ETERNAMENTE!



TENS DE COMEÇAR
A GANHAR UM CERTO
SENTIDO DE RESPONSÁ-
BILIDADE.

É'S UM
HOMEM
CASADO



UM DIA TENS
FILHOS E COMO
VAI SER?



PARA ALGUMA
COISA HA-DE
SERVIR UM
AVÔ!



«CARTOON» 45

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

ARSINANDO



«CARTOON» 46

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

A BELA PRINCESA

A BELA PRINCESA
GASTAVA OS SEUS DIAS
A JANELA
OLHANDO-LÁ EMBAIXO
A CIDADE



OS CRIADOS DO PALÁCIO
COMENTAVAM ENTRE SI QUE A
PRINCESA, PROIBIDA PELO REI DE
AVISTAR-SE COM O JOVEM CAVALEIRO,
IA FICANDO DE DIA PARA DIA,
MAIS E MAIS TRISTE



CERTA MANHÃ DE PRIMAVERA
OS GUARDAS DO PALÁCIO VIRAM
UMA BELA CAMPONEZA
DE COSTINHA NA MÃO
DIRIGINDO-SE PARA
A CIDADE



NAS RUAS, OS OLHARES VIRAVAM-SE
À PASSAGEM DA BELA ALDEIA,
PERGUNTANDO-SE A RAZÃO
DA PROFUNDA TRISTEZA
QUE EMANAVA DO
SEU SEMBLANTE.



NINGUÉM NO REINO
REPARARA QUE ERA
NEM MAIS NEM MENOS
A BELA PRINCESA
QUEM ...



NEM MESMO OS
JORNALISTAS-ESPÍOES
DOS TABLOIDES
DO REINO?...

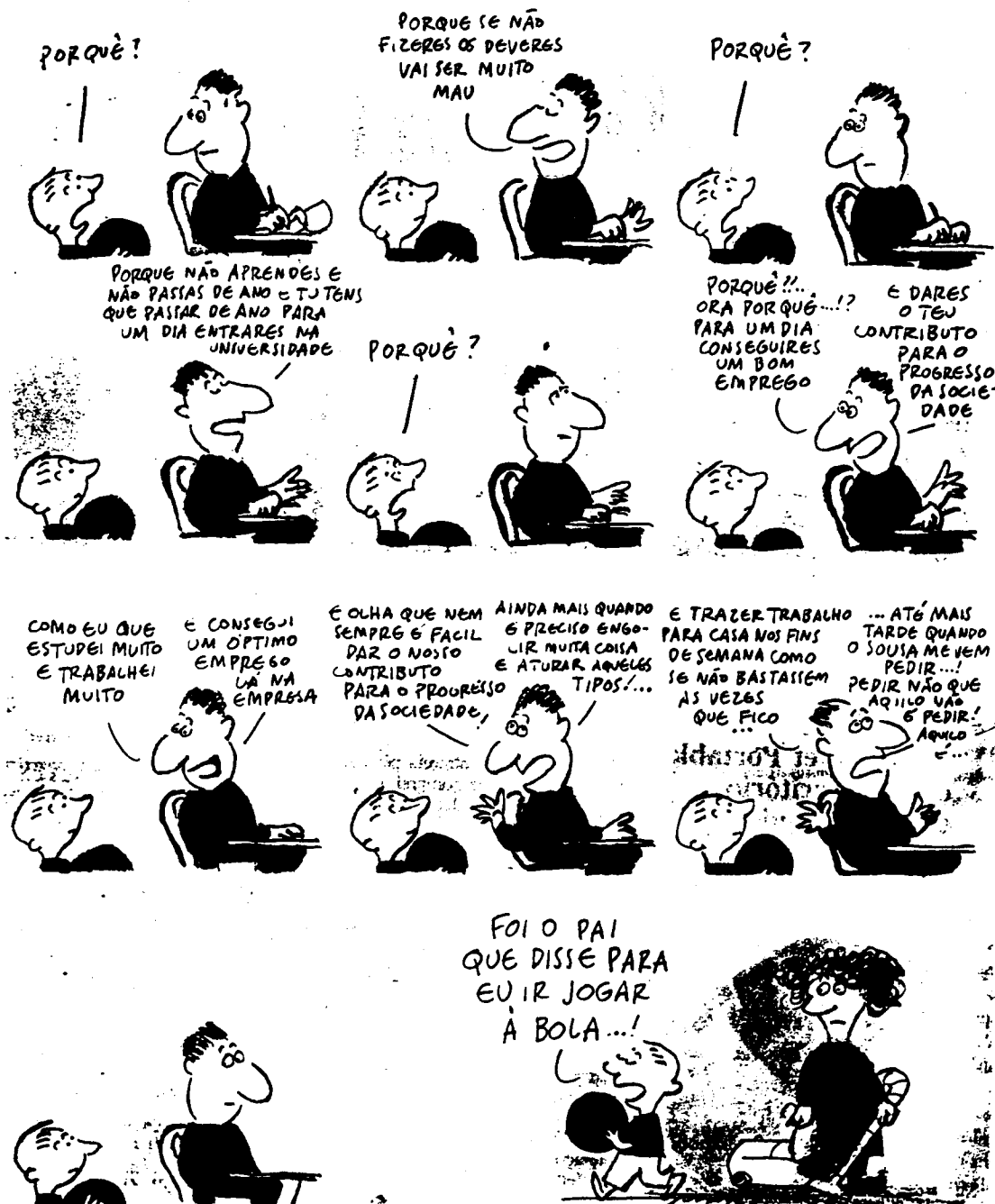


«CARTOON» 47

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

OS DEVERES

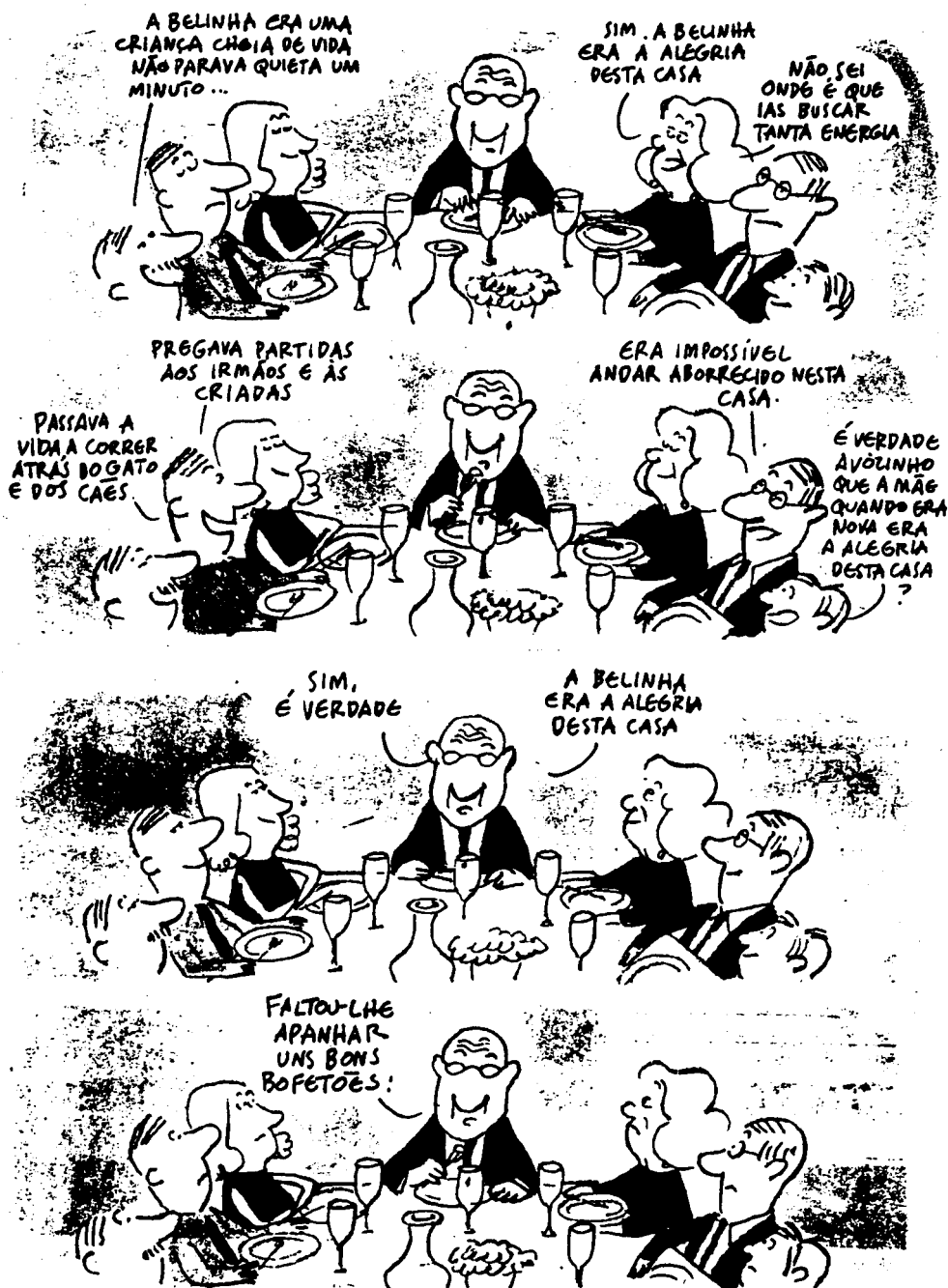


«CARTOON» 48

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

A ALEGRIA DE UMA CASA



«CARTOON» 49

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

O IMPORTANTE NUMA RECONCILIAÇÃO

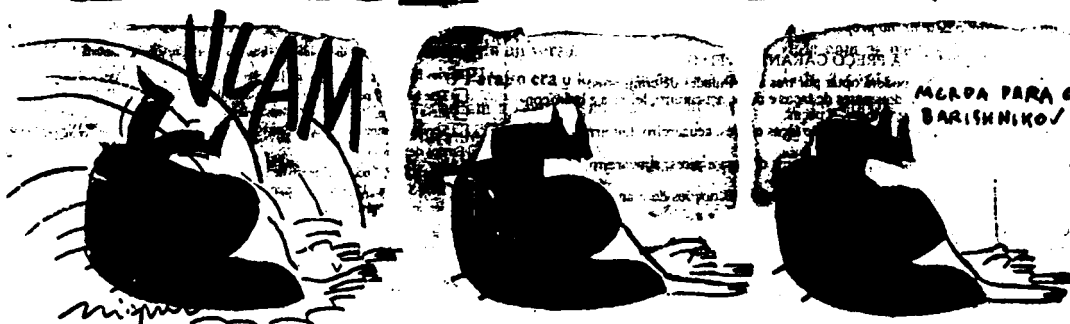
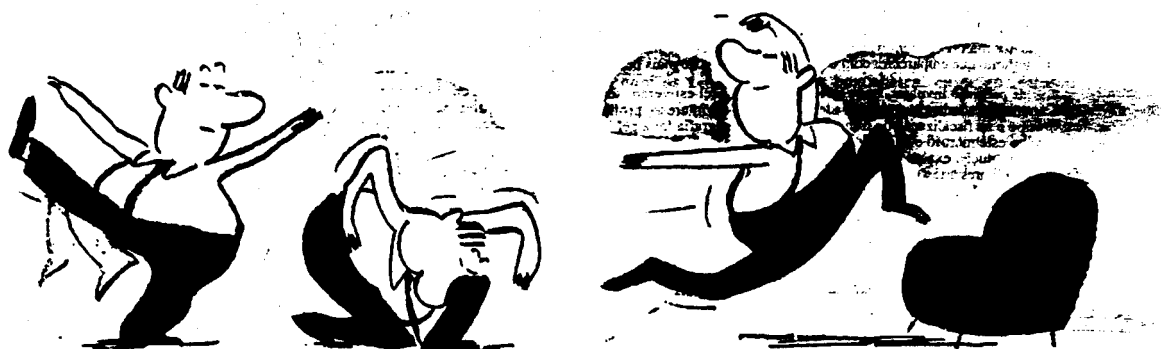
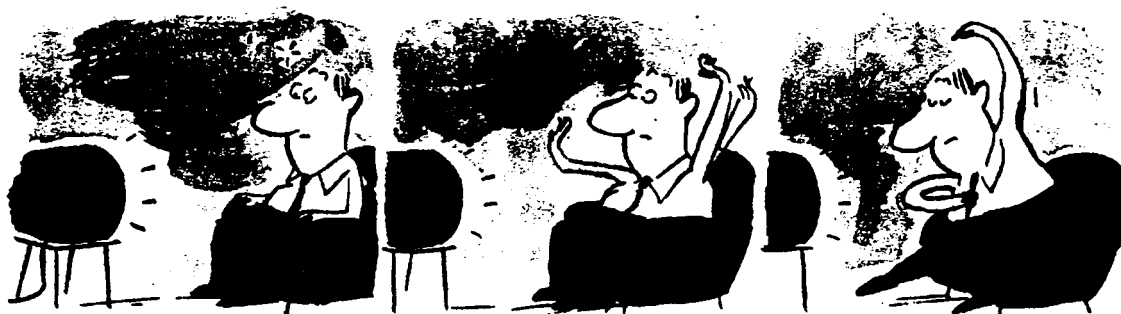


«CARTOON» 50

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

INICIAÇÃO



23.5.93 PÚBLICO 12

«CARTOON» 51

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

PENSAR NO MIÚDO



«CARTOON» 52

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

DIALOGO ÀS ESCURAS

SUZY?...

NÃO FINIAS!
EU SEI QUE ESTÁS
ACORDADA.

ESTIVE A OBSERVAR
AQUILO QUE TU
DISSESTE ONTEM

REALMENTE
É ESTRANHO

A QUANTIDADE
DE PESSOAS QUE
VEMOS NA RUA A
FALAREM
FOZINHAS!

ACHO É QUE
NÃO PODES SER
TÃO RADICAL

ÉS SEMPRE
TÃO RADICAL

PORQUE NO FUNDO
NO FUNDO ESTAMOS
TODOS SOZINHOS, COMO
SE COSTUMA
DIZER

É MELHOR
TOMAR O
COMPRIMIDO
PARA DORMIR.



NÃO FINIAS!
EU SEI QUE ESTÁS
ACORDADA.

«CARTOON» 53

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

EVOLUÇÃO POSITIVA OU NEGATIVA

"EVOLUÇÃO POSITIVA
OU NEGATIVA NUMA
QUESTÃO QUE PODE OU
NÃO DIZER-LHE
RESPEITO"



"MOMENTOS DE
GRANDE SATISFAÇÃO
INTERIOR SE RECEBER
BOAS NOTÍCIAS RELATIVAS
A ASSUNTOS DE NATUREZA
SENTIMENTAL"



"NÃO INSULTE OS
SEUS SUPERIORES
HIERÁRQUICOS;
PODEÃO
SURTIR ALGUNS
PROBLEMAS NO
SEU LOCAL
DE TRABALHO"



"O FIM DO MÊS
SERÁ APENAS
NO DIA 30"



AGORA
O TEU

"ESTA É A ALTURA
ADEQUADA PARA ESPERAR
QUE UMA OCASIÃO
PROPÍCIA SURJA."



"PASSARÁ MOMENTOS
AGRADÁVEIS
NA COMPANHIA DE
PESSOAS COM QUEM
GOSTA DE ESTAR"

"NÃO
DEIXE DE
COMER"



"PERÍODO ALTAMENTE
FAVORÁVEL PARA OS NATIVOS
QUE SE ENCONTRAM
EM FÉRIAS A BORDO
DE IATE AO LARGO DE
ILHA TROPICAL."



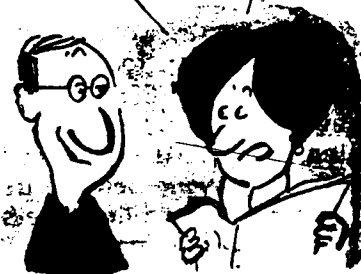
"NA 1ª SEMANA
DO MÊS,
QUANDO MENOS
ESPERAR PODERÁ
ACONTECER
ALGUMA COISA."



"NO FIM DO MÊS
TERÁ QUE FAZER
UMA ESCOLHA.
SE ESCOLHER BEM,
SERÁ BOM
PARA SI"

COMO VÊS,
PODEMOS
ESTAR
DESCANSADOS

O BIORITMO
NÃO É PARA
LEVAR
A SÉRIO



«CARTOON» 54

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

EM LÍQUIDO OU EM BARRA



11 DEZEMBRO 20.6.93

«CARTOON» 55

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

NUNCA OUVES NADA

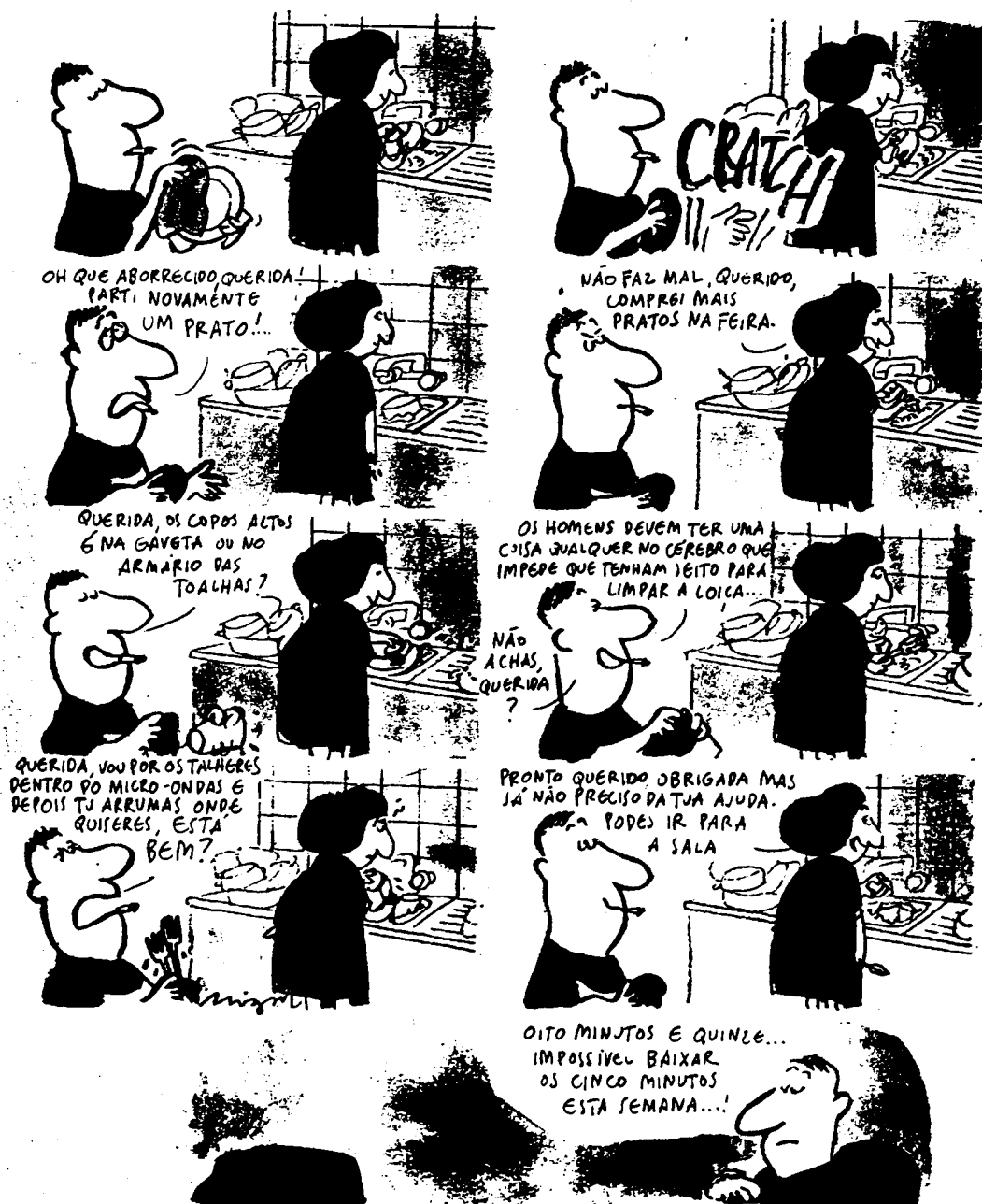


«CARTOON» 56

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

UMA COISA NO CÉREBRO



«CARTOON» 57

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

CASA DE FAMÍLIA

TUU...TUU...
TUT
LIGOU PARA
A CASA DA
FAMÍLIA MARTINS.
DEPOIS DO BIP
DISPÕE DE TRÊS
MINUTOS PARA
DEIXAR A SUA
MENSAGEM.
OBRIGADO.

...Biip
NÃO, SOU EU.
VOU FICAR EM
CASA DE UMA
AMIGA A
ESTUDAR.
AMANHÃ SIGO
DIRECTAMENTE
PARA A ESCOLA.
NÃO SE
PREOCUPEM

TUU...TUU...
TUT
LIGOU PARA
A CASA DA
FAMÍLIA MARTINS
DEPOIS DO BIP
DISPÕE DE TRÊS
MINUTOS PARA
DEIXAR A SUA
MENSAGEM.
OBRIGADO.

...Biip
QUERIDA, SOU EU
HOJE NÃO POSSO
JANTAR EM CASA
NÃO CONSEGUI
AJIAR A LAVINHA.
E VOU CHEGAR
MUITO TARDE.
NÃO SE
PREOCUPEM

TUU...TUU...
TUT
LIGOU PARA
A CASA DA
FAMÍLIA MARTINS
DEPOIS DO BIP
DISPÕE DE TRÊS
MINUTOS PARA
DEIXAR A SUA
MENSAGEM.
OBRIGADO.

Biip
SOU EU.
DEIXEI UMA CASSETTE
NA SALA PARA
ALGUÉM ME GRAVAR
O FILME LOGO A
NOITE PORQUE
AQUÍ NEM SEQUEM
VÍDEO TEMAS.
MAS NÃO PIQUEM
PREOCUPADOS.

...TUU...TUU...
TUT
LIGOU PARA
A CASA DA
FAMÍLIA MARTINS
DEPOIS DO BIP
DISPÕE DE TRÊS
MINUTOS PARA
DEIXAR A SUA
MENSAGEM.
OBRIGADO.

Biip.
QUERIDO, SOU EU
VOU TER QUE CHEGAR
MAIS TARDE HOJE
OUTRA VEZ.
FICOU COMIDA NO
FRIGORÍFICO
JÁ SABES COMO É
PARA AQUELER.
SE NÃO LIGARES
PERGUNTA À FILHA.
NÃO SE
PREOCUPEM.

«CARTOON» 58

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

ILDA E OS SAPATOS

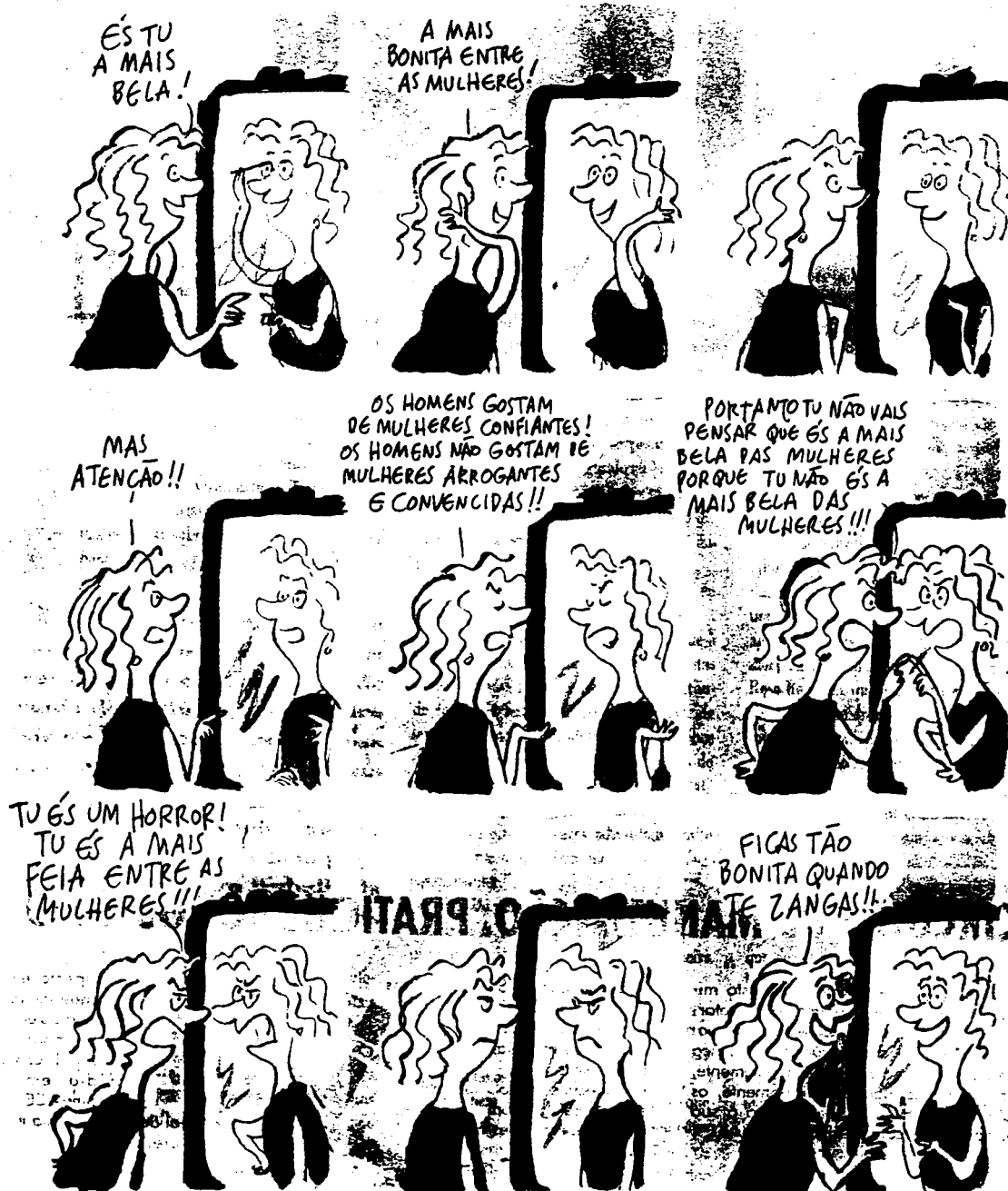


«CARTOON» 59

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

ESPELHO MEU



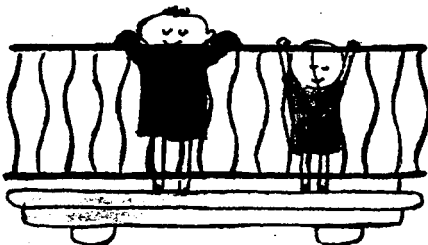
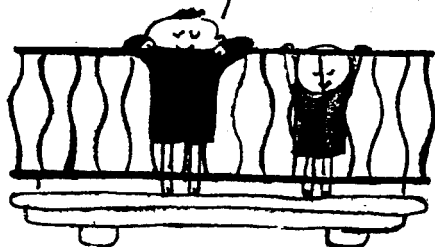
«CARTOON» 60

HISTÓRIAS DE AMOR

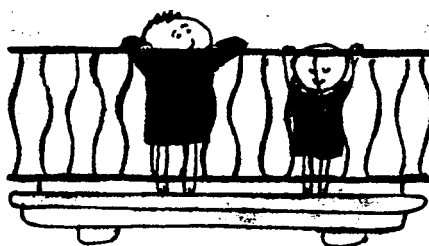
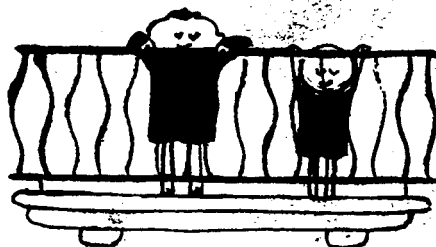
Miguel

LÁ EM BAIXO

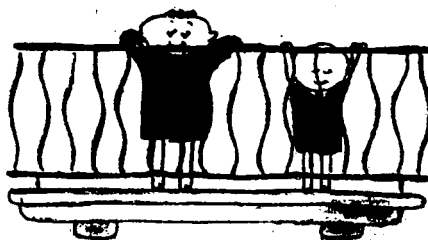
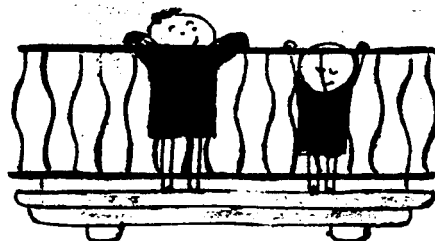
REPARA LÁ EM BAIXO
AQUELAS PESSOAS TODAS.
E AQUILO QUE DIZIAM
NA TELEVISÃO,
VÊS?



NÃO
VÊS?



NÃO VÊS
O QUOTIDIANO A
METER O STRESS
PARA DENTRO DA
CABEÇA DAS
PESSOAS?

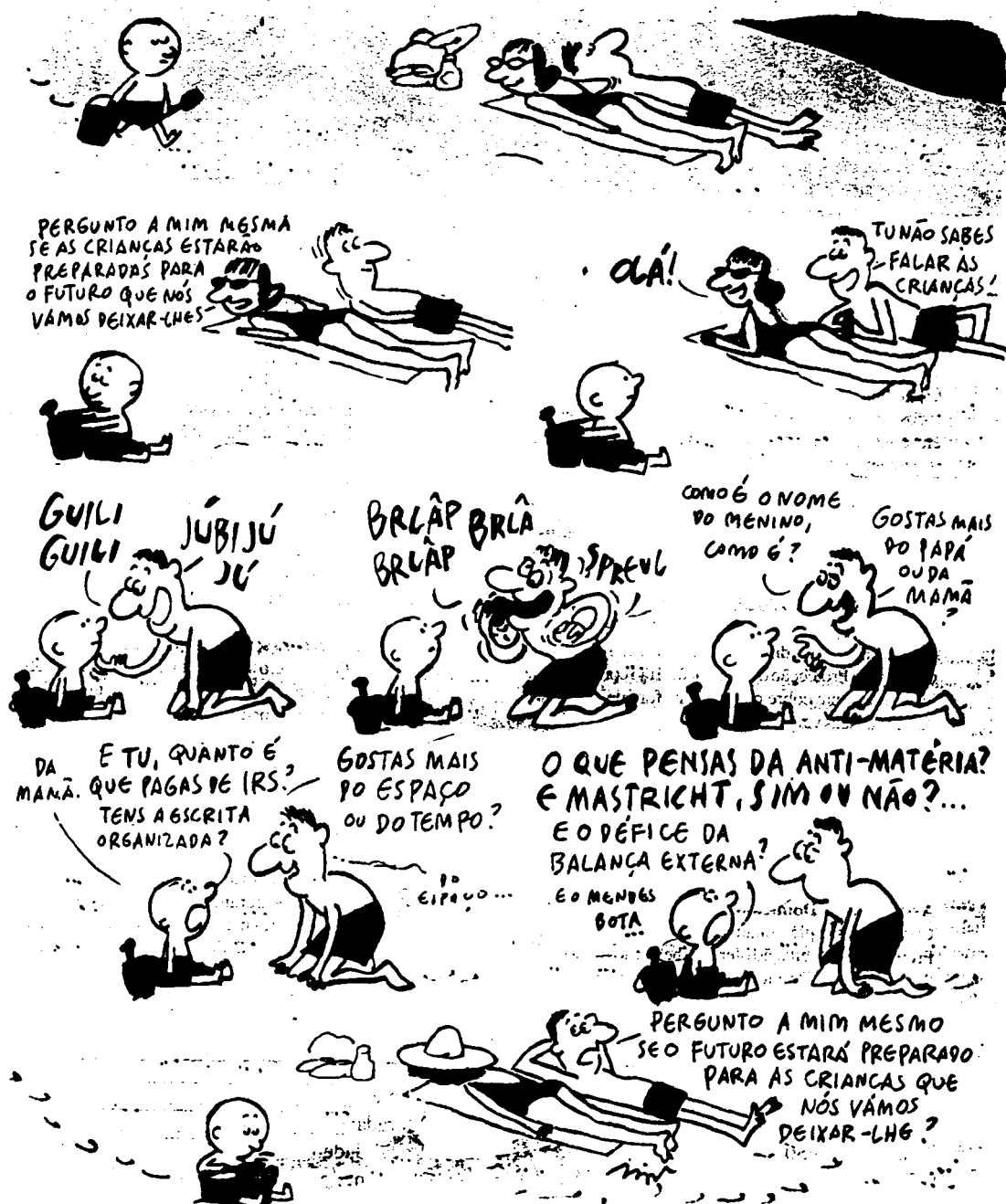


«CARTOON» 61

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

A CRIANÇA — O FUTURO



«CARTOON» 62

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

EM TRÂNSITO

O SEU SINUOSO
TRAJECTO
POLÍTICO
RECENTE
E O SEU NOVO
POSICIONA-
MENTO
POLÍTICO...

...SUSCITAM-ME A
SEGUINTE QUESTÃO.

O SENHOR, HOJE,
AFIRMA-SE COMO
UM HOMEM
DE ESQUERDA OU DE
DIREITA?



PARCECE-ME CLARO QUE
HOJE, A VIA DA RESOLUÇÃO
DOS GRANDES PROBLEMAS
DO NOSSO TEMPO, CONSTRÓI-SE
À MARGEM DA VISÃO
DICOTÓMICA
TACANHA...

...DAQUELES PARA
QUEM TUDO SE RESUME
A UMA GUERRA ENTRE
JACOBINOS E
GIRONDINOS.



A CONDUÇÃO DA
ACÇÃO POLÍTICA DEVE
FAZER-SE NO SENTIDO
ÚNICO DO PROGRESSO

EU DIRIA PORTANTO
QUE HOJE EM RELACÃO
À QUESTÃO ESQUERDA-
DIREITA, EM DEFINITIVO,
UMA ULTRAPASSAGEM



SIM,
MAS...

UMA ULTRAPASSAGEM
PELA ESQUERDA

OU PELA
DIREITA?



«CARTOON» 63

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

A ALEGRIA DA CRIAÇÃO



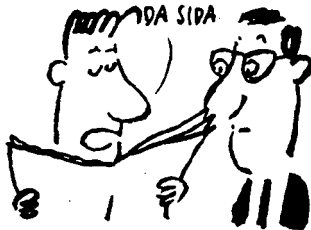
«CARTOON» 64

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

FÉ E AMOR

DENTRO DE DEZ ANOS, UMA
PERCENTAGEM ASSUSTADORA
DA POPULAÇÃO AFRICANA SERÁ
PORTADORA DO VIRUS



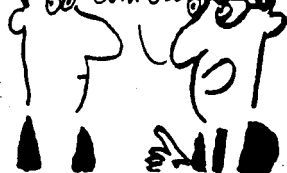
OS CATÓLICOS MAIS CONVICTOS,
EM CERTAS ZONAS A ESMAÇADORA
MAIORIA DA POPULAÇÃO,
NÃO USAM PRESERVATIVO.



QUANDO A SUA POSIÇÃO FOR
CONSIDERADA POR TODOS RIDÍCULA
E ULTRAPASSADA, A IGREJA MUDA
AS SUAS POSIÇÕES
E É IMUTÁVEL



COMO VÊS, A IGREJA
É UMA INSTITUIÇÃO QUE
ACOMPANHA O HOMEM NO
SEU CAMINHO E
MUDA
COM ELE



A ÚNICA SAÍDA
É O USO DO
PRESERVATIVO



ATÉ AO DIA EM QUE PERCEBEREM
QUE NÃO HÁ ALTERNATIVA PARA
A CONTAMINAÇÃO GENERALIZADA
E DEIXAREM DE LIGAR



PASSAS A VIDA A CRITICAR
O PAPA PORQUE É
ULTRA CONSERVADOR
E A IGREJA PORQUE
NUNCA MUDA



E, SINCERAMENTE, EM FUNÇÃO
DO CAMINHO DE SÉCULOS DA IGREJA
E DA HUMANIDADE, QUE DIFERENÇA
FARÁ EVOLUIR DAQUI A DEZ,
QUINZE OU
VINTE ANOS?



O PAPA VAI A ÁFRICA
E FALA DO INFERNO
PARA QUEM UTILIZAR
O PRESERVATIVO.



DAQUI A DEZ OU VINTE
ANOS, A IGREJA MUDA DE
OPINIÃO E ACEITA O USO DO
PRESERVATIVO...



DEPOIS A IGREJA
EVOLUI E TU CRITICAS
PORQUE MUDOU!



DEZ, QUINZE,
VINTE MILHÕES...?



«CARTOON» 65

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

A EXCEPÇÃO

NÓS TAMBÉM GOSTAMOS
MUITO DE SAIR À NOITE.



...UM DE NÓS DOIS CHEGA
MUITO CANSADO DO TRABALHO...



...A VER
TELEVISÃO.

OU
SEJA...



SÓ NÃO SAÍMOS À NOITE
NAQUELES DIAS EM QUE



...ELE APETECE FICAR
EM CASA, IOSSEGADO...



...TODOS OS DIAS !



7 PÚBLICO 5.9.93

«CARTOON» 66

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

MEMÓRIA

UM DIA
VIVEREI UMA
PAIXÃO LOUCA



ELE SERÁ
BELO E ALTO



A CONTECERÁ
À PRIMEIRA VISTA



DE MÃOS DADAS,
CORREREMOS NA PRAIA
CABELOS AO VENTO



FAREMOS VIAGENS
PELO MUNDO
COMPLETAMENTE
APAIXONADOS



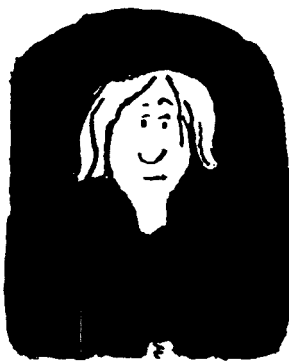
CASAREMOS
NUMA PEQUENA IGREJA
SOBRE O MAR



A LUADAMEL
SERÁ EM PARIS



E, QUANDO NOS DIVORCIARMOS,
GUARDAREI A MEMÓRIA
DOS BELOS MOMENTOS QUE
PASSAMOS JUNTOS

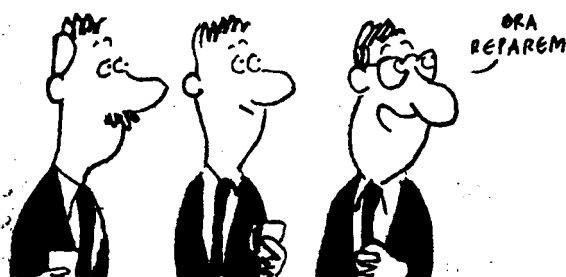


«CARTOON» 67

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

ORA POIS ENTÃO



«CARTOON» 68

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

A SOPA



«CARTOON» 69

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

GERAÇÃO DIFERENTE

QUANDO EU TINHA 15 ANOS,
O MEU PAI BERRAVA COMIGO
E EU FAZIA O QUE ELE
MANDAVA



COMO ALIÁS ACONTECEU
COM O MEU PAI QUANDO
TINHA 15 ANOS E O MEU
AVÔ BERRAVA COM ELE



POR SUA VEZ O
MEU BISAVÔ BERROU
PARA QUE O MEU AVÔ,
ENTÃO COM 15 ANOS,
OBEDECESSE
AO QUE ELE
MANDAVA

...PORQUE, DESDE O
PRINCÍPIO DOS TEMPOS,
OS PAIS GRITARAM COM
OS FILHOS E OS FILHOS
OBEDECERAM AOS
PAIS



QUANDO O MEU PAI RALHAVA
COMIGO EU SABIA QUE
CHEGARIA UM DIA A MINHA
VEZ DE CER OBEDECIDO
PELO MEU FILHO DE 15 ANOS



MAS O TEMPO PASSOU.
A MINHA GERAÇÃO CHEGOU
À CONCLUSÃO QUE NÃO É
COM BERROS QUE SE EDUCAM
OS FILHOS



PROMETEMO-NOS
QUE, QUANDO
TIVÉSSEMOS FILHOS,
NÃO SERÍAMOS
COMO OS NOSSOS
PAIS

ASSIM, QUANDO CHEGUEI À IDADE
DE TER UM FILHO DE 15 ANOS, NÃO
BERREI COM ELE. PARA DIZER
A VERDADE, BERRA MAS ELE
COMIGO PARA CONSEGUIR
O QUE QUER DE MIM



COMO, ESTOU CERTO,
ÁCONTECERÁ UM DIA
COM O MEU NETO
QUANDO TIVER 15
ANOS E QUISER
ALGUMA COISA
DO MEU
FILHO



E O MEU
BISNETO É
ASSIM SUCESSIVA-
MENTE
ATÉ AO FINAL
DOS TEMPOS

O MEU PAI
CONSIDERA
NORMAL BERRAR
COM O FILHO



O MEU FILHO
CONSIDERA
NORMAL BERRAR
COM O
PAI

EU CONSIDERO
QUE A MINHA GERAÇÃO
NÃO PODE MESMO
SER MUITO NORMAL...



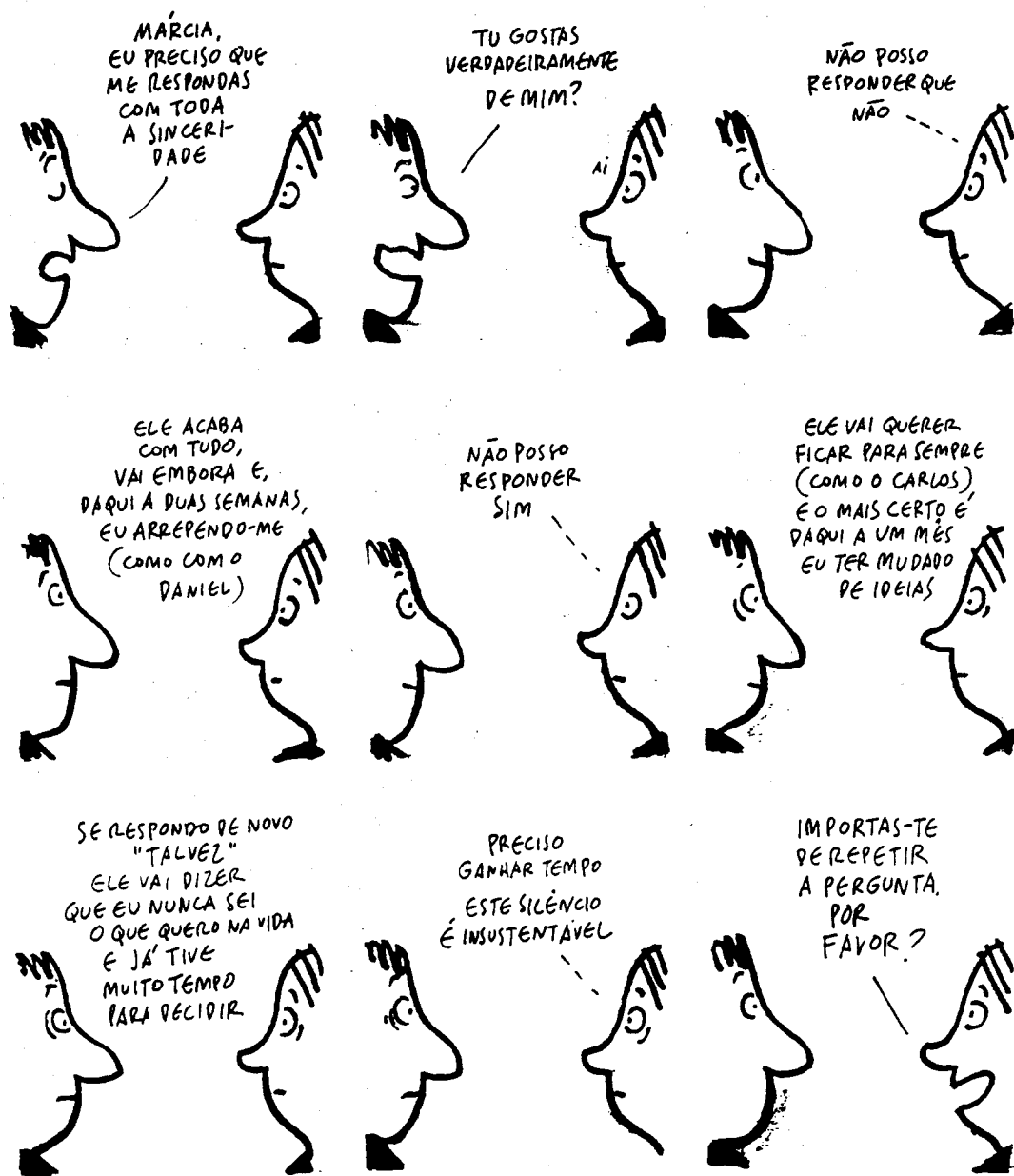
3.10.93 PUBLICO 10

«CARTOON» 70

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

PERGUNTA DIFÍCIL



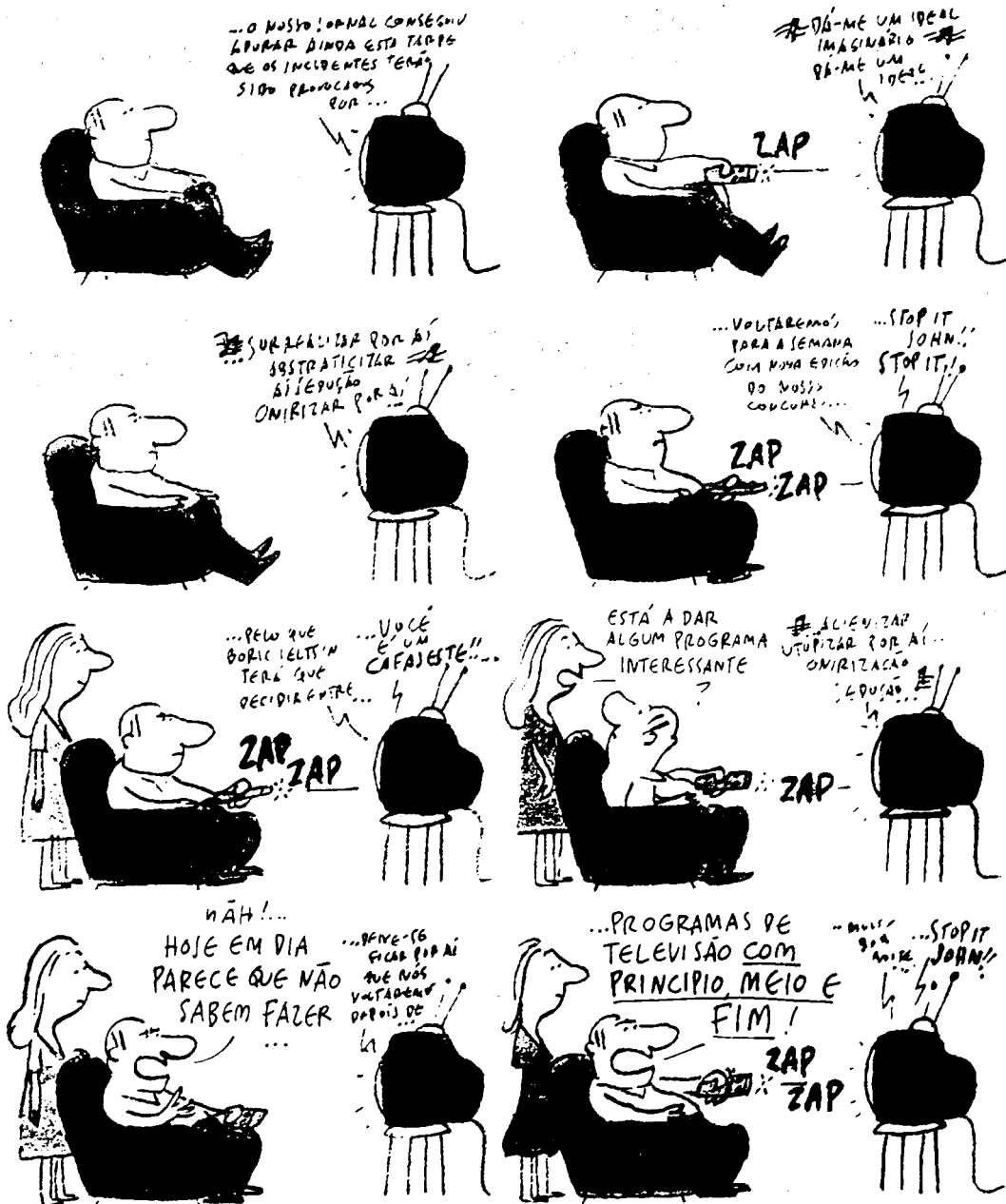
10.10.93 PÚBLICO 10

«CARTOON» 71

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

ZAP ZAP



9 PÚBLICO 17.10.93

«CARTOON» 72

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

NAÇÃO INCOMPARÁVEL

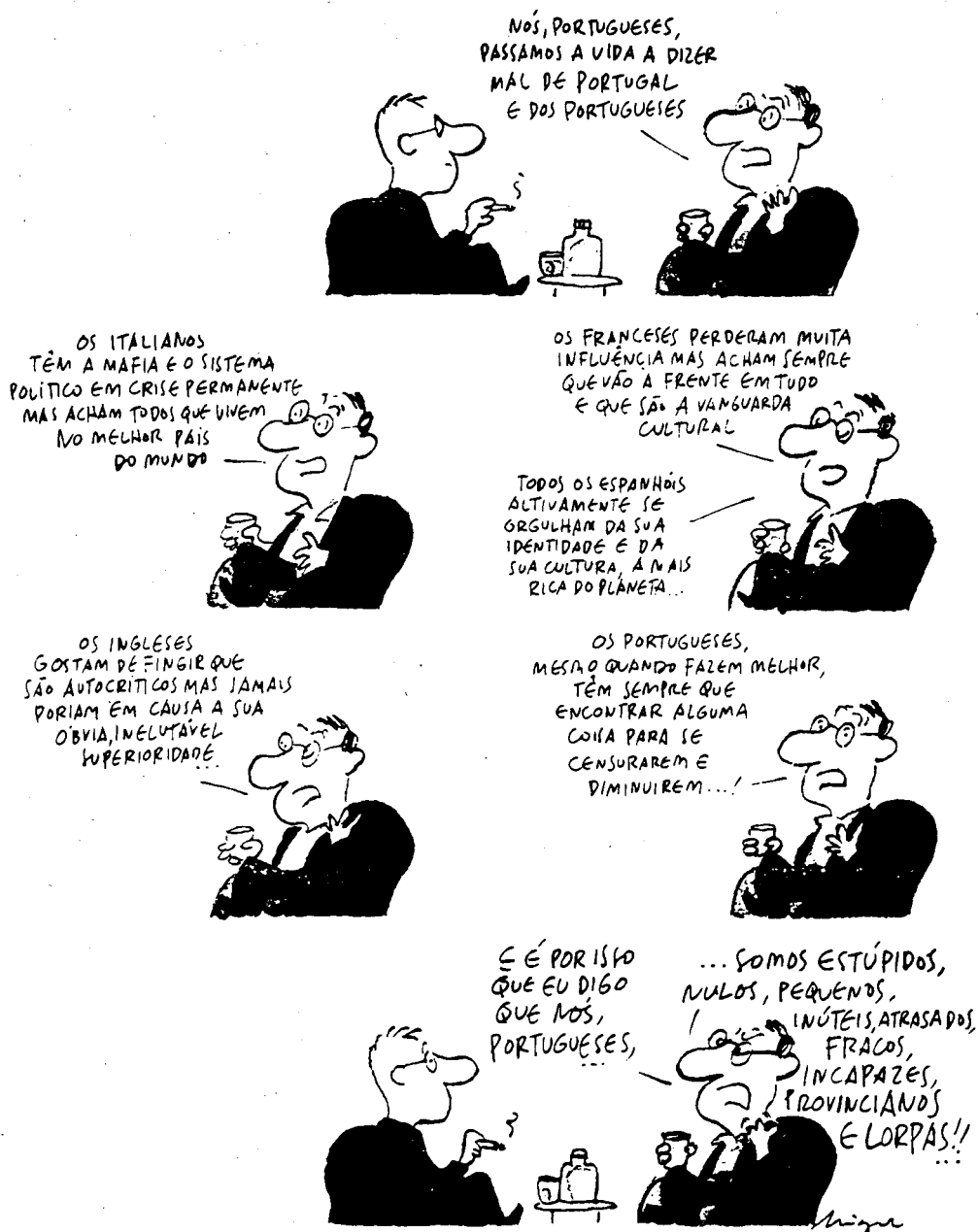


«CARTOON» 73

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

SOBRETUDO LORPAS



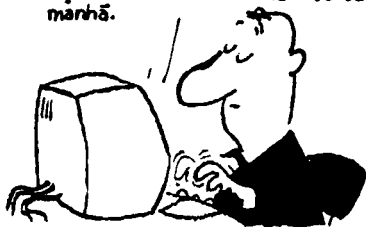
31.10.93 PÚBLICO 10

«CARTOON» 74

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel
VERTIGEM

Então, bruscamente, ele lembrou-se de como chovera. Ela abrira todas as janelas do imenso escritório para que ele, novel colega, entrasse e juntos sentissem a luz intensa daquela clara manhã.



A música de Strauss veio solta, poderosa, mágica e ele permaneceu tolhido, sem ousar mover-se sobre as tábuas rangentes daquele magnífico palco. O Chefe de Repartição olhou-a e percorreu-o um arrepio de ciúme do teclado branco em que ela punha, ao de leve, as mãos desenhadas.



Apesar de não recordar quanto tempo ficaram assim, lembrou a graça com que ela se ergueu dentro do vestido com decote vertiginoso alucinante e percebeu então que este não era afinal branco e ganhava um tom róseo transparente debaixo da luz filtrada pelos cortinados.



Ela pousou o cesto no chão e sentou-se à secretária como a um piano minuciosamente isolado no centro do departamento de vendas, enquanto ele observava as pinturas no tecto alto. Generosa, ela cruzou as longas pernas e, num gesto breve, ligou a telefonia dos serviços.



Nas vidraças altas, o sol ganhava vitalidade e, na varanda, pingos de luz pareciam decididos pelo compositor enquanto ele se quedava, deslumbrado, estarrecido, indeciso entre correr a beija-la ou fechar os olhos com os seus sobre a música...



Ela contornou a secretária e caminhou ao seu encontro para



JÁ VOU ATRASADA!...
ADEUS, ATÉ LOGO.

NÃO ESTÁS A PENSAR
IR PARA O ESCRITÓRIO
COM ESSE VESTIDO DE
DECOTE
VERTIGINOSO
ALUCINANTE,
POI' NÃO?!!



«CARTOON» 75

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

CLONETOWN

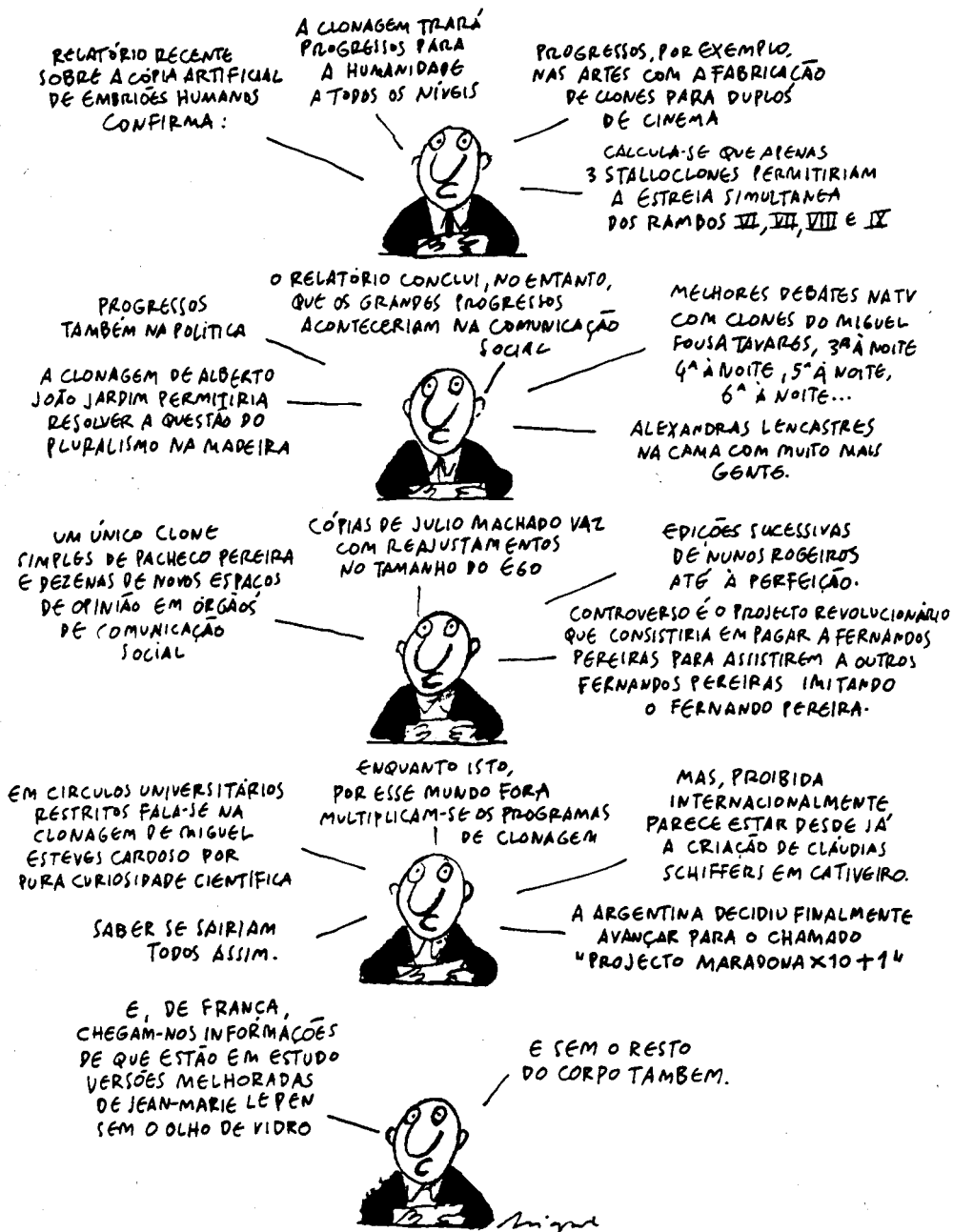


«CARTOON» 76

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

A ARTE DA CLONOCÓPIA



21.11.93 PÚBLICO 12

«CARTOON» 77

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

TODA A RAZÃO



28.11.93 PUBLICO 12

«CARTOON» 78

HISTÓRIAS DE AMOR

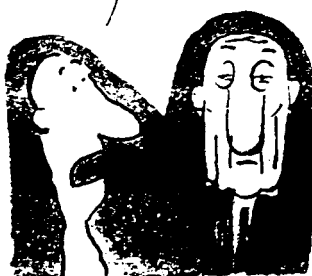
Miguel

DIREITO À VIDA

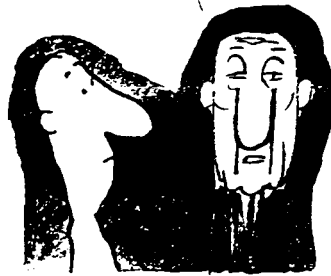
EU NÃO
GOZEI A
MINHA VIDA



NÃO GOZOU
A SUA VIDA
PORQUÊ?



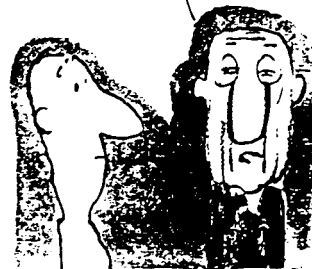
SE TIVESSE
GOZADO A VIDA
NÃO PODERIA SER
O QUE HOJE SOU



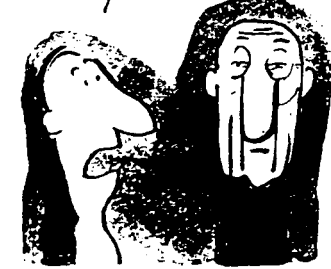
NÃO PODERIA SER
O QUE HOJE É
PORQUÊ?



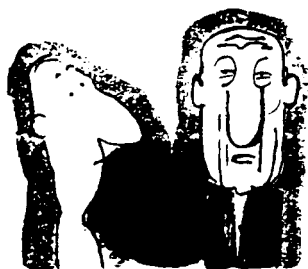
NÃO PODERIA SER
O QUE HOJE SOU
PORQUÊ TERIA
MORRIDO



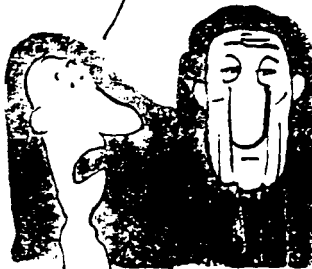
PORQUÊ
TERIA MORRIDO?



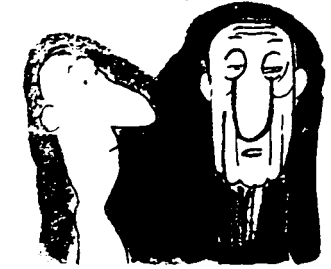
TERIA MORRIDO
PORQUÊ TERIA
MÉRECIDO



TERIA
MÉRECIDO
PORQUÊ?



TERIA MÉRECIDO
PORQUÊ TERIA
GOZADO A MINHA
VIDA



5.12.93 PÚBLICO 10

«CARTOON» 79

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

JÁ GANHOU!



VOTAR EM TI!



12.12.93 PUBLICO 12

«CARTOON» 80

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

FANTASIA DE NATAL

A VIDA
PORQUÊ?



PORQUÊ
NÃO O
VAZIO?

PORQUÊ ESTA PEQUENA CHAMA
INSTANTE PERDIDO NO
ESPALDO FRIO OCEANO
ESCURA INFINITO?



ESTA FAÚLHA ESQUECIDA
NA IMENSIDÃO DO TEMPO?



PARA QUÊ A
ILUSÃO DA VIDA;
O ERRO DO SER
QUANDO É A
MORTE QUE
ESTÁ CERTA?

PARA QUE SERVEM
ESTAS ASAS DENTRO
DE MIM SE NÃO
CONSEGUIREI NUNCA
CHEGAR A VOAR?



PARA QUÊ
AFINAL
TODAS AS
MINHAS
PENAS?

NASCEMOS E
ENGORDAMOS E
DEPOIS MORREMOS
SEM VISLUMBRAR
UM SENTIDO!



PODERÁ A
NOSSA EXISTÊNCIA
RESUMIR-SE À ESPERA
DA FACA DO
DESTINO?



E PARA A
ALEGRIA DE
QUEM DEVO
EU MORRER
UM DIA?



ESTOU A
ENSAIAR PARA
O TEATRINHO
DA CONSOADA



ESTE ANO
FAÇO O PAPEL
DE PERÚ DO
NATAL



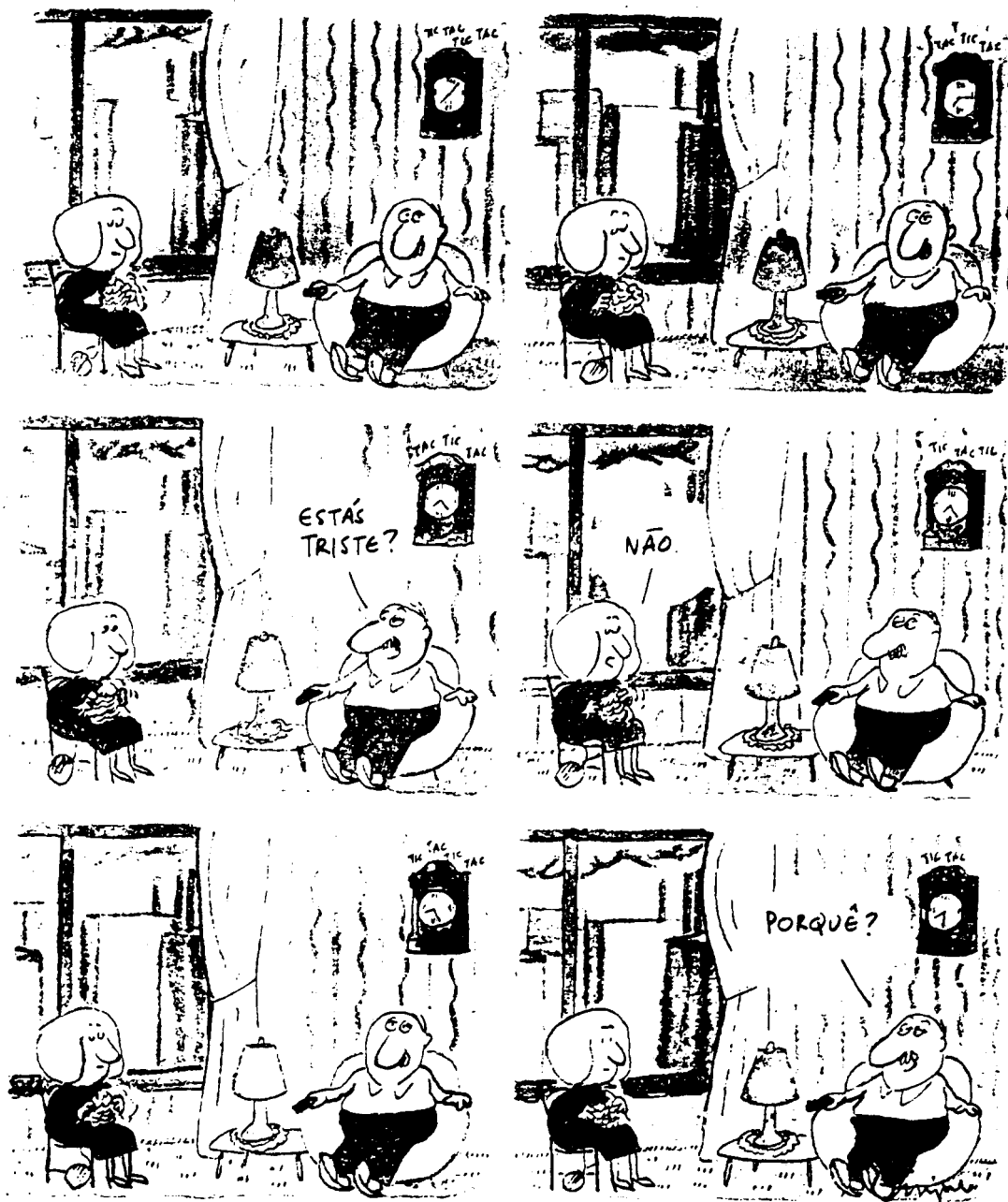
19.12.93 PÚBLICO 10

«CARTOON» 81

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

BLÚ



26.12.93 PÚBLICO 10

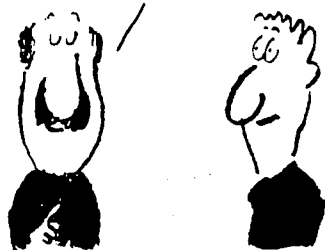
«CARTOON» 82

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

LIVRE INDIRECTO

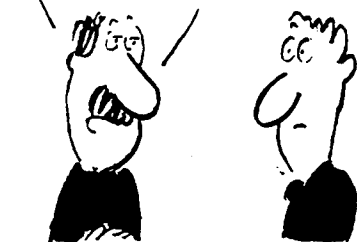
EU DIRIA QUE A DERROTA É UM RESULTADO QUE SE ACCITA E QUE MELHOR ESPELHA O QUE SE PASSOU DENTRO DAS QUATRO LINHAS. A VITÓRIA DO ADVERSÁRIO NÃO SOFRE CONTESTAÇÃO NA MEDIDA EM QUE O CONJUNTO JOGOU ALGUNS FURTOS ABAIXO DAQUELO A QUE NOS HABITUOU.



EU GOSTEI FOI DAQUELE REMATE À BARRA DO HUGUINHO NA SEGUNDA PARTE, DEPOIS DO PASSE DO ZEZINHO. IA SENDO GOLO!

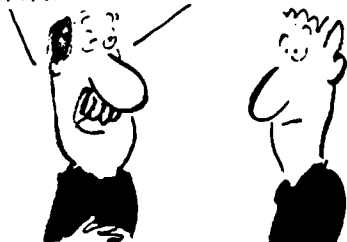


COMO? AH!... DEVE ESTAR A FALAR DAQUELA OPORTUNIDADE SOBGRANA NA ETAPA COMPLEMENTAR QUE A EQUIPA ENJEITOU NA SEQUÊNCIA DE UM LIVRE APONTADO POR INTERMÉDIO DE ZEZINHO...

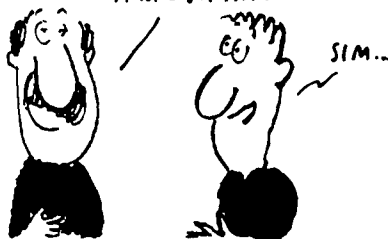


LANCE ESSE QUE PODERIA TER CRIADO UM CERTO NÚMERO DE DIFICULDADES AO ÚLTIMO RÉDUTO CONTRÁRIO...

...QUANDO, DEPOIS DE FAZER UM COMPASSO DE ESPERA, SOLICITOU HUGUINHO QUE, DE PRIMEIRA, TENTOU A SUA SORTE...



...TENDO VALIDO NA OCASIÃO A BARRA DA BALIZA ADVERSÁRIA QUE, MAIS ALTA QUE TODOS OS OUTROS, E MELHOR NA EXPLORAÇÃO DO ESPAÇO AÉREO, TERÁ DEVOLVIDO PARA FORA COM O REMATE A NÃO SURTIR.



BEM...! SE VAMOS FALAR DE FUTEBOL É JUSTO QUE FACAMOS UM PEQUENO ESFORÇO PARA NOS FAZERMOS ENTENDER! NÃO ACHA?



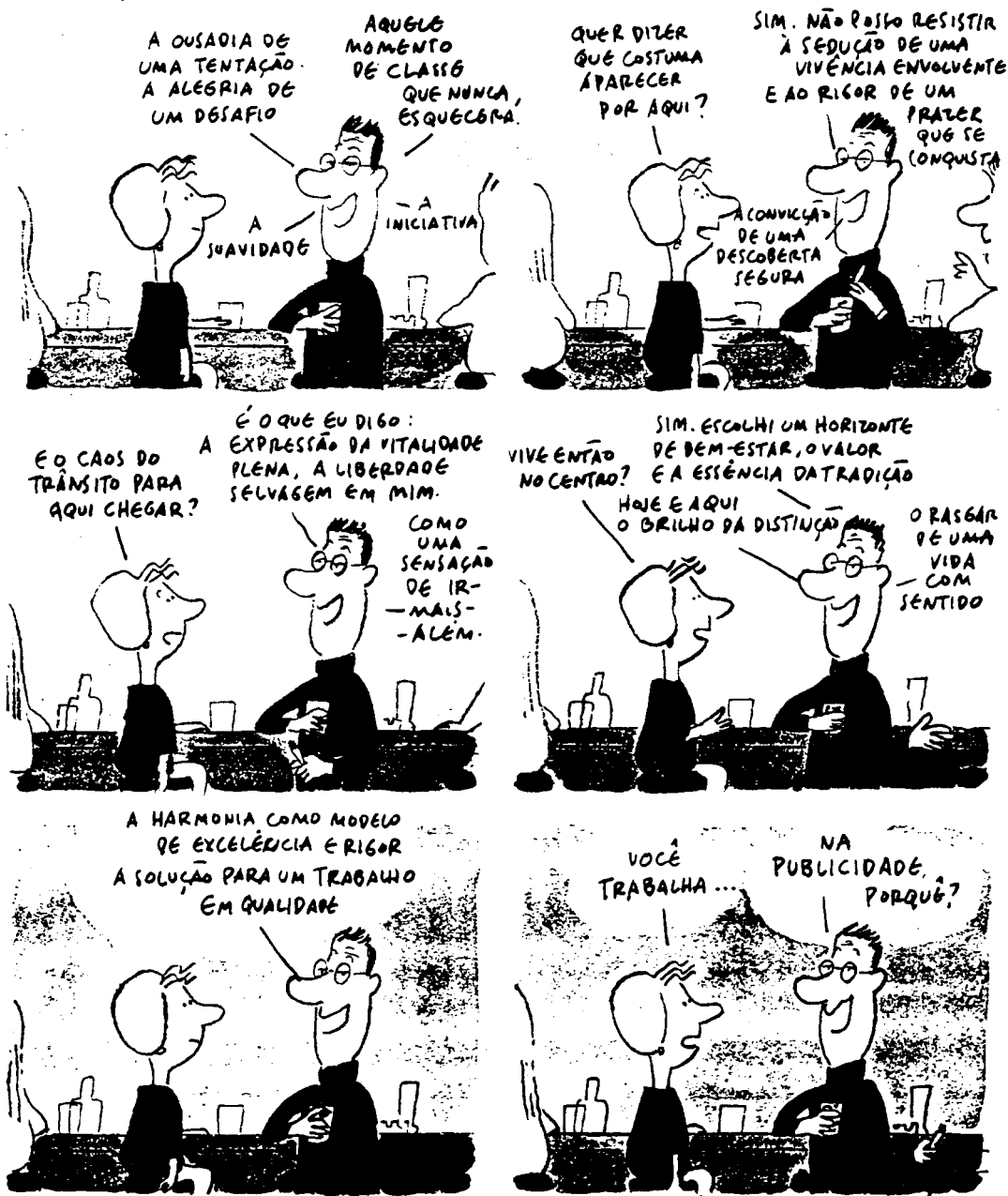
2.1.94 PÚBLICO 5

«CARTOON» 83

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

O SEDUTOR



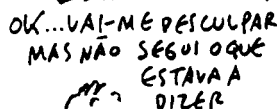
9 PÚBLICO 9.1.94

«CARTOON» 84

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

MAL OU BEM



7 DEBATE 16.1.94

«CARTOON» 85

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

INICIAÇÃO

PARA QUE SERVEM
OS DEDOS DOS PÉS?
OS MACACOS USAM
OS DEDOS DOS PÉS
MAS AS PESSOAS NÃO.



OS DEDOS DOS PÉS
NÃO SERVEM PARA
NADA, POIS NÃO?



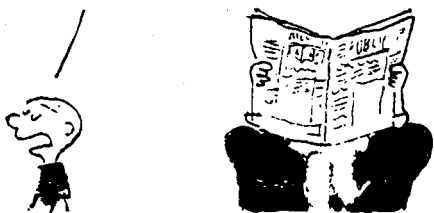
E AS UNHAS NÃO SERVEM
PARA NADA É POR ISSO
QUE SE CORTAM, NÃO É?
AS UNHAS NÃO
SERVEM PARA NADA,
POIS NÃO?



E AS SOBRANCELHAS
AS SOBRANCELHAS
SERVEM PARA
ALGUMA COISA?



VOU BRINCAR
PARA A CASA
DE BANHO



TU LIVRA-TE
DE BARBEARES
OUTRA VEZ
AS SOBRAN-
CELHAS!!



«CARTOON» 86

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

O PROBLEMA

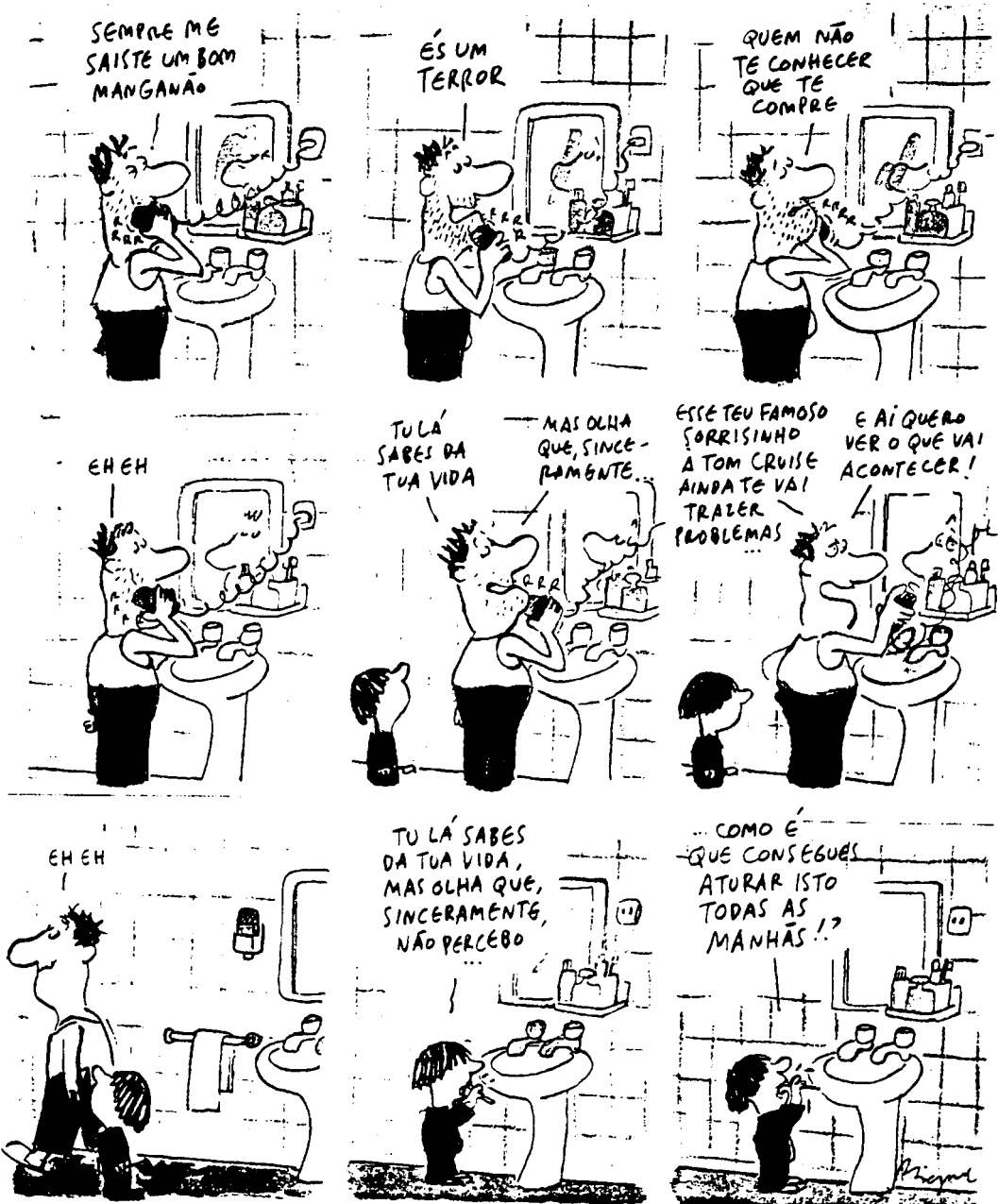


«CARTOON» 87

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

O SORRISINHO



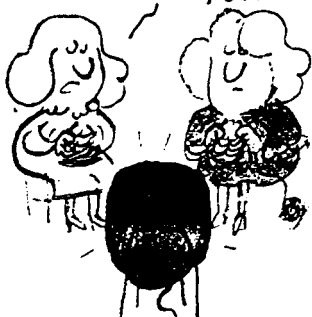
6.2.94 PÚBLICO 10

«CARTOON» 88

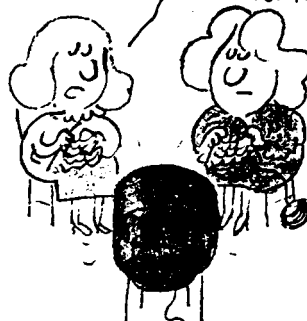
HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel TEMPOS FINANCEIROS

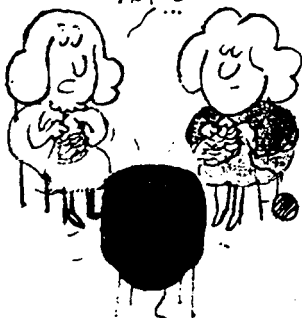
A SOCIMAR-INVESTIMENTOS
LA ADIOU O PAGAMENTO
DOS JUROS DE MORA REFERENTES
AO EMPRÉSTIMO OBRIGACIONISTA
SOCIMAR/89!



PENSO QUE DEVE
TER HAVIDO DIFICULDADES
NA OBTENÇÃO DE LIQUIDEZ
IMEDIATA POR REFINANCIA-
MENTO



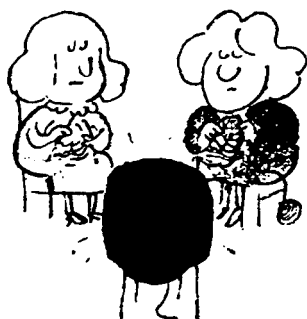
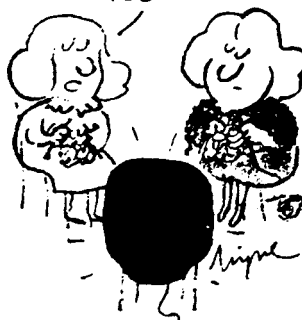
ENTRETANTO, A MARIPEÇAS SEMPRE
DELIBEROU EM ASSEMBLEIA GERAL
AUTORIZAR A VENDA DA PARTICIPAÇÃO
QUE DETEM NO CAPITAL SOCIAL
DA FOZCA



A MARE' BOLSISTA NÃO
TEM ANDADO LÁ MUITO
ANIMADA ESTA SEMANA...



DEVE SER TUDO
POR CAUSA DO MAR
QUE TEM ESTADO
FLÉTE.



13.2.94 PERALICO 10

«CARTOON» 89

HISTÓRIAS DE AMOR

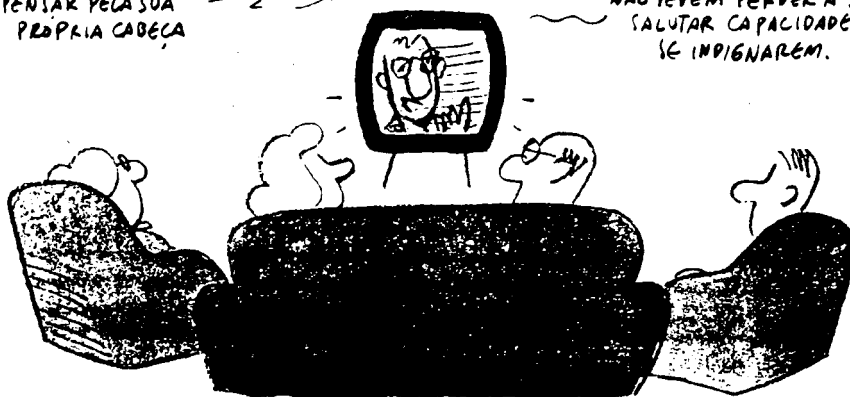
Miguel

CONVERSAS FAMILIARES

NÃO ACHA QUE A TELEVISÃO
UNIFORMIZA O PENSAMENTO
E NORMALIZA AS OPINIÕES
NÃO PERMITINDO ESPAÇO
PARA AS CONVERSAS
ENTRE AS PESSOAS?

PENSO QUE NÃO.
A TELEVISÃO PODE
MUITO BEM SER O
DESPOLETAR DAS IDÉIAS
MAS NÃO PODE TER
AS OPINIÕES EM VEZ
DAS PESSOAS

OS TELESPECTADORES
NÃO ACEITAM TUDO ACAMODAN-
DO-SE SIMPLEMENTE AO QUE
OUEM, SEM DISCUSSÃO E
NÃO DEVEM PERDER A SUA
SALUTAR CAPACIDADE DE
SE INDIGNAREM.



EU CONCORDO.
ACHO QUE AS PESSOAS
CONTINUAM A PENSAR
PELA SUA PRÓPRIA
CABECA

A TELEVISÃO NÃO PODE
É IMPOR-SE E SUBSTITUIR
AS CONVERSAS
FAMILIARES

EU VOU MAIS LONGE!
ACHO QUE AS PESSOAS NÃO
PODEM SIMPLEMENTE
ACEITAR TUDO E PERDEREM
A CAPACIDADE DE SE
INDIGNAREM!

A TELEVISÃO
PODE MUITO BEM
SER O DESPOLETAR



«CARTOON» 90

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

9 EM CADA 10 PORTUGUESES

UMA MAIORIA DE
80% DOS AUTOMOBILISTAS
CONSIDERA QUE,
7 EM CADA 10
PEÕES...



SÃO
TOTALMENTE
IRRESPONSÁVEIS!

70% DOS PEÕES
ACHA QUE,
8 EM CADA 10
AUTOMOBILISTAS...



SÃO FERÓZES
CRIMINOSOS
EM POTÊNCIA!

CURIOSAMENTE,
DOS 85% DE
AUTOMOBILISTAS
QUE SÃO TAMBÉM
PEÕES...



CERCA DE 97%
INCLUEM-SE
NO GRUPO ...

(CALCULADO
EM 4,3%)

DE PEÕES RESPONSÁVEIS
QUE SÃO TAMBÉM
AUTOMOBILISTAS
NÃO-FERÓZES
CRIMINOSOS
EM POTÊNCIA!



EM CADA 10
PORTUGUESES INQUIRIDOS,
9 CONSIDERAM QUE ...



PORTUGUESES
CIVILIZADOS
COMO ELES...



JÁ SÓ HÁ
1 EM CADA 10!



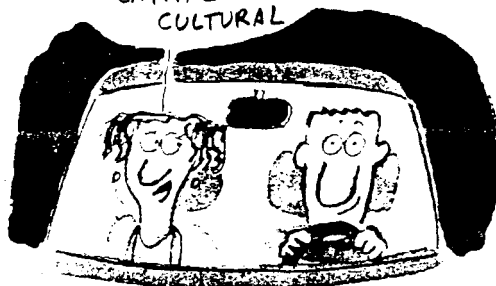
27.2.94 PÚBLICO 10

«CARTOON» 91

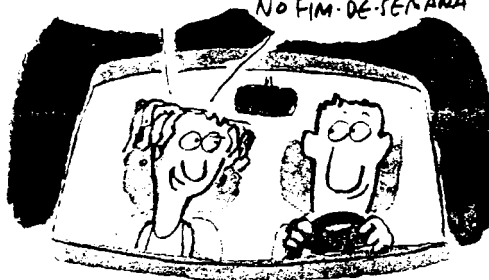
HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel
DIVERTIMENTO

FORAM MUITO BONS
ESTES DOIS DIAS DE
CAPITAL
CULTURAL



FOSTE MUITO SIMPÁTICO. NÃO TINHA GRANDE
JÁ ANDAVA CANSADA. PRAZER EM FICAR
POS TELECONCURSOS. A VER TELEVISÃO
NO FIM DE SEMANA



PRIMEIRO FOI AQUELA
EXPOSIÇÃO NO MUSEU,
ONTEM À TARDE.
DEPOIS, À NOITE,
O CONCERTO.



E HOJE, FOI TUDO
ESTA PEÇA DE MUITO DIVERTIDO
QUE OS JORNAIS E CHEIO DE
FALAVAM TANTO INTERESSE



FIZERAM-ME
MUITO BEM
ESTES DIAS
DIFERENTES



AGORA JÁ POSSO VOLTAR
PARA AS NOVELAS E CONCURSOS
E PARA O DIVERTIMENTO
MESMO!...



6.3.94 PUBLICO 10

«CARTOON» 92

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

O MAIOR RESPEITO

ÀS POSIÇÕES
DE PODER EFECTIVO,
QUE DEVEM SER
OCUPADAS...



POR POLITICOS
COM O MAIOR
RESPEITO PELAS
OUTRAS PESSOAS...



(NA MEDIDA
EM QUE
DECIDEM
DA VIDA
DELAS),

SÓ PODEM
CHEGAR OS
POLITICOS QUE
GANHAM AS
BATALHAS PARTIDARIAS
INTERNAS



EM QUE É
PRECISO
"MATAR" PARA
NÃO
"MORRER"



EM QUE É PRECISO
PASSAR POR CIMA
DE MUITA GENTE



E EM QUE O
RESPEITO
PELOS OUTROS
NÃO AJUDA
MUITO!



É VERDADE.



MAS COMO É QUE HAVIA DE SER?
QUAL É A SOLUÇÃO?
AS ALTERNATIVAS NÃO
SERÃO TODAS MUITO
PIORES?



IOÉ SABIA QUE, NOS GOVERNANTES,
A FRIEZA E O CALCULISMO SÃO
MUITO IMPORTANTES PARA
TOMAR AS DECISÕES DIFÍCEIS
DE QUE DEPENDEMOS TODOS NÓS...

ESTA PROVA DO
QUE É CONTRA-
PRODUTIVO
O PODER POLITICO
SER EXERCIDO
POR PESSOAS
CHEIAS DE BOAS
INTENÇÕES
QUE...

Sem...
Pois...



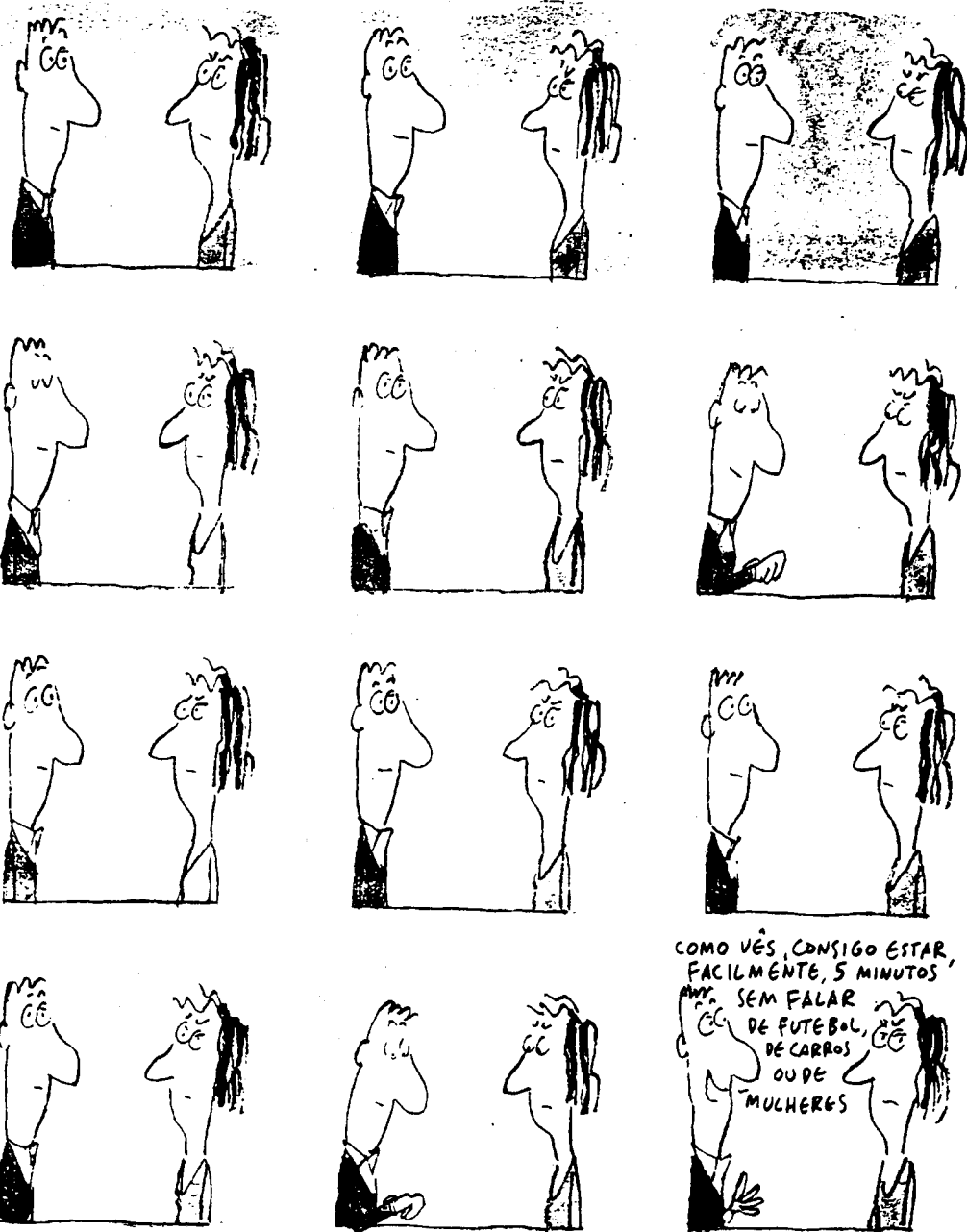
13.3.94 10

«CARTOON» 93

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

COMO VÊS



«CARTOON» 94

HISTÓRIAS DE AMOR

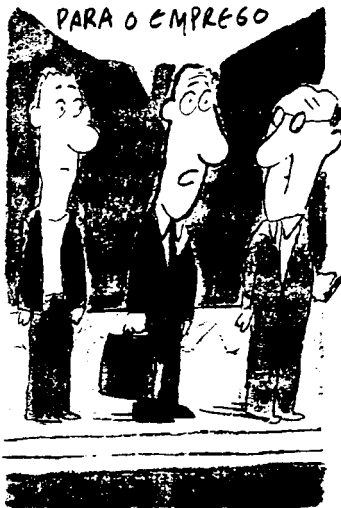
Miguel

A CORRER

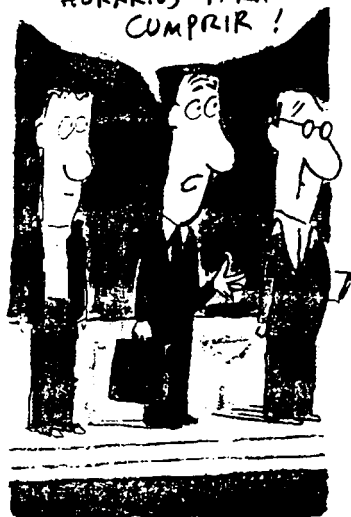
PASSO A VIDA
A CORRER DE UM LADO
PARA O OUTRO



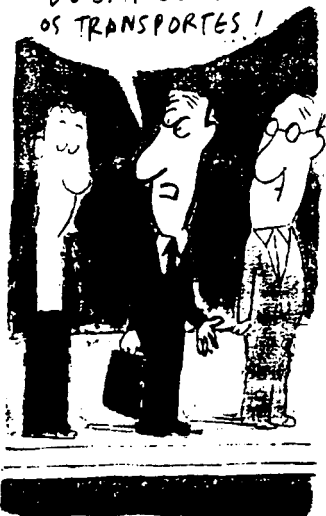
TODAS AS MANHÃS,
DE CASA PARA OS TRANSPORTES
DOS TRANSPORTES
PARA O EMPREGO



ALMOÇO A CORRER.
HORÁRIOS E MAIS
HORÁRIOS PARA
CUMPRIR !



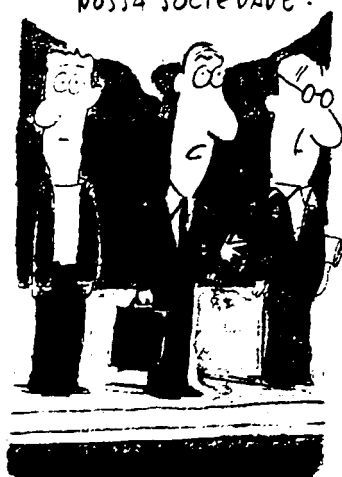
DEPOIS, À TARDE,
SEMPRE A CORRER
DO EMPREGO PARA
OS TRANSPORTES !



PARA CHEGAR À NOITE
E OUVIR MAIS UMA VEZ
DIZER NA TELEVISÃO
QUE É PRECISO...



COMBATER O
IMOBILISMO
DE QUE PADECE A
NOSSA SOCIEDADE !



27.3.94 PÚBLICO 10

«CARTOON» 95

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

OS 4 CÊS

ANTES DO 25 DE ABRIL
ERAM OS TRÊS
ÊFES



FADO



FÁTIMA



E FUTEBOL



AGORA SÃO
OS QUATRO
CÊS



CANAL 1



CANAL 2



CANAL SIC



E CANAL 4



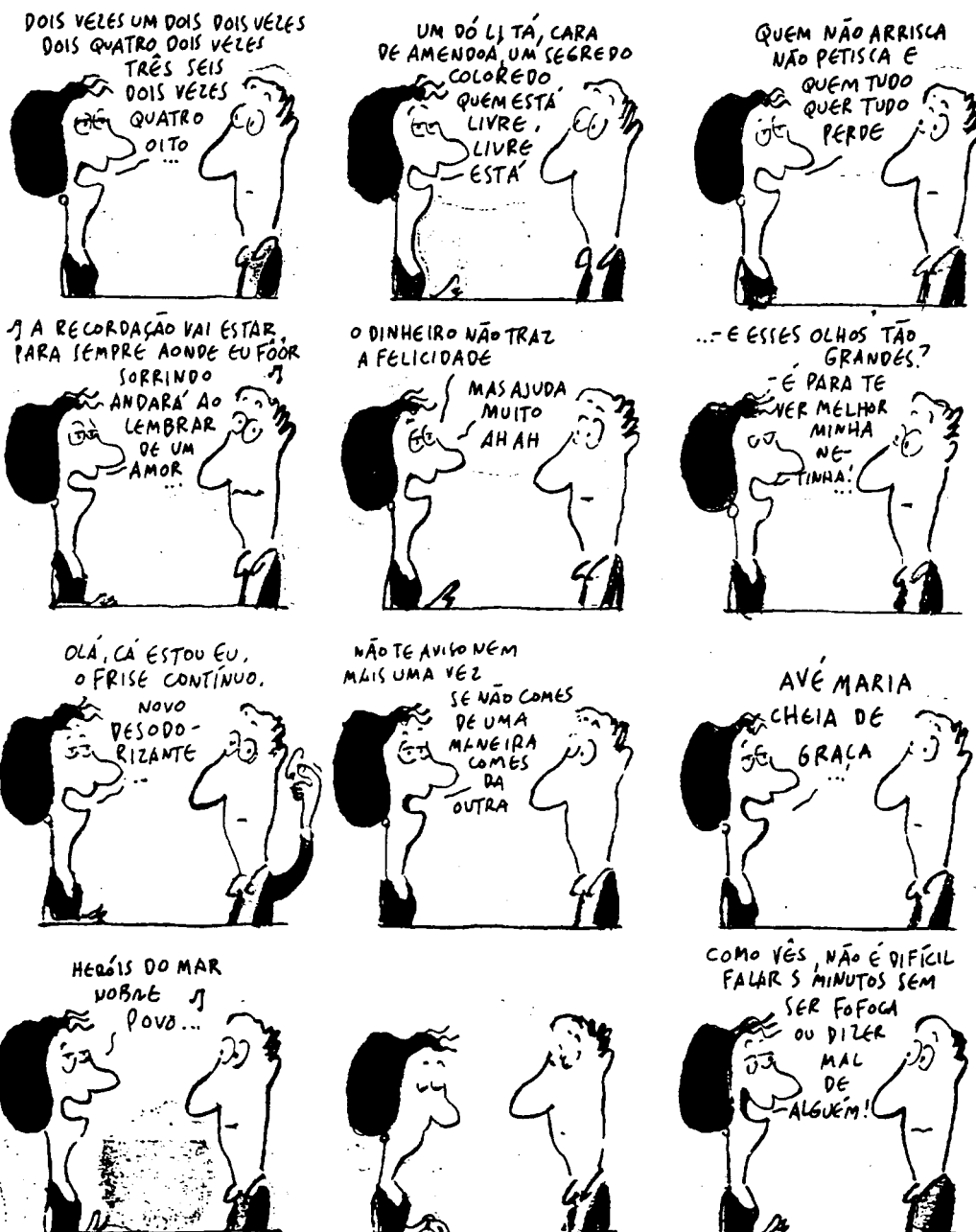
3.4.94 PUBLICO 10

«CARTOON» 96

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

COMO VÊS II



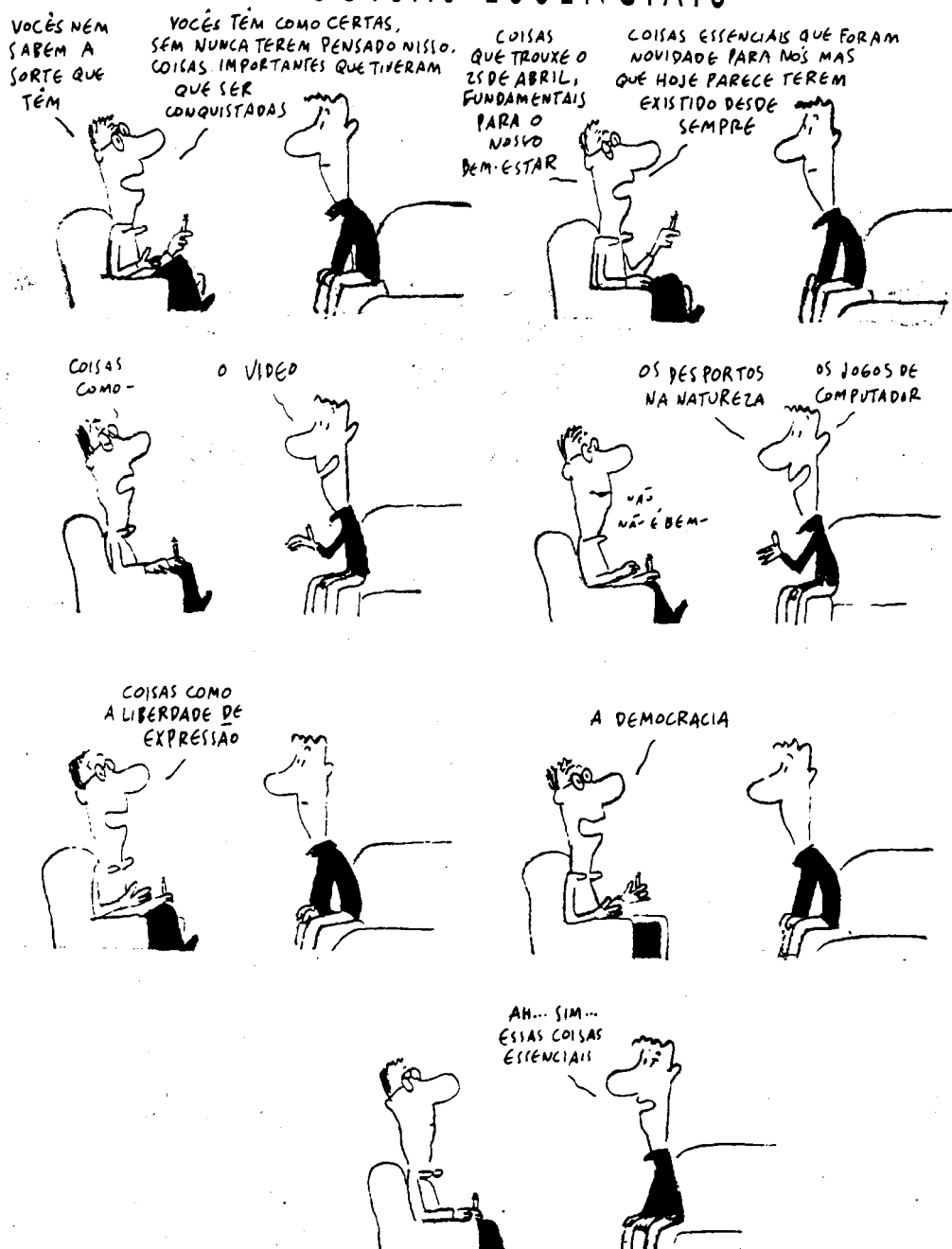
10.4.94 PUBLICO 10

«CARTOON» 97

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

COISAS ESSENCIAIS



«CARTOON» 98

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

DIGA-SE O QUE SE DISSER

O MEU PAI DIZ QUE
O 25 DE ABRIL FOI O DIA
MAIS FELIZ DA
VIDA DELE



O MEU DIZ QUE
TUDO ERA MELHOR
ANTES DO 25 DE
ABRIL



O MEU PAI DIZ QUE
O 25 DE ABRIL FOI A PRIMEIRA
REVOLUÇÃO NÃO-SANGRENTO
DA HISTÓRIA DA HUMANIDADE



O MEU PAI DIZ QUE,
DIGA-SE O QUE SE DISSER,
FOI POR CAUSA DO 25 DE ABRIL
QUE PERDEMOS O IMPÉRIO



O MEU PAI DIZ QUE,
DIGA-SE O QUE SE DISSER,
DEVEMOS ESTAR AGRADECIDOS
AOS HOMENS QUE FIZERAM
O 25 DE ABRIL



O MEU PAI DIZ QUE O
KAULZA DE ARRIAGA TEM
ALGUMA RAZÃO QUANDO DIZ QUE
O KENNEDY DEVEIA TER SIDO
ASSASSINADO UNS ANOS
MAIS Cedo



O MEU PAI DIZ QUE
O KAULZA DE ARRIAGA
DEVEIA TER NASCIDO
UNS ANOS-LUZ MAIS LONGE



O MEU PAI DIZ
QUE AGORA SE
DIZ MUITA
COISA



O MEU PAI DIZ QUE
DIGA-SE O QUE SE DISSER
AGORA PODE DIZER-SE

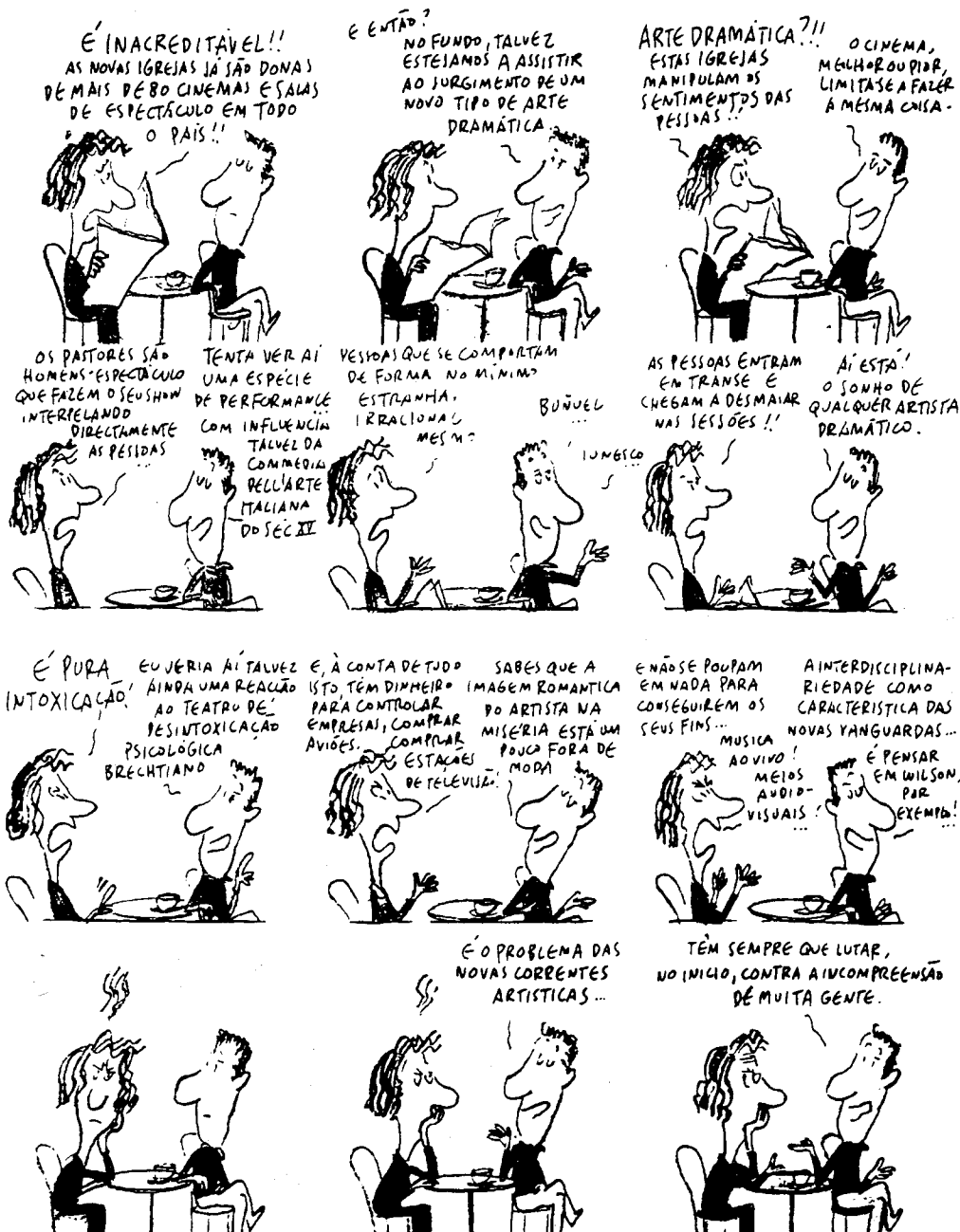


«CARTOON» 99

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

ARTE SACRA

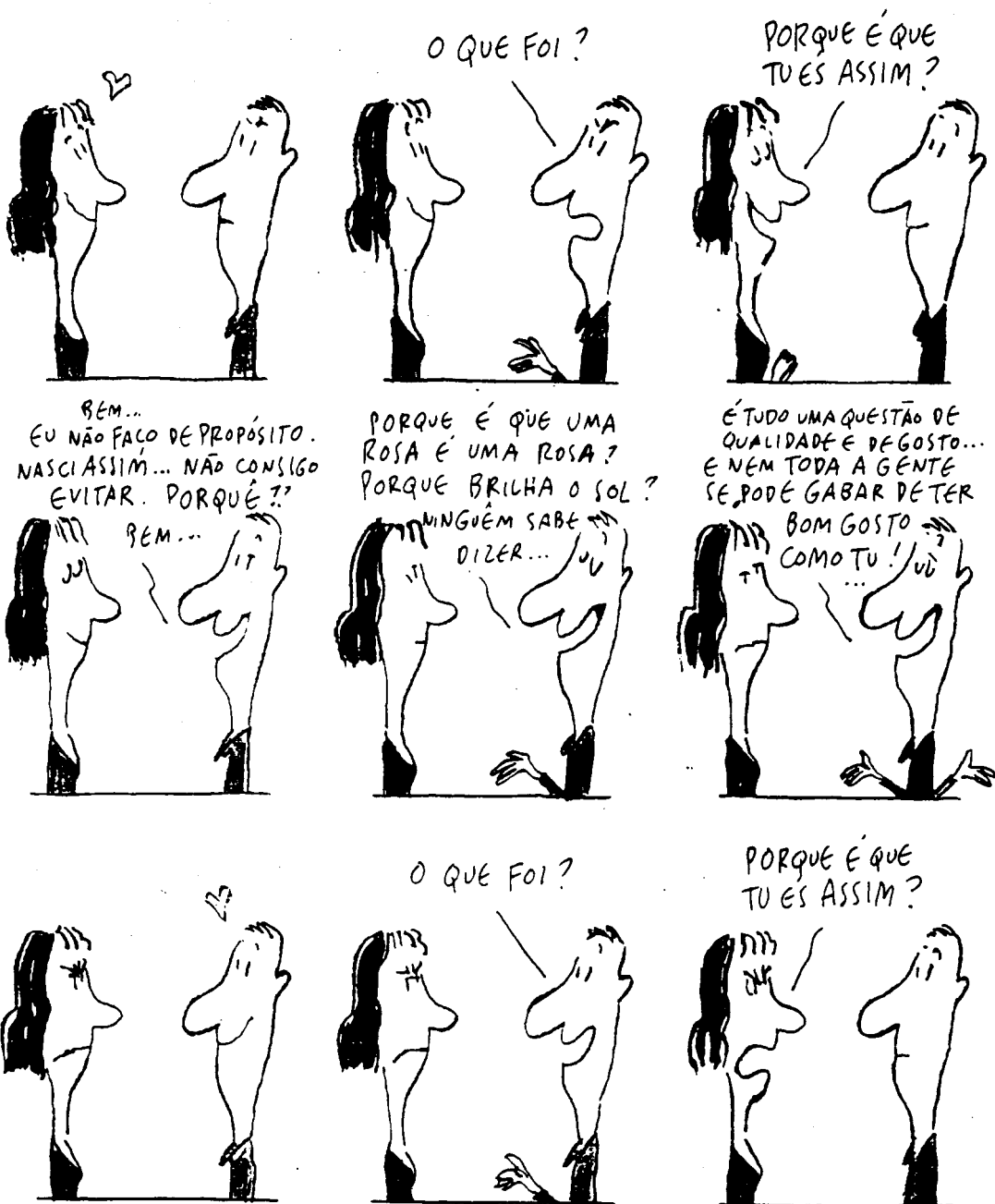


«CARTOON» 100

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

ASSIM ASSIM



8.5.94 PUBLICO 10

«CARTOON» 101

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

ALGUNS TEOREMAS DE GEOMETRIA GEOPOLÍTICA ANALÍTICA

HÁ POVOS PREPARADOS
PARA A DEMOCRACIA
E POVOS NÃO PREPARADOS
PARA A DEMOCRACIA

É EVIDENTE QUE
OS POVOS AFRICANOS
E O POVO RUSSO
NÃO ESTÃO PREPARADOS
PARA A DEMOCRACIA



EM TERMOS
EXPERIMENTAIS:
TOME-SE UM
INDIVÍDUO ISOLADO,
MERGULHE-SE NUM
AMBIENTE AFRICANO
DETERMINADO...

ELE SOFRERÁ DE
PROGRESSIVA INCAPACIDADE
PARA ESCOLHER, ATRAVÉS
DO VOTO, OS SEUS GOVERNANTES
E ESTARÁ CONDENADO
A VIVER EM DITADURA



FAÇA-SE VARIAR A
LATITUDE E A LONGITUDE
DE NASCIMENTO DO MESMO
INDIVÍDUO E A SUA PREPA-
RAÇÃO PARA A DEMOCRACIA
PROGRESSIVAMENTE A MEDIDA QUE
EVOLUIMOS PARA NORTE
E REGREDIRÁ EM DIREÇÃO
A LESTE...

A SUA PREPARAÇÃO
PARA A DEMOCRACIA SOFRERÁ
AINDA ALTERAÇÕES EM MAIOR
OU MENOR GRAU EM FUNÇÃO
DE VARIÁVEIS COMO A
PIGMENTAÇÃO DA PELE OU
A UTILIZAÇÃO DE ALFABETOS
NÃO-LATINOS



DAQUI RESULTA, POR EXEMPLO, A RELAÇÃO
ARITMÉTICA QUE NOS DIZ QUE A PREPARAÇÃO
PARA A DEMOCRACIA (PPD) É DIRECTAMENTE
PROPORCIONAL A SETENTRIONALIDADE
DE ORIGEM DO INDIVÍDUO EM OBSERVAÇÃO (SO)

E INVERSAMENTE PROPORCIONAL
À PIGMENTAÇÃO DA SUA PELE (PP)

$(PPD \propto SO \cdot \frac{1}{PP})$



COMO COMENTA A
AFIRMAÇÃO DE UM
DESTACADO LÍDER AFRICANO:
"O FUTURO DA ÁFRICA
PASSA PELA DEMOCRACIA"



A ÁFRICA NÃO ESTÁ
PREPARADA PARA PASSAR
PELO FUTURO!



«CARTOON» 102

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

É DOS CARECAS QUE ELAS GOSTAM MAIS



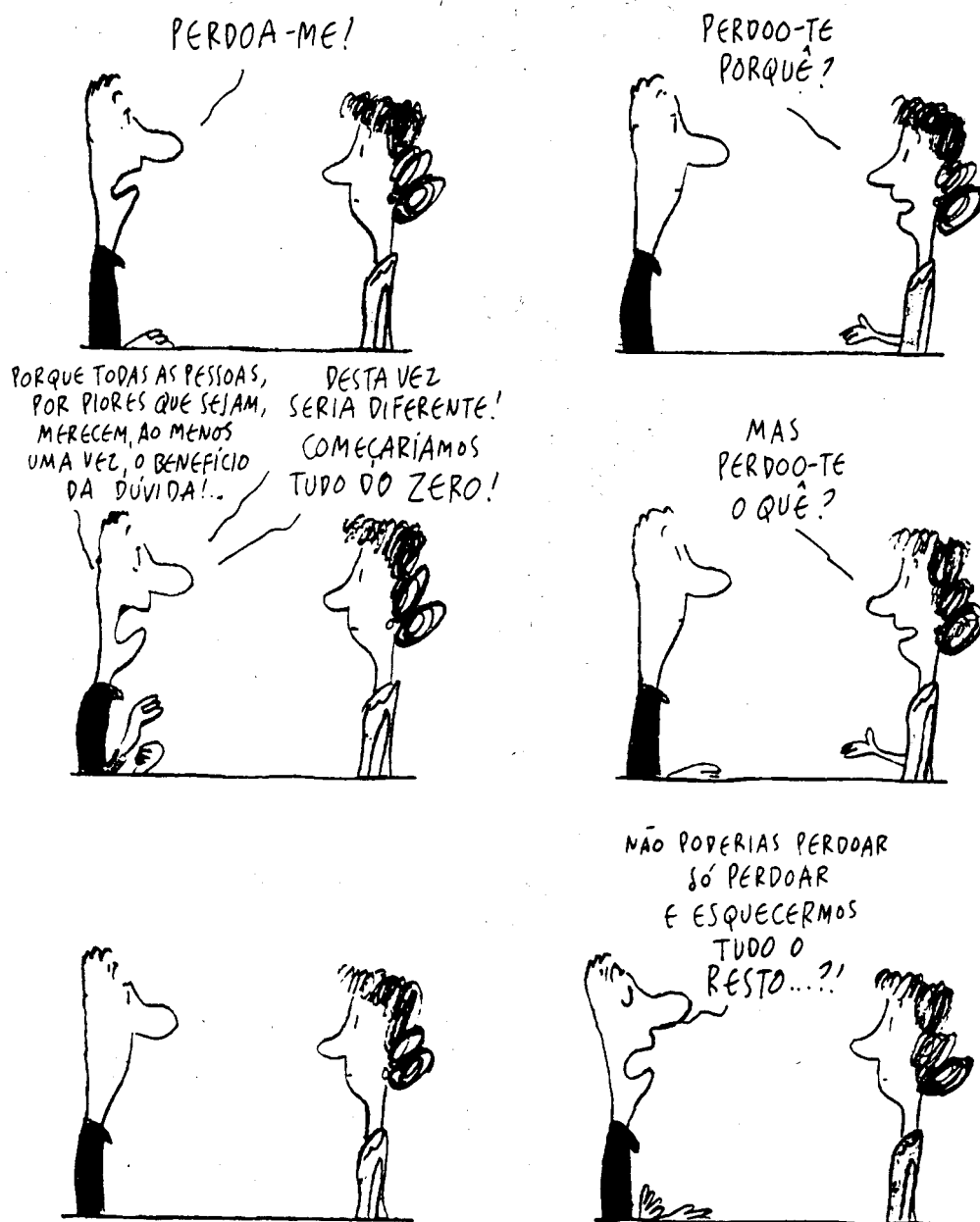
22.5.94 PUBLICO 8

«CARTOON» 103

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

EMOÇÃO A VALER



29.5.94 PEBALCO 12

«CARTOON» 104

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

A BRINCAR

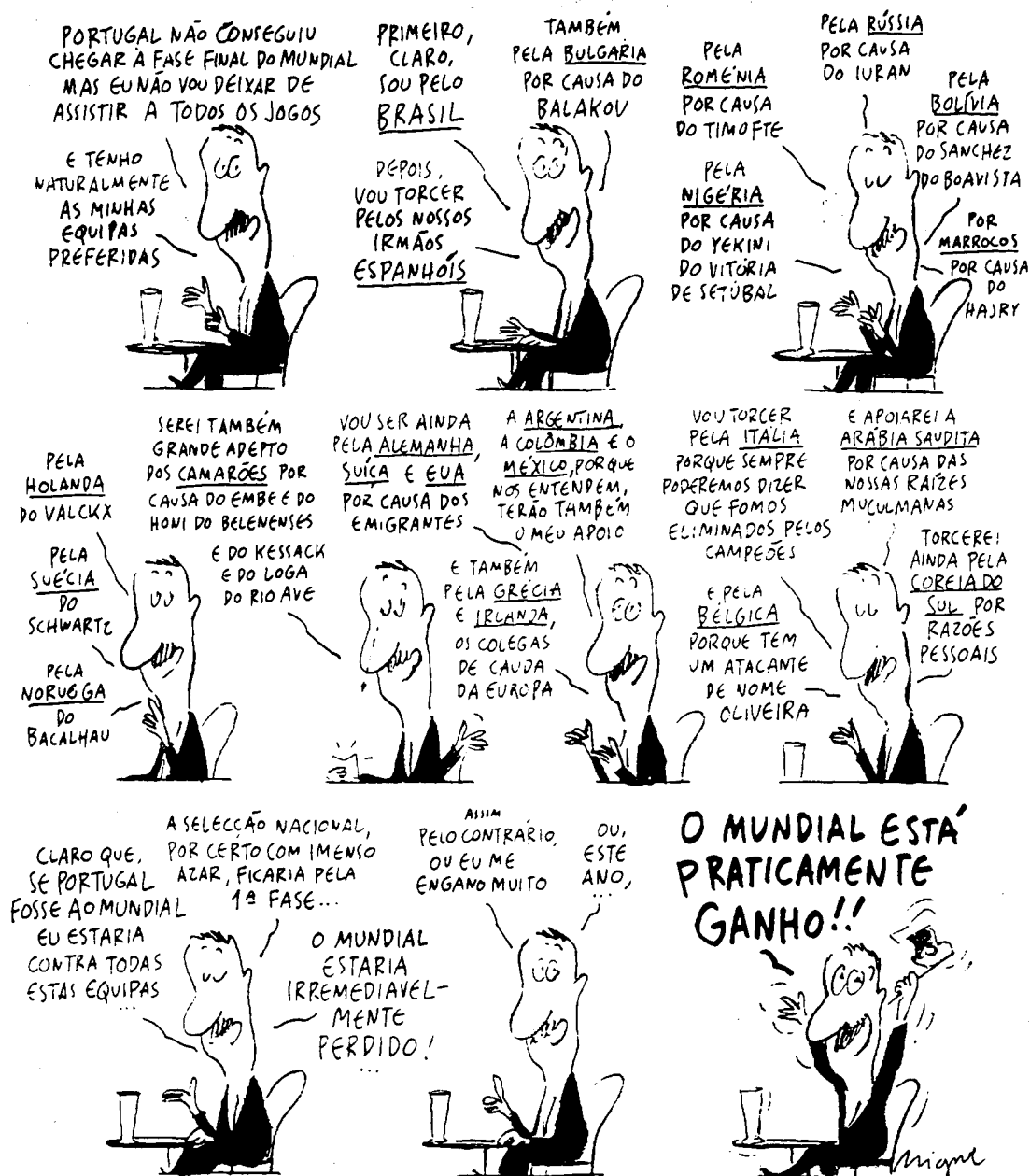


«CARTOON» 105

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

VIVA PORTUGAL COSMOPOLITA!



12.6.94 PÚBLICO 12

«CARTOON» 106

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

O TEMPO JÁ NÃO É O QUE ERA

O TEMPO JÁ NÃO É
O QUE ERA



ANTIGAMENTE,
NO VERÃO HAVIA CALOR
NO INVERNO HAVIA FRIO



AGORA
NUNCA
SE SABE
TEMOS DIAS MUITO FRIOS
LOGO SEGUIDOS DE
DIAS MUITO QUENTES
E DE NOVO DIAS FRIOS
E CHUVOSOS



LEMBRO-ME QUE, ANTIGAMENTE,
HAVIA OS FINS-DE-SEMANA DE VERÃO
E OS FINS-DE-SEMANA DE INVERNO



NOS MESES DE
FRIO E CHUVA
OS DOMINGOS
ERAM PASSADOS
EM CONVÍVIO
À VOLTA DE
UMA MESA

NOS MESES DE CALOR,
NOS FINS-DE-SEMANA,
FAZIAMOS PASSEIOS
DE AUTOMÓVEL OU
A PÉ



AGORA NUNCA SE PODE
ADIVINHAR SE O PROXIMO
FIM-DE-SEMANA VAI SER
DE VERÃO OU DE INVERNO



MAS TAMBÉM
É VERDADE



NÃO É
MUITO
IMPORTANTE

AGORA, OS FINS-DE-SEMANA
SÃO SEMPRE PASSADOS
NO HIPERMERCADO



NÃO
IMPORTA
O TEMPO
QUE FAZ

DEFINITIVAMENTE

O TEMPO,
JÁ NÃO É
O QUE ERA

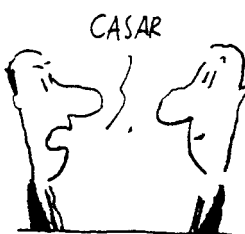


«CARTOON» 107

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

QUE MAIS AINDA?



26.6.94 PÚBLICO 12

«CARTOON» 108

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

AS FASES



«CARTOON» 109

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

A CIÊNCIA FARMACÊUTICA AO SERVIÇO DO HOMEM

É FORMIDÁVEL
O PROGRESSO
CIVILIZA-
CIONAL!



HOJE,
SÓ NÃO É
FELIZ
QUEM NÃO
QUISER!

A CIÊNCIA PENSOU
EM TUDO PARA O
NOSHO BEM-ESTAR.
POR EXEMPLO,
SE O PROBLEMA
É DEPRESSÃO



BASTA
TOMAR UM
ANTI-
DEPRESSIVO!



SE ME SINTO
NERVOSO...



TOMO UM
ANSIOLÍTICO!



SE TENHO
PROBLEMAS
PARA DORMIR...



BARBITÚRICOS!



QUANDO ME
SINTO EM BAIXO,
CANSADO...



DISPONHO DE TODA
UMA VARIEDADE
DE ESTIMULANTES!



E, SE ESTOU NUM
PAQUELES DIAS-NÃO,
EM QUE TENHO
TENDÊNCIA PARA
PENSAR DEMASIADO...



BASTA CARREGAR
NUM BOTÃO!
LIGAR A
TV



VIVEMOS
UMA ÉPOCA
FANTÁSTICA!.

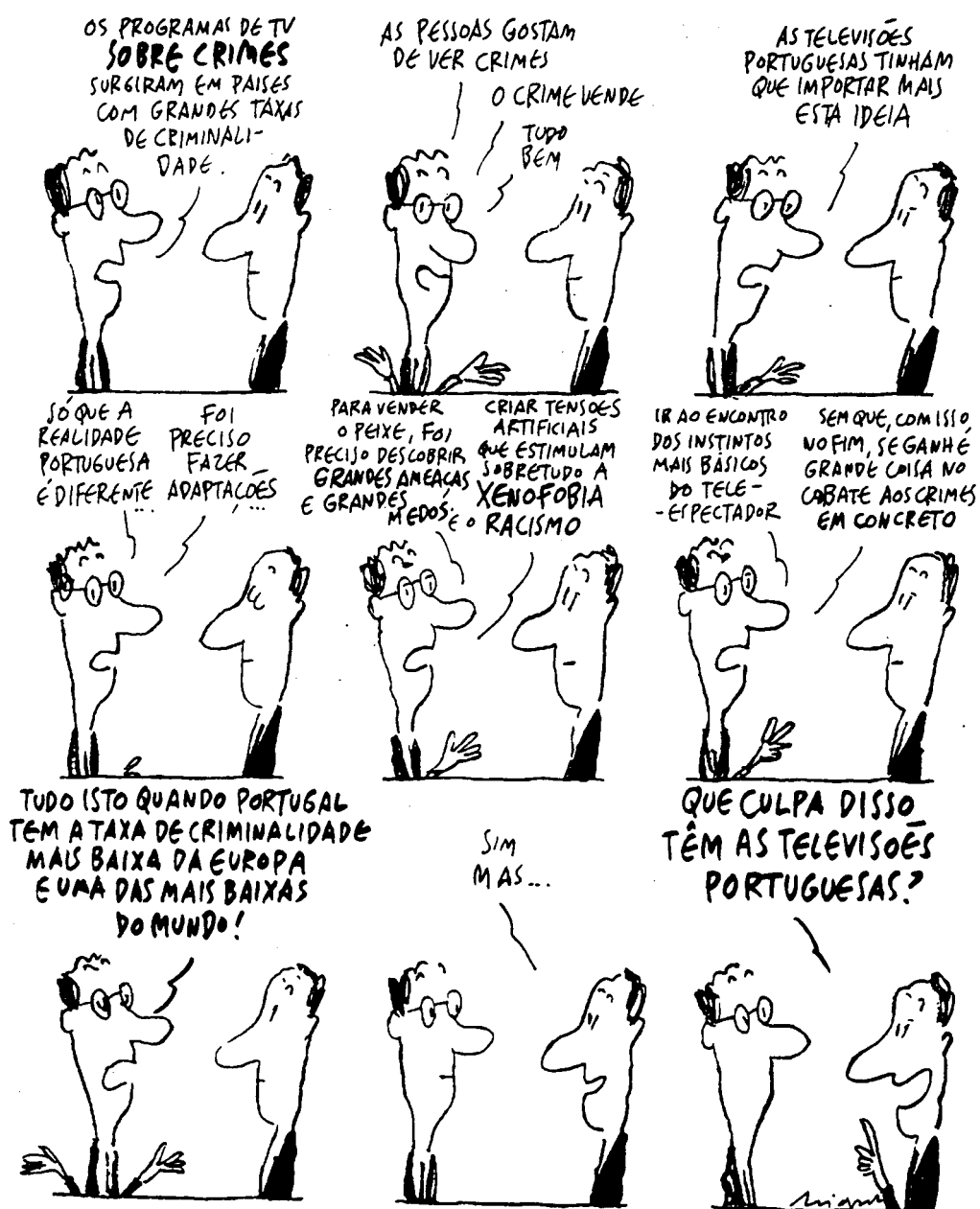


«CARTOON» 110

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

CRIMES E CULPA



17.7.94 PÚBLICO 10

«CARTOON» 111

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

BRASIL VS. BRAZIL

OS BRASILEIROS ADMIRAM IMENSO
A CULTURA DOS ESTADOS UNIDOS
E EM TUDO O QUE FAZEM SÃO
MUITO INFLUENCIADOS PELOS
NORTE-
AMERICANOS.



E HÁ QUEM DIGA QUE,
SE O BRASIL TIVESSE SIDO
COLONIZADO PELOS INGLESES
E NÃO PELOS PORTUGUESES
SERIA HOJE UMA GRANDE
POTENCIA
MUNDIAL.



E TALVEZ
TENHA
RAZÃO.

SE REPARARES,
AQUILO EM QUE OS
BRASILEIROS SÃO BONS
E AS COISAS QUE FAZEM
A GLÓRIA
DO BRASIL.



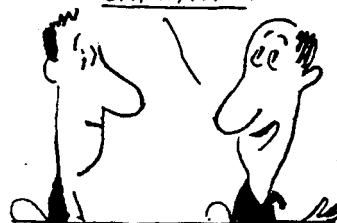
... SÃO PRECISAMENTE AS
COISAS EM QUE OS BRASILEIROS
SÃO MAIS INFLUENCIADOS
PELOS ESTADOS
UNIDOS.



COM EXCEÇÃO DO
FUTEBOL



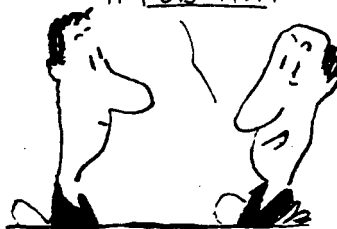
E EXCEPTO
O CARNAVAL



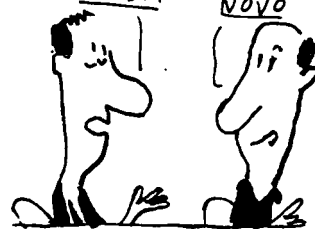
SIM. E EXCEPTO A
EXCELENTE MÚSICA
BRASILEIRA.



E EXCEPTO
A FEIJADA

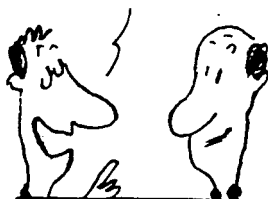


E EXCEPTO
O SAMBA



E EXCEPTO
O CINEMA
NOVO

AS BRASILEIRAS



A IMAGINAÇÃO
CARIOCA



SAUDÁVEL
ANTI-
PURITANISMO

O CAFÉ



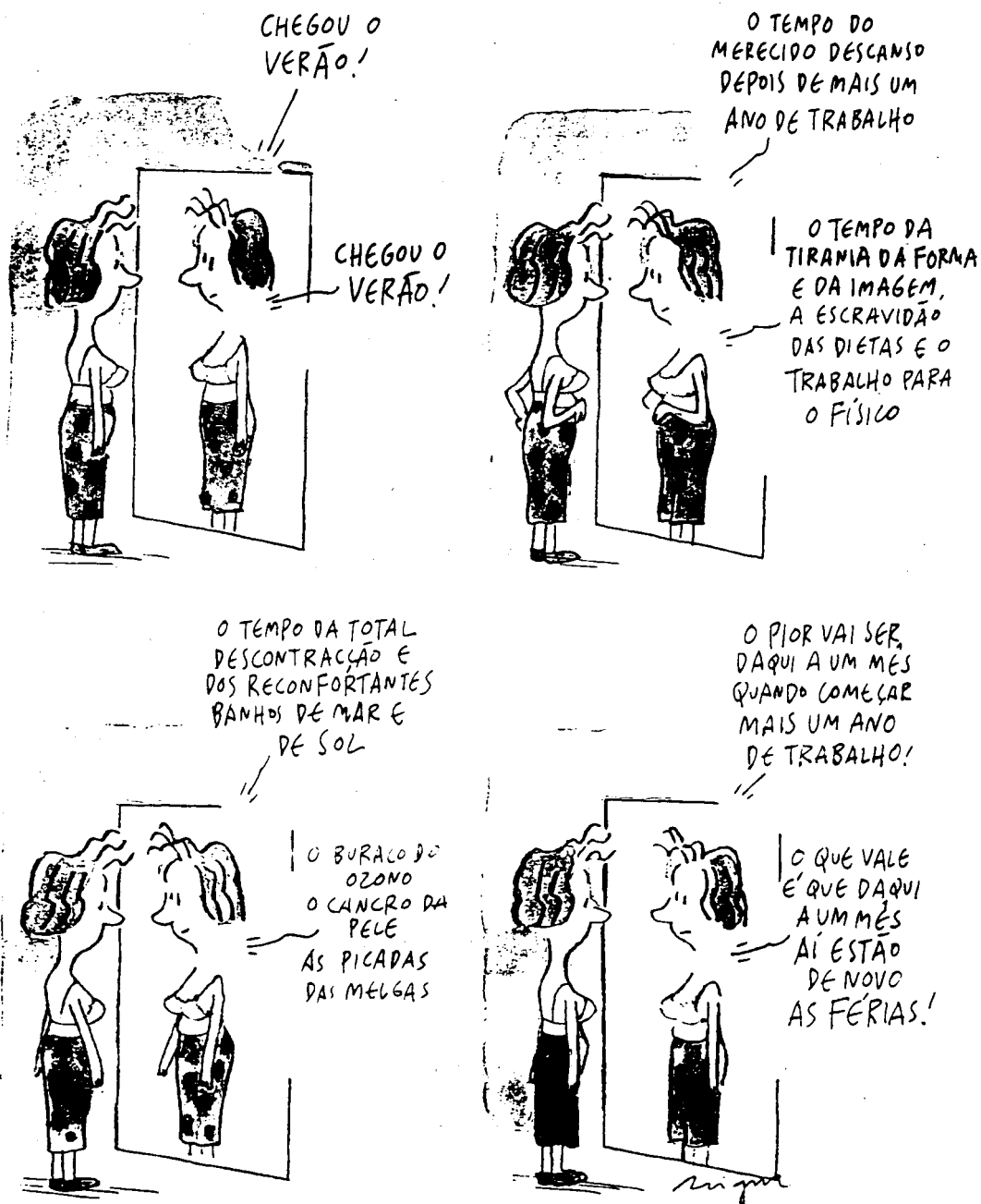
O PÉRÊRÊ!

«CARTOON» 112

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

FÉRIAS REPARTIDAS



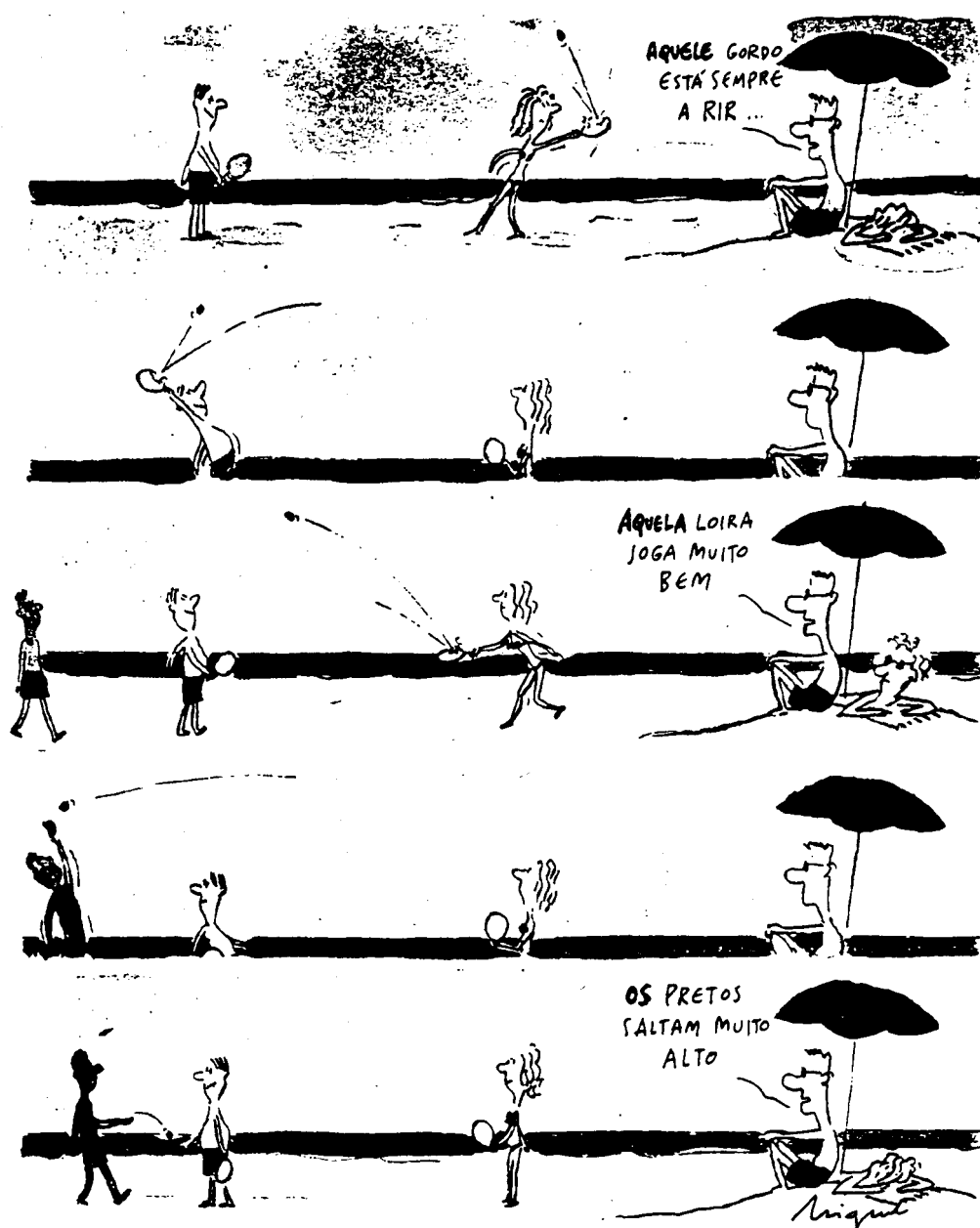
31.7.94 PÚBLICO 10

«CARTOON» 113

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

PESSOA COLECTIVA



7.8.94 PÚBLICO 10

«CARTOON» 114

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

É DEIXÁ-LOS TRABALHAR!

O QUE POSSO GARANTIR-LHES É QUE
ESTAMOS A TRABALHAR PARA
ACABAR COM OS DESEMPREGADOS
NO NOSSO PAÍS



TEM CONSCIÊNCIA QUE, PARA MUITAS
FAMILIAS, A ÚNICA SOLUÇÃO VOLTOU
A SER A **EMIGRAÇÃO** ?!

TEM CONHECIMENTO QUE,
NESTE MOMENTO, POR CAUSA DO
DESEMPREGO, HÁ JÁ PESSOAS
A **MORREREM À FOME** ?!!



É O QUE
EU LHE
DIZIA..

ESTAMOS A TRABALHAR PARA
ACABAR COM OS DESEMPREGADOS
NO NOSSO PAÍS



«CARTOON» 115

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

O SEGREDO DO MEU SUCESSO



«CARTOON» 116

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

PROVA DE COR

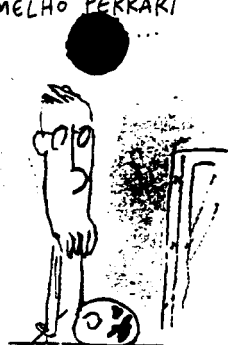
A PROVA MATERIAL DE QUE
O SISTEMA CAPITALISTA
DE PRODUÇÃO, DISTRIBUIÇÃO
E CONSUMO À ESCALA
PLANETÁRIA



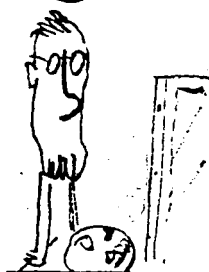
ESTA
ESTRUTURALMENTE
ERRADO
É QUE ...



MISTURANDO
VERMELHO FERRARI



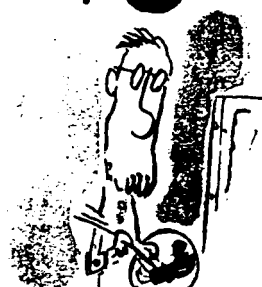
COM
VERDE BENETTON



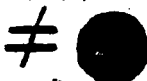
COM AMARELO
CUTTY SARK...



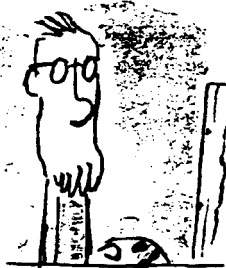
COM
AZUL BARCLAY'S



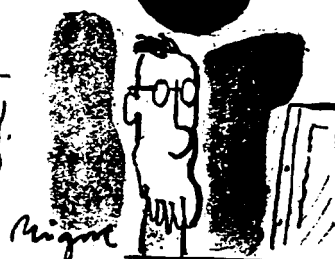
NÃO OBTÉMOS O CÔR-
-DE ROSA DA VIDA NOS
ANÚNCIOS..



MAS SIM ...



O NEGRO DA FOME.
NO TERCEIRO
MUNDO



7 PÚBLICO 28.8.94

«CARTOON» 117

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

O MAIS IMPORTANTE

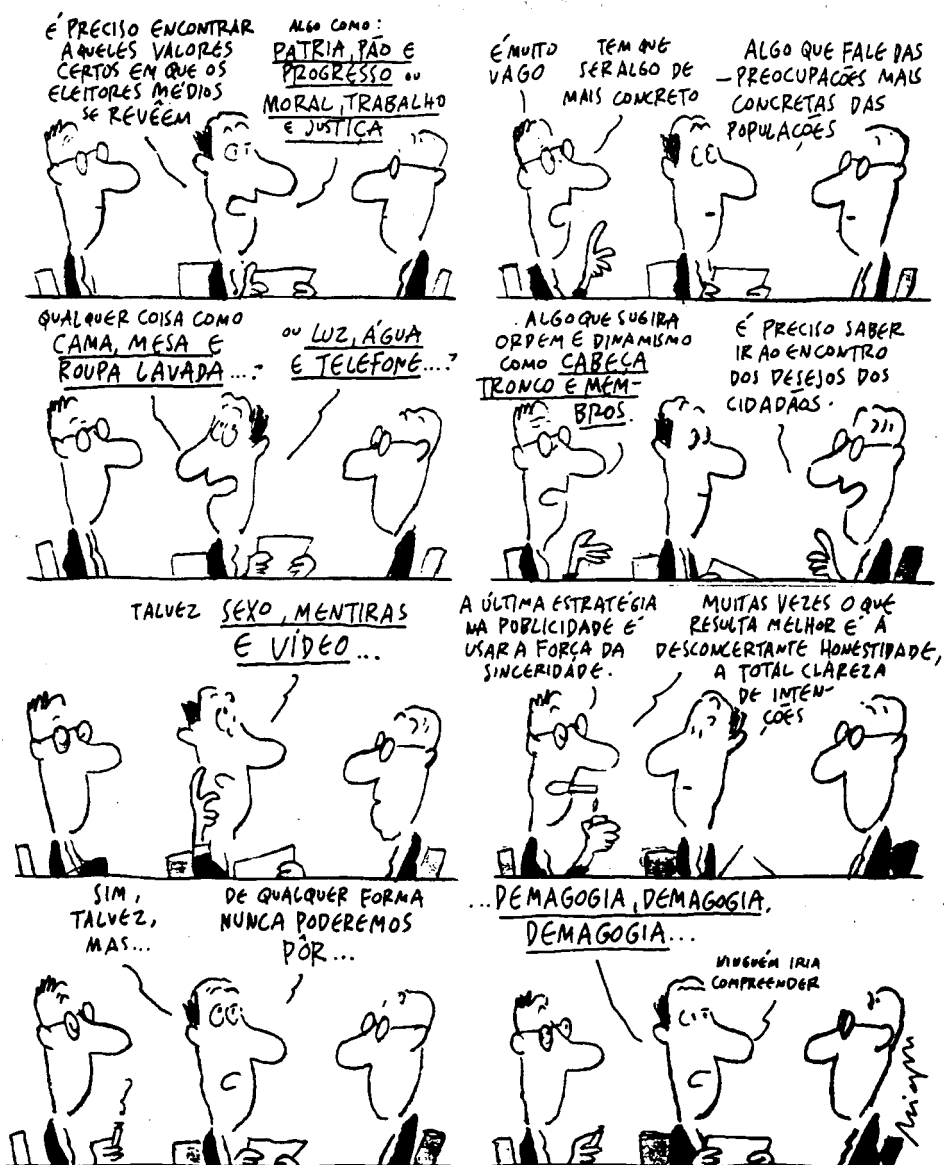


«CARTOON» 118

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

CHÁ, CAFÉ, LARANJADA



7 PUBLICO 11.9.94

«CARTOON» 119

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

DOIS EM UM



18.9.94 PÚBLICO 12

«CARTOON» 120

HISTÓRIAS DE AMOR

Uma anedota de alentejanos

Miguel



«CARTOON» 121

HISTÓRIAS DE AMOR

Os antigos e os modernos

Miguel

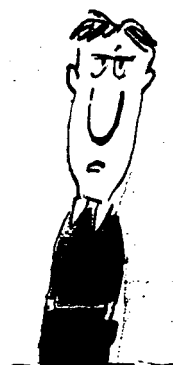
ELE GOSTAVA
QUE EU FOSSE
UMA MULHER
A ANTIGA



BOA DONA DE CASA...
BOA COZINHEIRA...
OS FILHOS...



ELA QUER
QUE EU SEJA
UM HOMEM
MODERNO



LAVAR
A LOIÇA...
ASPIRAR
A SALA...

DANTES, NO INÍCIO,
ELA QUERIA
QUE EU FOSSE
UM NAMORADO
A ANTIGA



GALANTEADOR...
INTERESSADO...
OFERECER
FLORES...



AINDA ME LEMBRO,
QUANDO NOS
CONHECEMOS,
ELE DIZIA QUE
EU DEVIA SER
DESCOMPLEXADA...

LIBERTA DE
PRECONCEITOS...
ASSUMIR O CORPO...
UMA MULHER
MODERNA!



«CARTOON» 122

HISTÓRIAS DE AMOR

Totoloto

Miguel

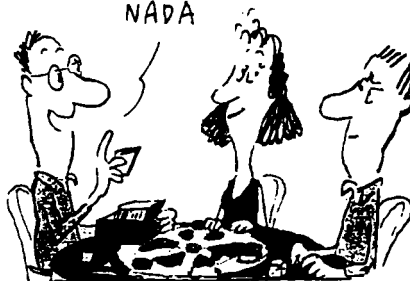
PERGUNTA DE
DESPORTO E
LAZER: QUE JOGO DE APOSTAS
DISTRIBUIU MAIS DINHEIRO
EM PORTUGAL, EM 1993?



DÁ MUITO
DINHEIRO



MAS PODE NÃO
SE GANHAR
NADA



AH!



A C.E.E.!!



«CARTOON» 123

HISTÓRIAS DE AMOR

Vocação

Miguel



«CARTOON» 124

HISTÓRIAS DE AMOR

Homo Zapiens

Miguel



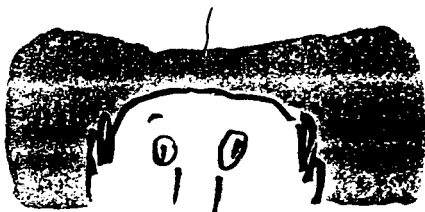
«CARTOON» 125

HISTÓRIAS DE AMOR

Fado

Miguel

PORTUGAL É UM PAÍS
DE POETAS



E, POR ISSO, PORTUGAL É UM
PAÍS DE EMIGRANTES

DIZEM. PARA SER GRANDE NESTE
PAÍS PEQUENO PRIMEIRO É PRECISO
SER GRANDE LÁ FORA



... VÃO-SE MATANDO A
SI MESMOS POR QUE

PORTUGAL É UM PAÍS
DE SUICIDAS !

UNAMUNO
PISSA

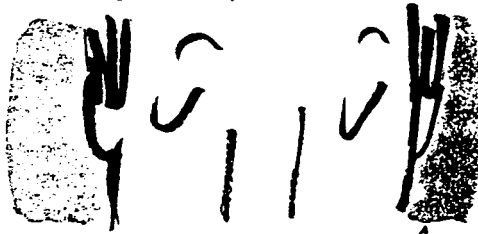


MAS HÁ QUEM DIGA TAMBÉM QUE
PORTUGAL É UM PAÍS DE INVEJOSOS E
UM PAÍS DE MEDIÓCRES
QUE SE PROMOVEM E PROTEGEM UNS
AOS OUTROS



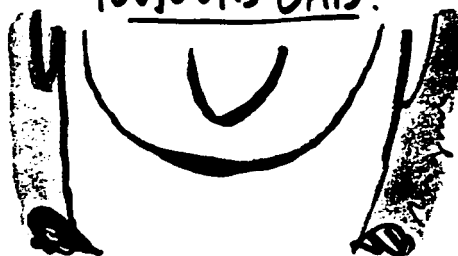
PORTUGAL É O PAÍS DOS
BRANDOS COSTUMES

PORTANTO, OS QUE FICAM SOFREM
A PEQUENEZ DO PAÍS
MAS NÃO MATAM NINGUÉM ...



NO FIM, OS PORTUGUESES TÊM
GRANDE ALEGRIA NA GRANDEZA
DOS SEUS POETAS. MORTOS.

"LES PORTUGAIS SONT
TOUJOURS GAIS !"

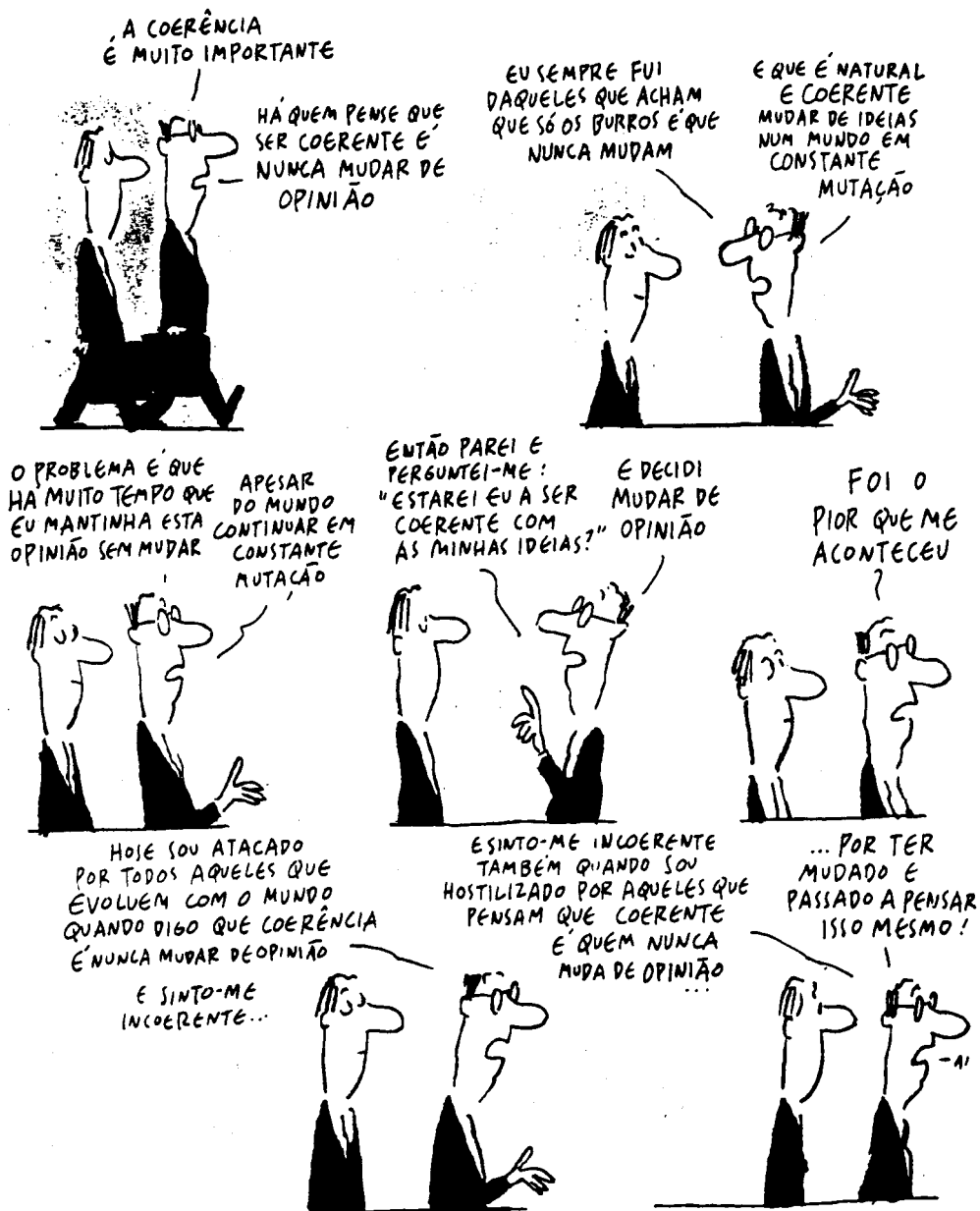


«CARTOON» 126

HISTÓRIAS DE AMOR

coerência

Miguel

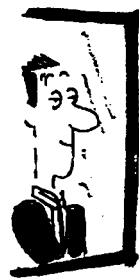


«CARTOON» 127

HISTÓRIAS DE AMOR

Pessoas com interesse

Miguel



«CARTOON» 128

HISTÓRIAS DE AMOR

Nósoutros

Miguel

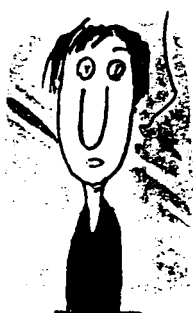


«CARTOON» 129

HISTÓRIAS DE AMOR

A meio gás

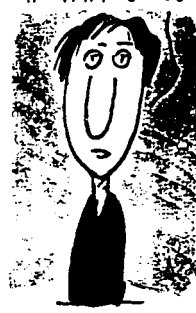
EU QUERIA
SER BOM E
VERDADEIRO



VIVER
MUITO
TEMPO



UM DIA
MORRER E
IR PARA O CÉU



MAS DESDE
QUE MORREU
O KURT
COBAIN



ESTOU CONVENCIDO
QUE SÃO SEMPRE
OS MELHORES
QUE VÃO
PRIMEIRO

PARA VIVER MUITO
TEMPO DEVE SER
PRECISO SER MAU E
FALSO



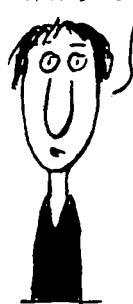
NO ENTANTO, NÃO
SE PODE SER TÃO MAU
E TÃO FALSO QUE SE
VÁ PARAR AO
INFERNO



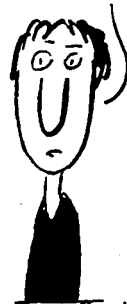
PORTANTO,
A SOLUÇÃO PARA VIVER
UM TEMPO MAIS OU
MENOS LONGO...



É SER MAIS OU MENOS
BOM, MAIS OU MENOS
VERDADEIRO, MAIS OU
MENOS TRANSIGENTE...



PARA ACABAR
MAIS OU MENOS
NO CÉU

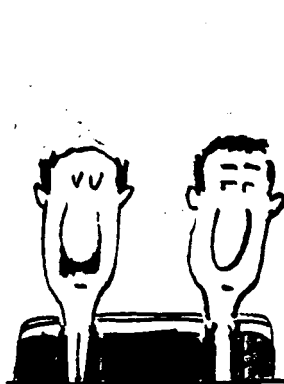


ti que

«CARTOON» 130

HISTÓRIAS DE AMOR

Televisão normal



«CARTOON» 131

HISTÓRIAS DE AMOR

No poupar é que está o ganho

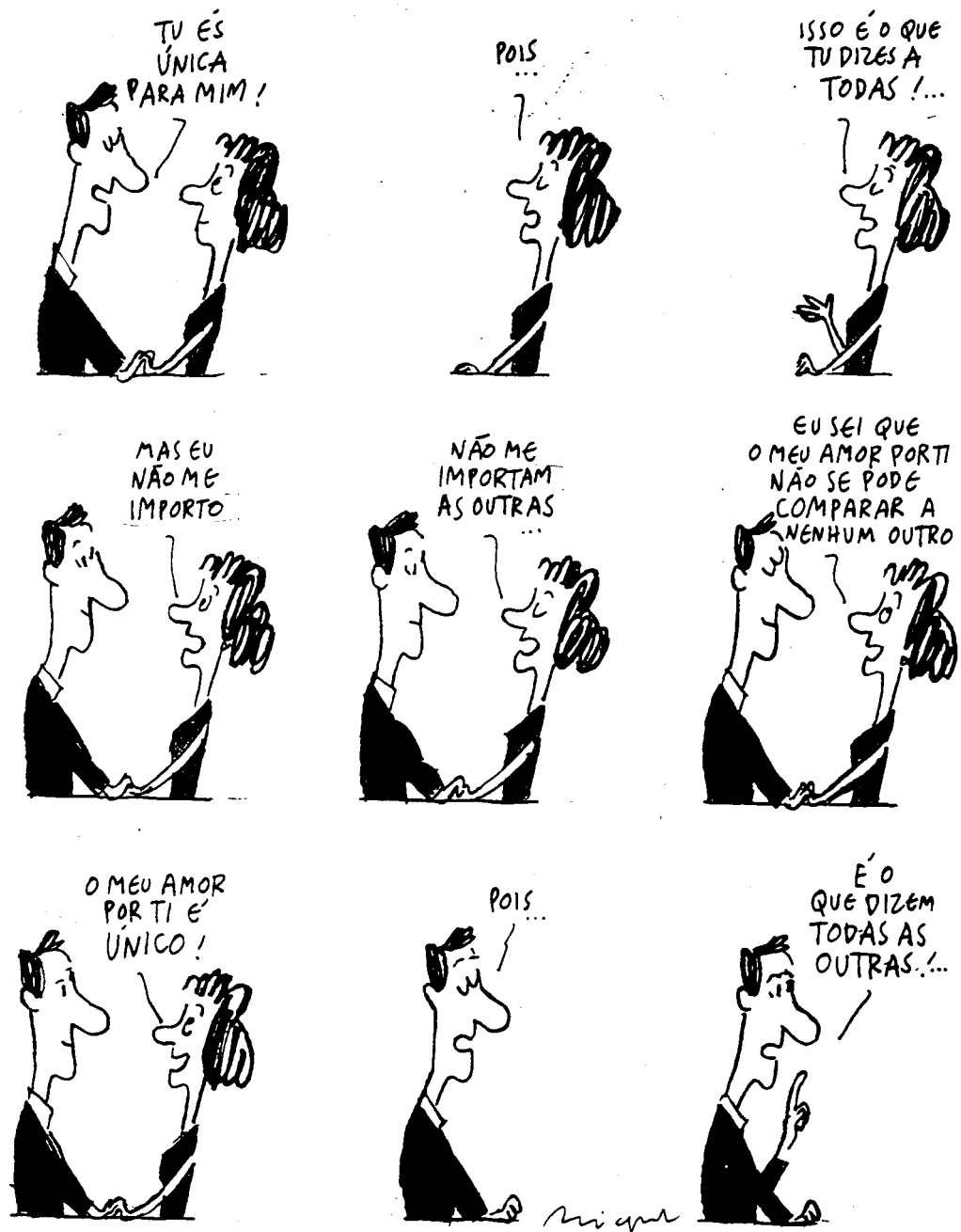
Miguel



«CARTOON» 132

HISTÓRIAS DE AMOR

Igualmente único



«CARTOON» 133

HISTÓRIAS DE AMOR

Boas festas e feliz ano novo!

Miguel

2+2 SÃO 4!...
UM CÃO É UM CÃO!
UM GATO É UM GATO!...



NÃO HÁ NADA MAIS ABORRECIDO DO QUE UM ANO INTEIRO A DIZER AS MESMAS COISAS DE SEMPRE, SEMPRE MUITO CERTAS E VERDADEIRAS E ENFADONHAS...



MAIS ABORRECIDO QUE UM ANO, SÓ MESMO UMA PASSAGEM DE ANO! É SUPOSTO SER DIVERTIDA PORQUE É DIFERENTE DO RESTO DO ANO, MAS É ABORRECIDÍSSIMA PORQUE É SEMPRE IGUAL ÀS OUTRAS PASSAGENS DE TODOS OS OUTROS ANOS!



BOAS FESTAS E FELIZ ANO NOVO! BOAS ENTRADAS PLA'BLA! COMEÇA-SE LOGO NO PRIMEIRO DIA A DIZER SEMPRE AS MESMAS COISAS E A DESEJAR OS MESMOS DESEJOS DE SEMPRE...



MAS ESTE ANO NÃO! ESTE ANO VAI COMEÇAR DE FORMA DIFERENTE! NEM BOAS ENTRADAS, NEM BOAS FESTAS...



NÃO! ESTE ANO NÃO! ESTE ANO UM CÃO VAI SER UM GATO E 2+1 VÃO SER 4!



MAS QUE GIRO! QUE ORIGINAL! ESSA FOI MUITO BEM APANHADA!



...VAI SER O CÃO O GATO: VAI SER E 2+3 VÃO O QUE? SER QUATRO. ESTÁ A VER?



E TAMBÉM PODE SER: O GATO VAI SER O CÃO E 2+3 FAZEM UM MILHÃO.



AS VACAS SÃO OS BOIS E 3+1 SÃO 2 E OS SAPOS? 411.



UM TUBARÃO É UM ATUM E 2+2 SÃO 411.



OS CAVALOS E OS JUMENTOS E 2+1 SÃO 200.

VOCÊ JÁ SABE QUE É ESTE ANO QUE O SAPO VAI SER O LEÃO E...?



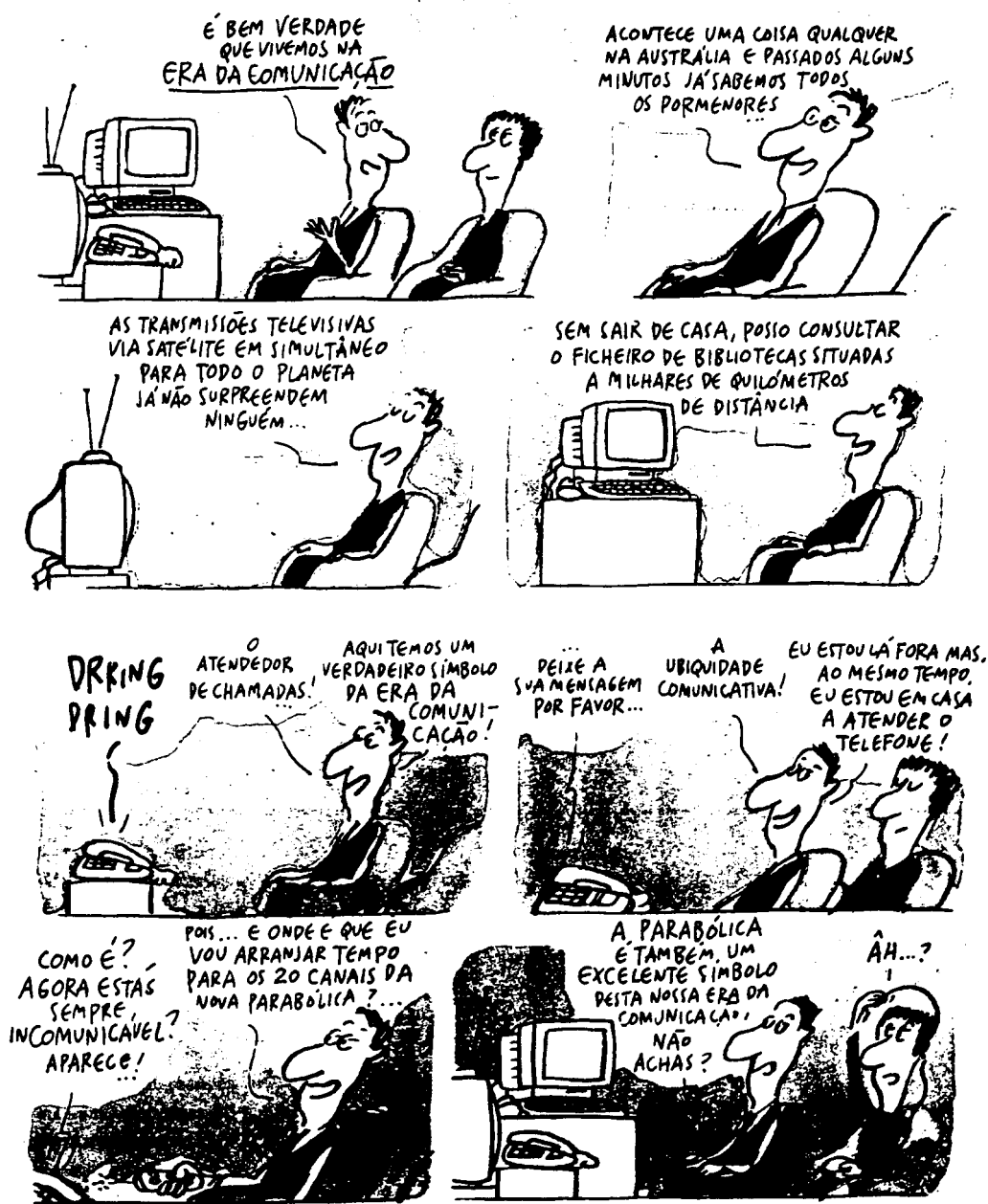
BOAS FESTAS TAMBÉM PARA SI!...

«CARTOON» 134

HISTÓRIAS DE AMOR

A era da comunicação

Miguel



«CARTOON» 135

HISTÓRIAS DE AMOR

O problema da semana

Miguel

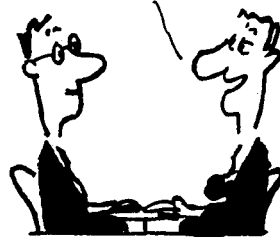
O NÚMERO DE ESPÉCIES EM VIAS DE EXTINÇÃO NÃO PARA DE AUMENTAR! AQUI SIM, VALE A PENA INVESTIR....!

ALGUNS ANIMAIS DEVEM ATINGIR HOJE VALORES INCALCULÁVEIS. OBVIAMENTE, O VALOR DOS BENS ECONÓMICOS PRENDE-SE COM A SUA ESCASSEZ...

E PENSAR QUE, QUANDO OS HOMENS ERAM ALGUNS MILHARES SOBRE A TERRA, HAVIA TAMBÉM MUITOS MILHARES DE URSOS, ELEFANTES, TIGRES.

GROSSO MODO, ERA 1 HOMEM PARA CADA URSO, 1 HOMEM PARA UM ELEFANTE, 1 HOMEM VALIA 1 TIGRE...

HOJE, EXISTEM NO PLANETA 4,5 MIL MILHÕES DE PESSOAS PARA 1000 PANDAS CHINESES, 30 TIGRES JAVANESES, UMA DÍZENA DE LEOPARDOS ÁRABES....!



CLARO, ISTO VEIO INFLACIONAR OS VALORES!

1 HOMEM VALIA 1 TIGRE.

PODEMOS DIZER QUE, EM TERMOS DE ESPÉCIE, CADA TIGRE EQUIVALE HOJE A 150 MILHÕES DE HOMENS

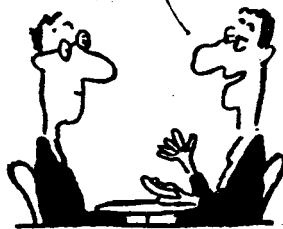
HOJE, UM HOMEM VALE UMA FRACÇÃO DE 1/150 MILHÕES DE 1 TIGRE JAVANÊS

JÁ SÓ HÁ 1000 PANDAS CHINESES. CADA PANDA VALE 4 MILHÕES E 500 MIL VEZES MAIS QUE 1 HOMEM

OS 200 PAPAGAIOS AZUIS E VERMELHOS QUE AINDA EXISTEM VALEM CADA 1 2 MILHÕES E 500 MIL HOMENS.

UM HOMEM VALE UMA FRACÇÃO DE 1/450 MILHÕES DE CADA UM DOS 10 LEOPARDOS ÁRABES.

COMPREENDE? ETC...



MAS PENSO QUE VAI SURTIR UM PEQUENO PROBLEMA CONTABILÍSTICO

NO DIA EM QUE, GRACAS AO COMÉRCIO INTERNACIONAL, OS RINOCERONTES, OS TIGRES, OS URSOS CASTANHOS, AS TARTARUGAS EGÍPCIAS, SE EXTINGUIREM PARA SEMPRE -

- NESSE DIA, UM HOMEM, QUANTO LHE PARECE QUE VAI VALER?

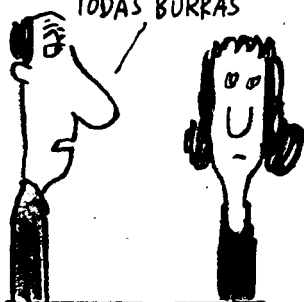


«CARTOON» 136

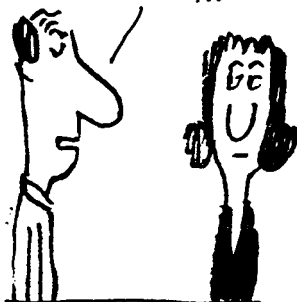
HISTÓRIAS DE AMOR

Como toda a gente sabe

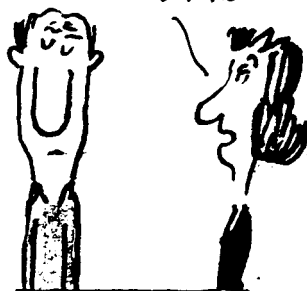
ODEIO MULHERES BONITAS!...
COMO TODA A GENTE SABE,
AS MULHERES BONITAS SÃO
TODAS BURRAS



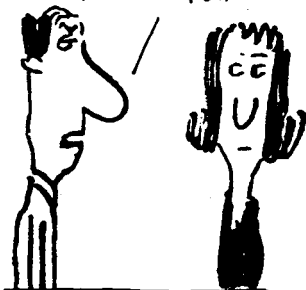
EU SÓ DOU ATENÇÃO
A MULHERES QUE NÃO
SEJAM BURRAS



NÃO É JUSTO!
HÁ MUITAS MULHERES
BONITAS QUE NÃO SÃO
NADA BURRAS!



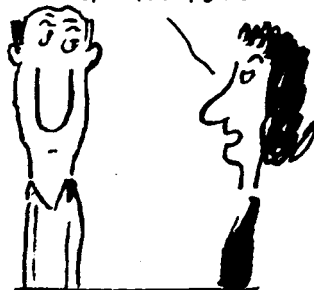
ODEIO MULHERES INTELIGENTES!...
COMO TODA A GENTE SABE,
AS MULHERES INTELIGENTES
SÃO TODAS FEIAS



EU SÓ DOU ATENÇÃO
A MULHERES QUE NÃO
SEJAM FEIAS...



NÃO É JUSTO!
HÁ MUITAS MULHERES
INTELIGENTES QUE NÃO
SÃO NADA FEIAS!



HÁ MUITAS MULHERES
MUITÍSSIMO BONITAS QUE
SÃO TAMBÉM MUITÍSSIMO
INTELIGENTES!



ODEIO MULHERES BONITAS
E INTELIGENTES!...
COMO TODA A GENTE SABE,
AS MULHERES BONITAS E
INTELIGENTES...



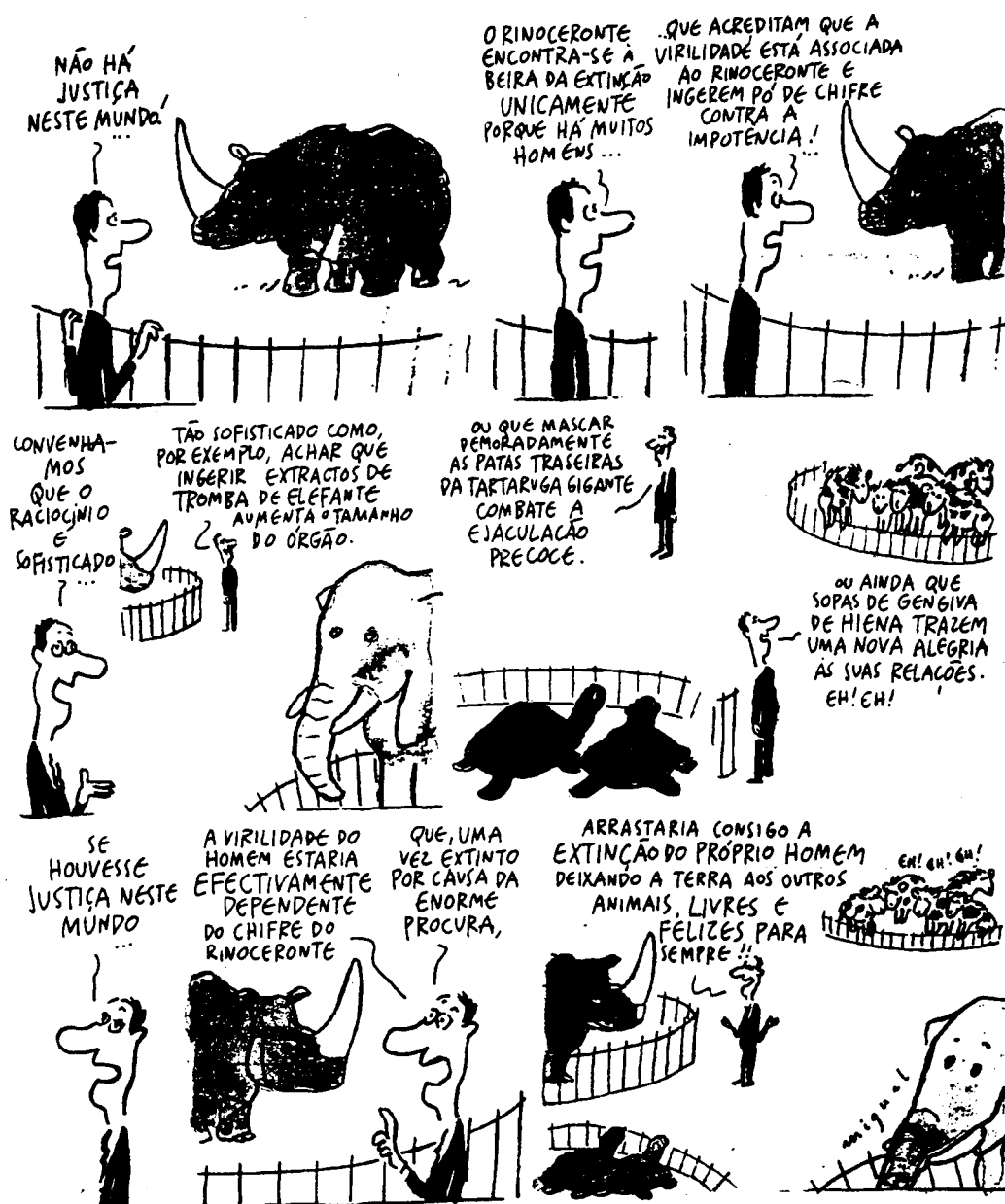
...SÓ DÃO ATENÇÃO
A HOMENS QUE NÃO SEJAM
BURROS E FEIOS!...



«CARTOON» 137

HISTÓRIAS DE AMOR

Justiça cósmica – o sacrifício do rinoceronte



«CARTOON» 138

HISTÓRIAS DE AMOR

Pesada

Miguel

JUSTIÇA PESADA
É NA AMÉRICA!
NÃO HÁ CÁ PENAS
LEVEZINHAS COMO EM
PORTUGAL!...

BÁ!
É TUDO O MESMO!
ISTO ESTÁ É PARA
OS MALANDROS!



VEJA SÓ: "UM HOMEM
DE 40 ANOS FOI CONDENADO
A 30.000 ANOS DE CADEIA!"

30.000?
COM REDUÇÃO DA PENA
PARA METADE POR BOM
COMPORTAMENTO, APOSTO!

É SEMPRE
A MESMA
COISA!



JÁ VIU?
30.000 ANOS!
JUSTIÇA PESADA, EH?

JUSTIÇA PESADA?
BÁ!...



IMAGINE, POR EXEMPLO, CAIM,
QUANDO MATOU O PRÓPRIO IRMÃO
(CERCA DE 4000 AC. SEGUNDO OS TEÓLOGOS)
SE TIVESSE SIDO CONDENADO
A UMA PENA ASSIM,
TERIA HOJE AINDA PARA CUMPRIR
24.000 ANOS DE CADEIA!...
SE ISTO NÃO É JUSTIÇA
PESADA, ENTÃO NÃO SEI!...



UM HOMEM É
CONDENADO A UM
TEMPO DE CADEIA
MAIS DE 300 VEZES
SUPERIOR AO SEU
TEMPO DE VIDA...!
SE ISTO NÃO É
JUSTIÇA PESADA...!?



UM CRIMINOSO
SAFA-SE CUMPRINDO
APENAS 1 MILESÍMO
DA PENA A QUE FOI
CONDENADO E VOCE
CHAMA A ISTO
JUSTIÇA PESADA!?...
BÁ!...



«CARTOON» 139

HISTÓRIAS DE AMOR

O problema optimista

Miguel

EU SOU UM
GRANDE
OPTIMISTA



ACHO SEMPRE
QUE TUDO VAI CORRER
PELO MELHOR



É ESTE O MEU
PROBLEMA!



O PIOR QUE
PODE ACONTECER
UM PESSIMISTA
CONFIRMAREM-SE
SUAS EXPECTATIVAS.



O MELHOR QUE
PODE ACONTECER
A UM OPTIMISTA
É CONFIRMAREM-SE
AS SUAS EXPECTATIVAS!

POR ISSO, ENQUANTO
PARA UM PESSIMISTA -
A VIDA É UMA SUCESSÃO
DE SURPRESAS AGRADÁVEIS
E TUDO O QUE DE MENOS MAU
LHE ACONTECE É JÁ
UM GANHU INESPERADO...



PARA OS OPTIMISTAS
A VIDA É UMA SUCESSÃO
DE DESILUSÕES
INTERMEADAS POR
RENOVADAS ILUSÕES!



EUBEM ME
ESFORÇO MAS
ACABO SEMPRE
POR ACHAR QUE
TUDO VAI CORRER
PELO
MELHOR!

AINDA O QUE
ME VALE
É QUE SOU
OPTIMISTA...



E POR ISSO
TENHO A CÉRTZA QUE,
COM MUITO TRABALHO,
AINDA UM DIA CONSEGUIREI
CHEGAR A SER...



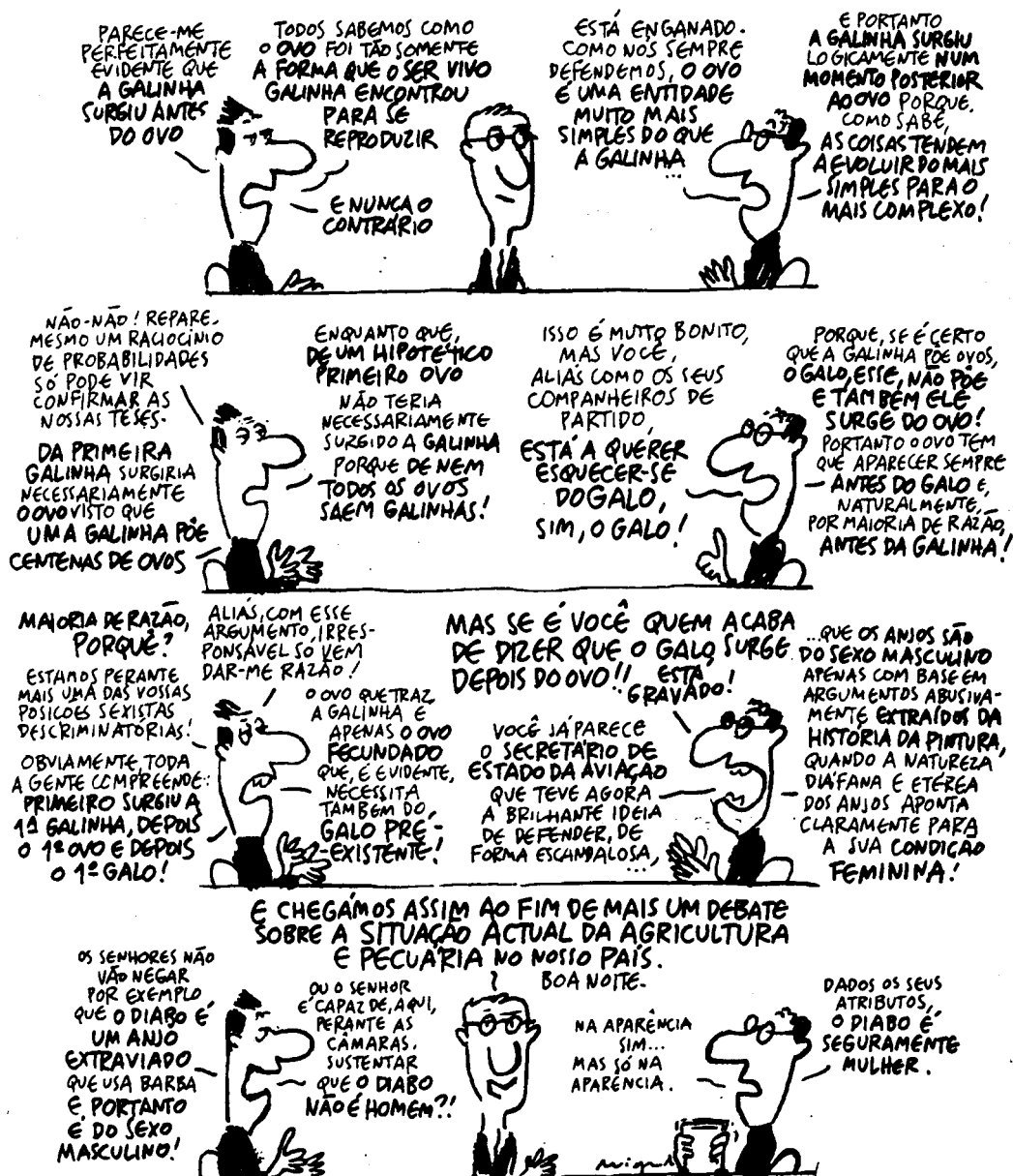
UM VERDADEIRO
PESSIMISTA NEGATIVISTA!...
E GOZAR ENTÃO A VIDA
NA SUA PLENITUDE!



«CARTOON» 140

HISTÓRIAS DE AMOR

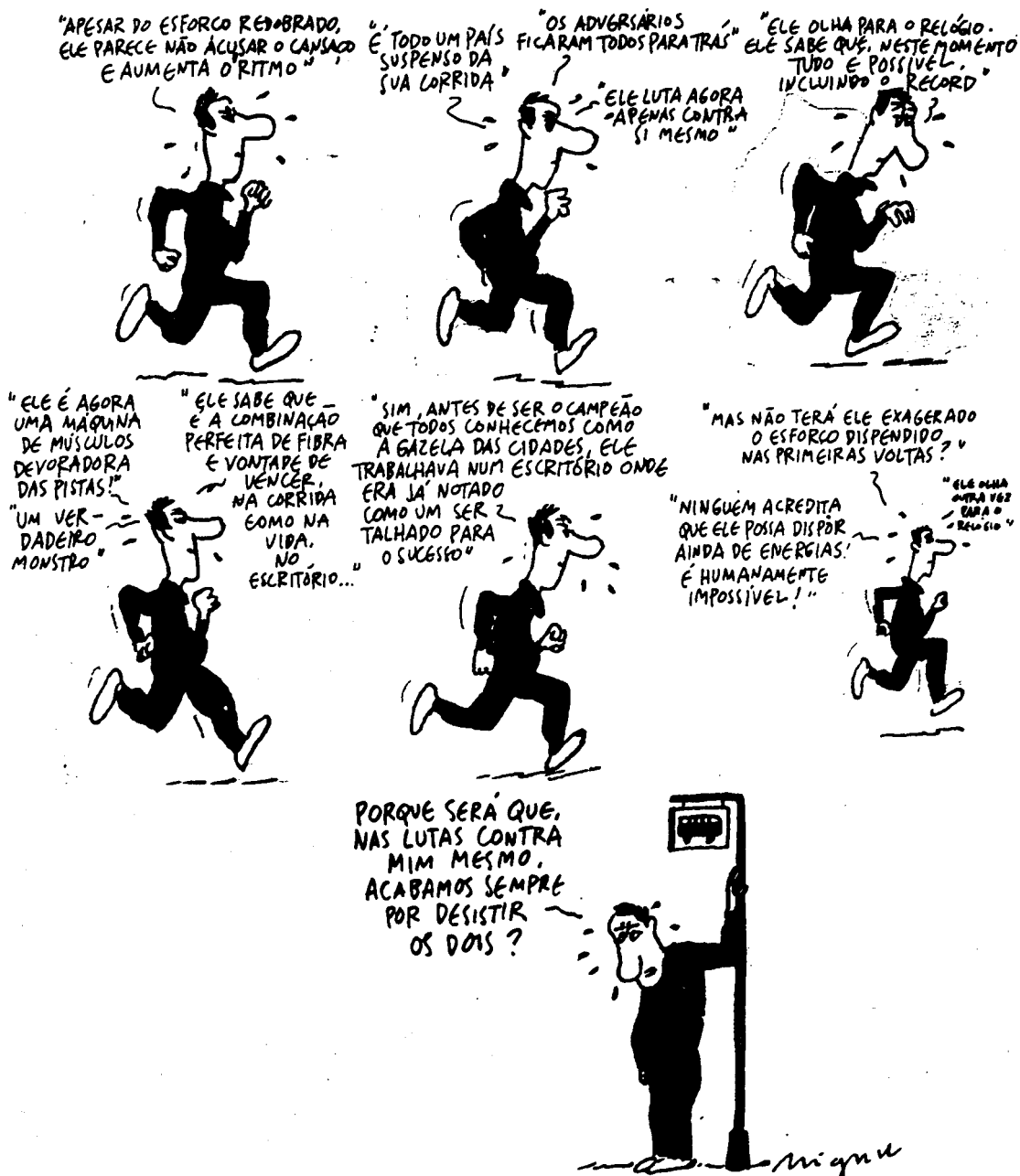
Crise na agricultura



«CARTOON» 141

HISTÓRIAS DE AMOR

A gazela



«CARTOON» 142

HISTÓRIAS DE AMOR

Arlequins

ESTE ANO MASCAREI-ME DE ARLEQUIM
PORQUE SOU SEMPRE MUITO PACATO
E ACHO QUE O DIA DE CARNAVAL
É O DIA PARA SERMOS
DIFERENTES DAQUILO
QUE SOMOS NA
REALIDADE



MASCAREI-ME DE
ARLEQUIM
PORQUE SOU ALEGRE
E EXPANSIVO
E JÁ BASTA O RESTO
DO ANO PARA TER QUE
SER CINZENTO



ESTE ANO VOU DE ARLEQUIM
PORQUE ADORO TODOS OS ARTISTAS
E ACHO QUE O CARNAVAL É UMA
ÓTIMA ALTURA PARA
HOMENAGEAR
AQUELES DE QUEM
GOSTAMOS



EU VOU DE ARLEQUIM
PORQUE DETESTO
TODO O TIPO
DE BÔBOS E
PALHAÇOS



NO CARNAVAL É QUE SE VÊ
COMO, NA REALIDADE,
SOMOS TODOS IGUAIS!



«CARTOON» 143

HISTÓRIAS DE AMOR

Eu?



NÃO, REPARE, EU APENAS CRITICO OS ESTRANGEIROS QUANDO PREJUDICAM OS NACIONAIS
EU NÃO TENHO NADA CONTRA OS ESTRANGEIROS
EU PRÓPRIO TENHO UM AMIGO QUE É ESTRANGEIRO, PORTANTO, ESTA AVER...



AS MULHERES?
MAS SE EU SEMPRE DEFENDI O PAPEL IMPORTANTÍSSIMO QUE LHEZ CABE, POR TRADIÇÃO NA NOSSA SOCIEDADE...
POR FAVOR!, VOCÊ ACHA QUE EU POSSO TER ALGO CONTRA AS MULHERES QUANDO A MINHA PRÓPRIA MULHER É UMA?



EU CRITICO OS NOVICIONISTAS? NÃO. EU APENAS CRITICO ALGUMAS FORMAS MAIS VERGONHOSAS DE NOVICIONISMO.
COMO É QUE EU PODERIA DIZER MAL DOS NOVICIONISTAS QUANDO EU PRÓPRIO TENHO UM TIO QUE É PRATICANTE.



A INTOLERÂNCIA?
POR FAVOR!, VOCÊ ACHA QUE EU PRÓPRIO POSSO TER ALGUMA COISA CONTRA QUALQUER TIPO DE INTOLERÂNCIA?



«CARTOON» 144

HISTÓRIAS DE AMOR

Ex Exemplar



«CARTOON» 145

Taras e manias

OS HOMENS
TÊM
MANIAS!



AS MULHERES
TÊM
CAPRICHOS!



AS MANIAS
DOS HOMENS
SÃO SEMPRE
AS MESMAS!



OS CAPRICHOS
DAS MULHERES
SÃO SEMPRE
IMPREVISÍVEIS!



AS MANIAS
DOS HOMENS
SÃO IDIOTAS
E IRRITANTES!



OS CAPRICHOS
DAS MULHERES
SÃO GRATUITOS
E INFANTIS!



E AS MULHERES
É QUE TÊM QUE
AGUENTAR AS
MANIAS DOS HOMENS!



OS HOMENS
É QUE ATURAM
OS CAPRICHOS
DAS MULHERES!



AS MANIAS DOS HOMENS,
CLARO, FAZEM COM QUE
AS MULHERES REAJAM
DE FORMA INÉSPERADA!



OS HOMENS FAZEM POR
COMPENSAR OS CAPRICHOS
DAS MULHERES, TENTANDO
AGIR COM MÉTODO...



E É POR ISSO
QUE AS MULHERES,
COITADAS, TÊM
CAPRICHOS!



E É ESTA A RAZÃO
PORQUE OS POBRES
DOS HOMENS TÊM
MANIAS!



DICIONÁRIO

Amar [registo formal] v. trans.

1. (v. de estado, psicológico, de afecto: sujeito e objecto humanos) Viver um estado psicológico de afecto intenso e duradouro: *Os pais amam os filhos.* (sin. gostar de, intensificado por *muito, mesmo, verdadeiramente,...*)

2. (v. de acção, material: sujeito e objecto humanos) Praticar o acto sexual: *O rapaz amou-a em silêncio.* (sin. fazer amor)

v. trans. e prep.

3. (v de estado, psicológico, de afecto: sujeito humano; objecto: Deus) Viver um estado psicológico de conhecimento e afecto: *Empenhara-se em fazer amar a Deus.*

Gostar de [registo informal] v. trans. prep.

1.(v. de estado, psicológico, de afecto: sujeito humano; objecto animado ou coisa) Viver um estado psicológico de afecto: *A Maria gosta da prima/ de gatos.* (sin. considerar, estimar) *A Inês gosta de baloiços da natação.* (sin. apreciar)

2. (v. de estado, psicológico, de afecto: sujeito humano; objecto: F infin./ fin.,com omissão da preposição) Sentir prazer na realização de uma actividade: *O Rui gosta de pintar/ que brinquem com ele.* (sin. apreciar)

3. (v. de estado, psicológico, de afecto: sujeito humano; objecto: animado ou coisa; predicativo) Valorizar um objecto por deter uma característica: *A Bárbara gosta de pessoas calmas/ cães pequenos/ música animada.* (sin. apreciar)

[registo menos formal] imperfeito do indic. ; [registo mais formal] condicional

4. (v. de estado, psicológico, volitivo, quasi-modal: sujeito humano; objecto: coisa (e predicativo) Sentir o desejo de usufruir de um objecto (com determinada característica): *Eu gostava/ gostaria de leite com chocolate (quente).* (sin. preferir, querer)

5. (v. de estado, psicológico, volitivo, quasi-modal: sujeito humano; objecto: F infin./ fin. (com omissão de preposição) Desejar a realização de uma actividade: *Eu gostava/ gostaria de andar de bicicleta/ que tocasses aquela canção.* (sin. pretender, querer)

